

**A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE DESDE A GESTAÇÃO ATÉ O
PRIMEIRO ANO DO BEBÊ**

LUCIANA CASTOLDI

Tese apresentada como exigência parcial
para obtenção do grau de Doutor em Psicologia sob a orientação da
Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Dezembro 2002

DE PAI PARA FILHO (A)

Sou eu que vou seguir você,
Do primeiro rabisco até o be-a-bá
Em todos os desenhos coloridos vou estar,
A casa, a montanha, duas nuvens no céu,
E um sol a sorrir no papel...

Sou eu que vou ser seu colega,
Seus problemas ajudar a resolver,
Sofrer também nas provas bimestrais junto a você,
Serei sempre seu confidente fiel.
Se seu pranto molhar no papel...

Seu eu que vou ser seu amigo,
Vou lhe dar abrigo, se você quiser,
Quando surgirem seus primeiros raios de mulher,
A vida se abrirá num veloz
E você vai rasgar meu papel...
O que está escrito em mim ficará guardado prá
sempre,
Se lhe der prazer,
A vida segue sempre em frente, o que se há de
fazer...

Só peço a você um favor, se puder,
Não me esqueça num canto qualquer...

("O caderno", letra de Toquinho; música de Chico



AGRADECIMENTOS

Uma tese é um trabalho feito a muitas mãos; cabe, aqui, agradecer a todos que participaram, de alguma forma, desta grande construção.

À profa. Rita de Cássia Sobreira Lopes, pela dedicação e pelo acompanhamento minucioso deste trabalho, mas, sobretudo, pela amizade. Esta trajetória deixará marcas não apenas profissionais; espero que seja apenas mais uma produção entre tantas outras, sistêmicas ou não, que possamos realizar juntas.

Ao prof. Cesar Piccinini, coordenador do Projeto, pela coragem e acompanhamento de um estudo longitudinal deste porte, dentro dos recursos disponíveis. Sempre desafiador e estimulante é, sem dúvida, o "pai" do grupo. Meu agradecimento e carinho.

Às colegas do GIDEP/UFRGS, especialmente as contemporâneas: Andrea Geanlupe, Andrea Averbuch, Cátia Corrêa, Daniela Levandowsky, Clariza Menezes.... parceiras de trabalho, de aventuras, de angústias, de filhos. Restará uma grande amizade e, certamente, grandes parcerias...

À Elisa Kern de Castro, pelas importantes e pertinentes contribuições na etapa final deste manuscrito.

Ao "time" de estudantes bolsistas ou colaboradoras voluntárias, que viabilizaram este e tantos outros estudos em andamento: Raquel, Ana Cristina, Carolina, Tatiana, Laura, Maria Carolina, Milene, Elisângela, Lizandra, Ana Paula Vieira, Ana Paula Vidal, Emanuele, Tonantzin e Carolina Lima. Um agradecimento especial à Carolina Gasperim; sua dedicação, disponibilidade e amizade deixarão marcas para sempre.

Aos professores e colegas do Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento, pela troca de idéias, estímulo e informações.

Um agradecimento aos funcionários da Universidade, que deram o suporte indireto, de modo especial à Margarete, nos aspectos administrativos, pela eficiência e pela amizade, e ao Alziro, nosso eterno "quebrador de galhos". Seu ar satisfeito, sua disponibilidade e perseverança o tornaram parceiro de tantas aventuras e permitiram a viabilização de muitas coletas de dados domiciliares;

Ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre e à Unidade Básica de Saúde Presidente Roosevelt, por permitirem o acesso aos grupos de gestantes;

À CAPES, órgão financiador de boa parte do meu doutorado, pelo respaldo financeiro;

Ao Ricardo Burg Ceccim, da Escola de Saúde Pública/RS, pelo apoio e compreensão; sua valorização do trabalho acadêmico garantiu a redação final desta tese; aos colegas da Equipe, pela “paciência”;

A todos os casais que viabilizaram este estudo, abrindo as portas de suas casas, contando a história de suas vidas e permitindo que acompanhássemos a construção de suas famílias e o crescimento de seus bebês. Meu sincero e profundo reconhecimento;

A todos que olharam por meus filhos (avós, babás e equipe do Planeta Cor), para que eu pudesse olhar para esta tese, minha gratidão.

Para os meus meninos,
Eduardo (5) e Felipe (3), filhos amados,
crescidos em meio às *"letrinhas da mamãe"*.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Sumário de Figuras | 8 |
| Resumo | 9 |
| Abstract | 10 |
| Capítulo | |
| I – INTRODUÇÃO | |
| 1.1 Apresentação | 11 |
| 1.2 Aspectos Históricos | 13 |
| 1.2.1 História da família | 13 |
| 1.2.2 A história das relações familiares no Brasil | 17 |
| 1.2.3 A paternidade hoje | 20 |
| 1.3 O processo de construção da paternidade na transição do casal para a família | 23 |
| 1.3.1 O pai durante a gestação do primeiro filho | 31 |
| 1.3.2 O pai após o terceiro mês do bebê | 34 |
| 1.3.3 O pai após o primeiro ano do bebê | 36 |
| 1.4 Estudos sobre a paternidade ao longo do primeiro ano de vida do bebê | 37 |
| 1.5 O envolvimento paterno | 51 |
| 1.6 Aspectos relacionados ao envolvimento paterno | 57 |
| 1.6.1 Questões intergeracionais e padrões de repetição na família | 58 |
| 1.6.2 As representações do pai sobre a paternidade | 63 |
| 1.6.3 As representações da mãe sobre a paternidade | 64 |
| 1.6.4 A família ampliada como rede de apoio aos pais / A matriz de apoio | 65 |
| 1.6.5 O desenvolvimento do bebê | 68 |
| 1.7 Objetivos e questões de pesquisa | 74 |
| II – MÉTODO | |
| 2.1 Delineamento | 77 |
| 2.2 Participantes | 78 |
| 2.3 Procedimentos | 86 |

| | |
|---|-----|
| 2.4 Instrumentos e material | 88 |
| 2.5 Análise dos dados | 91 |
| | |
| III. RESULTADOS | 93 |
| 3.1 Caso 1 - Valter | 95 |
| 3.2 Caso 2 - Rodrigo | 118 |
| 3.3 Caso 3 - Adair | 136 |
| 3.4 Caso 4 - Wilson | 156 |
| 3.5 Caso 5 - Valdir | 180 |
| 3.6 Caso 6 - João | 214 |
| | |
| IV– DISCUSSÃO | 237 |
| 4.1 Considerações finais | 257 |
| REFERÊNCIAS | 259 |
| | |
| ANEXOS | |
| Anexo A - Aprovação do Comitê de Ética do HCPA | 268 |
| Anexo B - Ficha de contato inicial | 269 |
| Anexo C - Consentimento informado..... | 270 |
| Anexo D - Entrevista de dados demográficos do casal | 271 |
| Anexo E - Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante | 272 |
| Anexo F - Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai | 275 |
| Anexo G - Genograma familiar do casal | 278 |
| Anexo H - Narrativa conjunta do casal | 279 |
| Anexo I - Entrevista sobre a experiência da maternidade | 280 |
| Anexo J - Entrevista sobre a experiência da paternidade | 282 |
| Anexo K- Entrevista com o casal sobre a experiência da parentalidade | 284 |

SUMÁRIO DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1.1 Aspectos relacionados ao envolvimento paterno | 58 |
| Figura 2.1 Idade das mães | 80 |
| Figura 2.2 Mães adultas e adolescentes | 80 |
| Figura 2.3 Idade dos pais | 81 |
| Figura 2.4 Pais adultos e adolescentes | 81 |
| Figura 2.5 Escolaridade do pai | 82 |
| Figura 2.6 Escolaridade da mãe | 83 |
| Figura 2.7 Profissão do pai | 84 |
| Figura 2.8 Profissão da mãe | 85 |
| Figura 3.1 Genograma do caso 1 | 96 |
| Figura 3.2 Genograma do caso 2 | 119 |
| Figura 3.3 Genograma do caso 3 | 137 |
| Figura 3.4 Genograma do caso 4 | 157 |
| Figura 3.5 Genograma do caso 5 | 181 |
| Figura 3.6 Genograma do caso 6 | 215 |

RESUMO

A paternidade é um tema que vem merecendo atenção crescente nas últimas décadas. O presente estudo teve por objetivo analisar o processo de construção da paternidade, desde a gestação até o primeiro ano do bebê, com pais adultos que esperavam o seu primeiro filho. Foi realizado um estudo de caso coletivo com seis casais, selecionados de um total de 114, que fazem parte de um projeto longitudinal maior (GIDEP, 1998). Pais e mães, ambos com mais de 20 anos, foram entrevistados individual e conjuntamente, durante o último trimestre da gravidez, e após o terceiro e o décimo segundo meses do bebê.

O foco de análise do estudo foi o envolvimento paterno, categorizado segundo os critérios propostos por Lamb (1996), em engajamento, acessibilidade e responsabilidade. Consideramos 5 aspectos que, de acordo com a revisão da literatura, poderiam estar relacionados ao envolvimento paterno: os modelos de paternidade, a matriz de apoio familiar, o desenvolvimento do bebê e as representações do pai e da mãe sobre o envolvimento.

A análise dos dados apontou para os modelos familiares como sendo os fatores mais influentes sobre o envolvimento paterno. Verificamos que a ausência de uma matriz de apoio exerce influência mas não determina, por si só, um maior engajamento do pai. Da mesma forma, a representação da mãe sobre o desempenho do marido como pai, não pareceu determinar um maior engajamento, embora influenciasse no clima de satisfação familiar. Quanto ao desenvolvimento do bebê, não identificamos diferenças quanto ao sexo, mas quanto à idade: os pais revelavam maior satisfação quanto ao engajamento com bebês maiores do que com os recém-nascidos.

Finalmente, pode-se concluir que os pais continuam seguindo modelos tradicionais quanto à acessibilidade e a responsabilidade. Já em relação ao engajamento, embora exista uma expectativa em ser diferente dos modelos familiares, percebemos que os pais apresentam um maior engajamento em atividades lúdicas – brincadeiras e passeios, do que em atividades de cuidado, para as quais podemos supor que faltam modelos efetivos.

ABSTRACT

Parenthood has received growing attention in the last decades. The present study aimed to analyze the process of construction of parenthood, from gestation to the baby's first year of life, in adult parents who were expecting their first child. A collective case study was carried out with six couples, selected from a total of 114, who take part in a longitudinal project (GIDEP, 1998). Fathers and mothers, who were both older than 20 years, were individually and jointly interviewed during the last term of pregnancy and after the baby's third and twelfth months of life.

The focus of analysis was on father involvement, categorized following Lamb's (1996) criteria in terms of engagement, accessibility and responsibility. Five aspects which, according to the literature, could be related to father involvement were considered: fatherhood models, family support matrix, infant development and father's and mother's representations of father involvement.

The analysis pointed to family models as being the most influential on father involvement. The presence of a support matrix exerts influences but does not determine, per se, the level of engagement. Similarly, mother's representation on husband's performance as father did not seem to determine a greater involvement, even though it interfered in family satisfaction. As far as infant development is concerned, no sex differences were identified. However, some differences were found regarding the infant's age: fathers revealed greater satisfaction in engagement with older infants than with newborns.

Finally, it can be concluded that fathers continue to follow traditional models as far as accessibility and responsibility are concerned. As to engagement, even though there is an expectation of being different from family models, it can be seen that fathers show greater engagement in ludic activities- play and going for a walk- than in care activities, for which it can be assumed that there is a lack of effective models.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O papel do pai tem se modificado visivelmente nas últimas duas ou três décadas. Hoje sabemos que o pai ocupa um lugar especial na evolução psicológica dos seus filhos, desde antes do seu nascimento. Como refere Parke (1986), o pai é importante não só no que se refere aos vínculos emocionais, mas também ao desenvolvimento social, cognitivo e lingüístico do filho. O autor entende que a participação do pai tem efeitos imediatos na interação pai-bebê, mas ressalta que as conseqüências da sua participação se prolongam ao longo de todo o futuro, imprimindo características que vão moldar todo o processo evolutivo.

Enfatizar o papel do pai não implica, de maneira alguma, em depreciar o papel da mãe. Tampouco deve-se pensar que os únicos que exercem influência sejam os pais ou que esta se realize unidirecionalmente. Parke acredita que também o bebê influencia o pai, direcionando, orientando e regulando o seu comportamento em relação a ele. A família não deve mais ser entendida como uma unidade atomizada, com a mãe e o bebê de um lado e o pai de outro. Segundo Parke, é hora de se pensar a família como um sistema cujos elementos estão em relação dinâmica permanente, no qual as influências se dão em todas as direções.

Algumas mudanças sociais do final do século vinte forçaram o ajustamento das conceptualizações de pais, mães e famílias. Cabrera, LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb (2000) apontam para certas tendências que podem estar relacionadas à mudança da paternagem, desde o pai do período colonial, descrito como distante, até o pai moderno, envolvido e parceiro da mãe nos cuidados dos filhos (“coparent”). Entre as tendências apontadas pelos autores, destaca-se, por um lado, a ausência de muitos pais de casa, e por outro, a intensificação do envolvimento de muitos pais na vida dos filhos.

O fato de pai e mãe estarem acumulando uma dupla jornada de trabalho tem forçado uma nova divisão no trabalho de casa, bem como a partilha das tarefas relativas aos cuidados e educação dos filhos. A família extensa, que deveria funcionar como uma rede de apoio para os pais, é cada vez mais reduzida e os avós nem sempre estão disponíveis para auxiliar na criação dos netos. A saída das mães para o trabalho determinou uma modificação na participação dos pais, muitas vezes obrigados a assumir tarefas até então tidas como essencialmente femininas e para as quais eles nem sempre se sentiam preparados.

A proposta deste estudo é analisar como está ocorrendo este processo de construção da paternidade, durante a gestação e ao longo do primeiro ano de vida do bebê, com casais que tiveram seu primeiro filho. Pensou-se em investigar o tema à luz do referencial familiar sistêmico (Bowen, 1979/1991), cujo pressuposto básico é o fato de que cada membro da família influencia e é influenciado pelos demais, e de que o todo (sistema familiar) é muito mais do que a soma de suas partes (subsistemas individuais).

Coerente com a abordagem do ciclo vital, optou-se, neste estudo, por trabalhar especificamente com a família em seu primeiro ano de formação, analisando três diferentes etapas evolutivas, quais sejam: o casal durante o último trimestre de gravidez, a família com um bebê de três meses e a família com um filho de um ano de idade.

Com o foco do estudo no processo de construção da paternidade, serão analisados os modelos de paternidade existentes nas famílias de origem da gestante e do futuro pai, as expectativas de modelos que o casal expressa durante a gestação do primeiro filho e, após o nascimento do bebê, o envolvimento paterno segundo a ótica do pai e da mãe, com o bebê de 3 e 12 meses.

Partindo do pressuposto de que o lugar e o papel do pai têm se modificado ao longo do tempo, em conformidade com as transformações sócio-culturais, optou-se por iniciar este estudo apresentando uma rápida revisão da história da paternidade com vistas a contextualizar, em seguida, o espaço que o pai tem ocupado nas últimas décadas.

1.2 Aspectos Históricos

1.2.1 História da família

A instituição familiar sobrevive ao longo da história da humanidade, apesar de ela ter sofrido diversas modificações e ainda estar constantemente em mudança. Ariès (1981) refere que no século X cada cônjuge administrava seus bens sem a interferência do outro, situação essa que se transformou bastante nos séculos seguintes.

Entre os séculos XI e XII pode-se constatar o progresso da indivisão dos bens do casal, que passou a ser administrado pelo marido. Já no século XIII a situação se inverteu novamente e a família conjugal tornou-se novamente independente devido às novas formas de economia monetária, à extensão da fortuna imobiliária, aos progressos da autoridade do Príncipe, etc. Foi nessa época que o direito da primogenitura se difundiu e substituiu a indivisão dos bens para salvaguardar o patrimônio e a autoridade do pai se manteve e até aumentou perante sua família.

A família moderna, conforme Ariès (1981), começou a se constituir a partir do século XIV. Foi nesse período que a autoridade da mulher começou a entrar em declínio. As pequenas mudanças que começaram a aparecer na família no século seguinte foram profundas e lentas, e os historiadores têm dificuldade em reconhecer e compreender como elas ocorreram. No século XVI, finalmente, a mulher perdeu seus direitos perante o marido e a justiça, passando a ser considerada incapaz de cometer qualquer ato sem o consentimento do marido. A mulher e os filhos deviam submissão e obediência ao marido/pai, que passou a ter poder, inclusive, de influir no casamento dos filhos. O poder da religião cresceu na Idade Média e interferiu diretamente na família, que passa a ser a célula social, a base dos Estados e o fundamento do poder monárquico. Neste período, a família passa a ser representada pelo senhor da terra supervisionando o trabalho dos camponeses, e a mulher e a família participam desse trabalho.

A família medieval costumava conservar a criança em casa até que ela tivesse certa autonomia para enviá-la, então, à casa de outras pessoas para ser educada, entre os sete e nove anos de idade. As crianças, que eram chamadas de aprendizes, viviam

misturadas aos adultos, assumindo e freqüentando a vida adulta e realizavam o serviço pesado. No entanto, dessa época em diante começou a haver uma certa preocupação com o rigor moral e com o isolamento da criança do mundo dos adultos para mantê-la inocente. A educação passou a ser fornecida cada vez mais na escola expressando uma aproximação da família e das crianças, e o clima sentimental começou a se modificar. Segundo o autor, parece que a família moderna nasceu junto com a escola.

A partir do século XVIII, os benefícios do primogênito começam a ser contestados devido a um sentimento de igualdade na família como valor moral (Ariès, 1981). Esse movimento penetrou nos costumes no final deste mesmo século e resultou na igualdade do código civil. Essa realidade de igualdade entre os filhos gradualmente foi modificando a família, a qual inicialmente visava a manutenção dos bens, e que passa, então, a buscar um clima afetivo, moral, e uma aproximação íntima entre pais e filhos.

Para tratar mais especificamente da história do pai, buscou-se subsídios na literatura norte-americana. Com o objetivo de fazer uma retomada histórica da paternidade americana, Rotundo (1985) propõe a sua divisão em dois períodos principais, cada um dominado por um estilo particular de paternidade: a Paternidade Patriarcal (de 1620 a 1800) e a Paternidade Moderna (de 1800 a 1970). Ele acrescenta um terceiro estilo, mais recente, denominado Paternidade Andrógena (de 1970 até o presente) e conclui com algumas suposições sobre o futuro da paternidade americana. Como acredita que a história da paternidade é um campo ainda novo, o autor apóia sua revisão em outros ramos da história americana, principalmente na história da família e da mulher.

No período denominado por Rotundo (1985) de Paternidade Patriarcal, o pai representava a figura de poder na família. Sua autoridade era aceita com naturalidade no mundo agrícola em que vivia. A família era a unidade econômica maior, com o pai chefiando a produção e cada filho contribuindo ativamente, desde muito cedo, para a sobrevivência familiar. Os casamentos ocorriam como uma espécie de sociedade entre as famílias, que visava aumentar ou manter suas propriedades. Ao pai competia prover as necessidades físicas de todos os familiares, treinando-os para o trabalho.

Também devia orientar o crescimento moral e espiritual das crianças, responsabilizando-se por todas as medidas disciplinares que julgasse necessárias. Cabia ao pai, ainda, a escolha dos casamentos de seus filhos.

As relações entre pais e filhos, no período colonial, não eram nem explosivas, nem íntimas. A ausência de emoções visíveis era, então, justificada pela crença de que o afeto tornaria o pai indulgente. Como resultado, os pais expressavam sua aprovação ou desaprovação, no lugar da afeição e da raiva.

Este estilo de paternidade continuou até o início do século XIX, embora muitas mudanças começassem a ocorrer em meados do século XVIII, devido às mudanças de idéias e de condições de vida da sociedade da época. Com o crescimento da população e o declínio da atividade agrícola, os filhos começaram seu deslocamento em direção às cidades, longe do controle dos pais. Ou seja, os pais começaram a perder a força e a autoridade, ao mesmo tempo que um novo modelo de maternidade emergiu, com as mulheres mostrando-se hábeis em lidar com questões espirituais e morais na educação dos filhos.

Rotundo (1985) delimitou um período de transição entre o modelo patriarcal e o modelo moderno de paternidade, que, segundo ele, vai de 1800 a 1880, com a urbanização da classe média. Neste período, os pais tornaram-se provedores econômicos especializados, algumas vezes concorrentes dos próprios filhos mais velhos, deixando a casa para trabalhar e delegando às mulheres a administração da casa e a educação das crianças. Mas, embora tenham perdido muito da autoridade, os homens continuavam a agir como chefes da família.

Com a industrialização, nos séculos XIX e XX, um novo estilo de paternidade apareceu, trazendo consigo tendências contraditórias quanto à questão do envolvimento que o pai deveria ter com a família: era a Paternidade Moderna, que, para Rotundo, vai de 1880 até 1970. Segundo o autor, o trabalho fora de casa determinou duas condutas contraditórias nos pais: a ausência física e o envolvimento afetivo com a família. Enquanto um grupo de homens desenvolveu um novo tipo de relacionamento com seus filhos, expressando afeição, jogando e brincando com suas crianças, outro grupo de homens, ao afastarem-se de casa, delegaram totalmente os

cuidados dos filhos e passaram a caracterizar o que se denominou de pais afetivamente ausentes.

Esta modalidade de paternidade continuou até as décadas de 30 e 40, anos marcados pela Grande Depressão e pela Segunda Guerra. Neste período, os homens perderam a sua mais importante função como pais - de provedor econômico, e as mães tornaram-se importante força de trabalho.

No pós-guerra, contudo, o grande incremento econômico restituiu a muitos pais a sua posição de provedor do lar, mesmo tendo abandonado o papel central da família para a mãe. Alguns homens, cujas jornadas de trabalho beiravam 60 horas semanais, tiveram que adaptar-se à distância física dos filhos; outros, não absorvidos no mercado de trabalho e despreparados para as tarefas domésticas e de educação dos filhos, tinham que se submeter ao sustento da esposa.

Uma série de mudanças que sacudiu a sociedade americana, nos últimos trinta anos deste século, trouxe profundas implicações para a vida em família e o papel do pai. A inflação e o desemprego elevaram muito a força de trabalho feminina, e a saída da mãe de dentro de casa determinou um novo funcionamento familiar. A busca da igualdade entre os sexos resultou em um modelo de paternidade definido por Rotundo (1985) como Andrógeno. Neste estilo de paternidade, o bom pai era aquele que participava ativamente dos detalhes diários dos cuidados dos filhos; deveria envolver-se de maneira expressiva e íntima com as crianças, participando do processo de socialização, deixado de lado pelas mães trabalhadoras.

Ao apontar as tendências futuras de paternidade, o autor considerou a multiplicidade de opções familiares que se apresentam hoje: as famílias separadas, recasadas, uniparentais, com pai/mãe substitutos, e assim por diante. Estas configurações familiares diversas apontam para uma série de novos estilos de paternidade. Qual será a melhor opção para cada pai? Impossível predizer. O que Rotundo conclui é que, certamente, o futuro da paternidade está cheio de novas e ricas possibilidades.

1.2.2 A história das relações familiares no Brasil

Assim como em outros lugares, também no Brasil aconteceram mudanças muito rápidas nas relações internas da família. Conforme Bruschini (1986), no Brasil colonial dos engenhos de cana, da sociedade agrária e escravocrata dos séculos XVI e XVII, a família era a base da organização da sociedade. Tal forma de funcionamento familiar era uma clara transposição dos padrões culturais da família patriarcal portuguesa para o país. A família desempenhava as funções econômicas e políticas e caracterizava-se pela importância da autoridade masculina centrada na figura paterna.

Já a partir do século XIX ocorreram diversas transformações sociais como a abolição da escravatura, o início da industrialização, a urbanização e a imigração. Isto fez com que a família também se adaptasse, passando do modelo de família extensa para o modelo conjugal, em que começa a haver uma maior intimidade e afetividade entre pais e filhos do que antes, ao mesmo tempo em que diminui a prática de infringir castigos corporais.

De acordo com Szymanski (1995), esse modelo de família nuclear burguesa valorizava mais a estrutura da família do que a qualidade de suas relações. Assim, famílias incompletas ou desestruturadas eram discriminadas e responsabilizadas por problemas emocionais e desvios de conduta de seus membros.

Nos dias de hoje, as mudanças ocorridas na família estão relacionadas à perda do sentido da tradição, que estão transformando de forma significativa a autoridade patriarcal e a divisão de papéis (Sarti, 1995). Com a contestação dos papéis tradicionais de autoridade dos pais sobre os filhos e do homem sobre a mulher, as modificações passaram de um extremo a outro: do excesso de autoridade patriarcal à total permissividade. As questões sobre direitos e deveres na família que antes eram preestabelecidos hoje são alvo de constantes negociações, o que torna confuso seus valores.

Para Romanelli (1995), a família nuclear brasileira se caracterizava por ser uma estrutura hierarquizada em que o pai exercia autoridade sobre os demais membros. Tal autoridade se fundamentava na sua função de único provedor financeiro da casa e pelo seu saber inquestionável, sustentado pela religião e pelo aparato jurídico. Esse modelo familiar, além de ter sido preponderante entre a

população, também servia como modelo de referência. No entanto, segue Romanelli (1995), a participação da mulher no mercado de trabalho desencadeou diversas mudanças e redefinições nas relações familiares.

As relações ainda permaneceram hierarquizadas com dominância masculina, mas a redefinição dos papéis influenciou os vínculos afetivos marido-esposa e entre pais e filhos. Nas famílias de classe média, por exemplo, a participação crescente das esposas e dos próprios filhos no orçamento doméstico tem afetado a principal função do chefe da família que era o sustento financeiro. Além disso, muitas vezes o saber paterno se tornou obsoleto frente às novas situações do mundo moderno, pois algumas não são experimentadas por ele. Da mesma forma, na medida que o papel dos filhos se transforma devido às suas trajetórias individuais como casamento, independência financeira, etc., a autoridade paterna pode ser questionada e essas relações modificadas, uma vez que os filhos poderão negociar ou impor suas deliberações ao pai.

Na pesquisa realizada por Romanelli (1995) sobre autoridade e poder na família nas cidades de São Paulo e Ribeirão Preto, os resultados mostraram que pais e filhos se sentem bastante próximos tanto no aspecto afetivo quanto social. Os pais, quando compararam o relacionamento estabelecido com seus filhos com aquele que tinham com seus próprios pais, referiram uma grande diferença relacionada ao distanciamento afetivo. Diferente do que ocorre atualmente, a afetividade deles com seus pais era obscurecida pelo exercício da autoridade parental, modelo condizente com a época em que a função dos pais era a de provedores.

Em outra investigação nacional, dessa vez sobre as relações familiares e a distribuição de papéis em unidades familiares urbanas, Bruschini (1986) realizou um estudo quantitativo e outro qualitativo sobre as características da família paulistana. No primeiro estudo os resultados mostraram que o tipo de família predominante é a nuclear chefiada pelo cônjuge masculino. O tamanho médio é de 4,1 elementos, composto pelo casal e dois filhos, e a maioria delas é jovem com filhos menores de 7 anos. A presença de parentes ou agregados no domicílio é pequena. A porcentagem de famílias chefiadas por mulheres é de 14%, encabeçadas pelas faixas mais baixas de rendimentos e estruturas familiares complexas. Nessas famílias é comum que

crianças e idosos sejam forçados a se mobilizar para o trabalho para garantir o sustento de todos.

No segundo estudo, a autora entrevistou quinze famílias com o mesmo objetivo do primeiro. A partir de outras pesquisas já realizadas sobre o tema, a análise qualitativa dos dados partiu da premissa de que existiriam dois tipos de relacionamentos nessas famílias: o segregado, no qual um dos cônjuges toma as decisões sozinho, e o conjunto, em que as decisões são tomadas por todos os membros da família. Nos casais de relacionamento segregado verificou-se que as relações eram autoritárias, e que o pai, ao contrário da mãe, atuava no sentido de reprimir o comportamento dos filhos. Já nos casais de relacionamento do tipo conjunto, a postura de diálogo aberto e franco com os filhos era predominante. Grande parte dos pais entrevistados perceberam seu papel como aquele de maior responsabilidade, embora estivessem cientes de que a paternidade é apenas um modelo de orientação para os filhos. Por outro lado, outros pais referiram que a autoridade paterna é central na família, mostrando-se extremamente conservadores. Quanto ao relacionamento que os pais têm com seus filhos, este parece ser mais franco do que na geração passada, com abertura para o diálogo inclusive em matérias como sexo. Os pais mostraram-se preocupados e participativos na educação dos filhos, opinando nas decisões a esse respeito. Os focos de repressão que ainda persistem na figura paterna fazem com que a mãe se torne aliada dos filhos em detrimento da relação conjugal.

As rápidas mudanças que ocorrem no meio social e na família contemporânea brasileira têm dificuldades de ser acompanhadas pelo sistema jurídico. O código civil brasileiro vigente ainda é o de 1916, embora o novo código tenha sido aprovado e comece a entrar em vigor em 2003.

Na prática, algumas mudanças importantes já começaram a ser adotadas, em função da urgência social para que isso ocorra (Código Civil Brasileiro, 2002). Assim, pode ser considerada uma família em “união estável” qualquer união entre homem e mulher, mesmo que não haja casamento, bem como mães e pais solteiros. O casamento religioso passa a ter os mesmos efeitos legais do casamento civil, e o homem, assim como a mulher, pode adotar o sobrenome do cônjuge. A opção pelos

regimes de divisão dos bens do casal (comunhão total, parcial ou separação de bens) que até hoje era definitiva, a partir do novo código civil pode ser mudada durante a vigência do casamento.

O prazo para separação judicial que era de um ano passou para dois e o divórcio poderá acontecer dois anos após a separação de fato ou um ano depois da judicial, podendo acontecer antes do término da partilha dos bens. O homem perderá o direito de pedir a anulação do casamento alegando que a mulher não é mais virgem, e o adultério continuará valendo como causa de dissolução do casamento, mas diferentemente do código antigo, o adúltero terá o direito de se casar novamente. Assim como a mulher, o homem também poderá exigir pensão alimentícia de seu ex-cônjuge.

A guarda dos filhos será do cônjuge que tiver melhores condições de educá-los, e não precisa ser necessariamente a mãe, e os filhos adotivos terão direitos iguais aos legítimos (filhos adotivos não tinham direito à pensão integral). Com relação à herança, os filhos não terão mais prioridade na partilha e ela será dividida em partes iguais por cônjuges, pais e filhos. O testamento verbal será reconhecido, desde que haja a presença de duas testemunhas, ou escrito, sem necessidade de confirmação, exigência que existe no código antigo, além de sua redação feita em cartório. Por fim, a maioria civil cairá de 21 para 18 anos e a emancipação de 18 para 16, podendo ser concedida pelo pai ou pela mãe (antes somente o pai tinha esse direito).

1.2.3 A paternidade hoje

Durante muito tempo a psicologia ignorou o pai, tratando-o como periférico ou distante. Segundo Parke (1986), dois teóricos que desempenharam papel importante na compreensão do desenvolvimento histórico do papel do pai foram Freud, na psicanálise, e Bowlby (1976/1981), na etologia. Para Freud (1924/2000), o pai era praticamente ignorado pelo filho lactante, uma vez que a satisfação do bebê ocorria através da satisfação oral e quem o alimentava era, costumeiramente, a mãe. O papel que o pai ocupava, segundo a teoria freudiana do desenvolvimento, era num período mais tardio da infância, quando ele deveria cortar a relação simbiótica entre a mãe e o bebê.

Pode-se dizer que o papel do pai é fundamental na teoria psicanalítica freudiana, devido, principalmente, ao Complexo de Édipo (Freud, 1924/2000). É a partir da descoberta de uma sexualidade infantil e do fenômeno do complexo edípico que foi possível compreender, na visão freudiana, como se dá a identificação dos papéis sexuais do menino com a figura masculina e da menina com a figura feminina. Somente a partir da existência de um pai e do acontecimento do complexo de Édipo é que há a possibilidade de acontecer a consolidação da masculinidade/feminilidade, a estruturação do superego e a entrada da criança no período de latência, fundamental para a estruturação de sua personalidade.

Também para Bowlby (1989), as mães constituíam as figuras mais importantes da época da lactância, tanto por questões culturais quanto biológicas. Segundo Bowlby, entre os animais e entre os homens, os machos intervêm menos do que as fêmeas nos cuidados com a prole, embora observações recentes apontem para o fato de que eles possuem condições para assumir um papel paterno efetivo, mesmo com filhos lactantes. Além da função biológica dos laços emocionais que unem os indivíduos, Bowlby também considerou de extrema importância a influência das mães e dos pais no desenvolvimento da criança, embora ele considere a figura materna a principal. Em toda sua obra, quando o autor expõe suas idéias, geralmente se refere à importância de ambos os pais estarem prontos para responder às necessidades das crianças, darem uma base segura a elas para que se tornem seres autônomos e independentes.

Em algumas ocasiões, inclusive, Bowlby se referiu exclusivamente ao pai ou figura paterna. O autor afirmou (Bowlby, 1976/1981) que cuidar de uma criança não é tarefa para uma pessoa só, e que os cuidados da criança devem ser complementados por outras pessoas além da figura materna, freqüentemente a figura paterna. O pai deve ser uma figura de apego para a criança (Bowlby, 1989) e pode preencher um papel que se assemelha ao da mãe, mas as diferenças culturais podem aumentar ou diminuir essa atuação. A tendência é que o pai, segundo o autor, se torne o companheiro preferido das brincadeiras do filho, especialmente se ele for um menino, e se engaje em atividades físicas e de

dramatização de histórias. Dessa maneira, dependendo do relacionamento estabelecido da criança com sua mãe e seu pai, pode haver um relacionamento seguro com ambos progenitores ou apenas com um deles, seja a mãe ou o pai.

De acordo com Parke (1986), não existe uma teoria aceitável em relação à paternidade que relegue o pai forçosamente a um papel secundário. Para o autor, geralmente se pensa que a influência do pai sobre o filho se dá através de um contato estreito e contínuo. Isso nos induz a pensar que o pai exerce menos influência sobre os filhos por passar menos tempo com eles, em comparação à mãe. Estudos desenvolvidos pelo autor, no entanto, comprovam que a quantidade de tempo é menos importante que a qualidade. A questão do envolvimento paterno não consiste no número de horas diárias que um pai passa com seu filho, mas em sua atitude quando estão juntos.

Embora muitos autores concordem com a idéia de que existe, na literatura ocidental, uma supervalorização da maternidade em detrimento da paternidade (Aberastury & Salas, 1984; Brazelton, 1988; Manhães, 1981; Parseval, 1986), nas últimas décadas, muitos estudiosos e pesquisadores têm se dedicado ao estudo da paternidade, desde o relacionamento pais-filhos, ao processo de construção da paternidade e, mais recentemente, à participação do pai na gestação e ao envolvimento do pai com o bebê (Parke, 1986/1996; Lamb, 1996; Cabrera, LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000).

Stern (1997) diferencia os “novos pais”- aqueles que acreditam, procuram e às vezes obtêm a igualdade entre mãe e pai nos cuidados dos filhos – dos “pais tradicionais” – aqueles que valorizam menos a igualdade e, portanto, não a vivem. Segundo Stern, ambos são pais que podem apoiar a mãe no seu relacionamento inicial com o bebê, sendo que o “novo pai” também pode participar ativamente de todas as tarefas de cuidado do filho.

Para Silveira (1998), nem todo o progenitor será um pai. O autor define “progenitor” como o homem que traz parentesco genético com a criança e “pai” como a figura masculina com a qual se estabelecerão vínculos. Silveira parte da premissa de que os lugares de pai e filho são decorrentes da relação interpessoal e dos afetos desenvolvidos entre eles. E acrescenta que assim como os adultos podem adotar ou

rejeitar seus filhos, também os filhos adotarão ou rejeitarão seus pais: a paternidade é uma relação que deve ser co-construída e reconstruída permanentemente, afirma Silveira.

O autor refere-se ao que ele denomina “exercício da paternidade”, ou seja, um conjunto de práticas diversas existentes entre uma pessoa que é denominada pai e outra que é identificada como filho, independente do grau de parentesco, idade, sexo, etc. Ele entende que a identidade de homem e de pai, tal qual a da mãe, se estabelece a partir de “modelos” (Silveira, 1998, p. 33), e questiona quais os modelos que devem ser seguidos quando se pretende um exercício efetivo de paternidade.

O autor recorda que o exercício efetivo da paternidade, tão cobrado dos pais em nossa sociedade, é algo inédito na história da humanidade, para o qual ainda não existem modelos. A nossa sociedade precisa se reorganizar de forma a permitir que os homens sejam estimulados a desenvolver habilidades necessárias ao trato da criança. Segundo Silveira, isto deve acontecer desde a infância quando devem ser permitidos a meninos e meninas brincadeiras diversas, ligadas ao cotidiano adulto, tais como cuidar da casinha, brincar de bonecas, lavar, passar, usar ferramentas diversas, como martelo e serrote.

Outras mudanças sociais se fazem necessárias, insiste o autor, se se pretende que o pai se envolva mais com a criança, referindo-se a direitos sociais, tais como a licença paternidade, o direito à creche ou a manutenção do emprego. O mais importante, no entanto, é que o pai consiga vincular-se, desde cedo, ao filho. Neste processo, a mãe é figura fundamental, promovendo ou dificultando o vínculo entre o pai e o bebê.

1.3 O processo de construção da paternidade na transição do casal para a família

Seguindo a ótica sistêmica, o que se pretende é conhecer os modelos que influenciam no processo de construção da paternidade no contexto global dos relacionamentos familiares intergeracionais, sendo considerada não apenas a tríade pai-mãe-bebê, mas também a família de origem de cada um dos pais. Embora exista

um consenso entre os autores sistêmicos de que o nascimento de um filho é a etapa mais desafiadora e a que provoca mudanças mais profundas no grupo familiar (Bradt, 1995; Carter & McGoldrick, 1995; Cervený, Berthoud & col., 1997), parece existir uma lacuna teórica quanto aos primeiros anos da vida familiar, principalmente no que se refere à participação do pai.

Para compreender como a teoria sistêmica trata o assunto paternidade, inicialmente torna-se necessário elucidar algumas das principais questões dessa abordagem sobre a família. Para Bowen (1979/1991), o estudo da família está relacionado aos novos modelos de teorização sobre o homem e sua relação com o universo, ou seja, a família humana é vista como um sistema que segue as leis dos sistemas naturais. Se ocorre qualquer mudança em uma parte do sistema, todo ele é modificado como uma forma de compensação ao ocorrido. Esse é o mecanismo que o autor refere existir na família, já que as ações de seus membros podem revelar múltiplas facetas do fenômeno humano. Assim, o funcionamento do sistema familiar depende do funcionamento dos sistemas amplos dos quais o indivíduo é parte integrante e também dos subsistemas familiares.

O triângulo (pai-mãe-filho) é visto como a base de todo o sistema emocional da família (Bowen, 1979/1991), e não mais a díade (mãe-bebê). Isto significa que cada indivíduo está sempre se relacionando com mais de uma pessoa ao mesmo tempo e, enquanto participa ativamente da interação com um familiar, é também expectador de outros relacionamentos. As alianças entre os membros devem oscilar entre a família, contudo, em situações de tensão, é possível que ocorra um posição privilegiada de algum membro em detrimento de outro.

Além disso, Bowen entende que as gerações passadas e as atuais possuem associações muito estreitas, já que as marcas das antigas vivências fazem com que as pessoas tentem resgatar ou contrapor o modelo anterior, dando novo significado a essas experiências anteriores. Esse processo de transmissão transgeracional deve ser entendido como parte do desenvolvimento dos indivíduos. De forma geral, os pais tendem a desejar que seus filhos tenham experiências que eles não tiveram oportunidade com seus próprios pais, e chama de “transferência de dívidas” a busca de modelos para o filho no passado, além da transmissão de “níveis de imaturidade”

para os filhos. Apesar disso, é comum que um dos filhos alcance um alto nível de diferenciação de sua família por não ceder às pressões emocionais da “massa indiferenciada do ego familiar”. Resumindo, acrescenta Bowen, o processo de transição à paternidade envolve fatores complexos, como a relação do casal entre si e suas vivências com as famílias de origem.

Bowen (1979/1991) entende os sintomas emocionais apresentados pelas pessoas mais como uma prova da disfunção familiar do que apenas um fenômeno intrapsíquico. Isso ocorreria devido a um mau funcionamento familiar em que a existência de uma disfunção desencadearia automaticamente uma atividade compensatória de excesso de funcionamento de outro membro. O autor afirma, inclusive, que em algumas famílias existem estados crônicos de superfuncionamento e disfunção, impossibilitando a flexibilidade do sistema.

Dentre os estressores a que as famílias estão expostas e que podem afetar seu funcionamento, destacam-se dois tipos: os verticais e os horizontais (Bowen, 1979/1991). Os estressores verticais são aqueles transmitidos transgeracionalmente, principalmente através do mecanismo da triangulação, e que incluem mitos, tabus, segredos, expectativas e legados familiares. Por outro lado, os estressores horizontais dizem respeito às transições do ciclo vital, que podem ser inerentes à vida como a passagem de uma etapa para outra do ciclo vital, e também podem ser aquelas que interrompem o processo do ciclo como uma morte prematura, nascimento de uma criança deficiente, doença crônica, etc.

A idéia do triângulo como unidade básica da família também foi explorada por Andolfi e Ângelo (1988). Esses autores acreditam que é possível observar e explorar a solução de conflitos nos triângulos, que têm uma influência importante no processo de individuação de cada um de seus membros. Geralmente, numa família, as ligações ocorrem entre vários triângulos paralelos, o que permite que uma pessoa seja observadora da interação entre outras duas.

A psicopatologia, para esses mesmos autores, seria definida como uma incapacidade do grupo familiar de superar sozinho alguma etapa do seu desenvolvimento. A psicoterapia, a partir dessa concepção, teria o objetivo de descobrir, ativar e canalizar os recursos que a família possui que asseguram

pertinência e autonomia a seus membros. Assim, mediante a intervenção externa (no caso, a terapia), a família poderia retomar o seu desenvolvimento no ciclo de vida normal.

Minuchin e Fishman (1990) inseriram o conceito de estrutura familiar, que, para eles, seriam padrões de interação específicos que determinam o funcionamento e as ações dos membros da família. A estrutura familiar, então, seria necessária por desempenhar tarefas essenciais e dar apoio para a individuação, ao mesmo tempo em que proveria um sentido de pertinência.

A família é um sistema complexo e, simultaneamente, constituído de subsistemas diferenciados de unidades amplas (Minuchim & Fishman, 1990). O indivíduo é visto como um subsistema individual, assim como a díade (marido e esposa, por exemplo) e cada subgrupo, que pode ser formado pela geração (subsistema fraterno), sexo (avó, mãe e filha) ou tarefa (subsistema parental). A adaptação a esses papéis diferenciados e até mesmo paradoxais que cada membro deve assumir é necessária para o funcionamento familiar, pois a família está sempre sujeita a mudanças vindas de dentro ou de fora do sistema. Tais mudanças nas famílias, que podem ser desde o nascimento de um bebê à morte de um membro, exige de todos flexibilidade, flutuação, equilíbrio e desequilíbrio.

A partir desse entendimento do sistema de funcionamento familiar, seus princípios básicos incluem a idéia de que qualquer sistema é um todo organizado cujos elementos que dele fazem parte são necessariamente interdependentes. (Minuchim, 1985). Os padrões de funcionamento do sistema devem ser entendidos como circulares e não lineares, que estão sempre em busca da homeostase e por isso têm seus padrões relativamente estáveis. A evolução e a mudança devem ser entendidas como inerentes aos sistemas abertos. Por último, é importante que entendamos que os sistemas complexos e os subsistemas que os compõem, segundo o autor, possuem fronteiras com regras e padrões implícitos de relacionamento.

Papp (1992), por outro lado, entende que os conceitos-chaves do pensamento sistêmico estão relacionados à totalidade, organização e padronização. Os sistemas de crenças – convicções, preconceitos, expectativas, suposições, etc. – trazido por cada um dos pais de sua família de origem é que governam os comportamentos da família

para essa autora. Dessa forma, o foco de interesse do estudo das famílias deve ser as conexões e as relações do evento no contexto.

O conceito de família proposto por Carter e McGoldrick (1995) difere dos demais já apresentados por abranger todo o sistema emocional de três ou quatro gerações. As autoras chamam de “subsistemas emocionais” a família nuclear separadamente domiciliada, que é o padrão americano dominante de família. Esse subsistema emocional, então, age reativamente ao longo do tempo dentro do sistema familiar maior de três gerações, que deve acomodar-se às transições do ciclo da vida.

Os estágios do desenvolvimento familiar foram exaustivamente estudados por Carter e McGoldrick em termos de relacionamento intergeracional. O ciclo de vida individual deve acontecer dentro do ciclo de vida familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano. Tomando como base a família de classe média americana, foi proposta uma organização do ciclo de vida familiar em seis etapas, a saber: 1) jovens solteiros; 2) o novo casal; 3) a família com filhos pequenos; 4) a família com adolescentes; 5) lançando os filhos e seguindo em frente; e 6) a família no estágio tardio da vida. Os momentos de transição de um estágio a outro nesse processo desenvolvimental são compreendidos, geralmente, como pontos de estresse familiar que tendem a ser superados dentro de um funcionamento normal.

Os maiores desafios e modificações profundas que acontecem durante o ciclo de vida familiar encontram-se na etapa da família com filhos pequenos (Carter & McGoldrick, 1995). Além do novo vínculo entre duas gerações que surge com a chegada de um bebê, ser um progenitor requer ajustes psicológicos e sociais nos indivíduos. As mudanças que ocorrem são irreversíveis, especialmente para a mulher, visto que ela ainda é a maior responsável pelo cuidado do bebê. A família nessa etapa deve estar atenta para que haja espaço e tempo para os filhos, para que não tenha como consequência crianças educando-se umas às outras devido à ausência dos adultos.

Para alguns autores da teoria sistêmica, a família só se constitui como tal exatamente nesse momento, quando nasce o primeiro filho do casal. Para Cerveny, Berthoud e cols. (1997), a formação de um novo sistema familiar altera todos os demais sistemas: assim como o casal jamais será o mesmo após o nascimento do

primeiro filho, também as famílias de origem jamais serão as mesmas com o nascimento de um neto.

Para Brazelton (1988), o nascimento do primeiro filho é o evento mais desafiador da vida de uma família. O sentimento de responsabilidade, preocupação e as ansiedades são tão intensos quanto a gratificação pelo acompanhamento do crescimento do bebê. Em sua experiência clínica, Brazelton encontrou muitos pais que acreditavam que a ligação com o bebê era instintiva e que quando o bebê nascesse eles automaticamente saberiam como ser pai e mãe. Na realidade, diz o autor, “o vínculo com o bebê é instintivo, mas não é instantâneo e automático (p.11)”, e em nossa sociedade existem poucas maneiras de se preparar homens e mulheres para a paternidade.

Brazelton (1988) percebe que a maioria dos homens sente-se incompetente para cuidar do bebê e, uma vez estimulando uma participação mais ativa do marido, desde a gestação até os cuidados iniciais do filho, é necessário que se ofereça aos pais alguma possibilidade de experiência com crianças, o que reforçaria seu senso de competência. Esta idéia é compartilhada por Carter e McGoldrick (1995), quando sugerem aos pais que fiquem sozinhos com seus filhos para criarem intimidade.

O processo de transição para a paternidade, bem como o relacionamento do pai com seu bebê ou filho pequeno, são temas que têm merecido mais atenção ultimamente. Hall (1994) explorou a redefinição de papéis do pai quando a mãe retorna ao trabalho e ambos têm que dar conta das demandas do bebê, do sustento da casa e de suas próprias profissões. Marks e Simon (1995) estudaram a interferência da saúde mental do homem sobre o relacionamento do casal após o parto. Anderson (1996) preocupou-se com a forte influência exercida pela mãe no processo de inclusão ou exclusão do pai no relacionamento com o filho.

A relação entre o ajustamento conjugal e a paternidade foi o tema de pesquisa de Robson e Mendel (1985). Os autores relacionam a qualidade do relacionamento conjugal com o vínculo estabelecido entre o pai e o bebê, tanto durante a gestação quanto após um ano de idade. Foi investigada a relação da personalidade e estado emocional do pai, sua reação de estresse pré e pós natal, o apoio oferecido e recebido, e a experiência subjetiva do nascimento, com o relacionamento pai/bebê.

Inicialmente, foram entrevistados 110 homens, durante o terceiro trimestre da gestação, quando responderam a um questionário de 108 itens sobre a vinculação pai/bebê, fontes de estresse, recursos de apoio, além de dados demográficos. O mesmo instrumento foi repetido uma semana após o nascimento, e depois de dois, quatro e vinte meses do nascimento do bebê, sendo que 79 pais (71%) completaram todas as etapas da coleta de dados.

A conclusão dos autores é que a transição para a paternidade tende mais a reforçar a estabilidade conjugal do que a levar a uma ruptura no relacionamento marido-mulher. Também concluíram que o vínculo pai-bebê, tanto após o nascimento como no primeiro ano de vida, está diretamente relacionado à estabilidade e qualidade do vínculo conjugal e vice-versa.

Dois estudos gaúchos recentes retrataram a transição da conjugalidade para a parentalidade (Corrêa, 2001; Menezes, 2001). Corrêa investigou o tema a partir da teoria psicanalítica, e considerou três momentos principais relacionados ao desenvolvimento adulto: 1) período anterior à gestação, verificando dados relacionados à história do casal; 2) durante a gravidez propriamente dita, identificando as mudanças individuais e conjugais desse período; e 3) o período pós-parto, buscando compreender o período de adaptação ao nascimento do bebê e o estabelecimento dos novos papéis de pai e mãe. Para isso, a pesquisadora realizou um estudo qualitativo contando com seis estudos de caso de caráter longitudinal (terceiro trimestre da gestação e quarto mês de vida do bebê). Foram realizadas entrevistas individuais e conjuntas com ambos os cônjuges.

Os resultados da investigação (Corrêa, 2001) revelaram que a transição da conjugalidade para a parentalidade não se inicia no momento da gestação, e sim a partir das transformações ocorridas a partir da “terceira individuação”, considerando as etapas do desenvolvimento psicosssexual da teoria psicanalítica. A “terceira individuação” (a primeira individuação seria quando a criança tem ao redor dos três anos de idade, e a segunda na adolescência) significa o engajamento do adulto jovem em atividades específicas de sua etapa desenvolvimental, como independência dos pais, produtividade profissional e intimidade. A nova representação do “self” de pai e mãe faz com que os indivíduos revivam e avaliem experiências e conflitos anteriores

com seus próprios pais, para que assim possam construir um ideal materno ou paterno.

A mudança de papéis que a parentalidade acarreta está vinculada, inicialmente, à elaboração de um espaço psíquico para o filho que está sendo gestado. A ambivalência é esperada nesse período devido às profundas mudanças individuais e do casal. Nesse momento de transição, segundo a autora, a mudança de papéis dos indivíduos gera o deslocamento do foco de interesse da esfera conjugal e individual para a parental, ou seja o bebê torna-se o centro das atenções e há a preocupação em proporcionar ótimas condições para a sobrevivência do bebê.

A autora ainda constatou que o relacionamento futuro do casal e da família muitas vezes se torna idealizado a partir da idéia de que a chegada do bebê tornaria a todos mais unidos que antes. Na adaptação ao período pós-parto, porém, os casais encontravam-se totalmente ocupados com as demandas do bebê e, apesar do cansaço e da falta de espaço para o casal, avaliaram que houve uma melhora no relacionamento do casal, o que demonstra que a transição para a parentalidade não significa necessariamente um desgaste no relacionamento conjugal.

Já Menezes (2001), do mesmo grupo de pesquisa, investigou a transição da conjugalidade à parentalidade da gestação aos 18 meses de vida do bebê, e seu entendimento foi a partir da teoria familiar sistêmica. Foram feitas entrevistas com cinco casais durante o terceiro trimestre de gestação, e após o quarto, o oitavo, o décimo segundo e o décimo oitavo meses de vida do bebê, sobre o seu relacionamento conjugal e as mudanças ocorridas com a chegada do primeiro filho.

As mudanças que ocorrem no relacionamento do casal durante esse período, de acordo com Menezes (2001), se caracterizaram pelo incremento de conflitos. Porém, a qualidade do relacionamento existente anterior ao nascimento da criança parece ter sido fundamental para a compreensão do modo de relacionamento posteriormente em situações normais de desenvolvimento.

Os sentimentos trazidos pelos futuros pais desde a gestação da companheira até que o bebê complete seu primeiro ano de vida serão analisados, a seguir. Pretende-se, neste item, retomar a literatura específica que corresponda a cada uma

das fases previstas para a investigação da paternidade ao longo do primeiro ano da tríade pai-mãe-bebê (terceiro, oitavo e décimo segundo mês).

A opção de iniciar o estudo pela análise do pai durante a gestação teve como objetivo conhecer suas fantasias e expectativas em relação ao bebê e a si próprio como futuro pai. Os recortes feitos no terceiro mês e no primeiro ano após o nascimento devem-se mais a marcos teóricos reconhecidos dentro do desenvolvimento físico e emocional do bebê, os quais, acredita-se, trazem repercussões diretas nas práticas parentais bem como na vinculação pais-bebê.

A escassez da literatura familiar sistêmica sobre este período foi surpreendente: fala-se sobre a gestação e os primeiros momentos após o nascimento do primeiro filho, seguindo-se para as crianças em idade escolar. Em alguns casos, tentou-se suprir as lacunas com teóricos não sistêmicos, mas cujo pensamento se aproxima da compreensão familiar.

1.3.1 O pai durante a gestação do primeiro filho

Apesar de ainda não existir, em nossa cultura, um termo para o “pai grávido” equivalente à expressão inglesa “expectant father” (Parseval, 1986), muitos autores têm se dedicado ao estudo deste que é considerado o principal período de transição ao desenvolvimento adulto.

Mas como deve ser chamado o pai durante a gestação de sua esposa: ele já pode ser denominado pai? A partir dessa dúvida, Bornholdt (2002) em seu estudo sobre o “pai grávido” discute a questão. Revisando a literatura percebe-se que durante essa etapa alguns autores podem chamar o pai de “futuro pai”, “homem grávido”, usar o termo em inglês “expectant father” ou traduzi-lo literalmente como “o homem que espera”. Segundo a autora, essa confusão em nomear o homem diante da gestação de sua esposa reflete, de alguma forma, seus sentimentos neste período e suas dúvidas quanto ao seu papel. Tendo em vista que as vivências dos homens podem ser bastante distintas, a autora concluiu que se o homem está bastante envolvido e já se sente verdadeiramente pai durante a gestação do bebê ele já poderá ser chamado de “pai”, e aos outros que ainda assistem à gravidez como telespectadores podem ser denominados “futuro pai”.

Brazelton e Cramer (1992) falam do desejo masculino de ter um filho como forma de comprovar sua potência e capacidade de engravidar a mulher, para assegurar a continuidade da família e, também, como forma de resolver suas rivalidades edípicas com o pai, tentando superá-lo através da criação do seu próprio filho.

Preocupado com os sentimentos dos futuros pais, Brazelton (1988), pediatra e pesquisador das relações pais-bebê, procurou normalizar o sentimento de competição que os pais sentiam em relação à esposa grávida e/ou ao bebê. Destacou que os sentimentos de exclusão do jovem pai são muito reais em nossa sociedade, que torna a gestante, e depois o bebê, o centro de todas as atenções. Parece que ninguém está preocupado com os sentimentos, as fantasias e os temores que enfrenta o futuro pai, afirma ele. Poucas vezes o pai tem espaço para falar sobre isto, pois, em nossa cultura, ainda impera o mito de que o homem deve ser forte e protetor e que deve saber lidar com seus próprios problemas.

Brazelton (1988) acrescenta que nas famílias atuais, que encolheram de tamanho, poucos homens tiveram a oportunidade de acompanhar os cuidados de um bebê, em idade que pudessem aprender com esta experiência. Para tentar suprir esta lacuna, muitos futuros pais dedicam-se a buscar apoio em toda a literatura disponível sobre a criação de filhos, geralmente sem ter alguém que os ajude a selecionar estas informações teóricas e adequá-las à prática com o bebê.

Referindo-se aos aspectos emocionais da gravidez, Szejer e Stewart (1997) acreditam que, tal como a gestante, há homens que ficam inquietos, angustiados ou que se sentem culpados pela gravidez, principalmente nas situações de desconforto para a mulher. Sentem-se culpados por tê-las deixado “neste estado” (p.137). Outros entram numa verdadeira competição com a gestante, queixando-se de cansaço, de dificuldade, chegando mesmo a ficar doente.

É o que se denomina síndrome de “couvade” (Brazelton & Cramer, 1992), entendida como a inveja do homem da capacidade da mulher de gerar um filho e seu sentimento de ser excluído deste processo. Martini (1999), ao investigar as expectativas, sentimentos e síndrome de “couvade” nos futuros pais, entende que estes vão apresentar sintomas equivalentes aos da gestante, como aumento de peso,

vômitos, dores abdominais, etc. Para a autora, os sintomas nem sempre são sinônimo de competição com a gestante, mas podem estar relacionados com a participação e o envolvimento emocional que o homem tem com a companheira grávida.

Parke (1986) refere que além da síndrome de “couvade”, outras mudanças também podem ocorrer nos futuros pais como: aumento do interesse por bebês, aumento de preocupações pelas dores da esposa, pelo momento do parto e pelo sustento da família, aumento ou diminuição do desejo sexual pela mulher grávida, etc. É comum, da mesma forma, os homens mostrarem-se mais compreensivos e conciliadores com as esposas do que anteriormente, buscarem apoio de amigos que já são pais, aumentarem o contato com seu próprio pai e, sobretudo, com sua própria mãe.

Szejer e Stewart (1997) estudaram a participação dos futuros pais na satisfação dos “desejos” da gestante, que, afirmam eles, modificaram-se ao longo dos últimos anos. Atualmente, os desejos ainda existem, mas cada vez menos referem-se a coisas impossíveis. Uma razão é que o comércio atual dispõe da maioria dos produtos, nos mais variados horários. Mas o sentido maior que os autores apontam é que o marido, ao correr para atender aos desejos da gestante começava, assim, a aprender a exercer seu papel de futuro pai. Hoje isso não se faz mais necessário, pois o homem aprende de outras formas seu papel, principalmente porque nossa sociedade insiste na importância da presença do pai desde a gravidez até a educação dos filhos, e as mulheres têm outras maneiras de motivá-los a se envolverem na tarefa da paternagem.

As fantasias do pai em relação à gravidez da companheira são examinadas por Sherwen (1986) e por Teichman e Lahav (1987), sendo que ambos os autores as relacionam com o envolvimento do pai com a gravidez: quanto mais alto o nível de envolvimento emocional com a esposa grávida, mais altos os níveis de ansiedade ou maior a frequência de sintomas físicos dos maridos.

Zayas (1987), dentro de um enfoque psicanalítico, entende que a gravidez reativa, no homem, certos conflitos. Ele destaca, principalmente, a revivência dos sentimentos de rivalidade entre irmãos, a intensificação das necessidades de dependência e a reedição do conflito edípico.

A ausência de preparo para a paternidade foi documentada por Daly (1993). Ao pesquisar o processo de construção da identidade paterna, a autora encontrou, como principal determinante, a existência de um modelo adequado (confiável) de paternagem. Chamou a atenção que nem sempre o “bom pai” correspondia ao modelo do próprio pai; muitos homens tomavam modelos fragmentados que eles selecionavam de comportamentos particulares de diversas pessoas, incorporando-os em seu papel de pai.

Pode-se dizer que este é o período de confronto entre o bebê imaginário, aquele das expectativas, o bebê da cabeça, e o bebê real, este que os pais têm agora no colo. E o bebê, por sua vez, também deve acomodar-se aos pais. Segundo Brazelton (1988), ao chegar em casa, o bebê está apenas começando a despertar e a tornar-se ativo. Durante os três primeiros meses a família tenderá a buscar uma nova organização. Pais e bebê estarão aprendendo uns sobre os outros, de forma a tornarem-se uma família bem sucedida.

No que se refere às representações, Stern (1997) identifica que, no período entre o nascimento e o terceiro mês do bebê, a mãe tende a ver o bebê como mais parecido com ela e menos com o marido/pai, que geralmente é visto como negativo neste período.

Em relação à literatura familiar sistêmica acerca de famílias com recém-nascidos, mais especificamente sobre o envolvimento do pai com seu bebê, ela praticamente inexistente em relação aos meses que se seguem até que o bebê tenha coordenação motora suficiente para engajar-se em atividades físicas com o pai. Dentro da fase do ciclo vital proposta por Carter e McGoldrick (1995) que segue à formação do casal, ou seja, a família com filhos pequenos, a ênfase está no ingresso das crianças no ambiente escolar. Parece existir uma lacuna na literatura que deve ser preenchida com novos estudos.

1.3.2 O pai após o terceiro mês do bebê

Ir para casa com um bebê recém-nascido é sempre um obstáculo a ser transposto, afirma Brazelton (1988). O autor acredita que, por mais que os pais não estejam preocupados, mesmo que o parto tenha sido fácil, apesar de toda a

experiência que o casal tenha com cuidados de crianças, as três primeiras semanas em casa tendem a ser, em quaisquer circunstâncias, um período problemático. Tornar-se uma nova família demanda toda a energia das pessoas envolvidas.

Os primeiros meses em casa caracterizam-se pela adaptação da tríade pai-mãe-bebê. Geralmente é um período em que a mãe está enfraquecida, recuperando-se do parto, e, muitas vezes, entristecida. Para Brazelton (1988), esta tristeza é a adaptação psicológica que acompanha a reorganização física materna. O novo pai igualmente passa por um período tumultuado, no qual sentimentos de êxtase oscilam com o nervosismo pelo aumento das responsabilidades. Muitas vezes, sente-se abandonado pela esposa e excluído dos cuidados e do vínculo com o bebê.

Passado o primeiro trimestre, cuja característica essencial é a adaptação entre a tríade pai-mãe-bebê, parece haver um maior engajamento do pai nas atividades rotineiras com o bebê. O desenvolvimento motor, as possibilidades de alimentação, além do aleitamento e a sociabilidade do bebê parecem ser fatores que contribuem para a inclusão paterna.

Para os teóricos da abordagem psicanalítica, neste período o pai tem importante função enquanto modelo de identificação masculina, e é papel da mãe permitir que o pai tenha espaço junto ao bebê. Aberastury e Salas (1984) acreditam que o papel do pai varia de acordo com a idade do filho, mas destacam dois momentos nos quais a presença paterna é crucial: (1) durante a organização genital precoce, entre os 6 e os 12 meses, quando se inicia a triangulação edípica e (2) na entrada da adolescência, quando a maturação genital acarreta a definição da identidade sexual.

Segundo Stern (1997), no primeiro trimestre é importante observar como os pais, principalmente a mãe, conduzem as brincadeiras do bebê, se estimulam, se mudam de direção ou se são por demais intrusivos, planejando e controlando excessivamente o brincar da criança. Esta regulação aparece em quem inicia o que, quem termina o que e quando isto é feito, e é a repetição de um padrão de relacionamento que já aparecia na etapa anterior, na situação face-a-face.

Um estudo desenvolvido por Lamb (1996) com bebês de oito meses mostra como os pais se relacionam de forma diferente que as mães com seus bebês, desde os

primeiros meses de vida. Lamb observou que os pais pegavam mais os bebês para brincar com ele, e estas brincadeiras eram mais físicas e agitadas, enquanto que as mães pegavam mais os bebês com fins de alimentá-lo, vesti-lo ou acalmá-lo. O autor também notou que as brincadeiras dos pais eram mais improvisadas e criativas e que os bebês preferiam brincar com os pais mesmo quando em presença da mãe. Segundo Lamb, algumas mães ficam aborrecidas, quando, após terem passado o dia todo dedicado aos cuidados do bebê o vêem estender os braços para brincar com o pai.

1.3.3 O pai após o primeiro ano do bebê

Passado o primeiro ano do bebê, pretende-se que a família esteja razoavelmente adaptada, num equilíbrio que permita ao bebê desenvolver-se de maneira saudável e aos pais retomarem, progressivamente, suas atividades pessoais e profissionais. Isto só pode ocorrer, afirma Bowlby (1989), se o casal encontrar pessoas de confiança que funcionem como cuidadores substitutos (avós, babás ou creches), ou se pai e mãe conseguem revezar-se nos cuidados do bebê. Parece ser um período em que o pai podem voltar a investir em si próprios e no casal, retomando atividades sociais.

É possível que, passado este primeiro ano, o casal reative velhos conflitos que estiveram “adormecidos” enquanto dedicavam-se integralmente aos papéis de pai e mãe e canalizavam todas as suas energias para os cuidados do bebê. Agora que o bebê já não solicita mais tanto os pais e é capaz de permanecer com um cuidador substituto, parece sobrar tempo para o casal. Geralmente este é um período no qual o pai (mesmo o mais tradicional) está mais engajado com o bebê, pelo seu amadurecimento físico e verbal.

1.4 Estudos sobre a paternidade ao longo do primeiro ano de vida do bebê

A literatura sobre o tema da paternidade encontra-se em expansão nas últimas décadas, tanto a nível nacional como internacional. De acordo com um levantamento realizado por Lewis e Dessen (1999), no sistema PsycInfo somente em periódicos publicados na área da psicologia na língua inglesa, excluídos os capítulos de livros, são encontrados, em média, 700 títulos ao ano dedicados à paternidade. Apesar de esta literatura corresponder a apenas um terço da literatura sobre a mãe, trata-se de um volume de informações grande para o pesquisador acompanhar. Tais estudos variam bastante quanto ao aspecto enfocado dentro do tema paternidade, quanto à metodologia (qualitativa ou quantitativa, longitudinal ou transversal) e quanto à abordagem teórica utilizada (psicanalítica, sistêmica, comportamental, etc.), e essas divergências devem ser levadas em conta para a compreensão do fenômeno da paternidade nos dias de hoje.

Garbarino (1993) retoma as idéias de Margaret Mead, que certa vez disse “a maternidade é uma necessidade biológica, mas a paternidade é uma invenção social” (p.51). Segundo o autor, enquanto o papel da mãe está biológica e socialmente relacionado à sobrevivência do bebê, ao pai reserva-se um papel ambíguo e obscuro. Exceto por um sofisticado exame de DNA, o homem não pode ter certeza de que é o pai biológico da criança.

Nesta mesma ótica segue Kraemer (1991), para quem a paternidade é uma invenção do homem, cujo papel de patriarca é uma condição fundamental da história da civilização humana, marcada por idéias de poder e autoridade, ao contrário da natureza animal na qual a paternidade não existe. O autor, ao estudar as sociedades animais, principalmente as famílias de macacos, constatou que o grupo era constituído pela mãe e os filhos; o pai funcionava como procriador e logo dispersava do bando. Para estudar a parentalidade na família humana, o autor entende que se deve olhar mais para a mãe do que para o pai, pois a criança permanece íntima e primariamente ligada à mãe.

As mudanças que ocorreram no desempenho do papel paterno devido às transformações sociais e culturais têm sido investigadas por alguns autores (Barnett

& Baruch, 1988, Bennetti, 2001; Cabrera, Le Monda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000; Lewis & Dessen, 1999; Montgomery, 1998; White, 1994). Esses pesquisadores, principalmente aqueles que trabalham numa abordagem familiar, precisam acompanhar as mudanças ocorridas ao longo da história para que possam compreender as modificações de papéis atribuídas a pais e mães dentro desse contexto.

Em um estudo sobre a masculinidade e a construção social da paternidade, White (1994) realizou uma pesquisa de natureza exploratória com 11 pais, com idades entre 31 e 48 anos, investigando, através de uma entrevista semi-estruturada e análise de um diário das atividades semanais desenvolvidas com os filhos, as definições de paternidade construídas por cada um deles, considerando sua história pessoal. Cada homem listou suas responsabilidades enquanto pai, e as respostas obtidas foram as convencionais: prover o sustento econômico da família, educar/disciplinar os filhos, orientando-os no sentido de tornarem-se membros produtivos e contribuintes da sociedade. Os resultados da investigação evidenciaram que o homem perde na paternagem por sua pouca participação na vida doméstica, necessitando da ajuda da esposa/companheira para obter informações sobre a rotina familiar. Não tendo o conhecimento detalhado do que se passa em casa, os pais têm pouca intimidade com seus filhos e pouco sabem sobre os mesmos. Por sua vez, os filhos também revelam dificuldades em vincularem-se com pais que eles pouco vêem. O resultado deste relacionamento, segundo a autora, é que, ao mesmo tempo em que os filhos sentem-se atraídos pelo mundo masculino, com sua promessa de trabalho e poder, sentem certa distância emocional e estranheza em relação ao pai. Estes sentimentos internalizados serão uma permanente fonte de tensão, vivida em diferentes graus por cada criança. Assim, o desafio a ser respondido pela próxima geração consistirá em resolver esta tensão, criando novas definições para o papel do pai e, mais do que isto, criando práticas alternativas de paternagem.

Lewis e Dessen (1999) defendem a necessidade de se considerar as influências ecológicas sobre as famílias, e referem que as pesquisas sobre a paternidade deveriam investigar quem são eles e o seu papel na cultura. No caso do Brasil, de acordo com os mesmos autores, dadas as peculiaridades regionais é

necessário conhecer as características demográficas das famílias, bem como definir o tempo e o nível de envolvimento dos pais com suas crianças nas diferentes regiões do país. Jablonski (1999) acrescenta que em nossa cultura parece que os papéis de pai e mãe não fogem muito ao convencional, visto que se fôssemos esboçar as diferenças entre eles ainda verificaríamos que o pai interage de uma forma física e menos íntima relacionada aos jogos e à diversão enquanto caberia à mãe os assuntos mais sérios, numa relação bastante centrada na proteção e na afetividade.

São evidentes as diferenças culturais presentes nas famílias, especialmente quanto se trata da cultura oriental, como foi o caso do estudo realizado por Benetti (2001) com famílias de origem japonesa residentes nos Estados Unidos. Para investigar o papel do pai nessas famílias, a autora entrevistou seis mães de crianças pequenas sobre o assunto. Ficou claro nos relatos dessas mães a idéia de que a função de pai era a de trabalhar e prover o sustento da família. Essa noção de paternidade excluía a participação do pai da interação cotidiana e familiar, ausência que é aceita e esperada por essa cultura, pois é assim que eles entendem o papel paterno e o amor de pai para filho. A ausência física, de acordo com a autora, faz com que a forma de identificação dos filhos com a figura paterna ocorra a partir da noção de que a presença do pai na família é estar ausente, e nesse sentido o pai está bastante presente do ponto de vista psicológico. A falta de convivência do pai com a família pode ser explicada devido ao valor que os homens dão ao trabalho. A preocupação com o aspecto moral e ético dessas famílias, sustentada por uma ideologia social comum que cobra dos pais uma submissão às expectativas sociais, os dignifica perante seus familiares. Os homens devem ser leais, responsáveis e agir conforme o que a sociedade espera deles. E apesar de ser esperado e aceito, a ausência do pai em famílias de origem japonesa tem conseqüências negativas para todos seus membros a partir do momento em que algumas mulheres relataram o desejo de terem tido seus próprios pais mais presentes em suas vidas, o que revela a necessidade de contato e troca afetiva direta com a figura paterna. No entanto, a atitude de expressar seus sentimentos e emoções pessoais não é encorajada por essa cultura, o que dificulta o entendimento do sofrimento dessas mulheres, tendo impedido, contudo, algumas verbalizações nesse sentido.

Na cultura norte-americana, Barnett e Baruch (1988) identificaram três mudanças de paradigmas com relação ao papel do pai ao longo do tempo: num primeiro momento, os pais foram mal representados tanto no pensamento psicológico quanto na literatura sobre paternidade; num segundo momento, a paternidade foi “glorificada” (p.76) como a solução para os casais cujas mães trabalhavam fora. O terceiro e atual momento é de reconhecimento que a maior participação dos pais trará conseqüências positivas e negativas para a vida familiar: embora possa gerar solução para muitos problemas diários, também deverá criar novos problemas cujas soluções deverão ser encontradas.

Assim, as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas como o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, o número crescente de famílias com o pai ausente e por outro lado o maior envolvimento dos pais em famílias intactas mostram que a influência paterna sobre o desenvolvimento da criança está em transformação (Cabrera & cols., 2000). As experiências infantis que os meninos e meninas estão vivenciando podem alterar sua construção de paternidade ou maternidade quando eles próprios tornarem-se pais. Com essa preocupação em mente, os mesmos autores ao investigarem as influências que o pai exerce sobre a criança quando ele está ausente da vida familiar, concluíram que famílias com um único genitor presente diferem daquelas com ambos os pais presentes, principalmente em termos de recursos financeiros e dos sistemas de apoio disponíveis. No entanto, quando a pobreza e a idade da mãe estavam controladas, não foi encontrada qualquer relação entre o desenvolvimento da criança e a presença ou a ausência paterna.

Para Montgomery (1998), os pais da atualidade ou novos pais já são capazes de partilhar as extenuantes tarefas e responsabilidades pela educação dos filhos e pela organização da casa. O autor destaca, no entanto, as desvantagens a que o pai continua sendo submetido, tais como a proibição ainda existente em muitos centros obstétricos de participar do parto; a reduzida licença paternidade, muitas vezes tempo suficiente apenas para registrar a criança ou resolver as burocracias da maternidade, mas de maneira alguma suficiente para uma participação mais efetiva junto ao bebê. Montgomery também reclama da impossibilidade de um pai, após a separação conjugal, receber a guarda de um bebê e da autorização dada à mãe com a guarda dos

filhos para retirar o sobrenome do marido, quando ocorre a separação, sem a autorização deste. A conclusão do autor é de que para que surja um novo pai é necessário, sem dúvida nenhuma, que surja uma nova mãe.

O estudo de Rustia e Abbott (1993) concluem, retomando a tese de LaRossa (1988), que a “cultura” da paternidade tem se modificado mais rapidamente que a “conduta” da paternidade e entendem que a crença de Rotundo (1985) da Paternidade Andrógena, segundo a qual pai e mãe partilham igualmente dos cuidados dos filhos, se aplica mais às expectativas das mulheres do que à atuação prática dos homens.

Na cultura brasileira e rio-grandense, Ramires (1997) buscou compreender o exercício da paternidade em famílias de classe média urbana, nucleares e monoparentais na atualidade. A autora entrevistou doze pais de crianças de idades diferenciadas, e identificou que o desejo de participação na vida dos filhos esteve bastante presente na fala dos pais, seja através das atividades relacionadas à educação e aos cuidados na divisão das tarefas diárias com a esposa ou na vontade de ter uma relação mais próxima e de confiança com seus filhos. Os pais que eram separados, em especial, revelaram o desejo de assumir a criação dos filhos, embora muitas vezes isso tenha sido percebido por eles como inalcançável. Eles revelaram, de maneira geral, um sentimento de exclusão na relação com seu filho e alguns até mesmo do momento de tê-lo, mostrando-se insatisfeitos com o monopólio da mãe com a criança. Alguns deles demonstraram-se insatisfeitos e inseguros com o papel secundário que lhes é atribuído na criação das crianças, mas tanto eles quanto suas esposas ainda mantêm internalizado um modelo em que é dever das mulheres maternar. Essas questões que vêm mudando bastante ultimamente, conforme a autora, podem estar possibilitando aos pais uma redescoberta da paternidade. A autora identificou, ainda, a capacidade dos pais para “maternar”, termo utilizado para qualificar comportamentos como cuidar, alimentar, atender às necessidades básicas, envolvimento durante a gravidez e nascimento da criança. Apesar de o próprio termo estar diretamente relacionado à mãe, os pais entrevistados referiram que, muitas vezes, sentiam-se também “mães” de seus filhos, alguns descrevendo que o tipo de relação estabelecida com eles é de muita proximidade e gratificação para ambos. Essa

capacidade de maternagem do homem atual emergiu tanto nas falas de pais de famílias nucleares quanto monoparentais, e mostra a diferença de atitudes do pai no decorrer dos tempos.

Os modelos (ou a ausência de modelos) de paternidade que os pais utilizam para construir sua própria identidade de pai foram investigados por alguns autores (Berthoud, 1997; Dib, 1997; Hyssälä & cols., 1993; Jablonski, 1999; Ramires, 1997; Shapiro, 1987; White, 1994).

Segundo Shapiro (1987), um dos problemas essenciais para o futuro pai é que lhe falta um modelo; o seu pai certamente não fez o que se espera que ele faça hoje. Não faz muito tempo, lembra o autor, gravidez era estritamente assunto de mulher. Hoje é raro um marido ou hospital que espere que o pai se ausente do acompanhamento à gravidez e ao parto. Esta mudança nas expectativas culturais quanto à participação do pai traz novos problemas para o homem que se sente “empurrado” para um mundo que lhe é estranho. Desde o momento que sabe da gravidez, o futuro pai é encorajado a fazer parte do processo do nascimento, ao mesmo tempo que, de diversas formas, lhe é dado a compreender que ele “está por fora”. A sua presença e os sentimentos de apoio e de força para a esposa, que tem o papel de líder no drama, são requisitados, mas as suas ansiedades, medos, raivas e incertezas são sempre mal vindos, o que pode lhe causar, assim, uma confusão sobre o modelo de pai a ser seguido.

Seguindo a proposta de investigação de modelos parentais, a pesquisa de Berthoud (1997) analisou a transformação nos modelos de homens e mulheres com 1105 famílias da classe média paulista. Os resultados sugeriram a necessidade de revisão e transformação desses modelos. Alguns aspectos são apontados pela autora como tendo pouca mudança no decorrer do tempo: as mulheres continuam tendo as funções tradicionais de direção do lar, enquanto os homens ainda são vistos como tendo prioritariamente as funções de sustento da casa (60% dos casos) e de compartilhar com a esposa a direção da casa (51% dos casos). As mudanças mais significativas em relação aos homens, conforme a autora, são vistas na divisão das tarefas de direção da casa e no seu maior envolvimento com os filhos. Embora ainda distante do envolvimento materno, ao pai foram atribuídas as seguintes funções:

cuidar da educação dos filhos (28%) e dar suporte emocional à família (23%). Em contrapartida, parece que a divisão de tarefas proposta pelo chamado “casamento moderno” não se efetivou nas famílias analisadas: em 58% das famílias se considera a organização da casa tarefa da mulher, contra 9% dos casos em que as tarefas domésticas são atribuídas ao homem.

Corroborando os resultados do estudo de Berthoud, Jablonski (1999) acredita que, em nossa cultura, parece que os papéis de pai e mãe não fogem muito ao convencional. Em seu artigo sobre a identidade masculina e o exercício da paternidade, o autor refere que, se fôssemos esboçar hoje as diferenças entre pai e mãe, ainda verificaríamos que o pai interage de uma forma física e menos íntima, relacionada aos jogos e à diversão. Por outro lado, cabe à mãe os assuntos mais sérios, numa relação bastante centrada na proteção e na afetividade. O mesmo autor destaca, ainda, o trabalho de Lamb (1996) sobre a quantidade e qualidade da interação pai-criança, em que para cada hora de envolvimento ativo do pai com seu bebê correspondem três a cinco horas a cargo da mãe. Quanto à qualidade da relação, o autor destaca que enquanto as mães desgastam-se em atividades de alimentação, cuidados corporais e vestimentas, os homens aparecem na hora da diversão, com atividades mais ligadas ao brincar e ao lazer.

Ramires (1997) identificou que o modelo de relacionamento do pai com seu filho é baseado naquele que eles tiveram com seus próprios pais. No entanto, os pais da atualidade estão tentando reformular esse modelo, ao invés de reproduzi-lo fielmente, buscando aproveitar as características positivas e modificar as negativas. Essa idéia de transformação da paternidade foi referida pelos pais em função de eles próprios terem tido pais pouco participativos e muitas vezes autoritários. A autora conclui que esse novo tipo de paternidade possivelmente trará conseqüências para a identificação sexual do menino com o pai, que se dará de forma diferente do que aconteceu com esses homens.

Ao investigar as vivências da paternidade e maternidade em casais adultos médios das camadas urbanas, Dib (1997) realizou entrevistas com cada um dos membros dos quatro casais participantes que tinham bebês entre quatro e seis meses de vida, além de realizar a aplicação do teste de apercepção temática (TAT). Os

resultados revelaram conteúdos instigantes relacionados ao modelo de pai e ao ser pai. A família de origem de alguns participantes tinham na figura paterna um ser distante física e emocionalmente, o que fez com que tivessem uma ligação muito forte com a mãe. Essa relação, segundo a autora, parece ter contribuído para a construção de uma paternidade atual diferenciada do antigo modelo, pois os pais querem ser participantes ativos na vida das crianças. Alguns pais relataram, inclusive, ciúmes da relação íntima mãe-filho estabelecida durante a amamentação. Ainda, dentre aqueles participantes cujos genitores eram separados, essa situação fez com que eles desejassem construir uma família nuclear, diferentemente de suas vivências infantis, mas criticavam o modelo tradicional de família e imaginavam novos arranjos de funcionamento familiar.

Com relação às vivências e à transição para a paternidade, tema que é abordado no presente estudo, a partir da abordagem sistêmica familiar durante o primeiro ano de vida da criança, vários autores têm se dedicado ao assunto sob diferentes perspectivas (Allen & Doherty, 1996; Bornholdt, 2002; Cerveny & Berthoud, 1997; Cox, Hendersen & Margand, 1992; Grych & Clark, 1999; Hyssälä, Rauvata & Sillanpää, 1993; Krob, 1999; Levandowski, 2001a.; Martini, 1999; Nunes, 1998; Shapiro, 1987; Strauss & Goldberg, 1999). Enquanto alguns autores investigaram o tema em estudos transversais antes ou após o nascimento do bebê (Bornholdt, 2002; Cerveny, Berthoud & cols., 1997; Martini, 1999; Shapiro, 1987), outros estudos trataram especificamente da paternidade adolescente (Allen & Doherty, 1996; Levandowski, 2001b.; Nunes, 1998) e outros, ainda, focalizaram essa transição em estudos longitudinais em diferentes períodos do desenvolvimento do bebê (Cox & cols., 1992; Grych & Clark, 1999; Hyssälä & cols., 1993; Krob, 1999; Strauss & Goldberg, 1999).

Dois estudos nacionais sobre a transição para paternidade realizados no GIDEP da UFRGS, no período da gestação, merecem destaque (Bornholdt, 2002; Martini, 1999). Bornholdt (2002) investigou as vivências de futuros pais frente à gravidez e à paternidade em uma pesquisa de caráter qualitativo, entrevistando cinco futuros pais, todos coabitando com suas companheiras que esperavam seu primeiro filho. Os relatos desses futuros pais mostraram que essa experiência pode variar

muito entre eles. Enquanto alguns futuros pais entendiam a gravidez da esposa como uma transição para a paternidade, outros já se sentiam pais desde o início da gravidez. Esse momento de transição, segundo Bornholdt, despertou nos participantes um desejo antigo de ser pai, mesmo que a gravidez não tenha sido planejada. Os cinco pais procuravam prestar assistência à companheira, inclusive participando das ecografias, dado que chamou bastante a atenção por ter sido mencionado espontaneamente pelos cinco pais. A ecografia fez com que esses homens percebessem que seus filhos são reais, gerando alegria mas, também, sentimentos de exclusão da relação mãe-filho. Além disso, os participantes mostraram-se bastante exigentes em relação a si próprios, desejosos de ser um pai perfeito para que não cometessem os mesmos erros que seus pais cometeram com eles.

Já o estudo realizado por Martini (1999) investigou a transição para a paternidade e a síndrome de “couvade” dos futuros pais ao longo da gestação. A síndrome de “couvade” é caracterizada por uma série de sintomas físicos nos futuros pais que surge no início da gestação e desaparece logo após o nascimento da criança, como aumento de peso, náuseas, vômitos, dores de cabeça, etc., cujas causas não são claramente compreendidas. Assim, para investigar esse tema a autora realizou entrevistas com 30 gestantes e seus companheiros, sendo que algumas delas estavam no primeiro trimestre da gestação, outras no segundo e no terceiro. Os resultados mostraram que diversos pais apresentam sintomas físicos semelhantes à síndrome de *couvade*, mas para alguns esses sintomas não puderam ser relacionados à gestação por já estarem presentes antes. As alterações mais comuns nos pais ao longo dos três trimestres da gestação eram relativas à alimentação, e não foram identificados sintomas emocionais como tensão ou depressão no final da gestação. Os pais participantes desse estudo mostraram-se participativos durante a gravidez, demonstrando algum tipo de apoio emocional à gestante através de manifestações explícitas de carinho e de compreensão. Grande parte deles relatou ter boas lembranças de suas mães durante a infância e recordações negativas de seus pais, o que pode ser entendido como uma parentalidade tradicional. Mesmo assim, esse modelo de paternidade recebido contribuiu para que eles tentassem modificar suas próprias atitudes perante a gravidez da companheira. Outro dado também apontado

nesse estudo, foi a particularidade nas falas dos pais entre os três trimestres da gestação. No primeiro trimestre, o sentimento de maior responsabilidade foi o mais referido, embora poucos acompanhassem a companheira nas consultas pré-natais. Já no segundo, a responsabilidade em relação ao sustento e educação do bebê continuou bastante presente, mas alguns também referiram sentimentos de exclusão da relação mãe-feto e afastamento sexual. No entanto, esses futuros pais mostravam-se mais participativos que no primeiro trimestre e verbalizaram bastante o desejo de exercerem uma paternidade presente e afetuosa. No último trimestre da gestação, o sentimento de ansiedade em torno do nascimento foi marcante. O apoio emocional à companheira e o desejo de acompanhar efetivamente a gravidez também foi constante, ao mesmo tempo em que eles foram capazes de ter boas recordações de como foram paternalizados, havendo mudanças positivas na relação do casal.

O terapeuta familiar Shapiro (1987) entrevistou 227 futuros pais, com idades entre 18 e 60 anos, sobre suas expectativas e temores com relação à paternidade, e constatou que o medo mais universal entre os novos pais era o que envolvia o processo do nascimento em si, o medo do parto. Em seguida vinham o medo do aumento das responsabilidades, o desconhecimento dos procedimentos obstétricos, a incerteza da paternidade e o medo de perder a esposa ou o bebê. Esse autor passou a dedicar-se ao estudo da participação do pai no processo de transição do casal para a família após a sua própria experiência como pai. Seu sentimento era: se um psicólogo clínico, especializado em terapia familiar e de casal encontra dificuldades em lidar com a espera da gravidez, que tipo de apoio teria um pai comum, desacostumado a ser escutado e a lidar com estresse? Ele partiu do princípio de que, embora não mostre nenhum sinal físico, o pai está física e emocionalmente tão grávido quanto a companheira.

Cerveney e Berthoud (1997) analisaram a família na fase do nascimento do primeiro filho, a chamada fase de aquisição. O estudo das autoras mostrou que na maioria das famílias (46%) os cuidados rotineiros com o bebê foram assumidos pela mãe com o auxílio do pai. Os cuidados com filhos pequenos também foram apontados como sendo de responsabilidade de ambos em 39% dos casos, embora em muitas famílias (28%) a responsabilidade maior fosse da mãe. Isto indicaria, segundo

as autoras, que à medida que as crianças crescem, os cuidados passam a ser divididos de forma mais parelha entre os cônjuges.

Dentre os estudos sobre a transição para a paternidade, alguns tratam da realidade da paternidade adolescente, tanto nacionais (Levandowski, 2001a.; Nunes, 1998) quanto estrangeiros (Allen & Doherty, 1996). O estudo de realizado por Levandowski (2001a) foi realizado no GIDEP (Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do qual a autora da presente investigação também faz parte. O estudo de Levandowski é o único longitudinal realizado com adolescentes encontrado na literatura brasileira até o momento.

A autora entrevistou 12 futuros pais adolescentes e 11 futuros pais adultos no terceiro trimestre da gestação da companheira, e avaliou a interação pai-bebê quando o bebê completou 3 meses de vida. A expectativa inicial de que haveria particularidades claras entre pais adolescentes e adultos com relação aos sentimentos de se tornar pai foi somente em parte corroborada. Tanto pais adolescentes quanto adultos mostraram-se ansiosos e preocupados com relação ao parto, à definição de ser um bom pai, à reação que tiveram frente à notícia da gravidez bem como uma percepção positiva desse período. Contudo, peculiaridades surgiram quanto ao desconhecimento dos adolescentes em relação aos padrões de desenvolvimento normal dos bebês e às preocupações sobre sua capacidade de lidar com essa nova situação, que foram mais acentuados nos futuros pais adolescentes do que nos adultos. Outro aspecto investigado por Levandowski foi a interação livre pai-bebê aos 3 meses de vida da criança. Os pais adolescentes e adultos se comportaram de maneira muito semelhante na interação, ao contrário do que ela supunha. A autora conclui que esses resultados são positivos, uma vez que a interação aos 3 meses do bebê é considerada um dos fatores preditores de um apego seguro no primeiro ano de vida da criança, e que essas similaridades podem estar refletindo um novo modelo de homem e de pai bastante almejado como ideal, de maior envolvimento com os filhos.

Nunes (1998) investigou como a paternidade é vivenciada por 8 jovens moradores de Porto Alegre, com idades entre 14 e 20 anos. O autor constatou que quando a adolescência é rompida bruscamente por uma tarefa da etapa subsequente, a

paternidade é vivida como algo assustador. Estes adolescentes não se sentiam psíquica ou socialmente preparados para desempenhar o papel de pai; um filho representava a perda de liberdade, de comodidade e da posição infantil de dependência, típicas da adolescência. O apoio dos pais foi referido como fundamental e o pai foi citado como a figura modelo para que os jovens assumissem seus filhos.

Ainda o estudo de Allen e Doherty (1996) com 10 adolescentes afro-americanos, de idades entre 15 e 19 anos, embora detectasse os mesmos sentimentos de despreparo e temor iniciais ao adolescente, apontou uma tendência mais otimista: muitos jovens relataram uma mudança drástica na sua maneira de viver após saber da gravidez da companheira. A maioria deles prestava algum tipo de assistência às futuras mães, e estavam se organizando para auxiliar nos cuidados e/ou sustento dos bebês. Os jovens revelaram ser fundamental o apoio da família ou do grupo de amigos e tinham a figura do seu próprio pai como modelo; nos casos de filhos de pais ausentes, os adolescentes mostravam-se mais angustiados, buscando outras formas de apoio para criar o seu referencial de paternidade.

Quanto aos estudos longitudinais sobre a transição para a paternidade, os autores pesquisados investigaram diferentes períodos dessa transição, antes ou após o primeiro ano de vida como é a proposta do presente estudo.

O estudo desenvolvido por Strauss e Goldberg (1999) examinou a transição para a paternidade no período que se estendeu desde o início da gravidez até o primeiro mês do bebê. A proposta dos autores era examinar diferenças entre a concepção atual e futura de self dos pais (“possible selves”). Os autores acreditavam que a possibilidade de associar sentimentos de sucesso e competência com a paternidade poderia resultar em um ajustamento melhor ao papel de pai, enquanto que sentimentos de fracasso e incompetência nestes papéis poderiam levar a um pobre ajustamento à paternidade. Com este propósito, foram entrevistados 56 futuros pais com idades entre 27 e 48 anos, durante o último trimestre de gestação das companheiras e, novamente, quando os bebês estavam com um ano. Os resultados indicaram que a forma como os homens se vêem antes e após o nascimento de seus primeiros filhos de fato é relevante para compreender sua motivação para mudar de

papel (e tornar-se pai), para seu próprio bem-estar emocional e para o seu envolvimento com o bebê.

Grych e Clark (1999) também estudaram a relação pai-bebê, contudo o foco foi o primeiro ano de vida da criança e os efeitos do trabalho materno sobre essa relação. Foram entrevistados 63 pais e filmadas as duplas pai-bebê interagindo quando o bebê tinha quatro e doze meses. Os resultados indicaram que os pais cujas esposas não trabalhavam fora de casa ou que trabalhavam em meio expediente mostraram-se mais sensíveis e responsivos quando envolvidos nos cuidados do bebê; homens cujas esposas trabalhavam em turno integral, mostraram comportamentos e afetos mais negativos quando encarregados de cuidar da criança. Maridos de esposas que não trabalhavam fora de casa mostraram maior satisfação conjugal e cuidados parentais mais adequados que aqueles cujas esposas trabalhavam fora, mesmo que em meio expediente. Todos os pais colocaram a qualidade do relacionamento conjugal e o temperamento do bebê como preditores de estresse no quarto mês e primeiro ano do bebê.

Hyssälä e colegas (1993) realizaram um estudo longitudinal sobre a transição para a paternidade em famílias da Finlândia, no qual os pais foram entrevistados durante o último trimestre da primeira gestação das companheiras, no primeiro mês após o nascimento do bebê e quando o bebê tinha 3 anos. A amostra iniciou com 1279 pais na primeira etapa, com idade média de 28 anos; passados quatro anos, 750 pais seguem o estudo. Foram considerados o nível de escolaridade, a idade e a ocupação como variáveis demográficas, mas o foco central do estudo foi investigar os efeitos da tradição familiar, bem como a influência dos parentes e dos amigos sobre a transição para a paternidade. Os resultados do estudo indicaram que os modelos tradicionais de paternidade foram mais fortes na área rural que na área urbana e em famílias cujos pais trabalhavam em atividades de produção primária. Já os contatos sociais foram mais comuns em pais jovens com atividades industriais. A transição para a paternidade não pareceu estar baseada em modelos de responsabilidade compartilhados dentro das famílias. O que os autores encontraram é que o nível de escolaridade ou de profissionalização não garantiam uma melhor qualidade de paternagem; o mais importante seria a existência de uma boa interação familiar. A

satisfação conjugal, com o casal podendo compartilhar os valores de ambas as famílias, a concordância sobre a divisão das tarefas e, sobretudo, a existência de uma rede de apoio emocional seriam a garantia de uma melhor paternagem.

Com o objetivo de expandir os estudos sobre a formação do apego mãe-bebê, durante o primeiro ano, para incluir a análise da formação do vínculo pai-bebê, Cox e colegas (1992) realizaram um estudo longitudinal acompanhando 38 casais, com idades entre 18 e 42 anos, desde a gestação até o sexto ano dos bebês. Foram realizadas 7 coletas de dados: duas durante o segundo período da gestação (inicialmente, foi realizada uma entrevista individual com o marido e outra com a esposa e, num segundo momento, uma entrevista com o casal) e cinco entrevistas após o nascimento do bebê (aos 3 meses, e com 1, 2, 4, e 6 anos); a coleta do terceiro mês incluiu o filme da interação pais-bebê e na coleta do primeiro ano foi realizada a situação estranha proposta por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978). A situação estranha de Ainsworth é um experimento de laboratório que consiste em seis episódios alternados de três minutos cada um de interação entre a criança e seu cuidador, a criança e uma pessoa estranha e a criança sozinha que visa a classificar o tipo de apego estabelecido da criança com seu cuidador, que pode ser seguro e inseguro (do tipo evitativo, resistente ou desorganizado). Os autores concluíram que a qualidade do apego pai-bebê após um ano de idade está diretamente relacionada ao envolvimento afetivo e físico que o pai teve com o bebê nos primeiros meses de vida. Assim como ocorre com a mãe, quanto mais positiva e afeiçãoada for a interação do pai com seu bebê nos três primeiros meses, tanto mais seguro o apego pai-bebê no seu primeiro ano. Outro importante achado dos autores é que as atitudes do pai sobre a criança e sobre seu próprio desempenho como pai predizem um apego seguro, o que não parece acontecer com as mães. Como os pais não são cuidadores primários, eles parecem sofrer maior interferência dos padrões culturais aprovados a respeito do cuidado dos filhos. Também os modelos cognitivos e atitudes de proximidade ou afastamento, de maior ou menor conversação com os bebês, apareceram como preditores importantes do relacionamento presente e futuro entre o pai e seu bebê. E, finalmente, o tempo gasto com o bebê apareceu como um indicador significativo de apego seguro.

Na literatura local, a pesquisa de Krob (1999) centrou-se na transição para a paternidade e na interação pai-bebê no terceiro trimestre da gestação e após dois meses do nascimento do bebê. A autora entrevistou 20 pais primíparos sobre o assunto. Os relatos dos pais mostraram que existe um envolvimento crescente deles nos cuidados diários com os bebês, bem como um maior envolvimento afetivo. As esposas foram referidas como importantes facilitadoras da interação pai-bebê, auxiliando o marido na participação das rotinas com o bebê, ajudando-os a superar inseguranças e medos e permitindo uma maior aproximação afetiva com o filho.

Como foi possível perceber através da revisão da literatura, embora alguns estudos tratem da transição para a paternidade numa perspectiva longitudinal, na nossa realidade brasileira e rio-grandense muito pouco tem sido investigado sobre o assunto. Nenhuma das investigações acompanha essa transição do período da gestação até o primeiro ano de vida da criança, momento fundamental para a formação da personalidade do indivíduo. Dessa forma, o presente estudo é pioneiro em se preocupar com as peculiaridades dessa transição no primeiro ano de vida do bebê a partir do enfoque sistêmico e utilizando metodologia qualitativa, considerando os depoimentos dos pais e das mães em três diferentes momentos do primeiro ano de vida dos bebês.

1.5 O envolvimento paterno

Durante a revisão dos estudos recentes sobre o pai, chamou a atenção a freqüente utilização do termo envolvimento paterno. A partir desta constatação, iniciou-se um estudo de revisão deste conceito. Consultou-se, para tanto, o PsycInfo, no período de 1886 a 2000. A primeira ocorrência do conceito foi observada na década de sessenta. Dois artigos utilizaram este conceito, um em 1965, e outro em 1968. Outros estudos reaparecem a partir de 1976 (um total de seis durante a década de setenta). Na década de oitenta, a freqüência de trabalhos que incluem este conceito aumentou significativamente (35% do total de estudos encontrados com este conceito, em comparação com 3%, nas duas décadas

anteriores), mas é sobretudo a década de noventa que concentra a maior parte das publicações (61% do total de estudos).

De acordo com Palacios (1986), a importância do pai no processo evolutivo da criança foi ignorada por psicólogos ao longo do tempo, fato que vem mudando a partir da década de 1970. Para o autor, o pai deve ser visto como um modelador de toda a personalidade da criança, e não apenas como uma figura dos bastidores durante os primeiros meses de vida do bebê para se tornar importante durante a fase edípica. A paternidade vai muito além da tarefa de tipificar a feminilidade e masculinidade da criança ou de transmitir as regras sociais.

O pai é fundamental para o desenvolvimento psicológico do filho desde o momento do nascimento, e não é mero comparsa dos protagonistas mãe-filho (Palacios, 1986). O papel do pai é importante para os vínculos emocionais da criança, seu desenvolvimento social, cognitivo e lingüístico. A influência do pai sobre a criança deve ser entendida como bidirecional, pois o pai exerce influência sobre a criança e vice-versa. É importante pensar a família como um sistema cujos elementos estão em relação dinâmica e permanente, no qual as influências se dão em todas as direções.

Para Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), as conseqüências do envolvimento paterno para a criança precisam ser distinguidas dos efeitos de outras características paternas. Para os autores, o envolvimento do pai tem efeitos diretos e indiretos na masculinidade, práticas socializadoras, na relação com a mãe e irmãos da criança e na relação da criança com seus pares.

Na literatura revisada, observou-se que, apesar de a expressão “envolvimento paterno” ter sido encontrada em muitos estudos para caracterizar a qualidade de paternagem, nem sempre ela era bem definida teoricamente. Lamb (1996) refere-se a três dimensões do envolvimento paterno, quais sejam: acessibilidade, engajamento e responsabilidade. Por acessibilidade o autor entende a presença e a disponibilidade do pai para a criança (tempo); engajamento está relacionado com as experiências de contato direto, com os cuidados e as interações entre o pai e os filhos (atividades de cuidado e de lazer, tais como passeios e brincadeiras); já a responsabilidade é entendida como a participação do pai

em tarefas, tais como: levar o filho ao pediatra, cuidar da criança doente, participar de reuniões na escola e acompanhar temas escolares.

Parke (1996) examinou alguns determinantes do envolvimento paterno, pois entende que a determinação do papel do pai é multifatorial. Dentre os fatores individuais que influenciam o envolvimento paterno estão a relação do homem com sua família de origem, suas atitudes, motivações e habilidades, tempo de paternidade, sexo do bebê, ordem de nascimento e sua compreensão sobre a paternidade; quanto aos fatores familiares destacam-se as atitudes maternas frente ao envolvimento do pai e o relacionamento do casal; influências extrafamiliares são o apoio social informal e as demandas e a qualidade do trabalho, além de influências específicas de cada cultura.

Diferentes características da criança, bem como características dos pais, podem contribuir para um melhor ou pior envolvimento paterno. De acordo com Pleck (1996), o grau de envolvimento dos pais é maior com filhos do que com filhas, independente da idade deles, devido a uma identificação dos pais com os meninos. Os pais tendem a contribuir com uma maior proporção no total de interação parental em famílias com maior número de filhos, apesar de existirem controvérsias sobre esse dado. Além disso, geralmente os pais se envolvem mais com os filhos mais velhos do que com os demais, e são mais envolvidos com prematuros. Em famílias uniparentais, a atenção dos pais está voltada para os filhos com dificuldades de temperamento. Quanto aos fatores relacionados aos pais, a associação do envolvimento paterno com educação, ocupação e renda dos pais mostrou-se inconsistente, bem como as associações entre envolvimento paterno e raça.

A dinâmica do relacionamento do casal pode interferir no envolvimento do pai com a criança (Lamb, 1996). Quando há um relacionamento conjugal considerado satisfatório pelo casal, melhor é o envolvimento paterno. Entretanto, em casamentos longos tem sido identificado pouco envolvimento do pai com a criança, e quando há uma proporção de trabalho maior para o marido do que para a esposa no período pré-natal verificou-se um melhor envolvimento paterno.

Parke (1986, 1996) refere-se ao grau de compromisso que o pai moderno tem adquirido em relação às tarefas diárias envolvendo os filhos e a família. Ele é um dos

autores que diferencia o nível de envolvimento paterno através da análise da qualidade e quantidade dos cuidados que o pai dedica ao filho.

Seguindo uma ótica sistêmica, Parke (1996) refere que existem vários determinantes para o envolvimento paterno, assim por ele categorizados: 1. Influências individuais (atitudes, crenças e motivação do pai; relações com a família de origem; idade em que se tornou pai e gênero da criança); 2. Influências familiares (relações mãe-filho; relações pai-filho; relações marido-esposa e relações pai-mãe-criança); 3. Influências extra-familiares (relações com parentes, vizinhos e amigos; relações de trabalho e com sistemas de saúde) e 4. Influências culturais (atitudes dos pais em relação aos papéis de gênero de meninos e meninas, valores e crenças relativos à etnicidade).

Os pais têm competência, assim como as mães, para reconhecer e interpretar os diferentes sinais do bebê e usá-los apropriadamente para dirigir seu comportamento para com ele (Parke, 1996). A interação recíproca pai-bebê, tal como a mãe-bebê, é uma importante lição de controle social que faz com que os bebês aprendam com outras pessoas diversos comportamentos.

De acordo com o mesmo autor, é importante que se diferencie o grau de envolvimento paterno em atividades de cuidado com a criança e em brincadeiras ou atividades educativas. As crianças aprendem diferentes lições de interação com seus pais em situações distintas, de cuidado e de brinquedo, que devem ser encorajadas. Além disso, o envolvimento absoluto e relativo precisam ser averiguados, pois o pai pode despende muito tempo com a criança no senso absoluto, mas o impacto na criança ser pouco, no âmbito relativo.

As características de relacionamento que os pais estabelecem com seus filhos são mais importantes do que as suas características individuais (Lamb, 1996). Crianças que têm segurança, apoio e relações sensíveis com seus pais serão melhor adaptadas psicologicamente do que as crianças que estabeleceram relações menos satisfatórias. Além disso, a quantidade de tempo que os pais passam com seus filhos parece ser menos importante do que o que eles fazem nesse tempo e também como as pessoas importantes na sua vida percebem e avaliam a relação pai-filho.

De acordo com o mesmo autor, a qualidade da influência paterna sobre a criança varia de acordo com valores culturais e individuais. Porém, pode-se definir um pai de sucesso como aquele que atende às demandas e prescrições de seu contexto familiar e cultural. Isso significa que seu êxito pode ser avaliado em termos de desenvolvimento de seu filho. Apesar de o comportamento paterno ser multifacetado, incluindo não apenas o que os pais fazem, mas também com que frequência eles o fazem, a maior parte da literatura enfoca as variações no envolvimento paterno ignorando muito do que os pais fazem por seus filhos através do apoio econômico e emocional.

As crianças que possuem pais altamente envolvidos (Lamb, 1996) se caracterizam por uma grande competência cognitiva e “locus” de controle interno e por poucas crenças sobre estereótipos sexuais. Considera-se que a diversidade de estimulação ao interagir com pessoas que têm comportamentos diferentes estimula o desenvolvimento mental da criança, por isso provavelmente ela se beneficiará se tiver pai e mãe altamente envolvidos. Entretanto, os efeitos na criança parecem ser diferentes quando os pais são envolvidos porque o desejam ou porque são forçados a isso. Nesse último caso, o envolvimento paterno pode ter um efeito adverso na criança, já que ela pode perceber isso. Assim, os efeitos do aumento do envolvimento paterno talvez estejam mais relacionados com o contexto familiar do que com o envolvimento “per se”. Parece que importa menos quem está em casa, mas sim como esta pessoa se sente por estar cuidando da criança.

Embora os estudos sobre envolvimento paterno tenham aumentado, Lamb (1996) salienta que, em contrapartida, pouca atenção tem sido dada às mudanças das atitudes maternas em relação às modificações da paternidade. Estudos mostram que os homens querem ter mais tempo com seus filhos, mas suas companheiras não querem que eles sejam mais envolvidos do que já o são. O autor entende que o aumento do envolvimento paterno pode ser visto por suas companheiras como uma ameaça ao controle e ao poder que elas exercem sobre os filhos, pois a autoridade da mulher no lar era um dos únicos papéis que nunca havia sido questionado. Por outro lado, um bom envolvimento paterno pode ter efeitos benéficos no sentimento de bem-estar da mãe e ajudar nos casos de depressão materna.

Apesar de os pais do século XX terem sido chamados a se envolver com seus filhos, a função de provedor financeiro continuou sendo muito importante na maioria dos segmentos da sociedade (Lamb, 1996). O apoio econômico da família constituiu um modo indireto mas importante de os pais contribuírem para o desenvolvimento e para a saúde mental dos filhos. Além do apoio econômico, outra maneira também indireta de envolvimento dos pais com os filhos é o apoio emocional oferecido pelo pai a outras pessoas que estão em contato direto com a criança, principalmente a mãe. O pai funcionando como uma fonte de apoio emocional tende a melhorar a qualidade da relação mãe-criança. A importância das influências indiretas é reconhecida universalmente e deve-se considerar o pai e o filho como partes de um sistema social complexo, que é a família, no qual as pessoas afetam umas às outras reciprocamente, direta e indiretamente.

Alguns autores têm traçado o papel do pai em comparação ao papel da mãe, já que este parece estar, teoricamente, mais definido (Lamb, 1996; Parke, 1996; Sun & Roopnarine, 1996). Lamb (1996) mostrou que em famílias nas quais as mães trabalhavam, o nível de engajamento e acessibilidade dos pais era mais alto do que em famílias cujas mães não trabalhavam. Ademais, pais e mães se engajam em diferentes tipos de interação com a criança. Os pais tendem a se especializar em jogos, enquanto as mães se especializam nos cuidados.

Segundo o mesmo autor, os pais são proporcionalmente mais envolvidos quando as mães trabalham fora, embora esse dado não possa ser generalizado. Um nível educacional alto da mãe também tem se mostrado relacionado a um maior envolvimento paterno, e a presença de doença na mãe dificulta esse envolvimento. Além disso, os pais são mais envolvidos quando têm um relacionamento positivo com seus pais e outra característica preditora do envolvimento é se a mãe, durante a gravidez, se mostrou autônoma. O estresse econômico familiar foi associado a um aumento da quantidade mas não da qualidade do envolvimento paterno.

Parke (1996) também refere que o tempo que o pai brinca com a criança é incrementado quando a mãe trabalha fora, e que seu papel é secundário no que diz respeito aos cuidados com a criança, especialmente a alimentação. O autor ressalta, ainda, que existem diferenças no estilo de brincar dos pais, cujo estilo é relativo à

cultura na qual está inserido mas cujo tema precisa ser mais extensamente examinado em pesquisas. Parece que, nas brincadeiras, os pais são menos verbais e mais táteis do que as mães e se engajam mais em jogos psicológicos, enquanto as mães em brincadeiras mediadas por objetos. Pais e mães podem até brincar com jogos parecidos, mas seus estilos serão diferentes.

Pais e mães diferem também, segundo Parke, no grau de responsabilidade na administração das questões familiares, sendo que as mães costumam assumir mais esse papel na infância que inclui atitudes relacionadas à intimidade e encorajamento da criança ao grupo de pares e babás. Contudo, a diferença fundamental entre pais e mães é que os pais apresentam maior dificuldade de envolvimento com a criança nos momentos iniciais do que as mães. Por exemplo, os pais apresentam dificuldades momentâneas no que se refere à alimentação da criança, que tende a diminuir. Todavia, mesmo quando os pais são menos participativos na alimentação, sua influência se dá de forma indireta através de auxílio à mãe.

Em um estudo que examinou o envolvimento e a interação mãe-bebê e pai-bebê com 25 famílias taiwanesas, os resultados mostraram uma sociedade rígida quanto aos papéis de pai e mãe (Sun & Roopnarine, 1996). A divisão do trabalho de casa, nesta sociedade, segue os padrões tradicionais: os pais estão mais engajados em jogos e atividades agressivas enquanto as mães estão mais ocupadas em tarefas de cuidados diários como alimentação e banho.

1.6 Aspectos relacionados ao envolvimento paterno

Serão considerados cinco aspectos, os quais, acredita-se, podem estar relacionados ao envolvimento paterno, como pode-se observar na Figura 1.1. São eles: (1) aspectos intergeracionais, relacionados aos padrões de repetição das famílias de origem dos pais, (2) as representações que o pai tem sobre o seu próprio papel, (3) as representações da mãe em relação ao companheiro enquanto pai, (4) a matriz de apoio, determinando o maior ou menor envolvimento do pai com o bebê e (5) o desenvolvimento do bebê, como determinante das interações que serão estabelecidas entre ele e o pai.

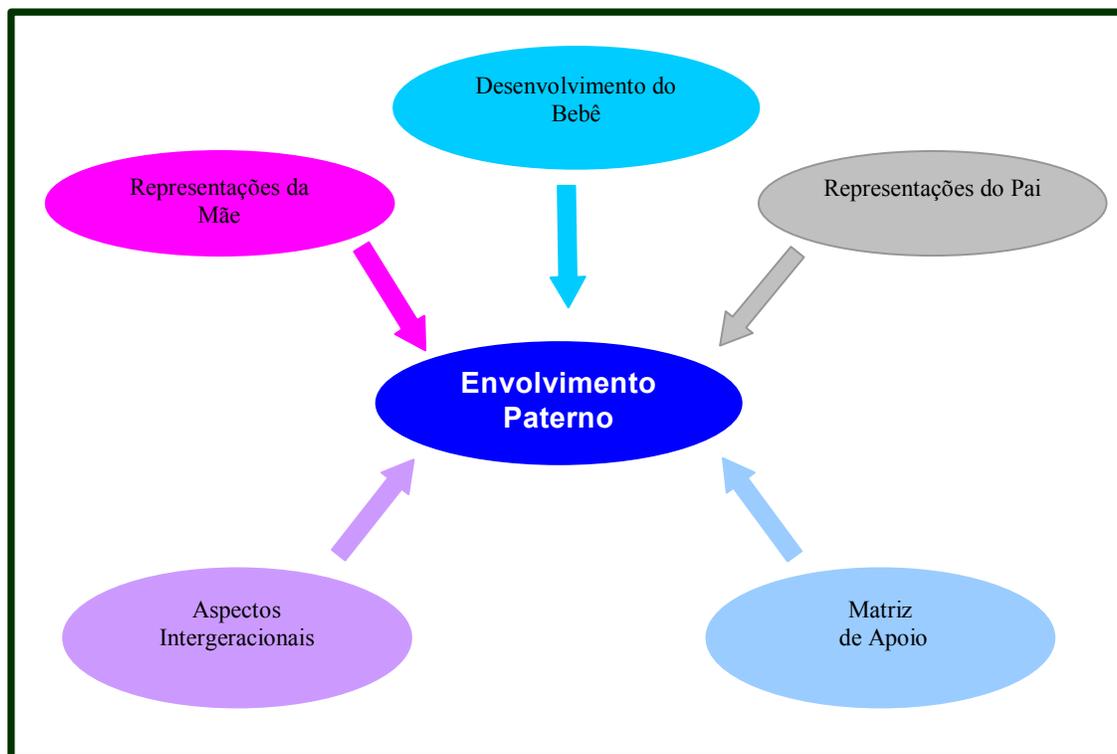


Figura 1.1 Aspectos relacionados ao envolvimento paterno.

1.6.1 Questões intergeracionais e padrões de repetição na família

Stern (1997) propõe que a interação é o elemento chave para compreender a relação pais/bebê, a qual consiste em comportamentos concretos que podem ser visíveis e audíveis por uma terceira pessoa. É através das interações que se pode conhecer as representações, fantasias, temores e desejos dos pais e do bebê. E é através das interações concretas que as representações dos pais se conectam com as representações dos filhos. O mesmo processo ocorre entre os pais e seus próprios pais.

É necessário, agora, compreender como estes modelos de interação podem ser transmitidos (ou não) através das gerações. Como se dá, então, a passagem das representações de uma geração à outra? Stern (1997) encontra resposta nos estudos do analista de sistemas familiares Byng-Hall (1986), que sugere que as múltiplas interações familiares são organizadas em unidades, por ele denominadas scripts (ou roteiros) os quais se repetem em contextos específicos, por exemplo, quando o pai bebe, quando o casal briga ou quando chega visita. Os scripts, assim como os mitos,

histórias e segredos familiares seriam, então, representações dos eventos interacionais que ocorrem na vida familiar.

De acordo com Bowen (1979/1991), independente de aceitarem ou não a ajuda dos familiares, parece haver um determinismo no sentido de que os futuros pais, em algum momento, repetirão a história dos seus próprios pais. Como acontecem estas repetições, em que modelos estão baseadas? Stern (1997) entende que as repetições vão estar baseadas nos padrões de interação entre pais e filhos, e que estes padrões vão sendo repetidos através das gerações. Assim, as interações familiares de uma geração vão influenciando as interações nas gerações seguintes. Este tema será aprofundado no item que segue.

De acordo com o Novo Dicionário Aurélio (Ferreira, 1986), o termo “geração” é original do latim “generatione” e inclui, entre outras definições: (1) cada grau de filiação de pai para filho; (2) linhagem, estirpe, ascendência, genealogia; (3) conjunto de indivíduos nascidos pela mesma época e (4) espaço de tempo de aproximadamente 25 anos, que vai de uma geração a outra. Ainda segundo Ferreira, os prefixos “inter, trans e multi” também são derivados do latim, com a significação a seguir: “inter” tem a ver com posição intermediária; o prefixo “trans” indica o movimento “para além de”, “através de” e o elemento “multi” refere-se a muitos, numerosos.

Pode-se pensar, portanto, que os três termos (intergeracional, transgeracional e multigeracional) se prestam, de alguma maneira, à compreensão da evolução da família através das gerações. Intergeracional estaria mais ligado à posição intermediária de uma geração em relação às gerações que a sucedem e precedem; transgeracional dá o caráter daquilo que perpassa de uma geração a outra e multigeracional pode estar indicando diversas gerações paralelas no tempo: ex. uma geração de pais adolescentes e uma geração de avós jovens. Na literatura, no entanto, esta diferenciação semântica não é tão evidente.

Existem muitos teóricos e clínicos que seguem as abordagens (inter)geracionais de compreensão familiar (Bowen, 1991; Cerveny, 1994; Framo, 1981; Werlang, 2000; Williamson & Bray, 1991). Werlang (2000) entende que a proposta da abordagem intergeracional é analisar a transmissão da cultura familiar através das

gerações, identificando padrões, costumes, segredos e mitos que determinam o funcionamento familiar.

Bowen (1979/1991) utiliza a denominação “transmissão multigeracional dos padrões familiares” (p.60) para referir-se ao fato de que o que acontece em uma geração freqüentemente se repete na geração seguinte, embora muitas vezes o comportamento atual possa tomar uma variedade de formas na repetição. Sua hipótese é que os padrões de relacionamento nas gerações prévias podem fornecer modelos implícitos para o funcionamento familiar na geração seguinte. Através do estudo da genealogia de diversas famílias, Bowen começou a identificar características familiares que eram transmitidas de uma geração a outra, e que poderiam ser definidas como “modelos de base generalizáveis” (Bowen, 1979/1991, p.61).

Williamson e Bray (1991) diferenciam os teóricos da perspectiva familiar intergeracional e os teóricos das perspectivas anteriores multigeracionais, categoria na qual eles incluem Boszormenyi-Nagy e Ulrich (1981), Bowen (1979/1991). Os autores acreditam que os teóricos multigeracionais têm sido criticados por seu pessimismo geral a respeito das possibilidades de mudança na família e sua desesperança em relação à terapia. Acrescentam, ainda, que este pessimismo em relação às mudanças pode estar relacionado às origens psicanalíticas da teoria de Bowen, que entendia a repetição como um processo inconsciente e intrínseco ao sujeito.

Entre as questões que poderiam ser colocadas sobre os padrões de repetição podem-se destacar duas. A primeira seria: quantas gerações torna-se necessário avaliar? Dentro da perspectiva do ciclo vital familiar de Carter e Mc Goldrick (1995), a família compreende todo o sistema geracional de três ou até quatro gerações. Williamson e Bray (1991) compartilham esta opinião, estimando que são necessárias, no mínimo, três gerações para se compreender um sistema familiar: sejam os adultos, seus pais e seus filhos ou a geração adulta com seus pais e seus avós.

A segunda questão seria o que determina o processo real de repetição? Segundo Williamson e Bray (1991), ainda que a prática clínica ilustre muitos padrões repetitivos na dinâmica familiar, faltam investigações empíricas que forneçam uma

explicação detalhada e consistente do processo de transmissão das pautas familiares de uma geração a outra.

Bowen (1979/1991) entende que existe um processo de projeção dentro do sistema emocional da família nuclear, seguindo as gerações. A mesma posição é compartilhada por Framo (1981), ao considerar que as pautas familiares se transmitem por um processo de transferência ou de projeção, geralmente a nível inconsciente.

Werlang (2000) faz uma analogia da perspectiva intergeracional com a teoria psicanalítica, na qual a repetição é estudada desde Freud (1914/1981), em seu texto “Recordar, repetir e elaborar”. Assim como na abordagem psicanalítica, na qual os fenômenos mentais e comportamentais são compreendidos através do conceito de determinismo psíquico, pela repetição de situações infantis, Werlang acredita que também na abordagem intergeracional, os problemas familiares parecem ter sua origem em fatos passados, que são repetidos de uma geração a outra, através de condutas repetitivas.

A diferença da abordagem intergeracional, justifica Cerveny (1994), consiste em ampliar estes modelos de repetição para o maior número possível de padrões de interação, buscando compreender este processo de transmissão de repetições, na busca de um trabalho preventivo e não apenas compreensivo e analítico. A autora também ressalta a importância de se valorizar a existência das “boas repetições”(p.38), que devem ser conservadas na identidade de cada família.

Dentro da abordagem psicanalítica, serão resgatados apenas alguns autores que se reportam à compreensão do vínculo pais-bebê, área de estudos da autora, e que possibilitem uma articulação com o pensamento sistêmico familiar. Neste contexto, destaca-se o trabalho de Fraiberg, Adelson e Shapiro (1994) que falam da existência de “fantasmas no quarto do bebê (p.12)”, referindo-se a casos de mães cuja relação com seus bebês está comprometida pela repetição de seus próprios conflitos infantis. Segundo as autoras, “os fantasmas são a repetição do passado no presente (Fraiberg & cols, 1994, p.13)”, mas o que determina que o passado conflituado de um genitor se repita com a criança, ainda é uma pergunta sem resposta.

A idéia defendida pelas autoras é que a história nem sempre se reproduz com fidelidade, pois a espécie humana se aprimora e os pais sempre desejam aos filhos que estes tenham uma vida melhor do que as suas. Assim ilustra a história de tantos pais, vítimas de abandono, maus tratos, violência, que não infligiram estes danos aos filhos. A conclusão das autoras é que devem existir outros fatores na experiência psicológica passada que determine a repetição no presente.

Uma hipótese para que a repetição de eventos traumáticos seja evitada, segundo Fraiberg e cols.(1994), é quando a dor e o sofrimento destes pais não foram totalmente reprimidos e eles identificam o mesmo sofrimento nos filhos. Nestes casos, a revivência das ansiedades e sofrimentos infantis por parte dos pais se transforma em capacidade de proteção dos filhos, contra a repetição da sua própria história conflitiva.

Em relação à gestação, destaca-se o trabalho da psicanalista Dolto (1971), que entendia os primeiros nove meses de vida o bebê como uma repetição da história dos seus nove meses de vida intra-uterina. Françoise Dolto procurava estabelecer uma analogia entre os sintomas dos pacientes (bebês) com possíveis eventos traumáticos vividos durante a gestação.

Coerentes com este pensamento, Szejer e Stewart (1997) entendem que durante a gravidez a mulher busca reconectar-se com sua própria origem e tende a repetir sua própria história. Para estes autores, no entanto, o termo “repetir” refere-se a dois fenômenos: a reprodução de um evento passado, mas também a antecipação de evento que está por vir, no sentido de preparação (tal como atores ao repetir, durante os ensaios, as cenas que antecedem o espetáculo). Desta forma, a mulher anteciparia, durante a gestação, o nascimento do filho, com as marcas deixadas por sua própria história.

De acordo com Bowlby (1989), existem muitas provas clínicas de que os comportamentos e sentimentos que a mãe dirige para seu bebê são influenciados por suas experiências anteriores com seus próprios pais e, embora os estudos em relação às atitudes dos pais sejam menos abundantes, eles apontam claramente para a mesma direção.

Stern (1997) também acredita que as representações da família de origem vão influenciar o modo como cada pai e mãe vai agir dentro da nova tríade; cada um dos pais vai trazer consigo uma série de esquemas que são únicos e que vêm de sua história familiar.

Para concluir, pode-se retomar as idéias de Cervený (1994), sobre a existência de uma responsabilidade da geração atual em relação às futuras, quando da repetição de padrões disfuncionais, que podem ser rompidos e/ou prevenidos através do trabalho terapêutico. Procede o alerta da autora para o aspecto positivo das repetições que marcam a singularidade de cada indivíduo ou grupo familiar.

1.6.2 As representações do pai sobre a paternidade

De acordo com Stern (1997), as representações dos pais sobre o bebê e sobre eles-mesmos-como-pais vão exercer um importante papel na determinação da natureza do envolvimento dos pais com seu bebê. O autor parte do princípio de que existem dois mundos paralelos: o mundo externo real, e o mundo mental das representações, imaginário e subjetivo. Existe, para o autor, o bebê real nos braços da mãe/pai e o bebê imaginado em suas mentes. Assim, também, existe o pai e a mãe real, segurando seu bebê no colo, e existe a sua representação mental de pai/mãe cuidando daquele bebê. Esse mundo representacional caracterizado por Stern vai além das interações atuais entre os pais e o bebê: inclui, também, suas fantasias, seus medos, seus sonhos, suas experiências infantis, seus modelos de pais.

Especificamente em relação ao mundo representacional do pai, parece existir o mesmo processo da mãe, que Stern denomina “constelação da maternidade”. Trata-se de uma organização temporária, na qual a mãe (e, possivelmente, o pai) está inteiramente disponível e conectada com as necessidades do recém-nascido. Esta fase pode durar de alguns meses até poucos anos. Quando refere-se ao pai, Stern acrescenta duas peculiaridades: a primeira é que o nascimento do bebê não traz um impacto tão violento para o pai como ocorre com a mãe, sendo que as representações paternas vão se reorganizando em um período mais longo de tempo. A segunda particularidade refere-se ao papel apoiador que o pai deve desempenhar em relação à

díade mãe-bebê, e que possivelmente reativa uma rede específica de representações que o pai teve em sua história pessoal e familiar.

De qualquer forma, Stern acredita que sempre que o pai estiver presente ele irá interagir com a mãe e com o bebê, e desenvolverá representações do seu relacionamento com os outros. Ao mesmo tempo, estará interferindo nas representações da mãe.

1.6.3 As representações da mãe sobre a paternidade

Segundo Stern, a representação que a mulher tem do papel paterno pode ter uma grande relevância para o relacionamento do pai com o bebê. Paralelo às mudanças em suas redes de esquemas sobre si mesma enquanto mulher, esposa, mãe, profissional, amiga, com a maternidade mudam, também, as redes de esquema que a mulher traz em relação ao marido, enquanto marido, enquanto homem, enquanto pai.

Por mais que reconheça a importância da participação do pai na vinculação com o bebê, e embora necessite da sua ajuda, nem sempre a mãe consegue permitir, facilitar ou estimular o envolvimento do pai com o bebê. Brazelton e Cramer (1992) entendem esta dificuldade como uma ameaça à unidade simbiótica da mãe com o bebê.

Para Holland (1993), é necessário que as mulheres redefinam seu papel em relação aos companheiros. Isto implica em um realinhamento do poder materno e em uma divisão mais coesa dos papéis domésticos. Assim como os homens precisam aprender novos papéis, as suas companheiras devem deixá-los aprender. Esta não é uma tarefa simples, afirma Jablonski (1999), pois embora solicitem a ajuda dos maridos, muitas vezes as mulheres resistem (conscientemente ou não) à entrada dos homens nos seus “santuários”.

Da mesma forma, acredita Burdon (1998) que muitas vezes é a mulher que resiste a uma maior aproximação do marido com o bebê. Segundo o autor, isto acontece particularmente quando ela não está satisfeita com sua atividade profissional ou quando toda sua satisfação vem de suas atividades de gerenciamento doméstico e ela não quer dividir este espaço com o marido.

Ao comentar sobre as barreiras ao maior envolvimento paterno, Russel (1992) também refere-se, primeiro, às atividades profissionais que dificultam a saída dos homens do trabalho, de forma a poderem se envolver com os filhos nos momentos críticos e, em segundo lugar, ao questionamento sobre a competência e sensibilidade do pai em cuidar de crianças pequenas. Neste nível estaria incluída a resistência imposta pela própria mãe, que temeria perder seu domínio de poder dentro do lar. O autor aponta como uma barreira importante a existência de um temor de que o maior envolvimento do pai poderia resultar em abuso físico ou sexual das crianças.

Anderson (1996) entende que o ajustamento do pai em seu trabalho, em sua vida social, no relacionamento com sua esposa e consigo mesmo, influencia o seu relacionamento com o bebê. A relação do pai com seus próprios pais e o apoio emocional e informativo que ele recebe de sua esposa também são fatores importantes para a relação pai-bebê. A partir de um estudo qualitativo envolvendo 14 pais com bebês de dois meses de idade, a autora conclui que as mães têm uma forte influência no desenvolvimento do relacionamento do pai com seu bebê, convidando ou excluindo o pai dos cuidados com o recém-nascido.

Os estudos de Krob (1999), na literatura local, reforçam a idéia da mãe podendo funcionar como uma barreira ao envolvimento pai-bebê. De acordo com a autora, quando os pais sentiam pouco estímulo por parte das esposas ou desaprovação das suas condutas com o bebê, percebia-se uma “retirada” (p. 84) dos mesmos e uma relação pai-bebê mais tradicional. Ao contrário, quando valorizados, com sentimentos de aprovação, os pais tendiam a prosseguir, envolvendo-se mais com o bebê, e a superar suas inseguranças e medos.

1.6.4 A família ampliada como rede de apoio aos pais/ Matriz de apoio

Segundo Miermont (1987/1994), em seu dicionário de terapia familiar, uma rede familiar inclui o conjunto de caminhos materiais ou fictícios que de uma maneira informal e espontânea vinculam as pessoas. Sudbrack (1996), pesquisadora e terapeuta familiar, retoma a prática de redes na terapia clínica como um recurso que conduz à melhoria da qualidade de vida e à promoção da saúde familiar. Trata-se de buscar recursos não apenas na família ampliada, mas em todo o sistema social. É o

que ela denomina de “rede aberta” (Sudbrack, 1996, p. 102), ou seja, pessoas que se organizam para promover mudanças em conjunto, ou oferecer apoio a outras, de maneira não burocrática.

A função principal da família ampliada, segundo Bradt (1995), é a de constituir recursos ativos de apoio para a nova família. Segundo o autor, sempre que nasce um bebê, todos os membros da família avançam um grau no sistema de relacionamentos: o sobrinho passa a ser primo, o irmão passa a ser tio, o pai passa a ser avô, o marido e a esposa transformam-se, também, em pai e mãe.

Com o nascimento do bebê, segue o autor, estas relações vão se alterar, geralmente visando uma aproximação. Mesmo em famílias distantes e conflituadas, a chegada do bebê pode funcionar como um facilitador das relações. Por vezes, podem ocorrer conflitos entre os dois grupos de avós, revelando certa competitividade pelos cuidados e afetos do neto.

A mudança principal desta etapa para os avós, de acordo com Carter e McGoldrick (1995), consiste em passar para uma posição secundária, mas afetuosa, permitindo que os filhos funcionem como as autoridades principais. Quando o vínculo entre os pais e os avós é satisfatório, acrescentam as autoras, esta etapa passa a ser gratificante para os avós, que podem ter bastante intimidade com os netos sem ter que assumir as responsabilidades que a paternidade e a maternidade requerem.

Quando nenhum membro da família ampliada está disponível, uma alternativa do casal é empregar alguém que cuide do bebê. Segundo Carter e McGoldrick (1995), este é um recurso caro e normalmente é bastante difícil encontrar um profissional de confiança e que seja competente no trato com a criança. Quanto menor a criança, acrescentam as autoras, mais difícil confiar nos cuidados de um profissional, uma vez que as reclamações por parte do bebê nem sempre são facilmente decifradas.

Outra alternativa encontrada por alguns casais que insistem em cuidar sozinhos do seu filho, são os turnos alternados de trabalho. É uma alternativa que pode ser benéfica para a criança mas que, na maioria dos casos, traz prejuízos para o relacionamento do casal.

Segundo Stern (1997), o desaparecimento da família ampliada para ajudar a mãe não foi adequadamente substituído por nenhuma outra unidade social, estrutura

médica ou de saúde, o que determinou uma pressão maior sobre o marido. Stern desenvolveu o conceito de “matriz de apoio”, referindo-se à “necessidade da mãe de criar, permitir, aceitar e regular uma rede de apoio protetora, benigna, para que ela possa realizar plenamente as tarefas de manter o bebê vivo e promover seu desenvolvimento psico-afetivo (Stern, 1997, p.166)”. Esta rede de apoio incluía, geralmente, uma mulher (a mãe da mãe) e uma rede maternal, formada por enfermeiras, tias, comadres, irmãs, etc. Só mais recentemente o marido passou a ser incluído.

A primeira função da matriz de apoio, de acordo com Stern, é proteger a mãe fisicamente, prover suas necessidades vitais e por algum tempo afastá-la das exigências da realidade externa para que ela possa dedicar-se ao cuidado do bebê. A segunda função é mais psicológica e educativa e consiste em fazer com que a mãe sintase apoiada, valorizada, instruída e ajudada. Stern acredita que o sistema de apoio terá efeitos diretos sobre as representações e sobre a interação mãe-bebê, aquilo que a mãe faz, comportamentalmente, com seu filho.

Este pensamento está coerente com as idéias de Bowlby (1989) de que a gestante e a mãe de filhos pequenos têm fortes desejos de serem elas mesmas cuidadas, principalmente por suas mães e maridos. De acordo com Bowlby, a ativação do comportamento de apego nestas circunstâncias é universal e não deveria surpreender ninguém.

A importância de existir uma rede social de apoio tanto para a gestante como para o futuro pai foi um tema pesquisado por Brown (1986), que buscou relações entre a existência de uma rede de apoio eficiente e a incidência de estresse e problemas de saúde. A autora constatou que os pais também necessitam de apoio, embora os tipos de problemas de saúde que eles apresentem sejam menos persistentes, graves e recorrentes que os da gestante, possivelmente por não terem as mesmas demandas físicas que esta.

Guedeney e Lebovici (1999), ao tratarem de bebês de risco, destacam a importância dos avós como apoio, junto aos quais os pais buscarão uma opinião e, quando a situação exigir, autorização para determinados procedimentos médicos. Os autores entendem que quando a relação pais-avós é satisfatória, os avós são os

primeiros a cuidarem dos bebês doentes, a serem confrontados com as dificuldades da criança, com suas angústias, sempre solicitados a fornecer respostas às inquietações dos pais.

Enfim, o que constatamos é que a etapa que marca o início da vida familiar é uma das mais desprovidas de apoio. Parece que, em primeiro lugar, é necessário conscientizar os casais que terão seu primeiro filho de que esta é uma tarefa que eles dificilmente conseguirão desempenhar sem uma rede de apoio adequada. Em seguida, é preciso resgatar os vínculos com a família ampliada ou extensa, ou, na impossibilidade destas, providenciar substitutos para os cuidados do bebê e para respaldar o casal.

1.6.5 O desenvolvimento do bebê

Para compreender as interações pais/bebê ao longo do primeiro ano de vida, é necessário conhecer um pouco sobre o desenvolvimento do bebê. Spitz (1965/1979), Mahler (1963/1982), Winnicott (1960/1993) e Stern (1997), são autores que se destacam na literatura sobre o desenvolvimento infantil durante o primeiro ano de vida.

Spitz, que foi um dos primeiros psicanalistas a se preocupar com o desenvolvimento do bebê do ponto de vista psicológico, acreditava que os três primeiros meses de vida da criança configuravam um estágio de completo desamparo e passividade. Ele propôs três períodos sucessivos do desenvolvimento do bebê nos quais ele passa de um nível de integração psicológica para o seguinte, superior e mais completo que o anterior. São eles: ao redor dos 3 meses, 8 meses e 14 meses.

O terceiro mês é um marco dentro do desenvolvimento do bebê pois é quando aparece o sorriso, precursor das relações objetais, marcando o progresso físico e psicológico do bebê e permitindo-lhe coordenar parte do seu equipamento somático para expressar uma experiência psicológica. Para Spitz, o sorriso é indicador do início do comportamento ativo do bebê. Ele agora pode responder à face adulta com um sorriso, sugerindo a existência de traços de memória. O advento do sorriso é um importante passo na integração do ego; ele marca o início das relações sociais do bebê, que deverá ser o protótipo de todas as suas relações sociais subsequentes.

Entretanto, o ego ainda rudimentar do bebê não seria capaz de fazer discriminação entre um amigo e um estranho e, assim, protegê-lo do perigo. Nessa fase, a mãe age como um ego auxiliar ajudando o bebê a fazer essa discriminação.

Aos redor dos oito meses, a característica básica do bebê é o brincar junto com os pais e um objeto inanimado. A aquisição da coordenação entre as mãos e entre estas e os olhos, somada à curiosidade pelos objetos que o cercam, tornam o brincar com objetos sua atividade mais intensa. Nesta fase, é interessante observar como os pais interagem com a criança: se iniciam ou terminam o brinquedo, se mudam de direção, se respeitam as decisões do bebê ou se tentam impor suas vontades. Características de proximidade e de afastamento, de intrusividade ou de desligamento, de satisfação ou de aborrecimento podem ser observadas na interação entre os pais e o bebê.

Para Spitz (1965/1979), neste período existem mudanças decisivas no comportamento do bebê: ele distingue as pessoas demonstrando saber quando trata-se de um estranho através de um comportamento inconfundível de rejeição. É o que o autor denomina de “ansiedade dos oito meses”. A criança demonstra claramente ansiedade quando a mãe se afasta e verifica que a pessoa que está presente não é aquela que ela conhece, ou seja, que ela lembra quem é a mãe. Para Spitz, esta capacidade de memória que o bebê apresenta aos oito meses reflete que ele estabeleceu uma verdadeira relação objetal, e que a mãe se tornou o seu objeto de amor. O ego do bebê já é capaz de mediar seus impulsos instintivos sob a forma de necessidades, desejos, esforços e evitações, que são canalizados para a conduta e expressão afetiva.

Na transição dos seis para os oito meses, Spitz refere que a criança passa a conseguir realizar o movimento de cabeça de negação, quando ela recusa algo que, no momento, não deseja. Entre oito e dez meses, demonstra entender e utilizar os gestos de negação e de permissão e passa a utilizá-los com maior frequência. Consegue estabelecer relações entre os brinquedos e objetos que a cercam, demonstrando preferências, não apenas pelo que está ao seu alcance. A ação maior desta fase é imitar gestos e procurar verbalizar, de alguma forma, tentando expressar seus desejos e indicar objetos. No nível afetivo, o autor identifica o aparecimento de uma gama de

sentimentos como as mudanças bruscas de atitudes emocionais. A criança pode ter acessos de raiva, de ciúmes, sentimento de posse, e logo demonstrar amor e satisfação.

Ao redor dos 14 meses, há uma mudança significativa no desenvolvimento do ego da criança. Há evidências, segundo Spitz, de processos de pensamento no bebê, como quando uma pessoa que é considerada sua amiga muda de aparência e se torna um estranho para ele. Nesse momento, o ego está agindo como proteção face ao perigo do “estranho”.

Mahler (1963/1982), assim como Spitz, não acreditava que o bebê era capaz de ser ativo na interação desde cedo. Para ela, a falta de preparo biológico do bebê humano em manter sua própria vida fazia com que ele não fosse capaz de separar seu próprio “self” de qualquer objeto, ou seja, de diferenciar a realidade interna e externa e entre si e o mundo que o rodeia. Mahler denominou de autismo normal essa fase que vai do nascimento até aproximadamente o segundo mês de vida do bebê.

Após essa primeira etapa do desenvolvimento infantil, a autora chamou de fase simbiótica aquela em que começa a haver uma diferenciação rudimentar do ego do bebê, ainda que os limites entre o “self” do bebê e o da mãe permaneçam confusos. O bebê passa a perceber, de forma vaga, que suas tensões instituais como fome e outras necessidades são amenizadas por algo vindo de fora dele. A fase simbiótica vai do segundo mês até ao redor dos cinco meses de vida do bebê.

Assim, ao redor dos cinco meses deve se iniciar a fase de “separação-individuação” (Mahler, 1963/1982). Essa etapa é um pré-requisito fundamental para o desenvolvimento e manutenção do senso de identidade da criança, pois o bebê deve se sentir satisfeito com sua atuação independente de sua mãe ao mesmo tempo em que freqüentemente ele volta à mãe para um reabastecimento libidinal.

A fase da “separação-individuação”, segundo a autora, é dividida em quatro subfases. A primeira delas é a “diferenciação”, ao redor dos 5-6 meses, que coincide com a maturação motora e a criança passa a querer se locomover, engatinhar, levantar-se, manifestar prazer no uso de seu corpo, buscar prazer e estimulação no mundo externo, brincar de esconde-esconde, etc. Sua característica principal é a diminuição da dependência corporal da mãe, até então total. O íntimo contato com a

mãe é que possibilita o aparecimento dessas funções do bebê, que nesse momento centram-se preferencialmente nos seus próprios movimentos corporais e em sua mãe.

A segunda subfase proposta por Mahler é a “exploração”, entre 7 e 15 meses, em que há um investimento narcisista do bebê em suas próprias funções e no seu próprio corpo. Com o aparelho locomotor bastante amadurecido, a criança “esquece” a presença da mãe quando está explorando o mundo. Outros adultos com os quais a criança esteja acostumada, além da mãe, passam a ser aceitos para ficar em sua companhia.

A subfase da “reaproximação” ocorre entre os 15 e 22 meses. É nesse período que geralmente as crianças passam a dominar a locomoção, aumentando sua consciência da separação física de sua mãe. É típico deste período o retorno da criança à mãe pelo temor à perda da separação objetal, o uso de pronomes “eu” e “mim” e a fase negativista do “não”.

Por fim, a última subfase proposta por Mahler é a “individuação”, que vai aproximadamente dos 20 aos 36 meses da criança. O desenvolvimento de complexas funções cognitivas faz com que a criança obtenha a constância objetal, o que se torna evidente na representação distinta do seu “self” e do “self” de sua mãe.

Winnicott (1960/1990), em contraste com as idéias já expostas, dizia que apesar de o bebê humano ser totalmente dependente do seu cuidador, ele tem um potencial herdado que significa a tendência ao crescimento e ao desenvolvimento, que interage com as condições ambientais. O mesmo autor, inclusive, foi um dos primeiros a destacar a importância do desenvolvimento pré-natal e dos primeiros dias e horas de vida para a evolução da personalidade e do caráter da criança (Winnicott, 1958/1993).

No processo rumo à independência da criança, Winnicott (1963/1993) identificou três etapas. A primeira delas seria a “dependência absoluta”, isto é, a etapa em que o lactente necessita da satisfação de suas necessidades fisiológicas e consistência no ambiente no que se refere à empatia materna. Nessa fase, Winnicott destacou dois aspectos importantes da relação mãe-bebê: “holding”, que seria o relacionamento real da mãe e do bebê quando este ainda não separou seu “self” de seu cuidador, e a “preocupação materna primária” (1956/1978), que seria uma

condição emocional especial da mãe que aumenta sua sensibilidade para compreender o que o bebê sente e que é muito importante para o desenvolvimento de um “self” verdadeiro.

Logo após a etapa de dependência absoluta vem a dependência relativa (Winnicott, 1963/1993). Neste período, a mãe deve ser capaz de prover uma desadaptação gradual com seu bebê para retomar gradativamente a sua própria independência e a volta à sua vida. O pai tem um papel muito importante neste processo, fazendo-a se sentir segura e amada.

Após as fases de dependência absoluta e relativa, aos poucos a criança vai se tornando capaz de desbravar o mundo. Essa etapa da “independência” não ocorre somente pela tendência inata da criança ao desenvolvimento, mas também pela relação que estabelece com sua mãe, no cuidado e na sensibilidade necessários à criança (Winnicott, 1958/1993).

Stern (1997), aliando a psicologia do desenvolvimento à psicanálise, vai além das idéias já expostas e refere que desde muito cedo o bebê já possui um mundo representacional, assim como seus pais. A experiência de estar com outra pessoa faz com que o bebê capte a vida mental de seus pais através de seus comportamentos manifestos. Essas experiências interacionais em conjunto com as expectativas, medos, sonhos e lembranças da própria infância por parte dos pais vão formando o mundo representacional desse bebê.

De acordo com o autor, existem janelas clínicas no desenvolvimento da criança que se referem a pontos nodais ou a saltos desenvolvimentais que ocorrem em períodos específicos do desenvolvimento. Esses períodos acarretam mudanças afetivas, motoras, cognitivas e sociais ao bebê, enfim, em quase todos os aspectos do seu desenvolvimento. Dessa forma, se a capacidade para relacionar-se do bebê muda, então a interação dele com os pais também deve ser reorganizada.

Segundo Stern (1997), durante os dois primeiros anos, estes saltos ocorrem por volta dos 0 aos 2 meses e meio, dos 2 meses e meio aos 5 meses e meio, dos oito aos 12 meses e dos 18 aos 24 meses. A caracterização que segue é proposta pelo autor, e refere-se às capacidades do bebê para a interação.

A primeira janela clínica proposta por Stern (0 aos 2 meses e meio) é constituída pela alimentação, sono, episódios de choro e tranquilização. O afeto que os pais expressam ao bebê devem ser fontes de regulação desses ciclos e dos intercâmbios sociais que ocorrem nesses momentos.

A partir dos 2 meses e meio até os 5 meses e meio a característica básica do relacionamento pais/bebê é a interação face-a-face. Nada é capaz de atrair ou manter mais a atenção do bebê que o rosto, a voz, o toque e o movimento humanos. Nesta idade, o bebê está apto a controlar o olhar, a vocalizar e responder com sorrisos, e estes comportamentos sociais e afetivos são utilizados para regular a interação face-a-face. É provável que, ao terceiro mês, o sono e a alimentação já tenham sido regulados, fazendo parte da rotina do bebê. E, como ele ainda não adquiriu a coordenação mão-olho ou mão-para-mão, o que permitiria interagir com objetos, nem pode locomover-se, ele é uma espécie de “prisioneiro” (Stern, 1997, p.73) da situação face-a-face. É através da interação face-a-face que se podem detectar padrões de proximidade ou de afastamento entre os pais e o bebê, por exemplo, através da responsividade da mãe ao olhar do bebê enquanto mama.

Na terceira janela clínica, que ocorre ao redor dos oito e doze meses do bebê, Stern (1997) identifica dois eventos desenvolvimentais importantes: o primeiro refere-se ao apego e o segundo, ao advento da intersubjetividade. Ao final do primeiro ano, os comportamentos característicos de apego e separação em relação aos pais (ou cuidadores primários) podem ser facilmente identificados, através de demonstrações de afetos, de busca de conforto ou de comportamentos cooperativos. A intersubjetividade refere-se à descoberta, por parte do bebê, que sua mãe tem outras coisas em mente, outros interesses e preocupações, que não dizem respeito a ele, seu bebê. Nesta época, a mãe vai estabelecer os limites da exploração e a distância entre ela e o bebê, algumas vezes atendendo seus próprios desejos, sem respeitar as necessidades de apego do filho. Proximidade e afastamento serão características observadas entre pais e bebê no jogo e no brincar com objetos, bem como nas interações afetivas.

Entre os 18 e 24 meses da criança, segundo o autor, começa a surgir uma nova forma de a criança se relacionar com o outro em que ela é capaz de transcender a

experiência imediata. Isto se deve basicamente ao desenvolvimento da linguagem, da capacidade empática e do brincar simbólico da criança, que altera não só seus relacionamentos mas também sua própria experiência subjetiva.

1.7 Objetivos e questões de pesquisa

O pai vem ocupando um espaço diferenciado e ainda um tanto indefinido na sociedade atual. Segundo Shapiro (1987), até poucas décadas atrás, o nascimento era assunto feminino e as gestantes contavam com uma extensa rede de apoio de familiares, que incluía a mãe, as tias, as irmãs, a parteira, entre outras mulheres disponíveis, por dedicarem-se apenas às tarefas domésticas.

Com a saída das mulheres para o mercado de trabalho e a diminuição do tamanho das famílias, o número de pessoas disponíveis para assistir à gestante e ao bebê reduziu consideravelmente. Paralelo a isto, ocorreu o processo de inclusão do pai desde antes do momento do nascimento do filho, com a sua participação no acompanhamento pré-natal e no momento do parto (Brazelton, 1988). Os pais passaram a ser pessoas fundamentais como apoio às futuras mães, e, mais recentemente, como parceiros nos cuidados do recém-nascido.

Houve uma mudança social radical quanto às expectativas de participação do pai. Hoje ele deve participar do pré-natal e, sempre que possível, do parto, pois, de acordo com a ideologia atual, refere Silveira (1998), não é mais a mãe que engravida, mas o casal que fica grávido. De acordo com o autor, de uma hora para outra, e sem preparo prévio, o homem deve ter sentimentos e assumir tarefas para as quais não foi socialmente preparado, devendo assumir um papel para o qual ele não tem modelos.

A ausência de modelos para o papel que se espera que o pai assumira é uma queixa trazida por vários estudiosos do tema (Hyssälä, Hyttinen, Rautava & Sillanpää, 1993; Shapiro, 1987; Silveira, 1998; White, 1994). Se faltam modelos, como se processa, então, a construção desta nova identidade de pai? Existe, de fato, um novo pai, aquele que acredita e que obtém igualdade com a mãe no cuidado dos filhos, como define Stern (1997)?

Retomando as idéias de Lewis e Dessen (1999), entende-se que é necessário que os pesquisadores de família acompanhem as mudanças sociais e que investiguem quem são e o que fazem os pais em cada cultura. Segundo os autores, quando nada ou quase nada é conhecido sobre os pais em determinado contexto, deve-se começar descrevendo os papéis paternos em atividades diárias e analisando o conteúdo e a qualidade das interações familiares. Para que se façam progressos metodológicos quanto ao estudo da paternidade, os autores sugerem, entre outras coisas, mais planejamentos longitudinais empregando análise seqüencial da interação pai-criança, em diferentes contextos de coleta de dados.

A proposta deste estudo é compreender como o homem constrói o seu modelo de paternidade e quais as repercussões deste novo papel na interação familiar e no relacionamento do pai com o bebê. Pensou-se em partir da análise das expectativas de modelos de pai trazidas nas entrevistas, tanto pelo futuro pai quanto pela gestante, pois entende-se que as expectativas da mãe sobre o futuro pai participam da determinação da qualidade de vínculo que irá se estabelecer entre o pai e o bebê. Também pretende-se conhecer os modelos construídos pelos futuros pais em suas famílias de origem.

Após o nascimento do bebê, pretende-se confrontar as expectativas de modelo com a experiência inicial da paternidade, verificando como este modelo de paternidade aparece, tanto na interação da díade pai/bebê, quando da nova tríade familiar. O processo de construção de um modelo de paternidade poderá ser reavaliado aos três e aos doze meses do bebê, sempre confrontado com as expectativas iniciais do pai e da mãe e reforçados (ou não) pela análise da interação familiar e da díade pai/bebê.

A opção pelo referencial familiar sistêmico justifica-se pela possibilidade de analisar o pai dentro de uma relação triádica (pai-mãe-bebê). Embora tenha-se constatado a existência de uma importante lacuna teórica quanto ao desenvolvimento da família e ao lugar do pai durante o primeiro ano do bebê, a abordagem sistêmica pareceu ser a teoria que mais oferece subsídios para a compreensão das interações familiares e do envolvimento do pai com seu bebê.

Como a proposta deste estudo é analisar o processo de construção da paternidade, tendo como foco o envolvimento paterno, optou-se por trabalhar com três diferentes etapas evolutivas da família, quais sejam: o casal durante o último trimestre de gravidez, a família com um bebê de três meses e a família com um filho de um ano de idade. Os intervalos respeitam etapas consideradas significativas do ponto de vista desenvolvimental do bebê (Spitz, 1965/1979; Stern, 1997).

Tendo em vista o acima exposto, foram levantadas as seguintes questões de pesquisa:

Durante a gestação

- Quais as expectativas do homem em relação à paternidade?
- Quais as expectativas da mulher em relação ao desempenho do companheiro como pai?
- Quais os modelos de paternidade existentes nas famílias de origem do futuro pai e da futura mãe?
- Quais as expectativas do casal em relação à matriz de apoio familiar?

Após o terceiro mês do bebê

- Como está sendo o envolvimento paterno, segundo avaliação do pai?
- Como está sendo o envolvimento paterno, segundo avaliação da mãe?
- Qual é a matriz de apoio familiar existente?

Após o primeiro ano do bebê

- Como está sendo o envolvimento paterno, segundo avaliação do pai?
- Como está sendo o envolvimento paterno, segundo avaliação da mãe?
- Qual é a matriz de apoio familiar existente?

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Delineamento

Trata-se de um estudo de caso coletivo (Stake, 1994), longitudinal, de natureza exploratória, que teve por objetivo investigar o processo de construção da paternidade, desde a gestação até o primeiro ano do bebê.

Segundo Stake, é útil separar os estudos de caso em três tipos: estudo de caso intrínseco, instrumental e coletivo. O primeiro, estudo de caso intrínseco, é realizado devido ao seu interesse intrínseco em um determinado caso, por isso não busca a compreensão de algum fenômeno genérico ou constructo abstrato. Já no estudo de caso instrumental, o caso serve para ajudar na compreensão do problema ou teoria, e portanto o interesse no caso é secundário apesar de ele ser visto em profundidade e pormenorizado. Por fim, no estudo de caso coletivo o pesquisador escolhe vários casos porque acredita que sua compreensão facilitará o entendimento de um fenômeno, de uma população ou de alguma condição geral, podendo resultar em uma melhor compreensão ou teorização sobre um outro maior número de casos. De qualquer forma, tal como o estudo de casos múltiplos proposto por Yin (1989), não existe uma preocupação com a generalização estatística dos dados, e sim, com a generalização analítica.

A pesquisa qualitativa, segundo Deslandes, Neto e Gomes (2002), busca compreender a realidade humana vivida socialmente, aprofundando-se no mundo dos significados das ações e relações humanas que não podem ou devem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Banister, Burman, Parker, Taylor e Tindal (1996) entendem que esse tipo de pesquisa deve ser um estudo interpretativo e reflexivo de um tema ou problema específico, no qual o pesquisador é central para dar sentido ao que é feito. Ela deve envolver o questionamento das relações da psicologia e áreas afins, explorando, elaborando e sistematizando o significado do fenômeno investigado. Minayo (2000) acrescenta, ainda, que o indivíduo deve ser entendido em relação com sua condição social de

determinado grupo social, suas crenças, valores e significados, indo além dos fenômenos percebidos pelos nossos sentidos.

No presente estudo, pretende-se compreender o processo de construção da paternidade, analisando-se três etapas do primeiro ano da vida familiar, quais sejam: a gestação, o terceiro mês e o primeiro ano após o nascimento do primeiro filho.

2.2 Participantes

De uma amostra de 114 famílias entrevistadas, foram selecionados 6 casais que estavam esperando seu primeiro filho. No momento da primeira coleta de dados, as gestantes responderam a uma ficha denominada Contato Inicial, que atendiam aos seguintes critérios: a gestante deveria ser primípara, estar no último trimestre da gestação, e em boas condições de saúde, deveria morar com o pai do bebê e o casal, ambos com mais de 20 anos, deveriam residir na capital ou proximidades.

Os casos foram recrutados em 3 hospitais públicos da capital, com atendimento materno-infantil, e em 3 Unidades Básicas de Saúde, vinculadas à Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre. Os hospitais particulares da capital foram convidados a participar, mas alegaram que o recrutamento das gestantes poderia atrapalhar a rotina de atendimentos e invadir a privacidade das pacientes. Para contemplar a população de nível sócio-econômico mais elevado, iniciou-se uma rede de indicações, através dos próprios componentes do GIDEP/UFRGS, incluindo obstetras, ginecologistas e pessoas conhecidas. Alguns casos foram indicados pelas próprias gestantes que já participavam do estudo. Ao final do primeiro ano do grupo, foi realizada divulgação do projeto na mídia (imprensa local), quando foram recrutados os últimos casos.

Este projeto faz parte de um estudo longitudinal, realizado pelo Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS, envolvendo, a princípio, 114 famílias, com pais adolescentes e adultos, de diferentes classes sociais desta capital, com o objetivo de estudar o desenvolvimento e as interações pais-bebê durante os primeiros anos da vida familiar. Esta pesquisa recebeu aprovação do

Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, conforme documento do Anexo A.

O GIDEP, grupo coordenado pelos professores Cesar Piccinini, Rita Sobreira Lopes e Tânia Sperb, em parceria com o professor Jonathan Tudge (EUA), contou, nos seus dois primeiros anos de constituição, com o trabalho de três doutorandas, quatro mestradas e quatro bolsistas de iniciação científica. A cada doutoranda competia a responsabilidade por 15 casos, e às mestradas, 10 casos. Cada coleta de dados era realizada por uma dupla de entrevistadoras; sempre que possível, as duplas eram constituídas por uma doutoranda e uma bolsista; quando este arranjo não era viável, as próprias doutorandas e mestradas faziam parceria com as colegas, a fim de garantir a continuidade da coleta.

Atualmente, fazem parte do grupo 7 mestrados e 6 doutorandos, auxiliados por 7 alunos bolsistas de iniciação científica, pesquisando temas referentes à paternidade, maternidade, práticas educacionais, relacionamento conjugal, entre outros. Até o momento, três dissertações de mestrado já foram defendidas (Levandowsky, 2001a; Menezes, 2001; Corrêa, 2001).

Do total de 114 casos que aceitaram iniciar o processo, tendo realizado o preenchimento da ficha de dados iniciais e a entrevista com a gestante, 101 casais completaram a primeira etapa da coleta de dados, durante o último trimestre da gestação, devido à recusa dos maridos em participar. Destas 101 famílias que seguiram participando do estudo até o primeiro ano do bebê, 67 continuaram até o segundo ano. Através dos contatos estabelecidos, o GIDEP tem uma expectativa de que 50 casos sigam acompanhados até o terceiro ano do bebê.

Cabe, agora, caracterizar a amostra que aceitou participar do estudo (101 famílias), que compreendia o acompanhamento e entrevista do casal durante a gestação, a visita domiciliar, após o parto, e a entrevista familiar aos 3, 8 e 12 meses do bebê.

O grupo de mães, todas primíparas, estando no terceiro trimestre de gestação e gozando de bom estado de saúde, caracterizou-se por apresentar idades entre 14 e 37 anos, conforme retrata a Figura 2.1, exceto uma mãe que tinha 42 anos na época da primeira coleta de dados.

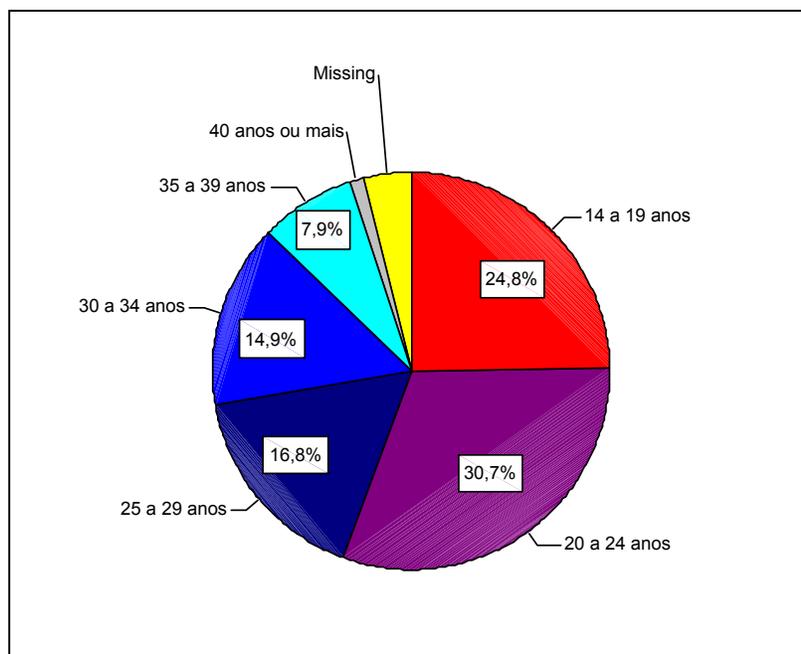


Figura 2.1 Idade das mães.

As mães foram separadas, nesta pesquisa, em dois grupos distintos: as mães adolescentes e as mães adultas, usando o critério da Organização Mundial da Saúde (1990), que define adolescente até a idade de 19 anos e 11 meses e adulto a partir de 20 anos. As mães foram reagrupadas, como mostra a Figura 2.2.

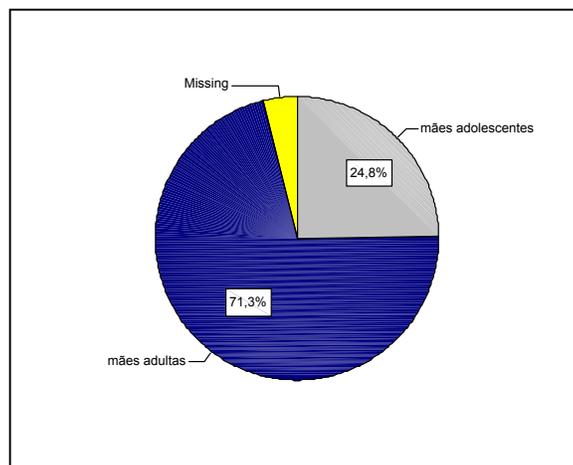


Figura 2.2 Mães adultas e adolescentes.

Já no grupo de pais, as idades variaram entre 16 e 50 anos. Deste total, 95% dos pais tinham entre 16 e 40 anos, como pode ser observado na Figura 2.3. Os cinco pais com mais de 40 anos apresentaram idades de 41,43,46,47 e 50 anos. Todos estavam esperando seu primeiro filho.

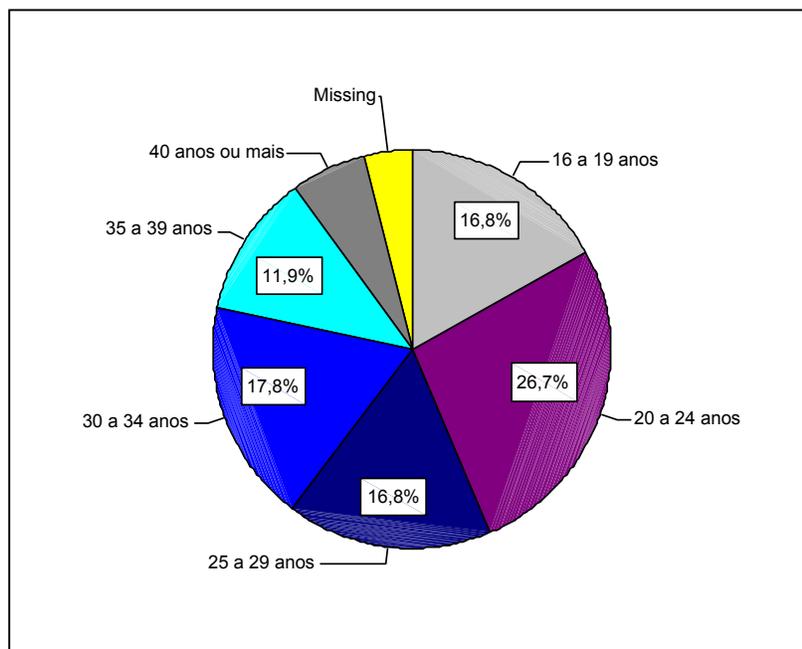


Figura 2.3 Idade dos pais.

Ao serem agrupados, tal como o grupo de mães, em pais adolescentes e pais adultos, excluindo-se o ponto de corte de 19 anos, obteve-se a seguinte distribuição: 11% eram pais adolescentes e 79% eram pais adultos, como ilustra a Figura 2.4.

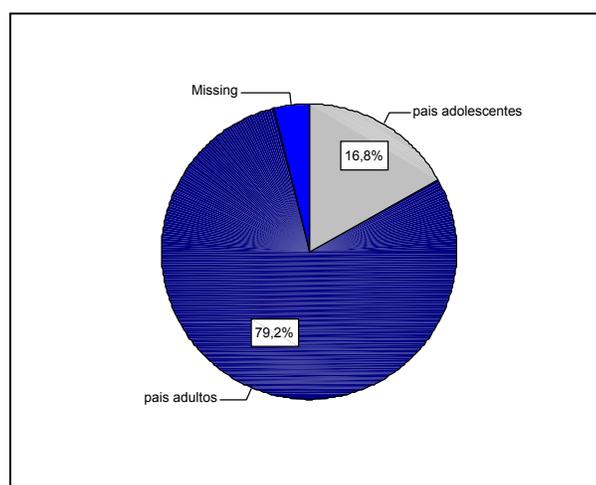


Figura 2.4 Pais adultos e adolescentes.

O nível de escolaridade dos pais, conforme ilustra a Figura 2.5, variou do primeiro grau incompleto (16 pais) até curso superior com pós-graduação (4 pais).

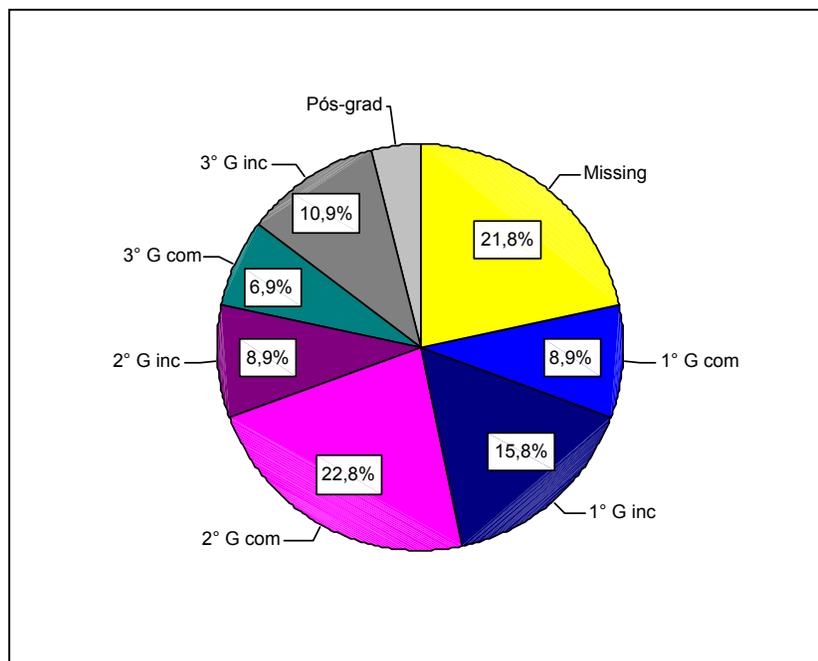


Figura 2.5 Escolaridade do pai.

A frequência maior foi de pais com segundo grau completo (23 casos); do total de 79 pais que informaram este dado, 9 pais concluíram o primeiro grau, o mesmo número de pais deixou de estudar durante o segundo grau, 11 pais iniciaram algum curso superior, sendo que sete concluíram o terceiro grau.

No grupo de mães, igualmente, a escolaridade variou do primeiro grau incompleto (8 mães) ao pós-graduação (apenas 1 caso), como ilustra a Figura 2.6. A maior frequência também foi de mães com segundo grau completo (27 casos), 10 delas iniciaram algum curso superior, sendo que 16 chegaram a concluir a terceiro grau.

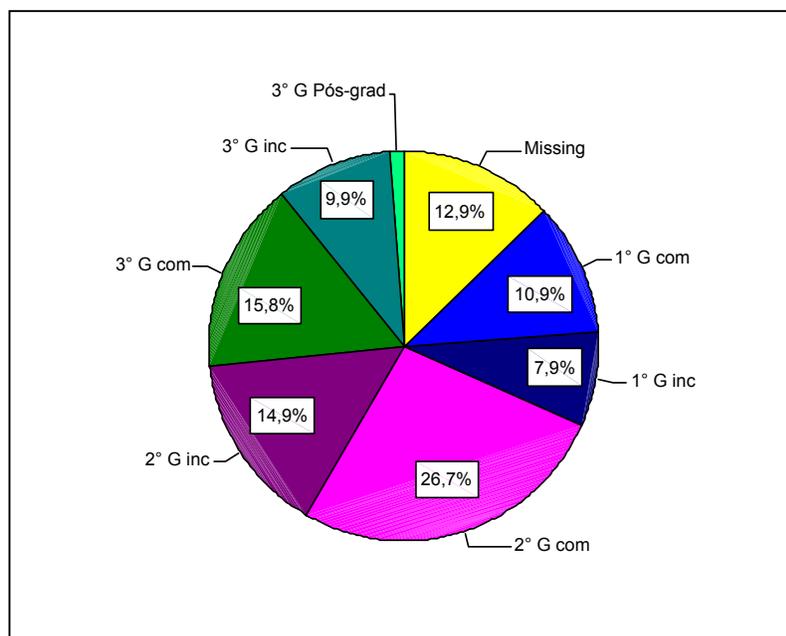


Figura 2.6 Escolaridade da mãe.

Para descrever a profissão dos pais, foram criadas 5 categorias de atividades, de acordo com o nível de formação necessária: o Grupo 1 incluiu atividades que não exigem escolaridade formal, ou aceitam primeiro grau incompleto; o Grupo 2 pressupõe a conclusão do primeiro grau. As atividades do Grupo 3 exigem segundo grau e as do Grupo 4, curso superior. O Grupo 5 inclui pais desempregados, ou que fazem "bicos" eventuais, e estudantes sem renda.

A ocupação do pai, conforme ilustra a Figura 2.7, revelou 19 pais em atividades do Grupo 1, tais como: pedreiro, servente de obras, carregador de caminhão; 20 pais exerciam atividades do Grupo 2, como auxiliar de estoque, office-boy, motorista, eletrcista e operador de máquinas; 27 pais pertenciam ao Grupo 3, desenvolvendo atividades em bancos, vendas, trabalhando com informática, etc. Os 13 pais do Grupo 4 trabalhavam, em sua maioria, como profissionais liberais; são odontólogos, engenheiros, advogados. No momento da entrevista, 4 pais estavam desempregados.

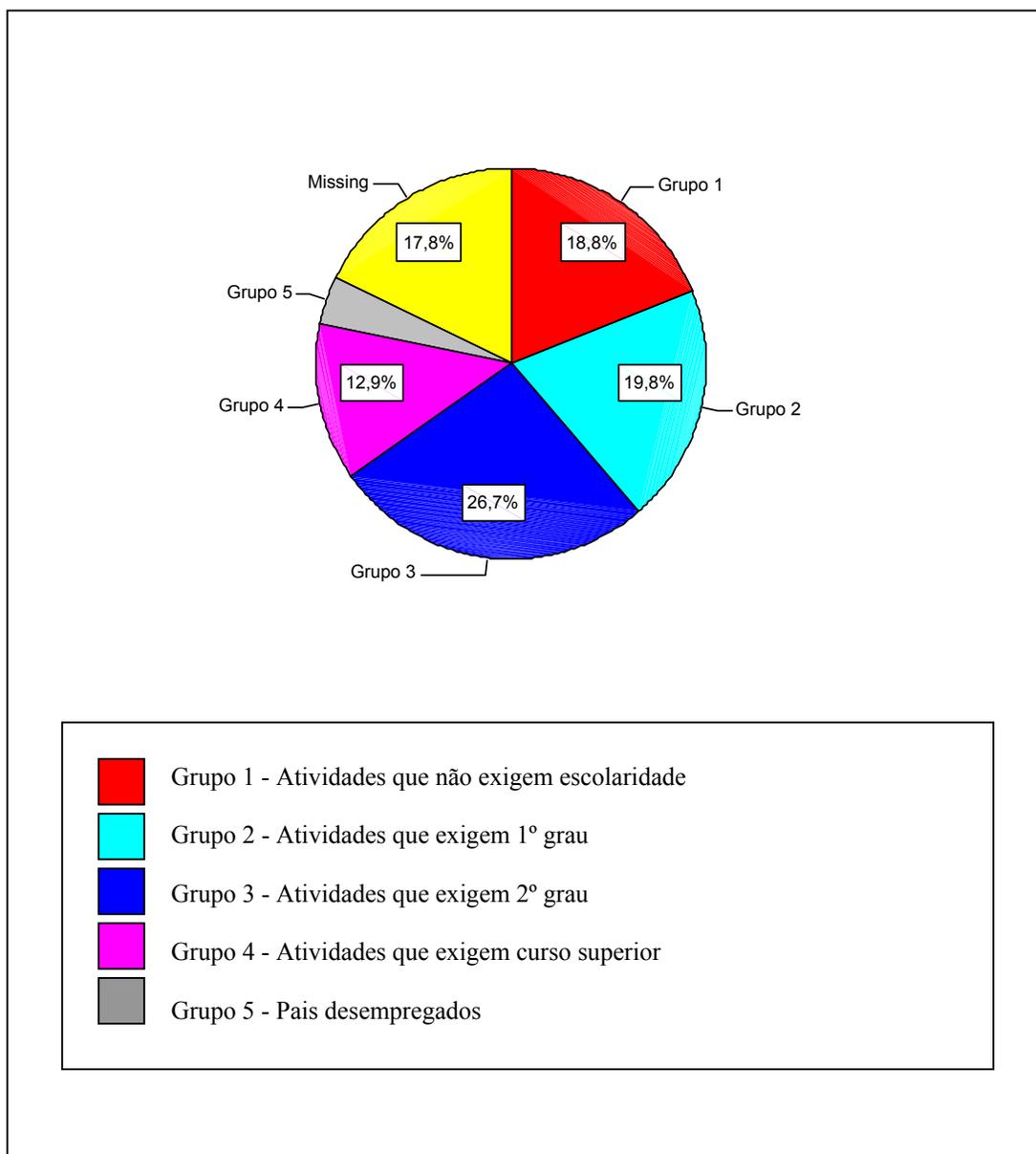


Figura 2.7 Profissão do pai.

No grupo de mães, como retrata a Figura 2.8, verificou-se que 11 delas exerciam atividades de Grupo 1, tais como: serviço doméstico, faxinas e babás; as 14 mães do Grupo 2 trabalhavam como auxiliar administrativo, cabeleireira, recepcionista, atendente de enfermagem etc. No Grupo 3, a maioria das 20 mães (8 delas) trabalhava como professora, como auxiliar de enfermagem ou com comércio. As 10 mães do Grupo 4 atuavam como psicólogas, psicopedagogas ou odontólogas.

No momento da entrevista, 33 mães estavam sem renda, algumas estudando, outras fazendo "bicos" eventuais como doceiras, costureiras, etc., ou ocupando-se do trabalho de casa.

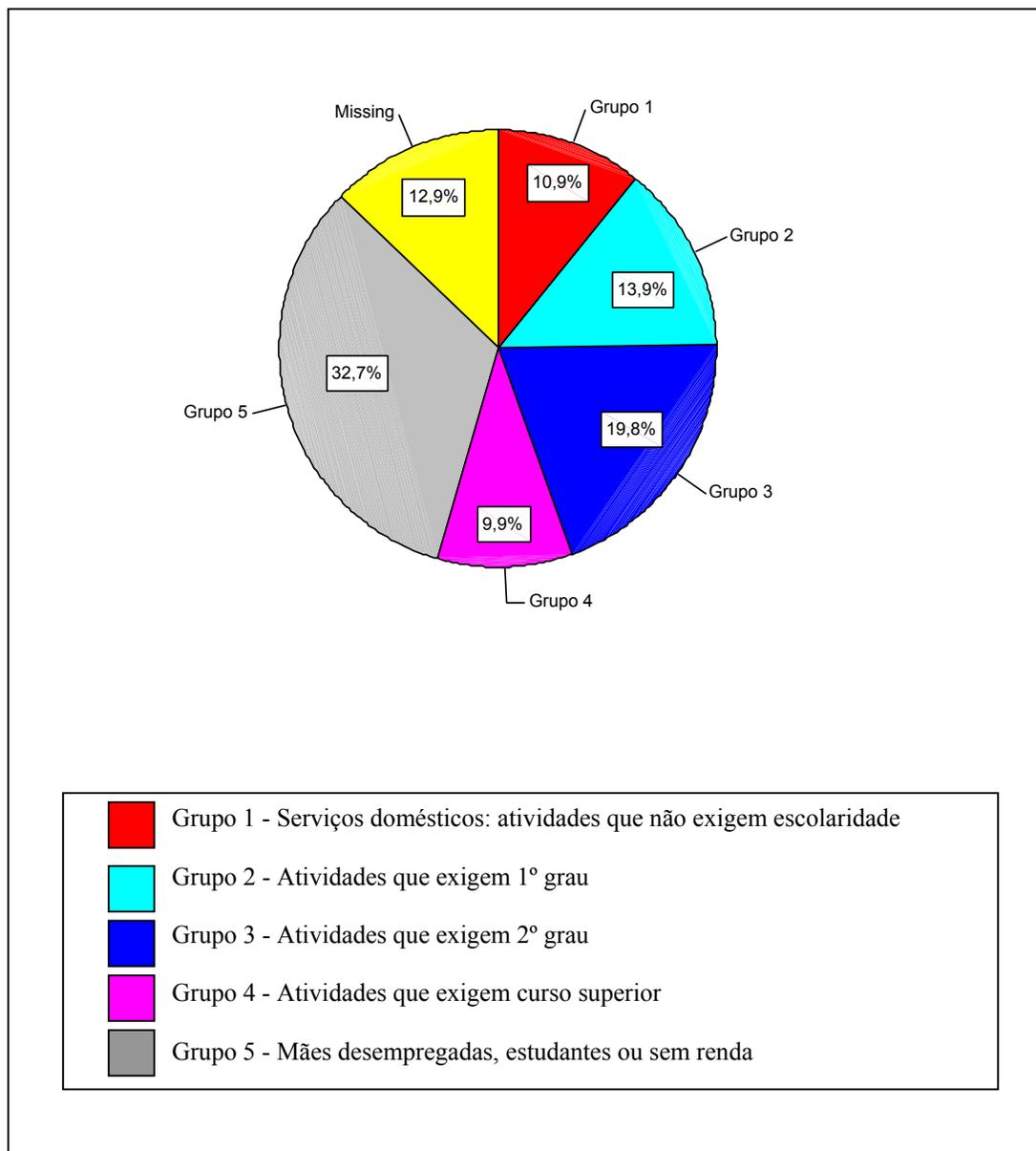


Figura 2.8 Profissão da mãe.

A seleção dos casos analisados em profundidade foi realizada, considerando-se os quinze casos, cuja coleta de dados estava sob responsabilidade da autora.

Destes, foram excluídos os casos de pais adolescentes (7 casos) e os casos (dois deles) que estavam com a coleta de dados incompleta.

Os seis casos analisados incluem pais e mães maiores de vinte anos, residindo juntos há pelo menos três meses, todos esperando seu primeiro filho (quatro meninas e dois meninos). Os casais foram recrutados em grupos de gestantes (4 casos) ou por indicação (2 casos).

O grupo de mães apresentou idades entre 23 e 33 anos, com escolaridade variando desde o primeiro grau incompleto até o pós-graduação. A atividade profissional das mães também foi bastante variável, conforme se pode observar na Tabela 1.

No grupo de pais, as idades variaram entre 23 e 35 anos, sendo que em quatro casos os pais eram mais jovens que as mães. Quanto à escolaridade, a maioria dos pais possuía 2^o grau completo; apenas um deles tinha primeiro grau e um deles concluiu o nível superior.

Embora todos os pais esperassem o primeiro filho, dois deles já haviam tido um casamento anterior.

2.3 Procedimentos

A pesquisadora compareceu a vários grupos de gestantes para explicar a pesquisa e recrutar casais voluntários. Aqueles que manifestaram interesse em participar preencheram a **Ficha de Contato Inicial**. Os casais que confirmaram sua participação, preencheram o **Consentimento Informado** e, em seguida, a **Entrevista de Dados Demográficos do Casal**, para complementar e confirmar os dados obtidos na Ficha de Contato Inicial.

Durante o último trimestre de gestação, a futura mãe realizou a **Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante** e o futuro pai, a **Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai**. As entrevistas foram individuais, mas ocorreram simultaneamente, na residência do casal, conduzidas por uma dupla de entrevistadoras (uma doutoranda e uma bolsista previamente treinada). Após, foi realizada a **Narrativa conjunta do casal** e, em seguida, a construção do

Tabela 1. Caracterização da amostra

| Caso | 01 | 02 | 03 | 04 | 05 | 06 |
|-----------------------------|-------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|------------------------|-----------------|--------------------------------------|
| Pai | Valter | Rodrigo | Adair | Wilson | Valdir | João |
| Idade | 28 anos | 23 anos | 35 anos | 24 anos | 29 anos | 30 anos |
| Escolaridade | 2º grau | 1º grau | 2º grau incompleto | 2º grau | Superior | 2º grau |
| Profissão | Funcionário Público | Office-boy | Auxiliar de Taquigrafia | Auxiliar de Manutenção | Advogado | Técnico em Eletricidade e Marceneiro |
| Religião | Católica | Católica | Católica | Católica | Evangélico | Umbandista |
| Mãe | Maria Lúcia | Paula | Mariléia | Elisângela | Karynne | Mariza |
| Idade | 30 anos | 24 anos | 29 anos | 23 anos | 33 anos | 33 anos |
| Escolaridade | Superior | 1º grau incompleto | 2º grau | 2º grau | Doutoranda | Superior |
| Profissão | Professora | Do lar | Técnica em Enfermagem | Recepcionista | Odontóloga | Auxiliar Administrativo |
| Religião | Católica | Católica | Católica | Católica | Católica | Católica e Espírita |
| Bebê | Dara | Diane | Alice | Gabriel | Pedro | Maria Eduarda |
| Sexo | Feminino | Feminino | Feminino | Masculino | Masculino | Feminino |
| Recrutamento | Grupo de Gestantes / Hospital | Grupo de Gestantes / Centro de Saúde | Grupo de Gestantes / Hospital | Indicação | Indicação | Grupo de Gestantes / Hospital |
| Configuração Familiar | Família Nuclear | Família Nuclear | Família Nuclear | Família Nuclear | Família Nuclear | Família Reconstituída |
| Tempo de Casamento dos Pais | 5 anos | 3 meses | 8 anos | 3 anos | 3 anos | 4 anos |

Genograma, com o casal. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para fins de análise e eram semi-estruturadas (Laville & Dione, 1999), ou seja, as perguntas feitas seguiam um roteiro mas o entrevistador poderia incluir novas questões e acrescentar perguntas de esclarecimento.

No primeiro mês após o nascimento do bebê, foi realizada uma visita domiciliar, com o objetivo de manter o vínculo com a família e ouvir o relato do parto. A data da visita era combinada previamente com o casal, quando este participava à equipe o nascimento do bebê, sendo, portanto, bastante variada. Na ocasião, eram entregues flores à mãe e um presente para o bebê. Após cada visita era feito o relatório, para fins de análise; este contato não foi gravado.

Após o terceiro mês do bebê, foi realizada, com a mãe, a **Entrevista sobre a experiência da maternidade** e com o pai, a **Entrevista sobre a experiência da paternidade**. O pai e a mãe foram entrevistados individualmente, em sua residência, por uma dupla de entrevistadoras; em seguida, foi realizada uma entrevista com o casal, denominada **Entrevista com o casal sobre a experiência da parentalidade**.

Passado o primeiro ano do bebê foram realizadas, novamente, as três entrevistas da etapa anterior (com a mãe, com o pai e com o casal), com a diferença que as entrevistas foram realizados no laboratório da Universidade. Trata-se de uma sala com espelho unidirecional, onde ficam dispostas duas câmaras de vídeo, em ângulos opostos, camufladas de forma a não serem identificadas pelos bebês. A mobília da sala é composta por três poltronas, uma mesa e uma cadeira de criança. No chão, sob um tapete, ficam duas almofadas e diversos brinquedos, tais como, chocalhos, bonecas, carrinhos, jogos de encaixe, livros de bebês, uma bola de pano, um carrinho de boneca, entre outros.

2.4 Instrumentos e material

1. Ficha de contato inicial (Piccinini, Lopes, Averbuch, Castoldi, Gianlupi & Ribeiro, 1998a): esta ficha era preenchida pela gestante com o auxílio da pesquisadora, após a divulgação nos grupos de gestantes, ou por telefone, nos casos de indicação, com o objetivo de selecionar possíveis participantes para o

estudo. Eram investigadas questões, tais como: a idade da gestante e do pai do bebê, escolaridade, profissão, estado civil, estado de saúde durante a gestação e data prevista para o parto. Também era solicitado o endereço completo e telefone para contato (ver cópia no Anexo B).

2. Consentimento informado (Piccinini, Lopes, Averbuch, Castoldi, Gianlupi & Ribeiro, 1998b): este documento teve por objetivo informar os objetivos da pesquisa aos participantes, oferecendo o nome e telefone do pesquisador responsável, para maiores informações (ver cópia no Anexo C).

3. Entrevista de dados demográficos do casal (Piccinini & cols. 1998c): esta entrevista incluiu dados de identificação do casal, tais como: idade, escolaridade, ocupação, outros moradores da casa, endereço e telefone para contatos. Também foi investigada a situação atual da gestação. Tinha como objetivo confirmar e/ou completar os dados informados na Ficha de contato inicial (ver cópia no Anexo D).

4. Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante (Piccinini & cols. 1998d): na entrevista com a gestante, foram investigadas as seguintes questões: (1) a evolução da gravidez, desde o momento em que a gestante ficou sabendo que estava grávida até agora; (2) como está sendo este período para o marido; (3) a reação da família de origem do casal à notícia da gravidez; (4) as expectativas em relação ao bebê; (5) as expectativas quanto ao relacionamento da gestante e do marido com o bebê, (6) os modelos de paternidade e (7) as expectativas em relação à matriz de apoio (ver cópia no Anexo E).

5. Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai (Piccinini & cols. 1998e): a entrevista com o marido segue o mesmo roteiro da entrevista anterior (ver cópia no Anexo F).

6. Genograma familiar do casal (McGoldrick & Gerson, 1985): seguido às entrevistas individuais, foi realizada a construção do genograma familiar, ou seja, a

representação gráfica da composição familiar e dos relacionamentos básicos em, pelo menos, três gerações (ver cópia no Anexo G).

O genograma permitirá, de uma forma rápida e clara, visualizar quais são os membros que constituem a família, tenham eles vínculos consangüíneos ou não, identificando a idade e ocupação (profissão/escolaridade) de cada pessoa, além de retratar o lugar ocupado por cada um dentro da estrutura familiar.

Através do genograma pode-se saber qual é a família atual do sujeito (paciente identificado), qual a situação dos casais (se ocorreu separação, divórcio ou concubinato e há quanto tempo foi) e, ainda, constatar a ocorrência de adoção, aborto, natimorto ou nascimento de gêmeos. Também podem ser identificadas as doenças sérias e as pessoas já falecidas, sendo registrado o ano e o motivo de cada morte. Outras informações relevantes podem ser incluídas no genograma, tais como a procedência das pessoas, data de migração, a ocorrência de alcoolismo, obesidade, uso de drogas, encarceramento, aposentadoria, entre outros.

De acordo com a classificação de Carter e McGoldrick (1995), quanto aos padrões de interação familiar, pode-se registrar, através do genograma, a ocorrência de relacionamentos muito próximos, relacionamentos conflituados, relacionamentos distantes, rompimentos, desavenças ou relacionamentos fusionados e conflituados, entre duas ou mais pessoas. Para este estudo, importa conhecer as configurações familiares e identificar modelos de paternidade; se possível, pretende-se detectar a presença e/ou a repetição de eventos estressores ou de padrões de relacionamento nas famílias de origem do futuro pai e da futura mãe, os quais possam interferir no envolvimento do pai com seu bebê ou no funcionamento da tríade pai-mãe-bebê.

7. Narrativa conjunta do casal (Lopes & Castoldi, 1998): após a construção do genograma, foi solicitado ao casal que contasse a sua história, desde o dia que se conheceram até o momento atual (ver cópia no Anexo H).

8. Entrevista sobre a experiência da maternidade (Piccinini & cols. 1999a): realizada após o terceiro mês e após o primeiro ano do bebê, nesta entrevista com a mãe, foram investigadas as seguintes questões: o desenvolvimento do bebê nos

primeiros três meses, a experiência de ser mãe pela primeira vez, o parto, o dia-a-dia da mãe com o bebê, como a mãe está vendo o marido como pai, a existência de uma rede de apoio e a frequência do bebê à creche (ver cópia no Anexo I).

9. Entrevista sobre a experiência da paternidade (Piccinini & cols. 1999b): realizada, igualmente, após o terceiro mês e após o primeiro ano do bebê, a entrevista com o pai segue o mesmo roteiro da entrevista anterior, incluindo a experiência de paternidade. Para fins deste estudo, foram consideradas apenas as questões que se referem à experiência de paternidade, vista pelo pai e pela mãe (cópia no Anexo J).

10. Entrevista com o casal sobre a experiência da parentalidade (Piccinini & cols. 1999c): realizada após o terceiro mês e após o primeiro ano do bebê, sempre com o casal, com o propósito de investigar práticas de cuidados com o bebê, tais como o banho, alimentação e trocas (ver cópia no Anexo K).

2.5 Análise dos dados

Todas as entrevistas foram transcritas literalmente e submetidas à análise qualitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999). Esse tipo de análise valoriza as particularidades e nuances existentes nas falas dos participantes que dão significado à mensagem que está sendo transmitida, por isso não há a necessidade de serem feitas distribuição de frequências e prevalências.

O modelo denominado pelos autores de grade aberta, ou modelo aberto de definição de categorias analíticas foi utilizado no presente estudo. Nesta modalidade que tem abordagem indutiva, vai-se elaborando aos poucos a explicação do fenômeno, examinando-se as unidades de sentido, verificando-se as relações entre estas unidades e entre as categorias em que elas se encontram reunidas e fazendo-se um retorno crítico sobre o que foi elaborado.

Na análise de cada entrevista foram enfatizadas as expectativas de envolvimento paterno do pai e da mãe e os modelos de paternidade de cada um em relação ao

processo de construção da paternidade, as experiências do pai e da mãe em relação à paternidade, e as expectativas em relação à matriz de apoio.

O envolvimento paterno foi caracterizado segundo a proposta de Lamb (1996), em termos de acessibilidade, engajamento e responsabilidade. Por acessibilidade foi compreendido o tempo que o pai dispunha em companhia do filho; o engajamento dizia respeito às atividades que o pai desempenha com o filho, bem como a sua participação em atividades de cuidado do bebê; a responsabilidade referiu-se ao comprometimento do pai nos cuidados do filho.

O genograma familiar foi analisado segundo os critérios de Carter e McGoldrick (1995). Os padrões de interação familiar também seguiram a orientação das autoras, incluindo as seguintes categorias: relacionamento estreito, relacionamento conflitual, relacionamento distante, desavença ou rompimento e relacionamento fundido e conflitual.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Os resultados deste estudo serão apresentados em duas etapas. Inicialmente, será realizada uma análise em profundidade de cada caso; a seguir, serão analisados, conjuntamente, os seis estudos de caso.

Das 101 famílias que participaram do estudo, foram selecionadas as 15 famílias cuja coleta de dados esteve sob responsabilidade da autora. Excluídos os 7 casos de pais adolescentes e 2 casos cuja coleta foi incompleta, os seis casos de pais adultos passarão a ser analisados detalhadamente.

Cada estudo de caso incluirá os seguintes itens: (1) dados de identificação e história familiar; (2) modelo de paternidade; (3) matriz de apoio; (4) o envolvimento paterno segundo o pai; (5) o envolvimento paterno segundo a mãe e, por fim, (6) a compreensão dinâmica do caso.

No primeiro item, além da identificação do casal, constará a análise do genograma familiar trigeracional, o relato da história conjugal e da notícia da gravidez, o relato da visita domiciliar no pós-parto e o relato do parto e nascimento do bebê. No item modelo de paternidade, serão incluídos os relatos do pai e da mãe. O item que se refere à matriz de apoio, incluirá, igualmente, os relatos do pai e da mãe, mas estes serão divididos em períodos, respeitando as etapas da coleta de dados, ou seja, durante a gestação, após o terceiro mês e após o primeiro ano do bebê. Já o envolvimento paterno, por ser o tema central deste estudo, será subdividido em dois itens, um referindo-se ao pai e outro referindo-se à mãe e incluirá as categorias acessibilidade, engajamento e responsabilidade.

A discussão de cada caso será apresentada, de forma a retomar as questões de pesquisa, com os seguintes itens: as configurações e relacionamentos nas famílias de origem, os modelos de paternidade, a expectativa dos pais em relação à matriz de apoio, o envolvimento paterno segundo o pai e o envolvimento paterno segundo a mãe.

Na etapa seguinte, serão analisados conjuntamente os seis estudos de caso, com vistas a identificar as particularidades e as semelhanças ou diferenças no processo de construção da paternidade destas famílias.

Os nomes das pessoas foram alterados, por questões éticas. Procurou-se, no entanto, manter as semelhanças de iniciais ou de sonoridade entre os familiares e o uso de nomes simples ou composto, quando era o caso.

CASO 1 - VALTER

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E HISTÓRIA FAMILIAR

1.1 Identificação do casal

Trata-se de um casal formado por Valter, 28 anos, funcionário público, com segundo grau completo e Maria Lúcia, 30 anos, funcionária pública do mesmo local, com curso superior completo, acumulando funções de professora e de auxiliar de laboratório.

1.2 Análise do genograma familiar

Valter vem de uma família reconstituída, devido ao segundo casamento da mãe após a morte de seu pai, como pode ser observado na Figura 3.1. É o mais velho de cinco filhos homens, cujos nomes iniciam com a mesma letra e possuem sonoridade similar. Na sua adolescência, os pais adotaram duas sobrinhas.

Maria Lúcia também vem de uma família reconstituída, pelo segundo casamento do pai. É filha da segunda união do pai e tem um irmão adotivo. Além disso, tem duas irmãs do primeiro casamento do pai. Atualmente, os pais de Maria Lúcia estão separados, sendo que a mãe, cozinheira aposentada, mora com seu irmão.

Após o casamento, Maria Lúcia e Valter construíram a casa no mesmo terreno da mãe de Maria Lúcia, pois esta achava que tinha o compromisso de cuidar da mãe que tem história de doença psiquiátrica. O relacionamento de Maria Lúcia com a mãe é próximo, mas conflituado, e Valter tem sérias dificuldades de relacionar-se com a sogra.

1.3 História conjugal e notícia da gravidez

Maria Lúcia e Valter estão casados há 5 anos, e tiveram um namoro de um ano e meio. Conheceram-se num baile; ela ainda estava ressentida com o final de um namoro de quatro anos, já encerrado há dois anos, e não queria “*se envolver*” com ninguém. Ele estava há duas noites sem dormir, emendando o trabalho do dia com a “*farra da noite*”. Valter conta que, nesta noite, um primo seu convidou-o para dançar:

...aí fui dançar, cheguei lá encontrei ela, meio dormindo, assim, mas consegui fisgar o peixe (risos).

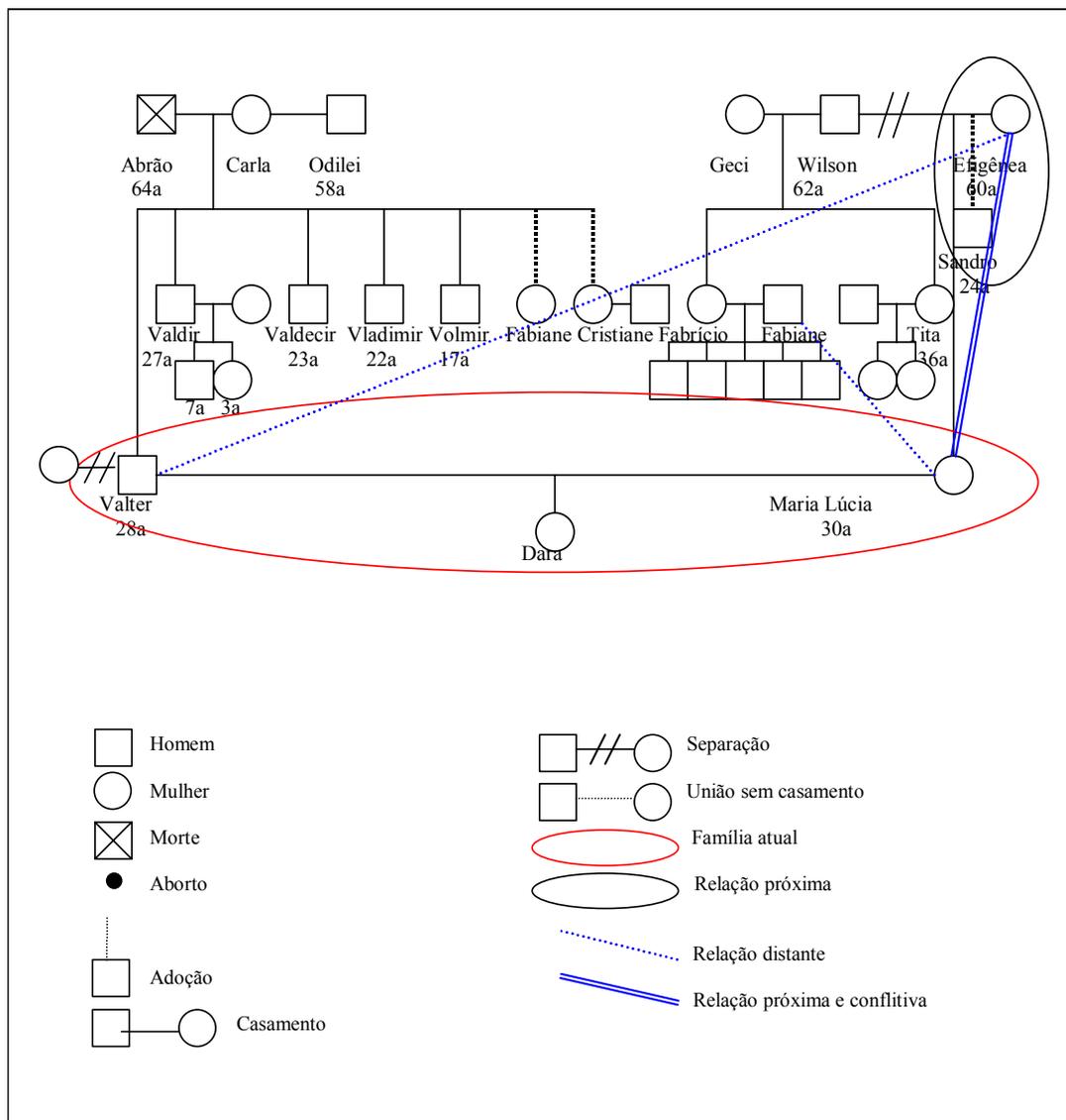


Figura 3.1 Genograma do caso 1.

Maria Lúcia conta que ainda não queria sair de casa, foi obrigada pela mãe e pelas amigas:

... me encheram o saco, me obrigaram a ir, quase me arrastaram, daí chegamo lá e eu encontrei meu tio, que é louco, né, dança a noite inteira, quase me matou...Mas me tirou daquele mausoléu, sabe, me botou pra brincar e dançar, né...

Quando viu o Valter, com o cabelo bem curto, Maria Lúcia achou que ele era policial da brigada, como o namorado anterior, e pensou: *“de novo brigadiano, não, ele que não venha me olhar, não quero nem saber dessa raça”*. Mas os dois acabaram dançando e conversando. Ela surpreendeu-se ao saber que ele tinha um trabalho parecido com o seu, em laboratório e, antes de despedir-se, falou-lhe que tinha *“um filho”*, referindo-se ao seu cachorro. Ele não questionou e deixou-lhe o telefone.

No primeiro encontro após ela ter ligado, ele questionou: *“cadê teu filho?”*, ao que ela, sem jeito, respondeu tratar-se do cachorro. Mesmo assim, o fato de ele a aceitar com um suposto filho, fez com que Maria Lúcia o valorizasse.

Até casarem-se, os dois moravam com as famílias de origem, sendo que Maria Lúcia morava apenas com a mãe, separada, que tem história de doença psiquiátrica. No início do namoro, a mãe de Maria Lúcia aceitava-o bem:

...no início ele era o rei, depois que ela viu que a coisa ficou séria e que ia casar, ah....

Após um ano e seis meses de namoro, o casal noivou e começou a montar a casa. Tratava-se, na época, de uma casa pré-moldada, pequena, que eles colocaram no mesmo terreno da mãe de Maria Lúcia. Já durante a obra, Valter passou a morar na casa, pensando em cuidar da obra e acompanhar as duas (noiva e sogra) que moravam sozinhas. Desde então, a sogra piorou. Segundo Maria Lúcia, sua mãe dizia:

... que ele não prestava, que ele era ruim, que ele ia me machucar... ela inventou um monte de rolo... (...) no momento que eu tirei o pé de casa, ela espiroquiou, como a gente diz, né... ela ficou completamente doida, doida, doida...

Conta que a mãe teve que ser internada por três vezes, após crises de agressão nas quais pegava a filha pelos cabelos e acusava-a de ter matado seu irmão, chamando-a de assassina. Como era sempre o casal que a levava ao hospital, ela achava que eles queriam deixá-la hospitalizada para sempre. Esgotada demais com a situação, Maria Lúcia chegou a ser aconselhada pelos médicos a ficar um tempo sem

visitar a mãe. Ela, então, procurou acompanhamento psicológico e passou a dedicar-se a sua carreira e ao marido, enquanto o irmão adotivo envolvia-se mais com os cuidados da mãe.

Há três anos a mãe está sem crises, mantendo o tratamento medicamentoso. Neste meio tempo, Maria Lúcia passou em um concurso público, e o casal começou a construir a casa de material, no mesmo local da anterior. Valter comenta:

... nós compramos um patrimônio ali, bendize, né, nós morava dentro de uma casinha de madeira de 30 metros quadrados, hoje nós temos uma casa de 200 metros quadrados...

Quase ao final da entrevista do casal, Valter conta que já havia sido casado, aos 22 anos, com uma mulher de mais de 40 anos:

... porque eu não plantei uma parte da minha vida, ainda, né, eu não gosto de tocar nesse assunto, mas eu, não fui casado, eu tive um relacionamento com uma pessoa bem mais velha do que eu, né, então fui morar com ela, acho que um ano e meio, dois anos. No começo era um troço mais light, né, eu queria ter a minha liberdade, só que começou a pressão, pressão... ela queria sério, aí eu vi que com ela não ia ter futuro, ela era bem mais velha que eu, né, eu era aquele playboy, né, aquela coisa, tinha 22 anos, o negócio era farra, festa...

Valter conta que quando este relacionamento acabou, ele voltou a morar na casa dos pais, e que 3 ou 4 meses depois, ele começou a namorar a Maria Lúcia. Agora, após 5 anos de união, o casal planeja ter o primeiro filho. A gravidez, embora programada por ambos, é mais atribuída, por Maria Lúcia, a um desejo do Valter. Segundo o relato da mãe, o futuro pai está muito feliz com a gravidez:

... a felicidade dele era bem maior que a minha... ele tava pronto pra ser pai, entendeu...(..) pra ele, assim, foi a maior coisa que aconteceu na vida dele, (...) foi a realização acho que do mundo dele, entende? (...) pra mim é só o que ele queria, ele queria muito aquilo, né, que ele esperava muito aquilo, então, vai super bom...

Já para Valter, a reação apresentada estava dentro do esperado para qualquer pai que planeja um filho:

(...) a minha reação foi normal, disse ah, tá, que eu já tava esperando, né, então de repente não foi aquela coisa como de surpresa, entendeu, foi aquela coisa que nós já tava esperando, e, fiquei contente por dentro, mas... eu não sou aquele... de soltar pra fora, e aquela coisa toda...

1.4 Visita domiciliar no pós-parto

Após 18 dias do nascimento do bebê, foi realizada a visita domiciliar, combinada durante a gestação, pela dupla de entrevistadoras, que fez a coleta dos dados deste caso. O bebê foi presenteado com um sapatinho e a mãe, com uma violeta.

Chegamos a uma grande casa de alvenaria, em um bairro de classe média; a casa ainda estava em obras, o muro por fazer, o pátio com terra revirada, parecia estar sendo preparado para ser gramado. Na porta da frente ainda não havia sido feita a escada; em frente a esta, um cachorro estava descansando. Entramos pelos fundos, onde devia ser uma ampla garagem com churrasqueira e somos recebidas por Maria Lúcia. Na cozinha, uma senhora que presumimos ser a avó materna da Dara, estava lavando louças. A mãe nos levou imediatamente para o quarto do casal, onde a menina dormia na cama dos pais. Ao lado da cama do casal estava o berço; as paredes do quarto foram decoradas com grandes desenhos feitos pela tia, para o chá de fraldas. Enquanto conversamos, a bebê permaneceu sossegada. Passamos para a sala, que fica ao lado.

Maria Lúcia conta sobre o parto, como foi difícil, que o trabalho de parto durou muito tempo, que a nenê custou a nascer “*porque a placenta não desceu*”, e que as auxiliares de enfermagem não a trataram bem. Conta que pediu que o marido não assistisse o parto, embora ele tivesse participado de todo o acompanhamento pré-natal e dos grupos de gestante, para forçar o atendimento da equipe de enfermagem.

O pai viu a filha logo após o nascimento e depois foi revê-la na manhã seguinte. A mãe conta que ele estranhou, pela manhã: “*achou que tinham trocado a nenê, que o cabelo dela era mais crespo e que ela era mais morena, como eu; achou*

ela com o cabelo liso demais e com a pele muito branca". A mãe disse que riu, que aquela sempre foi a filha deles.

Maria Lúcia acha que o nascimento da filha aproximou-a de sua mãe e melhorou muito o relacionamento dela (a avó) com o seu marido: *"Eles nem se falavam muito, agora embora não sejam muito ligados, já se relacionam bem melhor"*. Conta que o marido está muito *"coruja"* e todo preocupado com ela: *"me liga a cada meia hora pra ver como eu estou"*. De fato, durante a visita o pai telefonou para ver se estava tudo bem. O casal já registrou a filha e naquela semana iriam inscrevê-la na creche no local de trabalho de ambos. A idéia é que a mãe fique cinco meses em casa e que, quando retornar ao trabalho, a filha vá junto para a creche.

Ainda naquele ano, comenta Maria Lúcia, o casal pretendia concluir a casa: *"faz 5 anos que estamos construindo"*. Do meio da sala saía uma escada de madeira que futuramente dará para o quarto do casal. O quarto da Dara será onde eles estão agora. Todas as roupas do casal estão empilhadas sobre um dos sofás da sala, para que a mãe não tenha que subir as escadas. Ela fica preocupada com o pátio que ainda não está cercado, teme que os cachorros da vizinhança peguem a menina.

Maria Lúcia mostra as fotos e conta sobre o chá de fraldas que reuniu cerca de 50 pessoas. Entrega, para cada uma de nós, uma lembrancinha do bebê. Quase ao final da visita, a menina chora; Maria Lúcia toma-a no colo, coloca para mamar, conta o quanto ela já engordou e cresceu e, em seguida, entrega-nos a filha, para que a seguramos. Parece satisfeita com nossa visita.

1.5 Parto e nascimento do bebê

As pessoas que acompanharam Maria Lúcia no momento do parto foram sua mãe e o marido. A avó materna estava em casa quando iniciou o trabalho de parto:

O marido foi quem a acompanhou no hospital:

(...) aí o Valter entrou e ficou comigo lá e eu fiquei agarrada no braço dele... Aí a enfermeira falou prá ele: "Pai agora tu cuida o horário, quando tiver de um em um minuto, né, aí sim, tem que fazer alguma coisa".

Ele permaneceu ao lado da esposa até o momento que esta pediu que ele saísse pra forçar a presença da equipe médica. Valter relata como sentiu-se durante o parto:

Me senti bem nervoso, né, que a gente fica sabendo que a pessoa que tá ali tá no balanço, né e não é com ela que deu mais complexo a história toda, o negócio da gravidez do parto, aquilo tudo, ela sofreu bastante, foi um troço bem forte, né pra nós e eu acho que como eu pude eu participei, fiquei do lado dela, tentei dar apoio, força, aquela coisa toda, e fiquei bem nervoso, assim, porque a gente vê ali, pô, que a gente não é médico, não é nada, mas pelas complicações que deu, a gente vê muitas histórias, né, de pessoas que ficam ali mesmo de tão, por causa de bobagem, porque os médicos vinham ali e vieram às seis horas da tarde e examinaram ela e era dez horas da noite e não vinha mais ninguém em volta dela, teve uma hora que eu tive que sair de dentro do quarto procurando pessoas pra botar oxigênio que tava faltando ar nela e ninguém tava ali em volta, foi, foi um troço bem marcante, não foi fácil, foi difícil...

Maria Lúcia confirma o relato do marido:

Ah, eu acho que foi uma emoção, né, assim, ele ficou tão nervoso que ele não sabia nem o que ele fazia, se ele ia olhar a filha se ele não ia, ele ficou super assim atucanado. O que me preocupou muito assim ali na hora que ele tava comigo ali pra nascer, aquela coisa toda né, que ele começou a ficar branco e ficar cheio de olheiras assim, fundo, fundo, como se tivesse com um problema de fígado horrível, né, ele começou a ficar assim, branco a gente via na aparência dele que ele tava super apavorado, né e eu acho assim, eu não sei se eu fiz bem ou fiz mal, mas eu queria que ele acompanhasse tudo, né, pra ele saber como é que é, né, aí não ter aquela ilusão, né, nem sei, minha filha nasceu, mas eu não, né, não eu queria assim, que ele acompanhasse todos os passos dela, né, aí ele foi, ele disse que viu de noite quando ela nasceu ele foi lá, que ela nasceu às dez horas e dois minutos, né, aí ele foi lá olhar né e ele disse que viu ela crespinha, só que ela tava com

o cabelo molhado, até pode ser que na hora, né. Aí ele veio pra casa buscar as coisas, ele às cinco horas da manhã ele tava lá de novo...

2. MODELOS DE PATERNIDADE

Ao referir-se aos possíveis modelos de paternidade existentes em sua família, Valter coloca:

...eu não tenho assim um modelo especial, né, mas eu... quero ser que nem meu pai só não cometer o mesmo erro que ele cometeu e beber, né, que o meu pai era um alcoólatra, né, então ele são e bêbado, com os filhos ele era uma pessoa assim, que não tinha, né, o que tirar, uma pessoa carinhosa com os filhos tudo, mas só que ele incomodava a minha mãe, né, então quer dizer que não adiantava ele ser carinhoso com nós...

A preferência do avô paterno, segundo Valter, era por uma menina:

...o meu pai sempre quis uma menina, né, aí (...) ter uma menina, só pra satisfazer as vontades, não satisfazer, sabe, aquela coisa assim, que ele não teve e eu ter, tentar dar o carinho que eu tinha certeza que ele ia dá, né.

Maria Lúcia confirma a preferência do avô paterno, assim como do marido, por uma neta:

... ele [o Valter] tinha preferência por menina porque na casa o pai dele... (...) que o pai dele sempre quis menina... e todos os homens meninos, entende?

Já o avô materno, segundo o relato da mãe, manifestava preferência por um menino:

O pai tá todo faceiro, mas o que ele queria era um menino (...) o pai é uma pessoa descansada, tá sempre... em paz, né, tá sempre assim do jeito dele, mexeu com ele, ele reage, se não falou nada também não fala, então não é uma pessoa muito que, que assim, como a mãe que é mais rígida, né, que cobra, que, né, ele não cobra nada, não cobra nada, e tá sempre tudo

bom pra ele, só assim, às vezes ele comenta: bem que podia ser um gurizinho, né, mas tudo bem, né, igual...

Referindo a sua relação com o pai, enquanto bebê, Maria Lúcia conta:

...o pai não podia ver pelada porque eu era mulher... Sabe, aquela coisa toda, não podia tocar... bem capaz que o pai... eu era uma porcelana, o pai pegava no colo quando tava prontinha, limpinha, arrumadinha, entende, então eu acho, (...) não é só arrumadinha, entende, tem que tá na hora dos problemas também, pra saber o que que é ser pai, entende, eu acho que... porque eu acho que isso é melhor pra ele.

Na entrevista realizada após o terceiro mês do bebê, identifica-se a repetição da forma de relacionamento de Maria Lúcia com o seu pai, tanto na sua fala quanto na do marido. Maria Lúcia, ao referir-se ao relacionamento do marido com a bebê, comenta:

Trocar fralda, ele tem acho que uma espécie de preconceito, assim, tipo com a menina, sabe, então eu senti assim, eu até briguei com ele, ah, que frescura, né, nada a ver o que é que tem, né, mas ele disse: “Sei lá eu fico meio sem jeito”, tudo bem né, é uma coisa que é uma opção dele, né.

Valter confirma o pensamento de Maria Lúcia:

Não troco, não troco. Não é, não é por ela ser menina, mas é porque sei eu, mulher tem mais jeito, né, se fosse um guri, levanta a bolinha o tiquinho e faz, mas ela não, tem que limpar a chequinha aquela coisa toda bonitinha, então é mais pra ela, ela e a mãe dela, ela e a mãe dela fazem essa história, né, banho nunca dei, até olhei, vi, vi, fico vendo, não tem problema, o problema é ficar tocando limpando, né, sei eu, esse tipo de coisa eu não gosto de fazer não, apesar que eu troquei as fraldas das minhas irmãs, as irmãs são tudo pequenas, tudo pequenas tudo, mas era sei eu porque eu já tinha uma idade mais menor, né, sei eu, é uma coisa que...

Em relação ao modelo de pai em sua adolescência, Maria Lúcia refere:

...parecia assim prá ele que eu, a namorada dele que ele queria ter que ele não tinha, entendeu, então ia pras festas, mas ele é muito assim, festeiro, né, mas eu acho que a sensação que me preocupava é que ele não se preocupava muito se eu tava passando fome, comigo e com a minha mãe, seu tava bem vestida, se eu não tava, isso...

3. MATRIZ DE APOIO

3.1 Durante a gestação

A expectativa de apoio durante a gravidez, de acordo com o casal, estava baseada mais na ajuda do marido e dos amigos. Também era consenso do casal a colocação do bebê na creche, logo após a licença gestante. Segundo Valter:

...os amigo acho que são melhor que os parente, acho que deveria existir só os amigos.... Mesmo assim, a gente sabe que na hora que o bicho pega... No fim quem vai ajudar é a irmã dela...

Maria Lúcia não esperava contar com a ajuda de sua mãe, devido aos seus problemas psicológicos (*ela teve psicose um bom tempo, e isso eu acho que pode voltar a qualquer hora, mas pode nunca mais voltar, né..*), nem de sua sogra, viúva (*...então prá ela assim, ela criou muitos tabus, e às vezes ela me irrita...*).

Tanto Maria Lúcia quanto Valter esperavam que o pai estivesse presente na hora do parto. Maria Lúcia comentou:

... ele quer ver o parto e não sabe se vai conseguir, né, por causa das burocracias deles, né. Valter acrescenta: ...mas é aquela coisa, né, na hora que ela começar a sentir a dor, não sei como é que vai ser a minha reação, mas por enquanto tô tentando me preparar pra isso aí...

3.2 Após o terceiro mês do bebê

Após o nascimento do bebê, a rede de apoio ao casal estava baseada na creche e na ajuda da avó materna, contrariando a expectativa de ambos. Os pais demonstram confiança na creche:

Ela tá na creche do meu trabalho... eu sei que elas cuidam com o maior..., eu conheço todo mundo ali dentro, eu não tô preocupada com isso, entende, mas é que tu fica assim...

Maria Lúcia reconhece a ajuda da sua mãe e destaca que a sua presença foi importante para a adaptação da filha na creche. O pai também valoriza a ajuda da sogra, embora com algumas restrições:

(...) eu acho que ela tá ajudando bem, mas eu acho que às vezes ela, eu não falo, né, eu fico zanzando, eu procuro fazer a orientação tudo certa com o pediatra dela, com a enfermeira que atende ela; então agora ela foi pra creche...(...)...ela tá ajudando muito, mas às vezes eles [a sogra] querem, eles querem colocar aquelas idéias arcaicas deles, né: “Ah, não faz isso, não faz aquilo” (...) e ela [a filha] tá com tanta interferência assim, que incomoda um pouco, mas eu não dou muita bola, não esquento muito, eu deixo que aí uma hora que dá uma volta, eles caem na real e vê que: ‘É, tá certo’...

Apesar das críticas do marido, para Maria Lúcia, o nascimento da sua filha foi fundamental no relacionamento com a mãe:

... eu fiquei muito feliz que a Dara eu acho que trouxe uma coisa que eu tava precisando, a minha mãe de volta, né, entende, que eu não tinha mais ela, né, ela morava lá mas era como se eu não tivesse, ela não entrava na minha casa, nem nada assim, né, então a Dara trouxe ela de volta e isso me fez muito feliz, né e fez o Valter se dar bem com ela, eu não sei se se amam, né, mas pelo menos, né, a coisa aproximou, né, então quer dizer ela fez um milagre que eu não consegui fazer, né, que eu tentei, só que não consegui...

3.3 Após o primeiro ano do bebê

Passado o primeiro ano a matriz de apoio ao casal continua baseada na ajuda da avó materna e da creche. Dara passa “o dia todo na creche”. Sobre a ajuda da avó materna, Maria Lúcia comenta:

Eu divido um pouquinho com a mãe. Mas é que não adianta, a decisão sempre maior é a minha. (...) Não gosto que repreenda, eu acho que quem tem que dizer as coisas sou eu, eu o pai dela, até a vó pode, que cuida dela e cuida bem...

Valter concorda que a participação da sogra é fundamental, mas reclama da falta de privacidade em casa:

A vó, se a gente passar o dia todo em casa ela fica o dia todo em volta. (...) Não dá privacidade. (...) A vida dela é a Dara. (...) Ela fica o dia todo em casa, porque ela às vezes não fica com a Dara. Quando a gente chega com a Dara às 6 horas ela vai se socar lá em casa.

4. ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO O PAI

4.1 Acessibilidade

Nos três primeiros meses de vida da filha, e durante a licença gestante da mãe, o pai ficou com a menina diariamente, após o trabalho, e aos fins de semana. Com o retorno da mãe às atividades, era ele quem levava e buscava a filha na creche, ficando com a menina após o trabalho, até a mãe chegar, à noite. Também foi o pai quem acompanhou a bebê durante o período de adaptação à creche, juntamente com a avó materna, por ter maior disponibilidade de horário.

4.2 Engajamento

Após o terceiro mês do nascimento do bebê, Valter comenta sua interação com a filha, destacando o que mais gosta de fazer quando está com ela:

Ah, eu gosto de brincar com ela, abraçar, botar no colo, beijar, brincar, bota no carrinho ou se não eu boto na cama, fico mexendo com ela, é no momento é só isso não tem muito o que a gente fazer o mais, o que a gente

mais, a gente tenta, né, puxar dela, que a gente vai tentar, porque no momento a única brincadeira é pegar no colo, aquela coisa toda, sabe, beijar, abraçar, fazer rir, né, porque as vezes ela ri de qualquer coisa e a gente pensa que ela tá rindo de nós, tá rindo das brincadeiras que a gente faz, mas não ela olha pra um quadro e começa a dar risadas, ela olha pra ela e ri, eu acho que ela tá descobrindo as partes, essa coisas assim dela, eu faço aviãozinho, aperto, faço cosquinhas, aquelas coisas todas.

Quando questionado sobre o que menos gosta de fazer com a filha, o pai responde:

O que eu não gosto de fazer é trocar fralda e depois de uma hora embalando ela, tentar fazer ela dormir, chega uma hora que eu me estresso, eu não, eu saio de perto, largo ela no colo da mãe dela.

Passado o primeiro ano, Valter comenta sobre suas atividades com a filha:

É, eu pego ela prá brincar, eu saio, pego no colo, dou umas voltas com ela...[o que mais gosta] é brincar com ela, fazer ela dar risada e... ficar observando ela descobrindo as coisas...(...) a gente, tem várias brincadeiras, mais é na cama. A gente brinca de ficar pulando e... eu atiro ela prá cima, só eu e ela, ela dá risada, eu joga ela pro lado, deixo ela gatiar e puxo ela pelas pernas assim, arrasto na cama (...) aí quando ela começa a cansar começa a ficar rabugenta.

Valter reconhece que nem sempre tem paciência com a filha, e que precisa aprender a controlar-se:

Porque eu já briguei de discutir duas vezes, discutir não, eu gritei com ela duas vezes e não fez bem prá ela, né. Porque mesmo, o que ela tá fazendo ela não tá entendendo. Ela tá fazendo aquilo ali, sabe, é espontâneo (...) É o controle, né, (...) ter aquele controle com ela, né. Que eu sou muito, não é que eu seja, sabe, é que eu (...) é, prá não explodir nela, é a única coisa que dificulta um pouco.

4.3 Responsabilidade

O relato do pai, durante a gravidez, revelou o seu comprometimento com a esposa grávida:

...aquela vez fui no médico, só escutei o aparelhinho, do coração (...) me senti assim, diferente, né, sabendo que... é uma sensação diferente, que tudo a partir do momento que ela ficou grávida e a partir de hoje é bem diferente na nossa vida, né... mudou muito (...) agora a gente pensa já, não pensa em dois, pensa em três, né, um monte... sei eu... é difícil.

Valter mostrou-se preocupado com a rotina de trabalho da esposa, que acumulava várias atividades profissionais:

... a vida dela é muito agitada, é muito... eu me preocupo com isso aí. (...) Ela tem uma rotina, o profissional dela é... não é a minha, a minha eu vou prá lá e oito hora eu vou prá casa, sabe, o profissional dela é muito corrido...

Após o primeiro ano da filha, Valter definiu-se como um pai adequado:

É, até agora um pai normal, um pai que dá atenção, que procura assumir as responsabilidades que tem que assumir com ela e... dou carinho, brinco...então... Pai normal, que nem os outros.

E comentou, sobre sua experiência de paternidade:

É, é aquela coisa, a experiência de pai tu vai aprendendo todos os dias, todos os dias é uma experiência nova porque é o primeiro, né. Primeiro filho, aquela coisa toda, então todo dia uma experiência. Tu ser pai ainda assusta um pouco claro mas...

5. O ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO A MÃE

5.1 Acessibilidade

Maria Lúcia conta com o marido para levar e buscar a filha na creche, e a ela no trabalho. Após sua licença gestante, de cinco meses, reconheceu que, graças ao fato de o marido ter apenas um emprego, ela pôde retomar todas as suas atividades, que envolviam 5 lugares diferentes. Era o pai quem ficava com o bebê até ela chegar em casa, à noite.

5.2 Engajamento

Durante a gravidez a mãe comenta, referindo-se ao toque do pai do bebê em sua barriga:

...no início meio que me irritava, às vez, ai mas que saco, sai, volta, tudo me cutuca, não me deixa fazer... sabe, (...) vinha ele prá perto ai meu Deus, (...) continuou tudo assim, né isso tudo aí, quer ver como é que tá, e bota, e passa a mão, passa a mão...

A expectativa da mãe sobre a interação do pai com a filha, após o seu nascimento, é ilustrada no texto que segue:

... ele ajuda em outra coisa, imagina com a filha, não vai querer ficar babando em cima, né, entende a situação também é essa, né. (...) eu acho que a preferência dele é ficar colado nela (...) mesmo que seja em horas difíceis, né, mas eu acho que a preferência dele é participar de tudo, né... (...) Ah, eu acho que ela [a filha] vai fazer o que quiser dele... (...) ele vai ser também severo, lógico, né, mas eu acho mais fácil ela dizer paiê, e ele não tem o que dizer, né, tá, vai, né, pronto, vamo, né, vamo fazer qualquer coisa prá... é a impressão que tenho, de repente pode ser que não seja assim, né, mas é porque ele quer muito, né, eu acho que quando a gente quer muito também a gente fica meio, né, sei lá, vai ser a coisa, vai ser o encanto dele, né, e comumente a menina é muito mais puxa-saca do pai que da mãe, né, ela vai viver em roda dele, (...) então eu acho que ele vai dar prá ser muito mais coruja dele, (...) muito mais modo do que eu... essa é a sensação que eu tenho, né. (...) proteção o tempo todo, né, tudo que ele queria né, acho que ele vai

ficar preocupado com as duas, mas igual com ela, ela vai ser uma preocupação diferente, né, vai ser mais assim, mais assustadora prá ele, sei lá, medo, que aconteça alguma coisa, né, querer mais proteger...

Após os três meses da filha, a mãe reconhece e admira o envolvimento do pai com a filha:

... eu acho que é bom, sabe, é ótimo o jeito dele, assim, ele brinca. A gente vê, a gente vê assim, que às vezes quando ela tá chorando muito ele não tem muita paciência, né, diz: “Que saco, que coisa, a gente faz tudo que pode e ela não”, né ela quer tudo, não adianta, né, então a gente vê nele que às vezes ele não tem muita paciência, mas ele procura ter, né. Ele levou quarta-feira ela pra creche, quando eu vi de repente tava ele e ela lá embaixo, né, aí eu disse: “O que que ouve?” Acho que ela quer mamar, porque deram mamadeira e ela não quis.

Nesta época, segundo a mãe, o pai realizava todas as atividades, exceto trocar fralda:

(...) noventa e nove por cento ele tá pronto prá receber ela.

Passado o primeiro ano, a mãe fala sobre a participação do pai nos cuidados da filha:

(...) às vezes ele não gosta. (...) Ele [o pai] acha ‘que saco, se a tua mãe tá aí, tão as duas aí, porque que eu tenho que sair daqui?’ (...) quando eu preciso dele eu tenho que chamar uma outra pessoa porque ele, não tá pronto prá isso. Tá lá vendo televisão, ele não vai largar o jogo de futebol dele...

Maria Lúcia também reclama que o pai perde a paciência com a filha, confirmando o discurso do marido:

O Valter esses tempos ele gritou com ela, ela teve febre de noite, quer dizer, então é muito vinculado, porque ficou doente e os médicos não acharam nada... É, ele não tem muita paciência assim, mas se ela tá tudo bem

ele brinca. Onde ela gritar, onde ela chorar muito ele já se assusta. Ele não gosta muito quando ela chora, quando ela fica braba, né. Ai já é mais difícil, né.

5.3 Responsabilidade

Maria Lúcia, ao referir-se ao marido, durante a gestação, qualificou-o como protetor:

... uma motivação maior, né... [Ele diz] "Agora assim, eu quero ter mais as coisas, agora sim eu tenho que ter, sabe, tenho que ter uma responsabilidade maior, (...) tenho duas rachadas para me incomodar." (...) Que ele sabe o que é agora a responsabilidade, né. Acho que ele esperava tanto isso que ele incorporou isso... A sensação que eu tenho é essa, assim, de que ele, tá pronto prá qualquer hora que vim, é... ele se preocupa...

Sobre a possível divisão de tarefas em casa, Maria Lúcia comenta:

Porque a gente pode dividir, tanto em tarefas da casa quanto as tarefas (...) os dois trabalhando junto pra ter tudo, né, então como a gente fez um filho junto agora a gente vai trabalhar pra criar ele, né.(...) ... se não fosse isso, dividir com ele, não ia dá pra coincidir tudo (...) Queria que ele acompanhasse, tivesse ali, que ele, a hora que ela precisasse, sabe, ir prá ajudar, que a gente assumiu essa responsabilidade, né...

Aos 3 meses do bebê, a mãe comenta sobre o pai:

... eu acho que ele é muito preocupado, ele é muito, assim, estressado, muito preocupado e cuidado, olha assim, vamos essa guria e não sei o que, então às vezes, por exemplo, ela tava meio resfriada e ficou rouca, né: "Liga pro médico, imagina, olha só essa guria"...

E acrescenta:

... tu vê assim que ele tem aquela preocupação de pai, né, tipo assim, ai tem que cuidar, tem que não sei o que, agora é o meu compromisso, agora

eu tenho que fazer mais coisa, eu tenho que ganhar mais dinheiro, eu tenho que não sei o que porque eu tenho que sustentar ela eu tenho que cuidar dela, né. Então eu sinto assim, que é uma coisa de, uma obrigação mais, sei lá, diferente da minha, eu sei que a gente tem que cuidar dela, entende, mas a minha é aquela coisa mais de cuidado, mais sensívelzinha...

Passado o primeiro ano da filha, a mãe comenta, referindo-se ao desempenho do marido enquanto pai:

Ah, acho que é um bom pai, ele é bem preocupado: “tomou água? Já comeu? E o mamá?” Sabe? Tá sempre perguntando assim, o que ele faz, as novidades dela, as coisas que ela faz. Acho que ele é um bom pai.

A mãe acrescenta, complementando a fala anterior do marido:

... ele é um bom pai entende, ele assume bastante coisa assim em relação a ela, só que ele reclama muito, ele acha difícil as coisas, ele acha que... sei lá... que a responsabilidade é minha, sabe, joga mais pra cima de mim. Se esconde mais, deixa mais prá lá... Lógico, se precisa dele, ele tá sempre pronto. Pode até as vezes reclamar um pouco, ele acha que eu tô abusando... coisa assim, né... Mas é um negócio que não... não tá me afetando em nada, entende, não tá assim me prejudicando, né. E ela gosta bastante dele, ele fica com ela, de noite assim. Não é o dia todo, mas fica com ela de quando em quando.

Após o primeiro aniversário da filha, Maria Lúcia reavalia as expectativas que tinha em relação ao marido:

É, eu só imaginava ele mais prestativo, mais pronto, pra na hora... os exames, aí a mãe dele que assumiu um pouco esse lado dele.

6. ENTENDIMENTO DINÂMICO DO CASO 1

Configurações e relacionamentos nas famílias de origem

Valter e Maria Lúcia vêm de famílias reconstituídas, e repetem esta configuração em sua família atual, visto ser este o segundo casamento de Valter. Do casamento de seus pais, ambos são os filhos mais velhos.

Na família de Maria Lúcia as relações interpessoais parecem ser marcadas ou pelo distanciamento afetivo (com o pai e o irmão) ou pela proximidade excessiva e conflituada (com a mãe). A doença psiquiátrica da mãe parece deixá-la em uma posição ambivalente: não pode abandoná-la, pois sente-se responsável pelos seus cuidados, mas não consegue aproximar-se da mãe, nem estabelecer, com ela, uma relação de confiança, visto ter sido agredida por ela, diversas vezes, mesmo quando adulta.

A contradição da mãe, típica dos pacientes esquizofrênicos (a teoria sistêmica utiliza a expressão “duplo-vínculo” para referir-se às mensagens contraditórias próprias da comunicação do paciente psicótico), também parece interferir nos relacionamentos afetivos da filha, estimulando-a a sair de casa e encontrar um namorado, mas impossibilitando-a de ter um relacionamento mais sério; casar a filha parece significar, para a sua mãe, sinônimo de perdê-la, de ser abandonada. Assim, qualquer namorado de Maria Lúcia torna-se, potencialmente, um rival.

Possivelmente esta mensagem já foi assimilada por Maria Lúcia: quando conheceu Valter, a sua primeira reação foi de afastamento, sob a alegação de achá-lo parecido com o ex-namorado; também pareceu querer afastá-lo quando, na despedida, mentiu ter um filho, referindo-se ao cachorro.

Valter, em seus relacionamentos familiares, parece oscilar entre a posição de cuidador e merecedor de cuidados. Cuidador, como poderia impor seu lugar de filho mais velho entre 5 meninos, papel que repete quando alega mudar-se para a futura casa, ainda em obras, para cuidar das duas mulheres (Maria Lúcia e a mãe) que vivem sozinhas.

Por outro lado, ao escolher suas relações afetivas, parece procurar envolver-se, sempre, com mulheres mais velhas: a mulher anterior, de 46 anos, quando ele próprio tinha 22 anos, e Maria Lúcia, também mais velha, dona do terreno onde vão morar, melhor situada profissional e financeiramente, dando a clara impressão que será ela a maior provedora do sustento da família.

Modelos de paternidade

Os modelos de paternidade encontrados em ambas as famílias de origem, parecem questionáveis e inadequados. Valter questiona o seu pai enquanto modelo: embora fosse carinhoso com os filhos, o fato de ser alcoolista trouxe diversas complicações no seu relacionamento com a esposa. A preferência do avô paterno por uma neta pode ser entendida como uma compensação para o fato de ter tido 5 filhos homens, mas também alerta para um modelo de pai exclusivamente para meninos. Parece faltar, para Valter, um modelo para ser pai de uma menina. Isto aparece no seu relato quanto aos cuidados do bebê, já aos três meses: se fosse um menino ele trocaria fraldas, mas de uma menina, é impossível. A fala do pai ilustra esta dificuldade: *"... se fosse guri, né, levanta a bolinha, o tiquinho e faz, mas ela não, tem que limpar a chequinha, aquela coisa toda bonitinha, então é mais prá ela, a mãe dela..."*

O pai de Maria Lúcia também não parece ter sido um modelo adequado de pai de menina: *"... o pai não podia ver pelada porque eu era mulher...Sabe, aquela coisa toda, não podia tocar... bem capaz que o pai..."* Em sua adolescência, Maria Lúcia tinha o pai como companheiro de festas, mas ressalta que ele não assumia as responsabilidades inerentes a um pai de família: *"... ele não se preocupava muito se eu tava passando fome, comigo e com a minha mãe, se eu tava bem vestida..."*

Expectativa dos pais em relação à matriz de apoio

A expectativa de apoio do casal, durante a gravidez, era que tivessem que contar exclusivamente com o apoio da creche no local de trabalho de ambos. Não julgavam que as avós pudessem auxiliar no cuidado da neta: a avó materna, devido à doença psiquiátrica, e a avó paterna, por estar afastada física e afetivamente do casal.

Após o nascimento da Dara, contudo, são surpreendidos com o apoio oferecido pela avó materna, ajudando, inclusive, na adaptação do bebê na creche, nos horários em que a mãe não podia afastar-se do trabalho. De acordo com o depoimento de Maria Lúcia, a avó não só mostrou competência em cuidar do bebê (*"Ela cuida dela como ela cuidava de mim, né (...)...ela já criou dois, deve saber melhor do a*

gente o que fazer"), como, também, reaproximou-se dela e, principalmente, do Valter:

... a Dara trouxe ela de volta e isso me fez muito feliz, né e fez o Valter se dar bem com ela, eu não sei se se amam, né, mas pelo menos, né, a coisa aproximou, né, então quer dizer ela fez um milagre que eu não consegui fazer, né, que eu tentei, só que não consegui...

A dedicação da avó à neta é tanta, que o pai chega a reclamar da falta de privacidade em casa (*A vó, se a gente passar o dia todo em casa ela fica o dia todo em volta... Não dá privacidade... Quando a gente chega com a Dara às 6 horas ela vai se socar lá em casa*). De qualquer forma, Valter concorda que a participação da sogra é fundamental para os cuidados com a filha.

O envolvimento paterno segundo o pai

O pai mostrou-se acessível ao longo do primeiro ano da filha. Já durante a gestação, pôde acompanhar a esposa às consultas, levando-a e buscando-a do trabalho. Valter gostaria de ter acompanhado o parto, uma vez que fez todo o pré-natal com a esposa, mas na hora Maria Lúcia pediu que ele saísse da sala, por achar que ele não estava em condições de ajudá-la. Após o nascimento da filha, e com o retorno da mãe às atividades profissionais, foi ele quem acompanhou o bebê durante o período de adaptação à creche. Também é o pai quem passa a maior parte do tempo com a filha, visto ter uma jornada de trabalho bastante inferior à da esposa.

Valter acompanhou a esposa durante o pré-natal e esteve presente na hora do parto, até o momento que a esposa precisou dele. Quanto ao engajamento, mostrou-se um pai engajado no terceiro mês da filha: pegava-a no colo, embalava, brincava com ela, mas não sabia muito mais o que fazer. O repertório de brincadeiras, nesta época, estava baseado em jogos motores (*"fazer aviãozinho"*), o que logo cansava o bebê. Quando esta chorava, o pai irritava-se, perdia o controle, chegando a xingá-la. Esta conduta o deixava muito culpado. Passado o primeiro ano, a interação do pai com a filha continua baseada em atividades motoras (jogar pra cima, rolar na cama, passear...), mas a filha, agora, é mais participativa. O pai assume cuidados rotineiros

com alimentação e troca de roupas, desde que não tenha uma mulher disponível para fazê-lo (a esposa ou a sogra). É ele quem leva e busca a filha da creche, ficando com ela até a mãe retornar do serviço, à noite. Valter tem consciência que ainda perde o controle com a filha, quando esta desobedece ou está com sono e fica “rabugenta”, tornando-se, em alguns momentos, agressivo com Dara.

Valter mostrou-se um pai comprometido, assumindo as responsabilidades inerentes ao nascimento da filha; também funcionou como suporte para a esposa retomar suas atividades profissionais, uma vez que ambos mantiveram a mesma jornada de trabalho que tinham antes do nascimento da filha.

O envolvimento paterno segundo a mãe

Quanto à acessibilidade, Maria Lúcia concorda que o marido mostrou-se disponível para atender às demandas do bebê, respaldando o seu próprio retorno às atividades profissionais.

Já no que se refere ao engajamento, ao contrário do marido, a mãe acha que Valter foi se mostrando progressivamente menos engajado. Seu relato, durante a gestação, oscilava de uma postura quase invasiva por parte do marido, querendo relacionar-se com o bebê na barriga, até uma certa idealização da relação pai-filha. A percepção da mãe, durante a gravidez, era que o desejo do marido por um filho, especialmente por uma menina, era tão grande, que justificaria uma possível conduta de superproteção para com o bebê.

Com o nascimento da filha, entretanto, a mãe parece descrever um engajamento decrescente com o bebê: no terceiro mês, Maria Lúcia elogia a participação do pai nos cuidados diários da filha (*“ele faz tudo, exceto trocar fralda”*); já após o primeiro ano, ela entende que a participação de Valter na rotina de cuidados só acontece quando não tem outra pessoa para fazê-lo referindo-se a ela própria ou à sogra. A mãe também reclama da irritação do marido frente ao choro e à rebeldia da filha: se a menina está tranqüila, brincando, o pai fica junto; se ela chora, ele se afasta.

Quanto às responsabilidades assumidas pelo pai, Maria Lúcia também acha que foram diminuindo ao longo do primeiro ano. Ela concorda que durante a gestação

e os primeiros meses da Dara, Valter tenha se mostrado comprometido, preocupado com cuidados médicos da esposa e da filha, e com a organização financeira e das rotinas da família. Após o primeiro ano, no entanto, a mãe faz algumas ressalvas à participação do marido, que tem delegado à avó tarefas que ele assumia anteriormente, como a participação em consultas e a condução de exames médicos da Dara.

CASO 2 - RODRIGO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E HISTÓRIA FAMILIAR

1.1 Identificação do casal

Trata-se de um casal formado por Rodrigo, 23 anos, funcionário de uma ótica, com primeiro grau completo e Paula, 24 anos, primeiro grau incompleto (sétima série), do lar, eventualmente trabalhando em casa como doceira.

1.2 Análise do genograma familiar

Rodrigo vem de uma família nuclear, na qual ele e o irmão gêmeo são os mais velhos de quatro filhos homens, cujos nomes terminam com a mesma sílaba. Seu pai trabalha com restauração de túmulos em um cemitério, e sua mãe é dona de casa, como pode ser observado na Figura 2.

Paula também vem de uma família nuclear, sendo a mais velha de cinco filhos. O irmão imediatamente mais jovem morreu ainda bebê, entre 3 e 4 meses, sendo que ela não sabe precisar o motivo. A irmã de 18 anos está casada e tem um bebê, mas continua morando com os pais, juntamente com os dois irmãos mais moços: um menino de 14 anos e uma menina de 12, que foi adotada, pela família, aos 10 anos. O pai de Paula é pescador e a mãe é dona de casa, trabalhando, eventualmente, como faxineira.

Após o casamento, Paula e Rodrigo construíram sua casa na mesma rua da vila onde moram as duas famílias de origem.

1.3 História conjugal e notícia da gravidez

Paula e Rodrigo conheceram-se num “bingo-baile”. Paula tinha terminado um namoro e só foi ao baile por insistência da irmã mais nova, que só poderia sair em sua companhia. Acabou encontrando Rodrigo, rapaz conhecido da família, por frequentar a igreja do bairro. Combinaram de se falar no dia seguinte e, em quinze dias, começaram a namorar. Após nove meses de namoro, noivaram e, passados três anos,

realizaram o casamento, que foi comemorado com uma grande festa, reunindo ambas as famílias e cerca de 200 convidados.

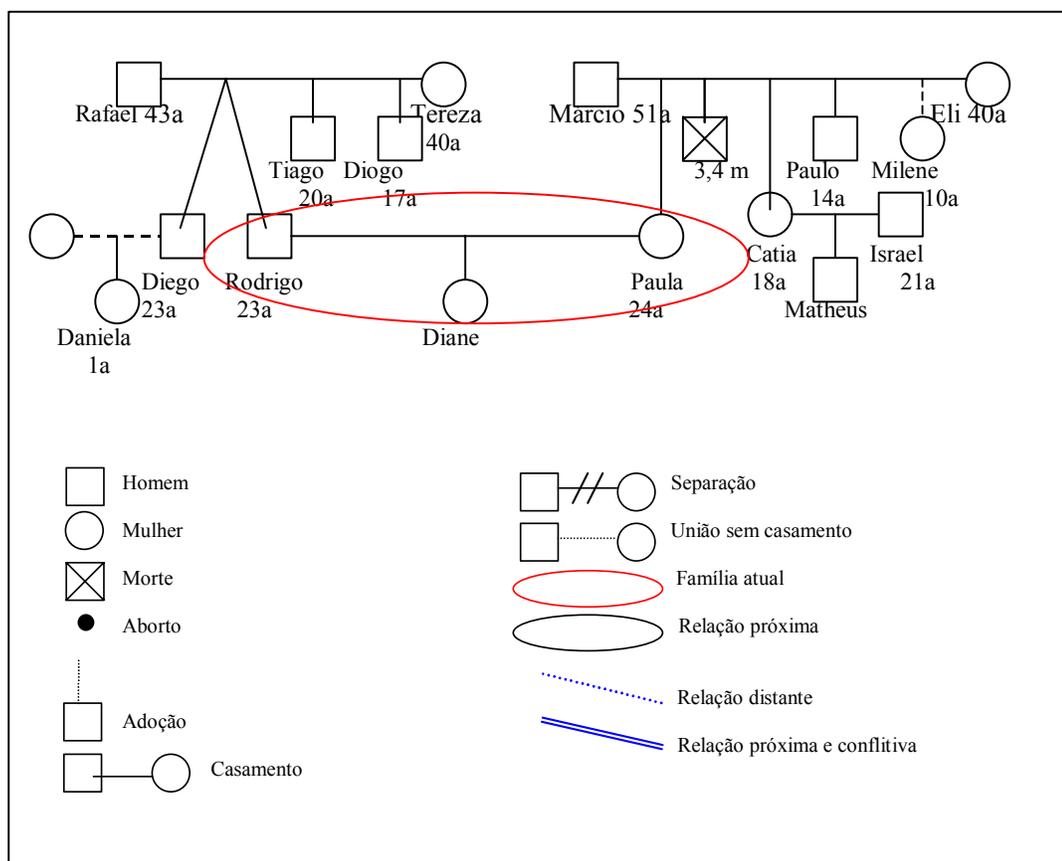


Figura 3.2 Genograma do caso 2.

Paula e Rodrigo foram os primeiros filhos a deixar a casa dos pais, e referem ter estranhado a “*casa vazia*” no início do casamento. Como a região em que moravam não era muito segura, decidiram que Paula pararia de trabalhar “*para cuidar da casa*”. Ela consentiu, desde que engravidasse em seguida, para ter companhia:

... Porque quando eu pensei em engravidar a gente conversou... Quem pensou mesmo fui eu... aí o Rodrigo achou melhor, porque eu trabalhava, eu sair do serviço, daí eu disse pra ele que sozinha em casa eu não ia ficar, que é horrível... E eu já tinha planos de antes dos 25 ser mãe... Eu não queria ser mãe depois... Daí a gente concordou... Planejou direitinho...

Quando questionado a respeito da notícia da gravidez, Rodrigo comentou, após um grande silêncio, sobre sua preocupação:

...fiquei sabendo, eu fiquei muito feliz, né, que eu e a Paula, a gente tinha pensado, né. (...) Ah, eu, no começo eu... fiquei preocupado, né, primeiro filho, né, que a gente nunca sabe, né, o que vem pela frente, né (...) Olha, a minha preocupação maior agora é que ocorra tudo bem, né (...) Olha, eu tenho apoiado ela, que ela tem, nessa hora tem forças, não podemos... não podemos ter medo, que é um filho, né, não é um...

Paula, ao comentar a reação do marido, logo que recebeu a notícia da gravidez, fala:

Bom, ele ficou um pouquinho assustado... Mas nada assim exagerado... Quando eu enjoei da comida... Tudo começou assim (...) Aí ele disse assim: tu tá grávida... Eu disse: não, bem capaz que eu tô grávida, daí ele disse: tá sim... Que aquilo nunca tinha acontecido, né... Aí eu fui no posto... Daí ele vinha assim prá mim... Bom, então tu vai e faz o exame... Se der negativo ou positivo, tu liga... (...) Daí eu conversei com ele, até que não dava prá conversar muito, porque tava no serviço... Daí ele chegou em casa, a gente já entrou e tudo, e fomos deitar... Aí conversamos, porque eu sei que ele é assim, assim... Se fosse guri, ia ser Leonardo, se fosse menina, ele escolheria o nome... Só que desde o primeiro dia ele disse que era uma gurria, ele disse que tinha certeza absoluta, eu não.

Sobre a divulgação da gravidez para as famílias, Rodrigo conta:

Olha, quando o pessoal ficou sabendo da notícia, principalmente o pai dela, não gostaram muito, né, agora o pai e a minha mãe gostaram, que até inclusive o meu irmão já tem um filho também... tem uma gurria.

Por sua vez, Paula comenta:

O pai dele ficou faceiro, né, mas a mãe dele...

Sobre a reação da sua família, refere: *Ficaram faceiros (...) até hoje...*, o que contraria a percepção do marido.

Após o terceiro mês do nascimento da filha, Rodrigo fala sobre a experiência de ser pai pela primeira vez:

pela primeira vez tá muito bom, ela é uma criança, assim, que não incomoda, né. É um bebê, assim, que não tem problema.

Conta, ainda, sobre a sua participação no parto:

(...) quando eu vi ela eu achei ela muito, bem pretinha assim e fiquei bem preocupado um pouco com ela, assim. Depois, com o tempo ela foi melhorando...

O casal planeja ter, no máximo, dois filhos, segundo a mãe, *porque a vida não tá tão fácil assim, pra ter bastante filho...*

1.4 Visita domiciliar no pós-parto

A visita ocorreu sem confirmação prévia, embora tenha sido combinada durante a entrevista da gestação, visto o casal não possuir telefone. A família reside em um bairro de periferia da capital, e o endereço que tínhamos era baseado em pontos de referência. Fomos acompanhadas por um funcionário da Universidade e, de fato, tivemos algumas dificuldades em localizar o endereço. Após três tentativas, chegamos à casa da sogra de Paula, onde encontramos apenas um pintor, o qual nos indicou a casa da família.

Trata-se de uma casa muito simples, de alvenaria, construída bem próxima à rua de chão batido, que passa ao lado da rodovia, num nível mais baixo que esta. A casa é pintada de branco, pequena, mas muito limpa, contrastando com a poeira vermelha da beira da estrada. Paula nos vê pela janela e demora alguns minutos para abrir a porta. Diz que foi “*arrumar a nenê prás visitas*”. Entregamos o presente para a mãe, que fica muito contente, e passamos a conversar, sentadas na sala.

Paula começou a contar sobre o parto, conforme o relato que segue no próximo item, e, em seguida, passou a falar do desenvolvimento da filha. Em relação

ao bebê, a mãe conta que se entendem bem, que ela é bastante calma e tranqüila. Ultimamente está mais chorona, o que ela atribui ao calor: “*eu chego a dar cinco banhos por dia nela*”. Conta que a filha já cresceu e engordou bastante, que é bastante atenta, que sorri e já quer firmar as perninhas.

A mãe fala do seu interesse em continuar participando da pesquisa, conta que o seu marido vai trocar de emprego e que estará tirando uns dias de folga na época da próxima coleta de dados, no terceiro mês da Diane. Ela também está procurando um emprego no qual a filha possa acompanhá-la.

1.5 Relato do parto

Paula sentiu-se acompanhada pelo marido no momento do parto:

(...) o Rodrigo me acompanhô em tudo, só que quando foi lá pelas quatro e meia, ele veio prá casa e a minha mãe ficô. (...) ele só acompanhô, assim, as dores, eu caminhando lá em baixo sendo atendida, essa coisa, até as quatro e meia da manhã ele ficô comigo, aí, depois eu subi, né, e ele veio prá casa.

Ela descreveu o parto como tendo sido bastante trabalhoso, diz que sofreu muito porque não tinha dilatação suficiente. Lembra que sentiu as primeiras dores durante a missa de Natal, e que na mesma noite, foi ao hospital, mas foi mandada de volta para casa.

Voltou ao hospital no dia seguinte, pois ainda estava com dores. Foi examinada, mas disse que a médica não lhe deu atenção, conta que deixaram-na esperando por quase duas horas; diz que foi muito maltratada.

Revoltados com o atendimento recebido, sua mãe e o marido decidiram levá-la para outro hospital. Paula conta que tiveram dificuldades em reaver os documentos, precisando ameaçar os funcionários e “*chutar as portas*”. No outro hospital, Paula relata ter sido muito bem recebida. Os médicos a examinaram, mas como o trabalho de parto não evoluía, o parto foi induzido com medicação.

2. MODELOS DE PATERNIDADE

Rodrigo diz, inicialmente, não ter nenhum modelo de pai. Ao referir-se a seu pai comenta:

Olha, o meu pai... Ele sempre passou o melhor prá mim, né... a mãe sempre falava que o pai ajudava muito ela, que nós era gêmeos, né, então era difícil prá eles... (...) ele ajudava muito a minha mãe, né, a gente morava no interior, né, então era muito difícil prá mãe.

Para Rodrigo, a definição de um bom pai é:

Ah, um bom pai é, eu acho que é cuidar bem da filha, não deixar ela... às vez tem muitos pais que deixam o filho atirado na rua, aí, acho que não é por aí o caminho, né, se a gente fez já tem que assumir. (...) Olha, eu vou tentar assim ó, passar o melhor prá ela. O que eu, o que eu aprendi com meus pais...

Já para a esposa, o pai de Rodrigo pode ser um modelo:

Um bom modelo... (...) Foi um pai adequado, só que os filhos já tão crescido, ele não deve ter muito exemplo de como seria quando era pequeno, né, acho que...

Falando do seu próprio pai, Paula refere:

Porque quando a minha mãe pegou a minha irmã de criação, deu prá ver direitinho como ele era...

Já o irmão de Rodrigo, segundo Paula, é visto como modelo negativo:

...O irmão dele é pai solteiro, né, então ele não tem assim um, um bom modelo, prá dá pro Rodrigo, então eu acho que o Rodrigo tem que ser pai sozinho, tem que amadurecer sozinho, e de repente pode ter o exemplo de alguém do serviço que tem, um rapaz tem o mesmo problema que o irmão dele, alguma coisa, mas acho que é melhor sozinho, porque...

Para ela, a definição de um bom pai é:

(...) que um pai assim, que não abandona os filho, não rejeita, né, porque eu acho que a criança não pediu prá nascer, então se nasceu, eu acho que o pai tem que dar o que puder, né...

Após o primeiro ano, quando questionada se o marido está sendo o que imaginava, Paula responde:

...mais ou menos, eu não saberia te dizer, porque o Rodrigo não tinha muito contato com criança comigo. Mas o pouco que tinha eu achava que seria mais ou menos assim. Mas não tinha alguma coisa formada sobre isso.

3. MATRIZ DE APOIO

3.1 Durante a gestação

A expectativa do casal, durante a gestação, era de que a mãe cuidasse do bebê sozinha, uma vez que não trabalhava fora. O marido funcionaria como apoio durante os 5 dias de licença paternidade.

Segundo Paula, as avós, que moram próximas, poderiam vir a ser solicitadas, em caso de necessidade: *“De repente até minha mãe, ou a mãe dele”*. Entretanto, Paula não referiu um relacionamento próximo com a sogra:

É, com a minha mãe eu me dou muito bem, e com a dele não. Eu não tenho assim amizade... com a mãe dele...

Quando questionada sobre a existência de alguém para auxiliá-la, mesmo que nos cuidados da casa ou em situações de emergência, refere a irmã mais jovem:

Sim, mas a minha irmã, que tá comigo, que ela é pequeninha, ela tem 12 anos, que, como tá perto, né (...) se precisa chamar alguém...

Rodrigo não parece questionar a necessidade de alguém que ajude a esposa a cuidar do bebê, apenas refere-se aos colegas de trabalho como um apoio para eventuais necessidades financeiras:

(...) o pessoal lá é muito... muito dado prá essas coisas, né... (...) Se eu precisar de um apoio, de uma coisa assim, dinheiro, alguma coisa eles...

A possibilidade de colocar o bebê na creche não foi pensada pelo casal. Segundo o pai:

A gente nunca falou isso ainda. (...) ...por uns tempos a Paula vai cuidar... (...) Eu acho que a partir de uns... 7 meses, 8 meses..

3.2 Após o terceiro mês do bebê

Passados os três primeiros meses do bebê, Paula contava com o apoio da sogra, que morava mais perto do casal do que a mãe, e da irmã de doze anos que estava morando com ela.

Embora não tenha sido referido pela mulher, Rodrigo entendia que ele também ajudava nos cuidados com o bebê:

Eu também, quando chego em casa, eu ajudo, se precisar trocar eu troco. À noite, principalmente, às vezes, se ela tá chorando, eu levanto, pego ela, prá não ficar só com a Paula, né.

Rodrigo também questionava a qualidade de cuidados que a cunhada, de 12 anos, dedicava à filha. Questionava, ainda, a necessidade de creche:

Olha eu falei com a Paula, e, no mínimo até os seis meses, assim, cuidar ela em casa. Eu não sei, a gente não estudô isso, ainda, em botá ela na creche, porque eu acho que eu não sei, é a primeira filha, né, e eu não sei qual é os cuidados da creche. Eu não sei, os cuidados em casa são bem cuidados. Na creche...

3.3 Após o primeiro ano do bebê

Passado o primeiro ano, a matriz de apoio ao casal pareceu mais restrita. Quando questionada sobre as pessoas que a ajudavam a cuidar da bebê Paula respondeu que cuidar mesmo não, diz que às vezes a sogra vai um pouco lá, mas ela não pode ir sempre, porque todo mundo trabalha.

A mãe reclama de cansaço e, também, da pouca ajuda que vem recebendo para cuidar da filha. Manifesta vontade que a filha vá prá creche.

Já o pai, quando questionado sobre as pessoas que ajudam a cuidar da bebê refere:

Às vezes ela fica com a minha mãe, né. (...) Não é todo o dia, não. (...) no momento, agora meu sogro e minha sogra tão na praia, mas geralmente se precisar alguma coisa, alguma ajuda, minha sogra fica também, não tem problema nenhum.

Sobre a possibilidade de colocar a filha na creche, parece não concordar com a esposa, mantendo sua opinião anterior:

...nós estamos pensando em agora deixar ela crescer mais um pouquinho, aí nós estamos pensando em botar ela na creche (...) acho que seria daqui uns dois anos.

4. ENVOLVIMENTO PATERNO

4.1 Acessibilidade

Durante o pré-natal, Rodrigo acompanhou a esposa até o posto de saúde, retirando-se quando as consultas iniciavam, alegando ir trabalhar. Inicialmente, seu desejo era de assistir ao parto:

... nos primeiros meses eu pensei que eu queria tá junto, hoje eu não (...) não sei (...) não sei, coragem, né...

Após o primeiro aniversário da filha, Rodrigo tinha claro que ficava muito pouco com ela, durante a semana:

... (fico) pouco disponível. Só tem fim de semana. Na semana às vezes chego em casa ela tá dormindo. Às vezes de manhã cedo quando eu acordo, que eu acordo 10 para as 7h, às vezes ela acorda também (...) tem dias que, hoje por exemplo, que eu saí de manhã e ela ficou dormindo. Ontem eu

cheguei em casa, ela também tava dormindo. (...) Ver ela eu vejo, ela que não me vê...

4.2 Engajamento

A expectativa do pai, durante a gestação, era de engajar-se nos cuidados da filha. Para isso, esperava contar com a colaboração da esposa:

Banho... sem dúvida, quando precisar eu (...) mas a Paula... o que ela pode me ensinar a fazer assim, eu vou...

Nos primeiros dias após o nascimento da filha, Rodrigo surpreendeu-se com a demanda de cuidados que o bebê exigiu; pensava em descansar durante a licença paternidade de 5 dias:

É na primeira semana, eu, não é, tu pensa naquilo. Eu achei que ia descansar. Não é assim descansar, na primeira semana foi bem corrido assim, sabe. Tu vai fazê uma coisa, tu não pode, tinha que atender ela. Mas, ela, depois ela ficou bem calma, assim, não tem problema nenhum.

Passados três meses, Rodrigo parecia preferir dedicar-se mais a atividades de lazer do que aos cuidados da filha propriamente ditos:

Quando eu chego em casa ou quando eu tô em casa, eu tô sempre brincando com a Diane.

Sobre o tipo de brincadeira que costumava fazer com a filha, Rodrigo conta:

Ah, eu faço cosquinha nela. Ela gosta muito de cosquinha no pé, né. Qualquer brincadeira, assim. Eu pego o bichinho, aperto o bichinho na frente dela, ela gosta também (...) o que eu gosto mais de fazê é passeá com ela (...) eu, até agora, não dei banho nela. (...) É, eu até agora não dei banho nela porque tem que ter um certo cuidado, né. A Paula disse que não pode deixá entrá água no ouvidinho dela, né. Eu não tenho, aí já requer maior experiência, né. Eu não tenho tanta...

O pai reconheceu estar pouco tempo envolvido com a rotina diária com a filha, o que procurava compensar quando chegava do trabalho:

Tô trabalhando, né. Então eu não vejo, eu saio de manhã cedo, e só volto à noite (...) quando chego em casa, se a pessoa tá cuidando da Diane, se tivé no colo, eu peço a Diane prá mim, né, pego ela, aí dô um tempo, se quisé jantá, se quisé descansa, tomá banho, aí eu sô da Diane, né, aí depois, eu janto, a Paula pega, a gente se revége.

Após o primeiro ano da Diane, o pai referiu continuar engajado nos cuidados com a filha, quando não estava trabalhando:

Olha, no fim de semana se precisar dar mamadeira prá ela eu dou. Se precisar trocar fralda eu troco. Que não tem problema nenhum.

Revelou, ainda, predileção pelas atividades de lazer às de cuidado com higiene:

O que eu mais gosto é passear com ela. (...) É, e ela se sente bem também, né. E eu também, né, porque... é bom passear com ela, ela é uma guria que é muito, sabe, não incomoda na rua. Não tem problema nenhum (...) o que eu menos gosto de fazer é trocar fralda. Aí eu deixo mais prá Paula. Não é por não gostar é que, sei lá, um pouco mais é a Paula. A Paula tá o dia a dia com ela, fica em casa, entende. Se precisar fazer eu faço.

4.3 Responsabilidade

Durante a gestação, a expectativa do casal era de que os dois assumissem, juntos, as responsabilidades sobre a filha, da melhor maneira possível. Segue o relato do pai:

Eu quero... aquilo que eu já disse, né, eu quero tentar passar do bom e do melhor prá minha filha, né... quero ser um bom pai prá ela, né...

Passados três meses do nascimento da filha, Rodrigo reconhece o aumento de responsabilidades:

(...) não tem problemas, a única dificuldade é que a gente tem que assumir responsabilidade, né. Essa é a dificuldade, né, mas não tem problema nenhum.

Mesmo assim, parece disposto a assumir a paternidade da melhor forma:

Olha, eu vou tentar assim ó, passar o melhor prá ela. O que eu, o que eu aprendi com meus pais, tentar passar o melhor prá ela. Não quero ela, futuramente, envolvida com pessoas com pessoas que não, hum, essas coisas, assim, essas coisas de droga. Quero passar, assim, o que eu sei do bom e do melhor prá ela.

Após o primeiro ano da filha, admite as dificuldades inerentes à vida familiar, mas parece disposto a enfrentá-las:

A gente tem os problemas. A gente... às vezes eu não tenho tempo, às vezes tem que levar no médico. Aí eu peço pro meu irmão né, que... É meio ruim sabe, pegar ônibus com criança no colo, né. É essa minha dificuldade. Também tenho problema com meu trabalho também, né (...) olha, eu tento fazer o melhor possível prá ela. Batalhando, tentando não deixar faltar nada prá ela, né. E, sei lá. Dando do bom e do melhor prá ela.

5. O ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO A MÃE

5.1 Acessibilidade

Durante a gestação, Paula sentia-se bem assistida pelo marido, e esperava que ele continuasse lhe apoiando:

Ah, espero que seja paciente... Uma pessoa calma, que ele já é calmo, mas, porque tem coisas da gravidez que mudou... Quando não era grávida, quando não tinha ainda, então... (...) em relação ao sexo, às vezes a gente fica um pouquinho alterado...

Passados três meses do nascimento do bebê, Paula sentia-se mais apoiada por sua irmã de 12 anos e sua sogra do que pelo marido. Rodrigo admitia estar afastado de casa, em função do trabalho; mesmo assim, acreditava que a esposa, por não estar trabalhando fora, conseguiria dar conta da casa e da criança.

Após o primeiro aniversário da Diane, Paula reclamava a ausência do marido e a falta de apoio por parte da família, agora pouco disponível. Pensava em voltar a trabalhar e colocar a filha na creche.

5.2 Engajamento

Durante a gestação, tal como Rodrigo, Paula acreditava no futuro engajamento do marido com o bebê:

Bom... ele vai ser um pai bom, eu tenho certeza, porque ele adora criança, ele é uma pessoa muito responsável, o Rodrigo, ele é muito carinhoso, calmo, ele tem paciência... Mas assim, maneiras de lidar com o nenê, acho que isso ele não sabe...

Ela mostrou-se disponível a ajudá-lo no que fosse preciso, confiante no seu apoio:

Sim, às vezes eu até pergunto prá ele se ele quer aprender a trocar a fralda, alguma coisa desse tipo, ele até (...) ele diz que quer, não tem problema (...) acho que fim-de-semana, assim, por exemplo, quando eu tiver que limpar a casa, com certeza ele...

Após o terceiro mês da filha, Paula disse estar satisfeita com a participação do marido nos cuidados da Diane:

Ele é uma pessoa, assim, que quando eu tava grávida, a gente conversava muito, né. Porque eu acho, assim, não é porque ele trabalha que ele não vai cuidá da filha, porque “ah, eu tô cansado”, não, eu também trabalho em casa, eu passo, eu lavo, eu passo, eu faço tudo com ela. Então qué dizê, assim. Então eu sempre falei com ele, ó Rodrigo, eu fazê uma coisa, tu vai fazê outra, mas sempre vai ajudá a Diane. Então ele troca, ele só se atrapalha um pouco quando ela tá cocô... (...) mas ele troca. Hoje mesmo fiquei arrumando a casa e ele foi saí com ela de carro, brincá, ele passô a manhã inteira com ela, ele ajuda a cuidá, junto, assim. Se ela chora de noite, cada um levanta uma vez. Se eu levanto uma, “ó, a próxima é tu”, a gente faz assim. (...) É, era assim que eu imaginava.

Paula continuava satisfeita com o envolvimento do marido, após o primeiro ano da filha:

... a única coisa que ele não fez até hoje, foi dar banho da Diane. Mas ele troca, ele coloca a roupa, ele faz mamadeira, ele dá prá ela se precisa. Muitas vezes eu quero arrumar a casa, fazer almoço, sei lá, ele sai, ele anda de carro ou ele vai na mãe dele, sei lá. Ele é muito, olha, se eu precisar dele, não der pra mim fazer, ele faz. Sabe, ele é bom pai mesmo.

5.3 Responsabilidade

O discurso de Paula, durante a gestação, revelava a expectativa de um pai comprometido com o bebê:

Como eu sou mãe ele também é pai, como eu tenho... obrigação, no caso, de cuidar o nenê, ele também tem.

Ela definiu a participação do marido no acompanhamento pré-natal como positiva:

(...) sempre se preocupa principalmente quando eu venho do médico, ele sempre... A primeira coisa que ele chega em casa pergunta como foi, ele sempre lembra das consultas, me avisa, faz questão muitas vezes de me trazer aqui quando dá...

Passado o primeiro aniversário da filha, contudo, Paula questionou algumas atitudes do marido para com a menina, achando que deveria ser mais responsável:

...o Rodrigo é calmo, sabe. Só que muitas vezes ele me irrita, tá me entendendo? Fico braba porque ele faz muito as vontades dela. Sabe, então tem coisas que ele faz que não deve fazer. Como por exemplo, ele disse pra mim que a Diane pode fazer o que quiser dentro de casa. Não é bem assim. (...) Então a Diane pegava os copos e quebrava e ele achava bonito quebrar aquilo. Só que isso é um exagero, onde se viu? Então eu disse pra ele que não é pra fazer mais isso.

6. ENTENDIMENTO DINÂMICO DO CASO 2

Configurações e relacionamentos nas famílias de origem

Paula e Rodrigo vêm de famílias nucleares, mantendo, na família de origem, a mesma posição de filhos mais velhos. Embora não sejam os primeiros a casar (tanto Paula quanto Rodrigo possuem um irmão casado, com um filho), foram os primeiros filhos a deixar a casa dos pais, após o casamento. Profissionalmente, o casal repete o modelo existente nas famílias de origem: os pais trabalham fora, garantindo o sustento da família, enquanto as mães cuidam da casa e dos filhos.

Quanto aos relacionamentos entre os familiares, não são mencionados grandes vínculos nem grandes desavenças. A impressão que o casal passa é que está acostumado à vida familiar agitada das grandes famílias (de 4 e 5 filhos), pois o que mais estranharam, ao casar-se, foi a “*casa vazia*”. Tal como os pais, a solução encontrada parece ter sido “*enchê-la*” com o primeiro filho, que é planejado e concebido apenas três meses após o casamento.

Modelos de paternidade

A primeira impressão que se tem é que o casal não tinha pensado muito sobre possíveis modelos de paternidade, mas, ao serem questionados, ambos concordam que o pai de Rodrigo pode ser um modelo adequado para o filho. A referência que Rodrigo tem do seu pai é dada pela mãe, que o descreve como um pai engajado nos cuidados dos dois filhos gêmeos. Ao tentar definir um bom pai, Rodrigo destaca a necessidade de estar presente, de não abandonar o filho, de assumir junto com a esposa.

O pai de Paula também é citado como um modelo adequado, por ela. Tal como o pai de Rodrigo, era um pai presente e auxiliava a mãe nos cuidados dos filhos. O único modelo referido como negativo, por Paula, é o irmão de Rodrigo, por ser pai solteiro. Isto poderia ser explicado pelo fato de ele contrariar as expectativas do casal de manter o modelo de família nuclear intacta.

Expectativa dos pais em relação à matriz de apoio

Durante a gravidez, o casal não esperava receber ajuda de outras pessoas, parecendo repetir a história das famílias. A surpresa deles, quando questionados sobre quem iria ajudá-los, revela que cuidar do bebê é uma atribuição natural da mãe, da qual ela deve dar conta sozinha, visto não trabalhar fora. A expectativa do pai era de ajudar na primeira semana, quando fosse liberado do serviço, período em que ele esperava “*descansar*”.

Após o nascimento do bebê, no entanto, a necessidade de ajuda foi outra. O pai surpreendeu-se com a demanda de um bebê tão pequeno. Paula solicitou a sua irmã mais moça que viesse morar com eles durante a semana, pois não conseguia dar conta do serviço da casa e dos cuidados da filha, sozinha. A sogra, que não era muito íntima, passou a freqüentar a casa e disponibilizou-se em ficar com a neta, diariamente, para que Paula se organizasse com o serviço, ou descansasse. A avó materna também foi solicitada a ficar, eventualmente, com a neta.

Chama a atenção, neste caso, que embora sem um planejamento anterior, por se tratar de uma família grande, na qual as mulheres trabalham em casa, rapidamente instalou-se uma rede de apoio adequada, eficiente e gratuita, formada basicamente por mulheres, e que desse conta dos cuidados da mãe (puérpera) e do bebê recém-nascido.

Percebe-se, entretanto, que esta rede de apoio não permaneceu disponível por muito tempo: após o primeiro aniversário da Diane, a mãe estava queixosa, reclamando o cansaço e a falta de ajuda para cuidar da filha. As avós reorganizaram suas atividades e estavam, agora, menos disponíveis; o marido continuava trabalhando o dia todo fora de casa. Paula pensou em retornar ao trabalho e, pela primeira vez, a hipótese da creche foi considerada, pela mãe. O pai não concordou, postergando a possibilidade de ingresso da filha na creche para os dois anos de idade: na sua cabeça, ainda era da competência da esposa cuidar da filha e dos afazeres domésticos sozinha; ele também desconsiderou o desejo de Paula de retomar as atividades profissionais, uma vez que ele conseguia prover o sustento da família.

O envolvimento paterno segundo o pai

Rodrigo mostrou-se um pai pouco acessível mas progressivamente mais engajado nos cuidados e na interação com a filha. A acessibilidade de Rodrigo foi mais evidente nos primeiros 5 dias após o nascimento da filha, quando teve sua licença paternidade, e funcionou como um apoio à esposa. Após esta primeira semana, no entanto, admitiu que sua disponibilidade para a filha era muito pouca: muitas vezes quando saía de casa pela manhã a filha estava dormindo, e ao retornar, à noite, já era hora de Diane ir para a cama. Ele comenta: "*Ver ela eu vejo, ela que não me vê*". Até o primeiro ano da filha, a disponibilidade de tempo de Rodrigo estava restrita às noites e aos finais de semana, quando ele procurava compensar sua ausência, brincando e passeando com a filha, e deixando a esposa descansar.

Quanto ao engajamento nas atividades de cuidado do bebê, o pai admitiu sua preferência pelas atividades lúdicas e os passeios, o que foi se tornando mais fácil perto do primeiro ano, quando a filha brincava mais. Sendo necessário, ele até ajudava a dar a comida, trocar fraldas e a vestir a Diane, mas recusava-se a dar banho, atividade que era delegada à mãe, por exigir maiores cuidados.

Rodrigo sente-se um pai comprometido, que assume as responsabilidades da vida familiar. Durante a gestação, acompanhou a esposa nas consultas médicas, embora não entrasse com ela, e foi capaz de dividir as tarefas domésticas, quando estava em casa. Pelo seu relato demonstra acreditar que dentro das suas condições de tempo e da sua disponibilidade financeira faz o melhor que pode para a filha. Preocupa-se com seu conforto e bem-estar, com seu futuro e sua educação. Quando não consegue estar disponível, delega para familiares o apoio à esposa, como nos casos em que a filha necessita de cuidados médicos, e ele pede ajuda ao irmão, que pode transportá-las de carro, até o posto de atendimento.

O envolvimento paterno segundo a mãe

Paula mostrou-se satisfeita com o engajamento do marido, ao longo do primeiro ano, mas surpreendeu-se com a sua pouca acessibilidade. Durante a gravidez, Paula tinha uma expectativa de que o marido fosse um pai bastante disponível, pelo fato de ele gostar de crianças e ser uma pessoa calma. Após o nascimento da filha, apesar de ele manter a mesma jornada de trabalho de sempre, ela

estranhou o pouco tempo de que Rodrigo dispunha para auxiliá-la e para ficar com o bebê. Aos três meses da Diane, Paula constatou, com certa tristeza, que a sogra e a sua irmã menor estavam mais disponíveis para a filha do que o próprio pai. Passado o primeiro aniversário da menina, ela continuava achando que o marido deveria estar mais disponível para interagir com a filha.

Quanto ao engajamento do pai com a filha, ao contrário da fala anterior, Paula sentia-se satisfeita. Esperava que ele fosse um pai participante, e acredita que ele correspondeu às suas expectativas. Mostrou-se satisfeita de ver o marido passeando com a filha, dando comida, trocando, ou acordando à noite para cuidar dela. A impressão que a mãe passou é que, quando estava disponível, Rodrigo era um pai muito adequado, afetuoso com a filha, como ela gostaria que fosse. O que ficou aquém das suas expectativas foi o pouco tempo em que esta interação pai-bebê acontecia.

No que se refere à responsabilidade, a princípio Paula descreveu Rodrigo como um pai muito comprometido, preocupado com ela e com a filha, cumpridor dos seus deveres de provedor das necessidades financeiras da família. Após o primeiro ano da Diane, as queixas referidas pela mãe, como um certo descuido do marido com a proteção da filha, pareciam estar mais relacionadas às dificuldades de Rodrigo em impor limites (o que seria compreensível pelo pouco tempo que ele disponibilizava para a interação com a menina) do que à falta de responsabilidade.

CASO 3 - ADAIR

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E HISTÓRIA FAMILIAR

1.1 Identificação do casal

Trata-se de um casal formado por Adair, 35 anos, funcionário de uma empresa de transportes, com segundo grau incompleto, e Mariléia, 29 anos, com segundo grau completo, técnica de enfermagem no setor de neonatologia de um hospital público da capital.

1.2 Análise do genograma familiar

Adair vem de uma família nuclear, é o mais velho de quatro filhos, filho de pais agricultores no interior do estado, como pode ser observado na Figura 3. Seu pai tem 60 anos e está aposentado, e a mãe tem 56 e agora só trabalha em casa.

Mariléia também vem de uma família nuclear, sendo a segunda de três filhos, cujos nomes repetem o nome do irmão mais velho. Os pais trabalham como caseiros em um sítio no nordeste do país.

1.3 História conjugal e notícia da gravidez

Adair e Mariléia deixaram cedo as casas das famílias de origem: Adair saiu da casa dos pais antes de completar 15 anos, vindo para a capital em busca de trabalho. Desde então, abandonou os estudos e não retornou para o interior.

Mariléia só morou com os pais até os seis anos de idade. Os pais trabalhavam como caseiros nas terras de uma família que tinha perdido seu único filho, aos sete anos de idade. Quando Mariléia completou seus sete anos, os pais a deixaram morando na casa dos patrões, a pedido destes. Mais tarde, quando o casal de patrões teve outro filho, e seus pais naturais tinham se mudado para a Bahia, Mariléia foi para o convento. Ela conta:

... então eu fui começando a fazer companhia né, para eles e tal, e fui ficando, tava perto do pai e a mãe, e fui ficando. (...) Porque daí o pai e a mãe foram embora para a Bahia, aí eu fiquei morando com o seu Arno e a Eva.

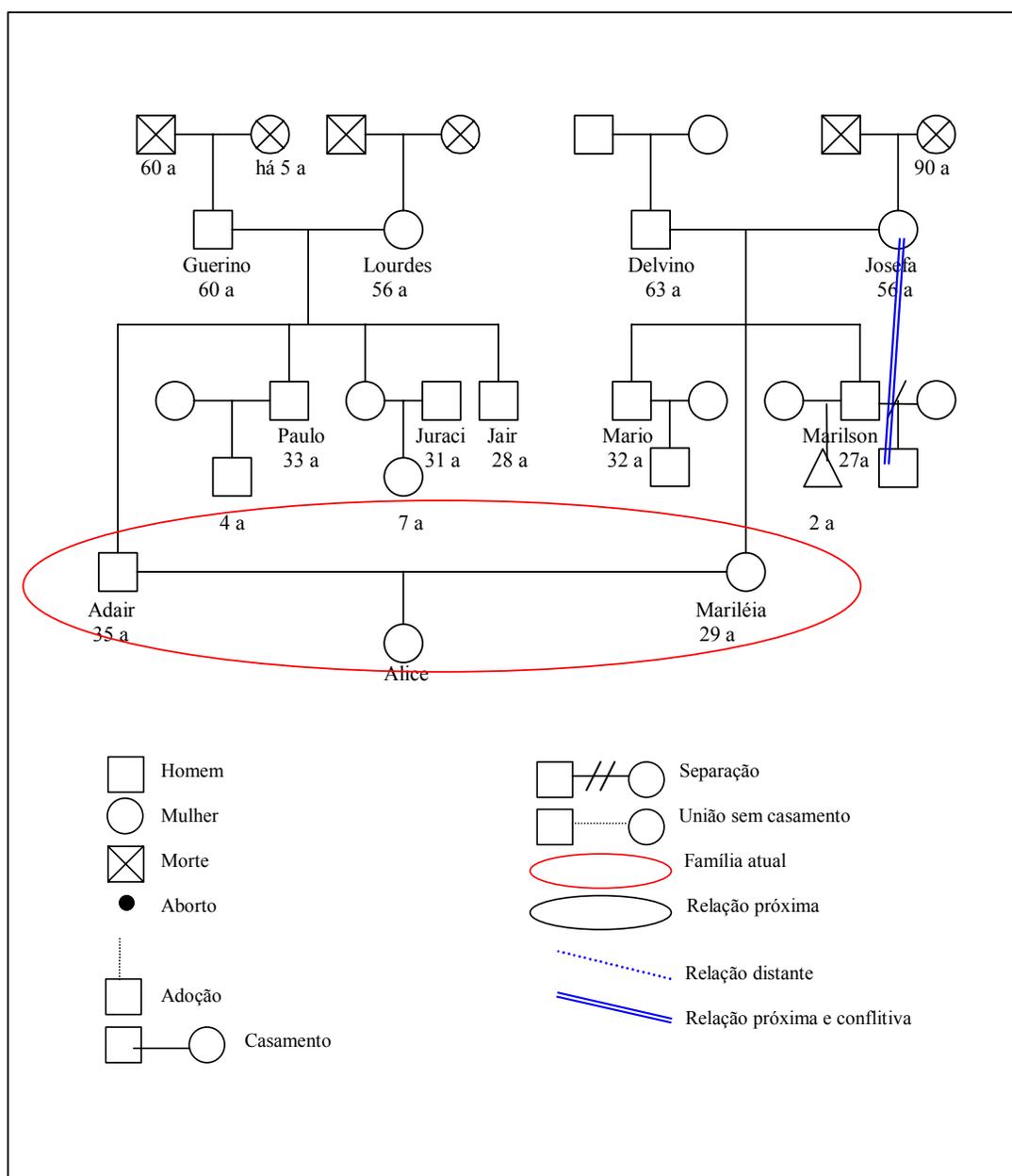


Figura 3.3 - Genograma do caso 3.

Daí ela teve os filhos dela, eu fiquei por ali, aí eu fiquei ali até quando eu fui para o convento... que tinha umas freiras lá, que passavam convidando as gurias e tal.

Durante uma festa de Natal, nas férias do convento, Mariléia conheceu Adair. Mariléia conta: *Tinha uma amiga minha que namorava ele.*

E Adair completa:

E a minha prima namorava o teu irmão né.

Trocaram alguns telefonemas, mas passaram 4 anos sem se ver. Após esse período, numa visita à prima e ao irmão de Adair, estes a estimularam a entrar em contato novamente com Adair. Ela diz:

Aí eu liguei. E daí, 6 meses, nós casamos.

Os dois sempre trabalharam fora e buscavam estabilidade financeira:

... antes ter um lugarzinho para nós, comprar um carro, para depois ter um bebê...

Após 8 anos de casamento, planejaram a gravidez, embora acreditassem, que por Mariléia ter ovários policísticos, poderia ter dificuldades para engravidar. No entanto, no mês seguinte, foram surpreendidos com a confirmação da gravidez.

Com relação à gravidez da esposa, Adair comenta:

Acho que eu estou ansioso, nervoso. Não sei porque é uma coisa que... vai mudar totalmente a nossa vida. Assim de uma maneira. (...) Ah! A gente tinha um monte de... a gente teve que fazer tudo... pelo interesse do... a gente não tinha nada, tivemos que fazer tudo. Eu digo no plano financeiro. Mas... eu estou ansioso ultimamente (...) como pai, eu não sei mas acho que a experiência vai ser o dia que ela nascer, dali que vai contar...

Mariléia, ao comentar a reação do marido quando recebeu a notícia da gravidez, conta:

Ele ficou super bobo, me felicitava, dizia: 'meu Deus, não pode ser verdade!'(...) ele me olhava, às vezes eu pegava ele me olhando de maneira assim engraçada, meio abobada, meio não querendo acreditar.

Sobre a preferência do marido pelo sexo do bebê, Mariléia comenta:

...ele preferia que fosse guri, porque ele achava que na educação seria melhor educar um guri, porque ele teria menos problema prá educar se fosse guri do que menina, mas daí todo mundo começou a dizer prá ele, menina é muito mais do pai do que o guri, e assim ele começou.

1.4 Visita domiciliar no pós-parto

A visita foi agendada previamente com a mãe, que antecipou: “*vocês nem vão imaginar quantas novidades tem por aqui...*”. Combinamos um horário em que o pai estivesse em casa, o bebê já estava no seu segundo mês de vida. O endereço foi localizado com facilidade, num conjunto habitacional, classe média baixa. O pai desceu para nos receber na porta do edifício, que ficava trancada por medida de segurança.

Fomos recebidas na sala, Alice estava deitada no sofá, com muitos brinquedos. Divertia-se olhando para uma grande bola de praia, bem colorida, que o pai girava em sua direção. Uma senhora de idade, que viemos saber ser a avó materna, nos ofereceu chimarrão. Após poucos minutos, a mãe nos convidou para conversar no quarto do casal, deixando Alice aos cuidados do pai e da avó.

Contou rapidamente do parto, que foi tudo bem, embora tenha sido parto cesáreo, mas quer falar da vinda inesperada de sua mãe, que mora no nordeste, para tratamento quimioterápico de um câncer. Está muito abalada com o diagnóstico da mãe e com a responsabilidade de ter que tomar conta dela:

...vai ter que ser tudo comigo, o Adair tem que trabalhar, e eu vou ter que levar a mãe por tudo, ela não conhece nada aqui...E tem a Alice... A gente tinha tudo organizado pra nós três...E agora o pai telefonou dizendo que vai ter que mandar junto o meu sobrinho, de dois anos, que é a mãe que cuida, não sei como é que vai ser...gente, que loucura...

O sobrinho deverá chegar na semana seguinte, o casal está providenciando creche para ele. Mariléia pensa em entrar para auto-escola, pois fica com o carro em casa, e, se aprender a dirigir, poderá organizar-se melhor e com mais rapidez. A previsão é que a mãe e o sobrinho permaneçam por um ano com a família.

A casa está completamente desorganizada, ao contrário da visita anterior, quando foi realizada a entrevista da gestação. Alice, que tinha um quarto só para ela, volta a dormir no quarto dos pais. O quarto da menina ficará para a avó e o sobrinho. Os pais mostram-se tensos, embora simpáticos e prestativos. Alice aparentemente está bem, é tranqüila, não a vimos chorar.

1.5 Parto e nascimento do bebê

Mariléia sentiu-se bem acompanhada durante o parto:

...tinham três comigo, a Débora comigo e a Ruth comigo [duas amigas colegas de trabalho e o marido] (...) entraram, assistiram o parto (...) o médico deixou todo mundo. A Ruth filmava, né. E a Débora batia foto (riso) (...) e o pai do meu lado (...) eu só não deixei ele ver toda a minha contração, sabe aquela parte mais horrível... Eu não quis que ele visse porque eu sei que ele não tem uma estrutura assim (...) O pai tava muito calado, muito nervoso, muito tenso assim. (...) Tava muito preocupado, muito preocupado. (...) ...O pai, sim, sim, sempre junto.

O fato de trabalhar no setor de neonatologia do hospital onde a filha nasceu, possibilitou o acesso das colegas de trabalho:

As gurias da Neo invadiram (...) Eu disse: não tem como parar essas mulheres?

O obstetra disse: “o teu parto não foi um parto, foi um teatro”.

Adair expressa, no relato que segue, como sentiu-se ao acompanhar o parto da primeira filha:

Ah, eu estava lá, presente. Tava lá presente, e olha, quando a Mari saiu do, nós tentamos parto normal, mas não foi possível, aí quando nós fomos lá para a cesárea, aí sim, aí eu quase desabei lá no meio da... (...) Assisti, assisti, atrás do paninho lá. Não diretamente. Porque eu não ia agüentar, mesmo porque, quando houve a troca de procedimento lá, do parto normal para a cesárea, me deram uma cadeira e água lá, porque eu já tava

desabando né. Ah, tomei um suador lá dentro. Imagina, né. Tu não sabe o que tá acontecendo.

E conta, sobre quando nasceu a filha:

E aí quando veio aquela figurinha lá. Bah, foi, ah eu chorei. E a Mari também, a Mari chegou a dar uma espécie de queda de pressão né, ela ficou com muita dor de cabeça assim, aqui na nuca assim. (...) E aí passei todo aquele dia, (...), aquela noite eu fiquei lá, a noite toda, e a Mari sem leite, porque tinha feito cesárea e a anestesia...

2. MODELOS DE PATERNIDADE

Quando questionado sobre a existência de um modelo de pai, Adair responde:

Não. Não, porque eu vejo muita coisa errada com a filha dos outros então eu não quero que aconteça a mesma coisa com eles... (...) Um pai não pode largar os filhos na rua e ficar dentro de casa. A gente vê aqui no prédio... as crianças com oito, dez ano (...) dizem assim, vai lá em baixo, fica brincando lá, quando for 10 horas eu te chamo. Eu não acho que seja modelo.

Sobre o seu pai como possível modelo, Adair comenta:

... meu pai... meu pai pode ser o único exemplo, eu pra mim, eu sigo o exemplo dele (...) ele lá do meio da roça, é meio complicado. (...) é um modelo diferente daqui. Lá fora... hoje eu entendo bem, na época... é a gente... que eu me lembre, ele nunca brigou com a minha mãe, que eu lembro uma vez apenas, que eu era bem, bem pequeno (...) com a gente... quando a gente... de vez em quando ele brigava (...) ele [pai de Adair] teve dificuldades no início, 35 anos imagina... teve que pagar... comprar a própria terra do meu vô. Mas assim, ele nunca deixou faltar nada (...) exceto, ele deu estudo, embora... é ele... era bem durão.

Quando questionada sobre se tem algum modelo de pai, Mariléia, que só morou com os pais até os sete anos, responde que "não", e justifica:

...que ele não soube me criar direito, porque eu tenho um mágoa muito grande em relação a isso [refere-se ao fato de ter sido criada por outra família] e ele esquece isso, mas...

Por outro lado, destaca algumas condutas do pai como um modelo:

O meu pai tem os defeitos dele, como qualquer pessoa tem, mas ele sempre foi muito protetor. A parte que a minha mãe não fez comigo, ele fez comigo. E ele sempre ensinou a gente a se defender. Ele sempre disse 'eu não tenho condições de defender vocês (...) ele defendia muito a gente, e foi sempre muito pelo certo. E ele educou a gente muito bem. Ensinou a gente a ser honesto, foi uma pessoa trabalhadora... (...) Por mais que seja... por mais que eu tenha um problema de relação muito grande com ele, quem me ajudou a me encontrar nisso, a aceitar isso foi ele, que nós dois, 24 horas junto, nós não ficava, dava briga. (...) Mas do meu pai eu tenho essa lembrança, de proteger a gente e ensinar a gente a se defender.

Quando questionada sobre o que considera ser um bom modelo de pai, Mariléia responde:

Acho que um bom pai vai ser ele, [o marido] seja como for, prá mim ele vai ser um bom pai. Porque a Alice não vai ter outro.

Após o terceiro mês da filha, Adair descreve-se como pai:

Que eu via como exemplo né, então eu acho que eu tô me mantendo naquele, naquele, naquilo que eu queria para mim, para eu ser um pai para a Alice, (...), eu acho que ela não vai ter excesso, mas também não vai faltar nada. É, porque a gente vai, vai batalhar para isso, trabalhar e dar o que ela precisa.

Por outro lado, acrescenta:

...a gente às vezes, a gente acha que tá preparadíssimo para ser pai. Mas depois a surpresa vem vindo, vem vindo.

Passado o primeiro ano, ao ser questionado sobre como se descreve enquanto pai, Adair responde, após um grande silêncio:

...Eu acho que eu tô sendo um bom pai. (...) Bem, bem. Tô conseguindo dá... dentro do conhecimento que eu tenho. O pouco conhecimento que eu tenho, ser um bom pai.

Mariléia, por sua vez, comenta em resposta a como vê o marido:

Ai, melhor do que eu esperava. (...) Ah, é muito bom, assim. É muito bonito. Tem umas coisas assim que ele não tem muito ... nunca conviveu com criança, assim .

3. MATRIZ DE APOIO

3.1 Durante a gestação

A expectativa de apoio do casal, durante a gestação, está baseada na ajuda de amigos e da creche. O casal pensa num revezamento nos cuidados com o bebê e não espera apoio das famílias de origem. Sobre a sua família, Adair comenta:

Olha, eles até nem podem ajudar muito.

Mariléia complementa:

...que tanto eu quanto ele a gente vive longe da família de origem, mas a gente tem um lado com os amigos muito bom. E daí todo mundo é tio e tia. É tia aqui, é tia ali, todo mundo vira tio e tia.

Quando questionada sobre quem os ajuda no momento, Mariléia responde:

Ajudando?... eu tenho uma vizinha a Lia, ela é a minha mãezona que eu não tenho perto, ela que vem me ver todos os dias, como é que eu estou, como é que eu não estou, me metem pilha até, porque ela é depressiva e tal, e eu já ajudei muito ela.

Para quando o bebê nascer, a opção de ajuda, de acordo com a mãe, será a creche:

... eu não quero ninguém muito próximo que fique aqui em casa. Eu sempre fui acostumada a me virar, eu acho que eu vou me sentir muito pior se tiver alguém (...) eu sei que posso contar com a Lia, eu posso contar com ela, até porque eu não tenho ninguém muito próxima que eu possa alugar, eu não quero alugar ninguém prá isso. (...) Eu já inscrevi a barriga na creche do Hospital (...) mais segura do que ela ir comigo e voltar...

Adair concorda com a opção da creche, sabendo que terá que assumir os cuidados da filha no período da noite, quando a esposa voltar ao trabalho:

... ela tira licença dos quatro meses... e depois a gente vai... a gente vai depender da creche. (...) Ela se inscreveu na clínica, lá na creche, e pediu pra trabalhar de noite lá, daí se ela conseguir trabalhar de noite lá (...) ela cuida de dia, eu trabalho de dia e de noite... pelo menos três dias eu vou ter que me virar.

3.2 Após o terceiro mês do bebê

Nos primeiros dias após o nascimento, Mariléia reclama a falta do marido em casa:

Não, nem a primeira semana, lá na firma tinham demitido um colega da sala dele, ficou ruim para ele... (...) Daí no dia que ela nasceu, daí sim, daí ele não foi trabalhar (...) é, as gurias que me ajudaram (...) ... mas comigo em casa nunca, nunca precisei de ninguém, sempre me virei sozinha.

Durante a primeira semana de vida da filha, Mariléia parece registrar sintomas de depressão pós-parto:

... quando eu me encontrava sozinha com a Alice, eu chorava muito. (...) o obstetra sempre me disse “Mariléia, quando tu sentir essa vontade de chorar, não fica chorando do lado da tua filha, vem para o telefone e fala comigo... (...) onde eu me sentia um pouquinho, onde eu tinha uma liberdade,

eu tinha essa vontade de chorar. (...) de ficar sozinha e chorar, nem que fosse debaixo do chuveiro.

Nesta mesma semana, conta que receberam a visita dos sogros:

... foi no sábado, a minha sogra e o meu sogro vieram, aí (...) aí era visita né. Aí quem é que teve que se levantar, arregaçar as mangas e ir atrás? Fui eu, né.

Quando questionada se a sogra a ajudava, Mariléia responde:

Não, ninguém, ninguém. (...) A sogra de visita. (...) tanto que ela queria ficar, mas o Adair mandou ela para casa. (...) ele disse assim “não mãe, tu vai para casa, porque aqui tu não ajuda e.. (...) se tu não tá aqui, as gurias sabem que a Mariléia tá sozinha... aí elas vem e ajudam.

Quando a bebê tinha 45 dias a avó materna veio morar com a família, pelo período de um ano, para o tratamento de câncer, trazendo consigo o neto de 2 anos, que é criado por ela. Adair sentiu a presença da avó como uma possibilidade de ajuda:

É, tem a vó. A vó tá ajudando. (...) A vó faz uns quarenta e cinco dias que tá aí. Então ela já tá sabendo do, embora é uma ajuda limitada né, porque ela tá com o braço...

Já Mariléia comenta, sobre a presença da mãe e do sobrinho em sua casa:

...ele e a mãe, o problema é o Thiago né, o menino. (...) o menino porque ele tirou toda a tranqüilidade da casa né. (...) Ele tira toda a tranqüilidade né, e ele tem muito ciúmes da Alice, ele assim óh, ele se tornou... (...) Sim, ele é meu sobrinho, mas criado (...) como filho dela, o meu irmão não assumiu, nem a mãe dele.(...) ela pegou ele com um ano e meio, ela...(..) Vai ficar, vai ficar [com a mãe de Mariléia na casa durante o período que aquela ficar] (...) eu acredito que um ano, mais ou menos. (...) a minha mãe fez cirurgia e tudo, né. Só a quimio agora que ela tem que fazer...

Após o terceiro mês, Alice estava iniciando o período de adaptação na creche. Adair acompanhou Mariléia e Alice no período de adaptação. Ele comenta:

Começou, segunda, segunda-feira. (...) Primeiro dia, ela ficou cinquenta minutos. Sem chorar, nada. Aí ela abriu a boca e as tias lá trouxeram ela. Desesperada, tava toda vermelha, chorando. (...) Eu tava lá, porque eu fui levar ela, para ela não ir de ônibus. Mas o segundo dia já ficou uma hora e dez. (...) Terceiro dia, ela ficou uma hora e, foi uma hora e, uma hora e quarenta, e não chorou, ficou legal. E hoje, ela foi mais cedo hoje (...) Mas diz que ela saiu de lá desesperada, braba, braba, braba. Incomodou até dentro do ônibus, incomodou não, ela...

3.3 Após o primeiro ano do bebê

Após um ano do nascimento de Alice, e com o retorno da avó materna para a Bahia, o casal sente-se cansado, sozinho e com poucos recursos de apoio. Sobre a mudança recente da sogra, Adair comenta:

A vó faz falta, ela tava sempre por perto da Alice. Então a Alice é que tava mais perto da vó. E a Mari conseguia fazer as coisas dela tranqüila, né. E agora não.

Mariléia concorda:

Ficou mais difícil prá mim (...) por que a mãe não tava mais na minha casa (...) não tem ninguém prá me ajudar, daí é eu e ela, eu e ela, tudo né. Chega um ponto que tu não consegue fazer as coisas por que ela tá naquela fase danada de sobe em tudo, mexe em tudo. (...) Dificuldade prá fazer as minhas coisas, né. Como eu não tenho ninguém que me ajude a cuidar dela, né, só na creche.

Com a mudança de turno de trabalho para a noite, o horário da creche foi alterado e reduzido. Mariléia fala:

... a creche não fica com ela . A creche é do hospital né. (...) é só enquanto a mãe trabalha.

A bebê parece apresentar dificuldades em permanecer na creche. De acordo com Mariléia:

... ainda me chateia um pouco é que ela ainda chora pra entrar, né. (...) ela chora pra entrar, ela sabe que não precisa fazer isso. Que não tem motivo que o papai pega ela, né. Que não tem por que ela fazer isso.

Quando questionado sobre a ajuda que o casal recebia de amigos e vizinhos, Adair responde:

Hoje, atualmente, não tem ninguém, né (...) ela tem uma madrinha que mora ali em cima né. Então todos os dias ela dá uma olhada nela. Mas é aquilo né, ela também não é uma madrinha grande, ela tem dez anos, então (...) É, não tem compromisso. (...) ...é complicado prá gente deixar ela lá, porque lá em cima já tem dois [sobrinhos gêmeos] ...nasceram com sete meses, sete meses e meio (...) Não são pessoas que podem ajudar, né, eles mais tão precisando de ajuda até...

O casal está tentando se reorganizar após a mudança da avó. Adair percebe o cansaço da esposa:

É, ela tá cansada. (...) ela tá querendo contratar alguém prá cuidar dela um pouco pelo menos na parte da manhã. (...) Senão ela não consegue fazer nada.

Mariléia também fala de seu cansaço e dificuldade em dar conta do acúmulo de tarefas:

Não tem ninguém prá me ajudar em casa. Aí eu fico bem doida, né. Não consigo passar roupa direito, não consigo limpar a casa, não consigo sair né. (Alice chora) ... eu sabia que ia ser assim. Só que a gente estava esperando alguém pra nos ajudar. Só que é super difícil isso. Hoje em dia é muito difícil tu encontrar uma pessoa pra te ajudar.

4. ENVOLVIMENTO PATERNO

4.1 Acessibilidade

Quando questionado sobre como imaginava-se como pai, Adair comenta:

... mas como pai, eu não sei mas acho que a experiência vai ser o dia que ela nascer, dali que vai contar...

Após o terceiro mês do bebê, Adair fala sobre a experiência de ser pai:

Ah, quanto à experiência de pai, eu acho que..., a gente vai se acostumando. É uma coisa que a gente vive todo dia um pouquinho, eu não deixei de trabalhar nesse tempo todo... Eu sempre trabalhei, então..., mas é cansativo. E prazeroso, né, porque é, todo dia, quando a gente chega em casa, ela, primeira coisa que ela faz, ela sorri para todo mundo. (...) Foi o que eu disse, a experiência, o tempo que a gente, o tempo que eu chego em casa, só o último mês assim, que eu tô saindo às seis da tarde...

Passado o primeiro ano da filha, Adair conta como está se sentindo em relação à paternidade:

Me sinto bem, né. Cansado, mas (risos) É exigente, bah. Tem que tá sempre em cima dela. (...) Antes a gente tinha liberdade pra ir e vir, agora não. (...) Agora onde nós vai, leva ela. Não pode sair na frente dela pelo menos. Ela... se ela tá te enxergando que tu tá saindo ela quer ir junto. Essas coisas. Mas assim, tá sendo muito bom, né.

Sobre a rotina com a filha:

Saio de casa às seis e meia, retorno às quatro e meia (...) De tarde aí eu fico até ela dormir.

4.2 Engajamento

Durante a gravidez, embora Adair esperasse ajudar a esposa, sentia que "a parte maior fica pra ela". Sobre a participação do pai nos cuidados com a bebê, após o terceiro mês, ele comenta:

Olha, agora, por enquanto a minha tarefa tá sendo fácil né. (...) (riso) por enquanto tá sendo fácil, pensando bem, para mim, a minha posição tá bem confortável. Porque agora, a partir do dia vinte e sete, eu que vou ter que assumir a parte da, quando eu chegar do, aliás a gente nem combinou certinho como é que vai ficar, porque (...) É, eu vou ficar com ela no final de semana. (...) Já tô começando a trocar fralda, já ontem já troquei uma. (...) A dificuldade maior é quando, quando ela chora, chora, ela quer a mãe (...) E eu pego ela, e ela não se acalma.

Ainda sobre as tarefas, Adair comenta:

Ah, ela fica, ela fica mais com a mãe. (...) Eu sempre, quando a gente faz um revezamento, quando ela descansa um pouquinho, ela se cansa e dá para mim, aí eu fico com ela, ela tá chorando, eu caminho com ela, eu dou uma volta, venho para cá, vou para lá e ela se acalma, então eu acho que as tarefas são divididas né, eu não sei, no caso, trocar fralda...

Adair parece mais confortável quando fala sobre as brincadeiras com a filha:

Ah, eu gosto de brincar com ela. (...) Eu gosto de brincar, eu gosto de ver ela satisfeita. (...) ...fazendo caretas e pegando as coisas do sofá e dando aquele mordedor, que agora ela gosta de morder... Se tiver, se ela pegasse, tivesse bico, ia ser bem mais fácil né, tu dá o bico e (...), ela se entretia com aquilo, mas não tem, ela não gosta, não quer, não foi, não foi ah, induzida ao bico...

No primeiro ano de vida da filha, Adair relata:

Às vezes eu pego ela da caminha e ponho pra mamar com a mãe... (...) Fim de semana, sim, eu dou o leite, esquento o leite pra ela, eu dou fruta pra ela. Dou banho se precisa, troco fralda.

Comenta que o que mais gosta de fazer com a filha é:

Passear. Ir pro parque, exatamente.

E sobre o que menos gosta de fazer com a filha:

Ah, menos agradável é a... a liberdade que tu... Tu tem que ficar o tempo todo ali com ela. (...) Exatamente, esse plantão é sem intervalo. (...) Às vezes aí eu... olho televisão, faço outra coisa mas sempre por perto.

4.3 Responsabilidade

Adair fala sobre a gravidez:

Ah! A gente tinha um monte de... a gente teve que fazer tudo... pelo interesse do... a gente não tinha nada, tivemos que fazer tudo. Eu digo no plano financeiro. Mas... eu estou ansioso ultimamente.

5. O ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO A MÃE

5.1 Acessibilidade

Mariléia acha que o marido fica muito tempo em casa, pois chega do trabalho às 16:30. Mesmo assim, acredita que ele poderia estar mais disponível para a filha. Após o terceiro mês da filha, ela relatou:

Eu achei que ele ia ser melhor assim. Não é muito ligado, ligado assim. (...) Achei que ele fosse mais atencioso assim, ele é meio desligado, eu tenho que dizer: “ai criatura, me ajuda, ai...” (...) Eu peço: “ai, por favor” (...) Aí ele vem, aí ele corresponde.

Já após o primeiro ano, Mariléia descreveu o marido como estando mais acessível:

Sempre que eu preciso eu peço mas é difícil precisar pedir, porque ele é muito participativo, né.

5.2 Engajamento

Mariléia, após o terceiro mês da filha, fala, ao comentar sobre a participação do marido nos cuidados do bebê:

...ele é assim, bem rotineiro, é difícil tu quebrar a rotina dele, por exemplo, ele chega em casa e ele faz todos os dias as mesmas coisas, até pegava ela, mas não era aquela coisa de largar tudo para ficar com o bebê né, eu digo 'vai ver que é por isso'. Aí umas noites ele tentou acalmar ela e deu certo, agarrou ela, ficou com ela na cama.

Preparando seu retorno ao trabalho, Mariléia parece querer preparar o marido para que possa assumir sozinho os cuidados da Alice:

Não, agora eu tô treinando ele né, porque no sábado e no domingo ele vai cuidar dela né, que eu vou trabalhar. (...) Ele assume, em relação a isso sim, só eu sei que vai ser um pouco difícil para ele, mas não tem outra alternativa.

Após o primeiro aniversário da filha, Mariléia fala sobre a interação do marido com a menina:

Ele é uma pessoa bastante quieta, bastante calma, achei que ele... que ele ia continuar sendo assim. Mas não, eu vi que ele tá mais, ele tá bem comunicativo né, conversa bastante com a Alice. (...) Brinca bastante, não se nega a fazer nada por ela assim. Se precisar dar uma comida ele dá, se precisar dar um banho ele dá, se precisar...

5.3 Responsabilidade

Embora reclame da pouca iniciativa do marido, Mariléia reconhece e valoriza o seu senso de responsabilidade:

Eu posso contar com ele pro que der e vier em relação a Alice, né.

6. ENTENDIMENTO DINÂMICO DO CASO 3

Configurações e relacionamentos nas famílias de origem

Adair e Mariléia vêm de famílias nucleares, com 3 e 2 irmãos, respectivamente. Nas duas famílias os nomes dos filhos são muito parecidos, dando a impressão de pouca diferenciação entre os irmãos. O fato de ambos terem deixado a família de origem muito cedo (ele aos 15 anos, para trabalhar, ela aos 6 anos, para viver com a família de padrões dos pais) pode justificar o distanciamento que o casal revela, hoje, dos pais.

Durante a gestação, o casal não referiu nenhum vínculo de proximidade com qualquer familiar; no caso da família da mãe, além do distanciamento afetivo, destacou-se a distância física, uma vez que os avós mudaram-se para o nordeste do país, em busca de trabalho.

Modelos de paternidade

Quando questionados sobre a existência de um modelo de paternidade, tanto Adair quanto Mariléia prontamente responderam que não tinham um modelo definido, o que é compreensível, considerando suas histórias de separação precoce dos pais.

Ao pensar mais sobre o assunto, no entanto, Adair referiu os pais da vizinhança como modelos negativos, por deixarem os filhos “*largados*”. O seu pai poderia ser um exemplo de pai provedor das necessidades materiais da família, respeitoso com a mãe, mas seria, aos olhos do filho, inadequado ao contexto da cidade, e muito “*durão*”.

Mariléia mostrou-se ambivalente em relação ao seu pai como modelo, ora queixando-se do abandono (ele permitiu que ela fosse viver com outra família, aos seis anos), ora definindo-o como protetor, no sentido de ser um pai que a ensinou a se defender. De qualquer forma, a marca do abandono parece ter ficado muito forte. Ela projeta no marido boas expectativas em relação à paternidade, referindo que ele é o único pai que a filha vai ter.

Expectativa dos pais em relação à matriz de apoio

Existiu um movimento "queixoso" em relação à matriz de apoio nesta família: inicialmente o casal reclamava por não poder contar com o apoio de familiares; quando a avó vem morar com o casal, eles reclamam da sobrecarga e da falta de privacidade; quando ela retorna para sua casa, após vários meses, sentem-se abandonados.

Durante a gestação, a expectativa de apoio do casal estava baseada na colaboração dos muitos amigos e na creche do serviço da mãe. O casal pensava em um revezamento de horários para cuidar do bebê, o pai trabalhando durante o dia e a mãe durante a noite, em plantões de dias alternados, no hospital. Não esperavam contar com qualquer ajuda dos familiares, devido à distância e às dificuldades financeiras de ambas as famílias de origem.

Após o nascimento da filha, Mariléia surpreendeu-se com a ausência do marido o qual, por solicitações do trabalho, não ficou tão disponível quanto o casal esperava. Os avós paternos vieram conhecer a neta, mas ocuparam um lugar de visitas, e não de apoio, dando mais trabalho à mãe, que se descreveu como deprimida em seu pós-parto.

A vinda inesperada da avó materna, 45 dias após o nascimento de Alice, trazendo junto um sobrinho de três anos, para passar um ano com a família, e realizar um tratamento quimioterápico, reforçou a sobrecarga de Mariléia. Apavorada com a responsabilidade de cuidar do bebê, da mãe doente e de um sobrinho que ela sequer conhecia, e com o marido trabalhando o dia todo, só o que Mariléia referia era a sua vontade de chorar. Ela precisou ser atendida e medicada pelo obstetra, que diagnosticou um quadro de depressão puerperal, associado a fatores estressantes. Neste contexto, a pequena Alice, de três meses, iniciou seu processo de adaptação à creche.

Passado o primeiro ano da filha, e com o retorno da avó materna e do sobrinho para o nordeste, o casal sente-se, novamente, desamparado. Na realidade, a avó, apesar de doente, funcionou como um grande suporte, auxiliando nos cuidados da Alice. Foi a avó quem acompanhou a menina durante a adaptação à creche, e era ela quem estava sempre à disposição, em casa, para que a mãe ou o casal saíssem

para trabalhar, fazer compras ou mesmo, para passear. O sobrinho foi colocado em uma creche pública, em frente à casa, onde passava o dia todo, sem interferir na rotina da família, durante boa parte do tempo.

A marca deste casal parece ser o abandono. Sem o apoio da avó, Mariléia sente-se, novamente, cansada e sozinha. Seu trabalho só agora passou para o turno da noite e, com a troca de horário, o período da creche foi reduzido: as crianças só podem ficar na creche enquanto as mães estão trabalhando. As amigas e vizinhas não estão mais disponíveis para ajudá-la e ela reclama de não conseguir dar conta do serviço da casa com a filha acordada. A próxima alternativa pensada pelo casal é encontrar uma pessoa que cuide da filha dentro de casa.

O envolvimento paterno segundo o pai

O tempo que o pai tinha para passar com a filha, logo após o seu nascimento, não era tanto quanto ele gostaria: Adair saía de casa diariamente às 6:30, quando a filha ainda estava dormindo, e retornava às 16:30. A partir do momento que chegava em casa, no entanto, ficava totalmente disponível para a menina. Também mostrava-se acessível nos finais de semana, os quais ele dedicava integralmente à família, e a tarefas como ir ao supermercado e cuidar do carro.

Quanto ao engajamento do pai, pode-se dizer que ele foi se intensificando, ao longo do primeiro ano, mas não foi um movimento espontâneo e sim, determinado pela ausência da mãe. Ao avaliar a sua participação nos cuidados da filha, até o terceiro mês, Adair admitiu que a *"maior parte é dela"*, referindo-se à esposa, e que ele estava numa posição *"bem confortável"*. Mesmo assim, e apesar de nunca ter trocado uma fralda até então, ele sentia que estava dividindo as tarefas com a esposa.

Com o retorno de Mariléia ao trabalho, no entanto, ele teve que assumir os cuidados da menina sozinho, durante os plantões de final de semana da esposa. O pai começou a trocar, dar banho e comida para Alice, embora sua preferência fosse por brincar com ela. Seu depoimento, na época, era que estas atividades não eram difíceis, mas cansativas.

Passado o primeiro ano, Adair continua mostrando-se engajado nos cuidados da filha, desde que a mãe não esteja em casa: nos finais de semana que ela trabalha,

ele troca, dá o banho. Sua atividade preferida continua sendo passear e ir para o parque com Alice.

Quanto à responsabilidade, o pai descreve-se como sendo muito comprometido com a família, preocupado com a manutenção da casa e com o bem-estar e a saúde da esposa e da filha.

O envolvimento paterno segundo a mãe

A percepção da mãe é que embora o pai tenha tido sempre o mesmo horário de trabalho, ele foi progressivamente mostrando-se mais disponível para a filha, participando dos cuidados e interagindo com ela espontaneamente, não precisando mais ser solicitado, como ocorria logo após o seu nascimento.

Quanto ao engajamento, Mariléia inicialmente definia o marido como "rotineiro" e, quando preparava seu retorno ao trabalho, usou a expressão "*eu tô treinando ele*", referindo-se à sua maneira de facilitar a participação do pai nos cuidados da filha. Atualmente reconhece que o marido é capaz de realizar todas as atividades de rotina sozinho, e surpreende-se com as mudanças apresentadas na interação com a Alice, quando mostra-se bem mais comunicativo e participante.

O senso de responsabilidade e companheirismo do pai, no que diz respeito à filha, é destacado por Mariléia: *eu posso contar com ele pro que der e vier em relação à Alice, né.*

CASO 4 - WILSON

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E HISTÓRIA FAMILIAR

1.1 Identificação do casal

Trata-se de um casal formado por Wilson, 24 anos, funcionário no setor de manutenção de uma empresa de transportes, com segundo grau completo, e Elisângela, 23 anos, recepcionista na mesma empresa que o marido trabalha, também com segundo grau completo.

1.2 Análise do genograma familiar

Wilson e Elisângela vêm de famílias nucleares. Wilson é o mais velho de três filhos, sendo que cada nascimento foi precedido por um aborto, como pode ser observado na Figura 4. Seu pai tem 51 anos e está aposentado, e a mãe tem 49 anos e agora só trabalha em casa; ambos trabalhavam nas terras da família. Elisângela é a mais velha de dois irmãos, filha de pai motorista e mãe do lar.

1.3 História conjugal e notícia da gravidez

Os dois moravam com os pais quando se conheceram no local de trabalho da época. Wilson era motorista e Elisângela iniciava um estágio como recepcionista num órgão público.

Depois de trocarem olhares e bilhetes, Wilson a convidou para almoçar. Surpreso com a aceitação do convite, ele precisou pedir dinheiro emprestado ao tio para pagar o almoço. Antes de oficializar o namoro, ele fez questão de conhecer a casa onde Elisângela morava para certificar-se da compatibilidade financeira entre eles:

...aí eu passei na frente e digo não, tá na mesma situação financeira, então dá pra encarar.

Após um ano e meio de namoro, eles noivaram; dois anos depois casaram-se:

...fita gravada, também, oficial, tudo direitinho como tem que ser.

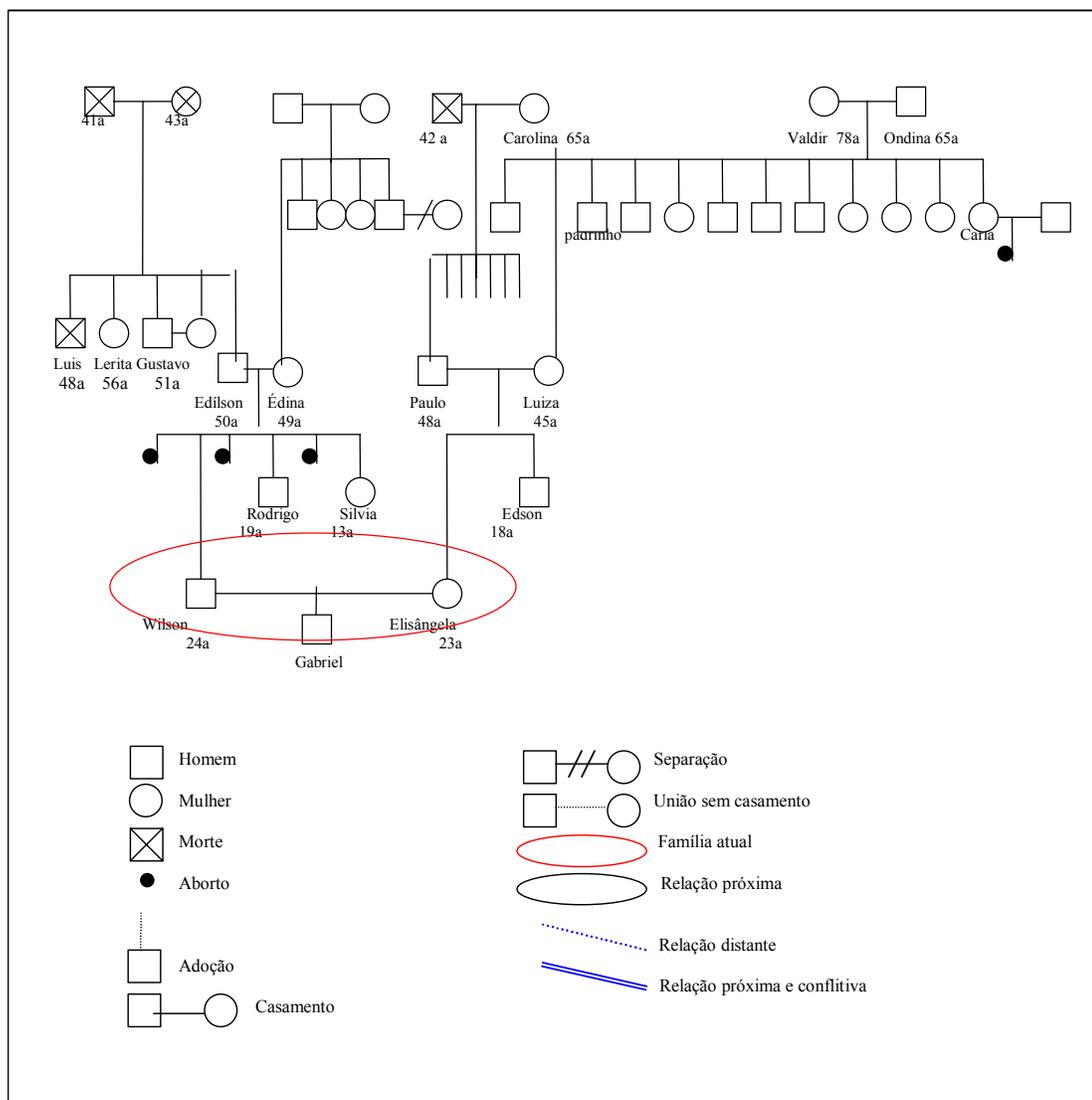


Figura 3.4 – Genograma do caso 4.

Após o casamento, foram morar na casa reformada da família de Elisângela, sendo que os pais dela mudaram-se para uma casa nova, construída nos fundos do mesmo terreno. Apesar de terem optado por morar nesta casa, ainda havia uma grande divergência quanto ao local definitivo da residência do casal, visto que ambas as famílias queriam os filhos morando no mesmo terreno. Essas divergências ficam claras no diálogo que segue:

Wilson fala:

...lá o pai tem uma área grande terra, e o meu pai queria que eu fosse morar lá. (...) então ele dizia pra mim: “Faz uma casa aí, constrói aqui e mora aqui, vamos ficar todo mundo aqui”, queria que eu ficasse lá.(...) aqui a

gente mora num terreno pequeno, apertado e o pai e a mãe dela já poderiam ter construído uma casa de material, de dois pisos, como eles quisessem, mas por a gente estar aqui eles não fizeram ainda. Lá eu vou poder fazer a casa do tamanho que eu quiser como eu quiser, porque a área é grande tem espaço, não vou tá incomodando, vou fechar, boto o muro, eu que mando e deu.

Elisângela não concorda, e argumenta que apesar do terreno ser grande existem muitas pessoas morando próximo:

Não sei, porque aqui a gente até tem o pai e a mãe, tem, né, algumas coisas que ele não gosta, que eu respeito ele, né, tenho que respeitar o meu pai também, mas não sei, lá é tudo muito junto, a família é muito, eu já disse pra ele, não pelo pai e a mãe dele, se fosse só eles, aí tudo bem, mas tem muito assim, é um do lado do outro, um primo aqui, um primo ali, um primo mais lá em baixo, mais lá em baixo, mais lá em baixo...

Wilson revida:

Hoje mesmo eu pensei isso tudo, a questão da Vila Nova, de não ir, aí eu pensando se eu for ela vai passar o resto da vida jogando na minha cara lá: “Ah, tu viu, agora nós viemos pra cá.

Elisângela:

E se nós ficar aqui, ele vai ficar o resto da vida dizendo pra mim.

Embora com a insatisfação de Wilson e com algumas divergências entre ele e o sogro (*com o meu sogro não tem tanto acesso pra explicar assim*), o casal concordou em ficar nesta casa até o primeiro ano do filho, que veio três anos após o casamento.

Sobre a notícia da gravidez para sua família, Wilson comenta:

Foi um impacto. A mãe pulou, pulou. (...) e meu pai como ele tava jantando continuou jantando, não teve reação nenhuma, aí levantou tomou um cafezinho, foi na porta fumou um cigarro, aí eu fui nele e perguntei: “E aí pai, tu não vai me dar nem os parabéns?”, daí ele: “Eu ia te dar os parabéns”, só isso.

Já em relação à reação da sogra, Wilson comenta:

...a minha sogra disse que só ia acreditar depois de saber mesmo, de confirmar...

Elisângela comenta a reação da sua família:

...aí quando eu dei a notícia, assim, eles tão, eu disse a família toda, tanto a minha quanto a dele tá grávida, junto, todos vão ter junto, a mãe dele, o pai dele, todo mundo, os irmãos dele, mais o meu irmão, que vão ser dindos, né e tudo, eles tão, assim, acompanhando passo a passo, também, tão, assim, ansiosos, esperando ansiosamente a chegada do Gabriel.

1.4 Visita domiciliar no pós-parto

A visita foi agendada previamente com a mãe. A família mora em um município da grande Porto Alegre, num bairro de classe média baixa. Na frente da casa fica localizada uma empresa de transportes, responsável por um intenso movimento de caminhões. Trata-se de uma casa simples, de madeira, situada na frente do terreno; entramos pela garagem, ao lado, cujo portão estava aberto para a rua. Nos fundos da casa, uma pequena sacada separa a casa dos avós maternos, uma casa de alvenaria que aparenta estar inacabada.

Somos recebidas por Elisângela, que está terminando de limpar a cozinha. Entramos em uma casa muito limpa, repleta de pequenos objetos de decoração, todos absolutamente no lugar, o chão recém encerado, refletindo a luz da rua. Gabriel está dormindo, em seu berço, no quarto do casal; é um bebê grande, rosto corado e expressão satisfeita. A mãe também parece estar muito tranqüila, com uma aparência de felicidade.

Conta do parto e do desenvolvimento do bebê. Sobre o parto, relata que no início ficou chateada por ter que fazer cesareana, mas que correu tudo bem. Refere ter sido muito bem tratada no hospital:

...aquilo lá até parece hotel 5 estrelas, as meninas da enfermagem foram muito atenciosas, elas passam o dia dando comida prá gente.

Sobre o bebê, conta que ele é muito sossegado que ele passa o dia praticamente dormindo. Ela consegue fazer todo o serviço da casa, sem precisar do auxílio de ninguém. Mostra-nos algumas fotos de Gabriel, empolgada com seu crescimento. Durante a visita, alguns vizinhos circulam pelo pátio da casa, ou passam sob a janela, sempre cumprimentando Elisângela. Para um deles ela conta que está com a visita das “*psicólogas do hospital, que vão acompanhar o desenvolvimento do Gabriel*”.

1.5 Parto e nascimento do bebê

Sobre como foi o nascimento do filho, Wilson relata:

Ótimo, teve um pouquinho de, como é que eu vou dizer assim, uma, a gente acabou ficando, aconteceu que ele tava passando um pouquinho da hora e ela não conseguia, ela queria ganhar normal, aí ela.

O pai relata o parto, que teve que ser cesareana:

Assisti, quer dizer, assisti, fiquei com ela. (...) Atrás do pano, de repente se eu quisesse até olhar poderia, mas eu pensei assim, eu não entendo nada daquilo ali, é a hora que quem mais precisa do apoio é ela, que o neném é com eles, eles que vão fazer ele nascer, então se eu fosse olhar era de curioso, o que me preocupou mais foi dar um amparo pra ela, que o neném eu sabia que ia vir. (...) eu fiquei com ela, tanto que eu tenho até a fita gravada e tudo, fiquei de mão com ela. (...) eu fiquei de mão com ela, ela escorria as lágrimas assim, até me deram um paninho lá pra mim secar as lágrimas dela, que ela tava com as mãos amarradas, assim, aí quando ele nasceu aí sim, aí eu não sabia se eu ficava com ela, se eu ia com ele, o que eu fazia sabe, aí eu

perguntei pra ela, tu tá bem, ela disse tô, então eu vou lá ver o neném. (...) Ele nasceu e não levou cinco minutos e eu peguei ele no colo.

Ainda sobre a experiência do parto, Wilson conta:

Parece que é um sonho, né, parece que aquilo ali não está acontecendo, que a gente vem, não sei também se pela a minha idade, que um pouco de falta de experiência, eu sempre imaginava, ah, tá um neném, vai ser meu. (...) mas não que ia se concretizar aquilo ali, né, é tudo é imaginário, como é que eu vou te dizer, quando tá na barriga, tá tá li o neném, mas a gente não tá vendo, não tá pegando, a perninha, o bracinho, a mãozinha, até isso.

Elisângela também relata a experiência do parto:

O parto até que foi um pouco assim, como é que eu vou dizer, meio abalado, porque foi induzido, né e aí eu não consegui a indução, não teve as dilatações, aí foi para a cesárea, foi cansativo, mas também, porque ele já nasceu um pouquinho roxinho e tudo, mas também quando, depois, foi às mil maravilhas, né.

Sobre os primeiros dias após o parto, ela comentou:

Os primeiros dias eu fiquei assim, receosa, chorona, né, até depressiva assim e tudo, eu tava nervosa, não descia leite, né, aí depois, aos poucos, eu acho que fui me habituando àquela rotina nova, né, aí foi normalizando as coisas.

2. MODELOS DE PATERNIDADE

Quando questionado sobre a existência de um modelo de pai, Wilson respondeu:

Não. Não. Não, eu sempre carreguei comigo, eu mesmo criei aquele modelo de pai.

Sobre o seu pai, como uma possibilidade de modelo, Wilson comenta:

O meu pai eu admiro, essa questão da amizade que tem dentro da família, só que muitas vezes ele não acompanhou. Tipo assim, ele nunca foi num campo jogar uma bola com a gente, num lugar, num passeio que ele tenha feito questão de estar junto, ou coisa assim. (...) eu senti e sinto até hoje, né. Como o caso quando eu dei a notícia, tanto que eu fui nele e cobrei, disse: “E aí pai, tu não vai me dar nem um parabéns, não vai nem me falar nada”...

E acrescenta:

Pretendo ser diferente, pretendo acompanhar ele, até mesmo eu acho que é um ponto positivo que as pessoas dizem: “Bá, vocês tão loucos, a idade que vocês tem e já tão tendo um filho”. Eu digo: “Mas eu não quero tá com sessenta, setenta anos pra ter um filho”, eu quero ter um filho que se ele disser: “Pai vamos lá”, “Vamos”, se eu tiver condições, se eu puder ir eu vou (...) quando eu era pequeno, os passeios que a gente fazia sempre...

Quando questionado como descreveria um bom pai, Wilson respondeu:

Um amigo. (...) amigo, companheiro, que sabe dizer, na hora, que tá errado que não é por ali o caminho, né, porque a vida, eu acho que no mundo, o meu filho vai tá no mundo, então ele vai sempre ter duas, três, quatro opções, só que dessas quatro duas não são e duas são, essas outras duas ele pode se dar bem como ele pode se dar mal.

Wilson relata uma decepção em relação à postura do pai com ele:

... eu nunca rodei, nunca tirei nota vermelha, só que quando eu fui fazer o vestibular, que eu queria entrar, né, o meu pai disse que era pra eu esperar, não me deu um apoio assim, disse não, aí eu pedi dinheiro emprestado, fui e fiz o vestibular e não passei...

E conclui:

E vou querer dar o apoio pra ele e espero que ele tenha vontade também.

Já a experiência de Elisângela com seu pai traduz outro modelo:

O meu pai era bobo comigo, com o meu irmão, com todo mundo, tanto é porque ele espera, assim, o neto com uma ansiedade, ah, o meu neto vai ser assim, vai ser assado, ele que vai ser o que vai pôr mais baldo, com certeza.

Contrariando a experiência do marido com seu pai, Elisângela conta:

Eu tive ali o alicerce que foi meu pai e minha mãe.

O relato que segue ilustra como a mãe descreve um bom pai:

Um bom pai, um bom pai é aquele que ajuda a cuidar, né, que também diz sim e não, a mesma coisa que a mãe, né, que, acho que é isso, ajuda e tá ali junto acompanhando, independente se for casado, se for separado, mas pai que é pai tem que tá sempre ali, vendo o progresso da criança.

Na entrevista do primeiro ano do filho, Wilson havia perdido seu pai recentemente e, mobilizado, falou sobre este:

Só agradeci pra ele: oh pai, valeu o que tu fez por nós aí e vai tranqüilo, tá feito, tu fez muito bem feito e o resto...

Neste momento, avalia como ele acha que o pai foi com ele:

E o pai também, sempre foi meio desligadão assim, meio da coisa assim, tipo se tu fizer fez, se tu não fizer tá bem, não tem problema sabe. Mas em matéria, assim, de carinho, de chegar nos lugares, e esse aqui é meu filho, ele tinha orgulho da gente nesse sentido.

3. MATRIZ DE APOIO

3.1 Durante a gestação

Wilson refere não sentir necessidade de apoio durante a gestação, entretanto menciona a ajuda da sogra nas tarefas da casa:

Como assim? Que tipo de ajuda? (...) A única pessoa que ajuda, em termos, assim, ó, ah, estender uma roupa, enquanto ela tava trabalhando, colocava a roupa na máquina, é a minha sogra, ela estendia, recolhia.

O pai sabe que só estará presente o dia todo, na primeira semana após o nascimento do filho:

Só os oito dias, independente do dia que nascer, se nascer no Sábado, conta Sábado e Domingo.

A expectativa de apoio de Wilson para quando o bebê nascer é que as duas avós os auxiliem:

As duas vós, a minha mãe e a mãe dela. (...) a mãe dela, com certeza.

Segundo o pai, a sogra deverá cuidar do bebê até um ano:

A princípio, até ele completar um ano de idade a gente quer deixar com a minha sogra. (...) Agora, depois de um ano, sim.(...) Depois de um ano dá pra ir pra creche.

Elisângela já se considera apoiada por sua mãe, desde a gravidez:

Minha mãe, minha mãe, minha mãe tá me ajudando bastante, tá bem. (...) ela já vai continuar me ajudando, né, porque, né, uma que eu pego muito cedo no serviço, né, e eu não pretendo parar de trabalhar, aí ela disse: “Não, então eu cuido”, até um aninho, mais ou menos assim, ela vai cuidar depois eu boto numa creche, depois vai pra creche...

Após o nascimento do bebê, tal como o marido, espera contar com o apoio das duas avós:

...eu acho que foram umas ótimas mães, tão sendo umas ótimas mães e pelo jeito vão ser umas ótimas vós, né.

Em relação à creche, Elisângela reforça a opinião do marido, revelando o consenso do casal:

Nós dois, tanto eu quanto ele, e uma que é bom pro nenê, né, pra criança, pra aprender a entrar, assim, na sociedade, essas coisas assim, com outras crianças, tanto que ele vai ser o único nenê daqui, né, então pra não deixar ele sozinho, né, nós dois planejamos isso.

3.2 Após o terceiro mês do bebê

De acordo com Wilson, a rede de apoio após o nascimento do bebê, está centrada na família materna:

Tem a minha sogra, o meu sogro, o meu cunhado, que é um guri também. (...) dezoito anos. (...) Guri é modo de dizer porque eu conheci ele pequenininho, mas ele ajuda em termos (...) a minha sogra que tá ficando com ele, a minha sogra e o meu sogro que ficam com ele, mas o meu sogro trabalha, a minha sogra tá ficando durante o dia agora que a Elisângela começou a trabalhar...

O pai relata a opção do casal em manter o bebê em casa:

...pra gente não deslocar ele (...) aí a minha sogra acorda, quando a gente sai ela vem pra cá. (...) Aí ela fica aqui, no primeiro dia ele ficou dormindo, depois acordou, mamou e dormiu de novo...

A idéia de colocar o bebê na creche se mantém:

Nós vamos colocar após um ano de idade, quando completar um ano a gente coloca em creche. (...) Vamos deixar ele até um ano, que daí ele vai estar maiorzinho, aí a Elisângela concordou também, eu até fiquei meio assim, porque eu não queria deixar ele, como é que eu digo assim, se vincular muito, porque depois se a gente se muda vai ser difícil pra ele.

Para Elisângela, entre as pessoas que ajudam a cuidar do bebê:

Tem a minha mãe, ela ajuda bastante, ela que tá cuidando dele quando eu vou trabalhar. (...) umas dez horas eu acho, mais ou menos. (...) de dia, durante o dia. (...) Nos fins de semana é comigo, né, ela fica de segunda a sexta mais ou menos umas dez horas por dia com ele.

A mãe demonstra ter algumas restrições a outras pessoas cuidando do bebê:

...certas, certas pessoas eu fico meio assim e tudo, né, que nem as dindas que são novas eu até deixo, né, mas que nem assim, são novinhas ainda...

E refere incomodar-se com algumas condutas dos avós:

Algumas vezes as opiniões assim, os palpites, mas aí muita coisa assim a gente tem que colocar numa peneirinha e peneirar, alguma coisa serve algumas coisas deixa de lado, né pra não ofender a gente acaba não comentando...

Em relação à creche, Elisângela concorda com o marido quanto à época de ingresso do filho, embora com outra justificativa:

... aí conversei com ele, (...) aí definimos até um aninho, mas não passa disso, chegando um aninho, até um aninho, depois de um aninho a gente coloca na creche pra se adaptar, assim, com outras crianças, que aqui em casa é só adultos, mas...

3.3 Após o primeiro ano do bebê

No mês em que Gabriel completou o primeiro aniversário, a rede de apoio precisou ser reorganizada, tanto pela volta da avó materna ao trabalho, quanto pela morte do avô paterno. Além de não poder mais contar com as famílias de origem, o Wilson precisou cuidar do seu próprio pai, afastando-se de casa:

Perdi meu pai, faleceu foi sete de agosto. (...) E ele tava em coma já. (...) É, ficou 4 meses certinho. Foi internado no dia 7 de abril e faleceu no dia 7 de agosto. (...) Depois ficou 16 dias em casa. Nas mesmas condições que

tava, e ele já tava bem, bem debilitado. (...) Ficou com a mãe, comigo, com o meu irmão. Ai até eu tive que me desligar um pouco da minha família. (...) Eu, minha mãe, meu irmão, uma parte a Elisângela ajudou um dia que foi. Mas como tinha o Gabriel, a gente combinou assim, que eu disse pra ela... (...) Eu tando tranqüilo que o Gabriel tá bem cuidado, eu tenho tranqüilidade, pra fazer as outras coisas que eu tenho que fazer, e foi o que eu pedi pra ela, te preocupa com o nenê, que eu... esquecer a gente não esquece, mas é um modo da gente se desligar um pouco, pra mim conseguir fazer a outra parte senão tu não faz nem uma nem outra. (...) Que aquela hora ali, que ele tava, realmente quem tava precisando era o meu pai. Eu sei que o meu neném era novinho, a minha esposa, que eu tenho a minha casa. Mas eu não saí de casa...

Elisângela sentiu a falta do marido ao seu lado:

...o sogro esteve muito doente né, e aí eu sentia muito a ausência do Wilson com ele, mas por causa da função da doença e coisa assim. Agora não, agora o pai fica mais envolvido com o pai dele, é só eu e ele... Mas agora normalizou, ele faleceu, aí então, aos poucos a gente vai normalizando.

Sobre as pessoas que estão ajudando a cuidar do bebê, Wilson refere:

Agora não. Só a Elisângela e eu... Não, agora não que a minha sogra tá trabalhando, que a minha sogra que ajudava um pouco.

Na época do primeiro ano do filho, a mãe está desempregada:

...ele ficou um tempo com a mãe, só com a mãe [referindo-se a avó]. (...) aí depois, quando eu parei de trabalhar, quem foi trabalhar foi ele [o pai que duplicou a jornada de trabalho] e daí eu fiquei com o Gabriel. (...) quando eu tava trabalhando e a mãe cuidava dele ele era pequenininho, ele reagiu bem. Agora de repente quando eu for trabalhar, de repente ele vá pra creche, ou fique mais com ela mesmo. Aí eu não sei como é que vai ser a reação dele.

4. O ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO O PAI

4.1 Acessibilidade

Em entrevista realizada no terceiro mês da criança, o pai relatou:

Agora, até, que eu to trabalhando e a Elisângela tava de licença, aí muitas coisas assim na noite, na parte da noite ela que atendia e tudo, mas nas primeiras semanas, no primeiro mês, eu posso dizer todo, foi bem intenso mesmo porque fiquei os cinco dias que eles dão, mas o resto quando eu tava trabalhando, quando eu voltei a trabalhar, ele chorava e eu já pulava da cama e vinha, eu fazia a mamadeira, enquanto ela ficava com ele, trocando, aí se eu chegava no quarto com a mamadeira friazinha e pronta pra ele, ele tomava...

Nesta época, o pai valorizava o tempo passado com o filho:

Qualquer saidinha (...) eu digo não, vamos junto, leva junto, aí às vezes a gente até nem vai porque não dá pra levar sabe.

Passado o primeiro ano de Gabriel, o pai fala da sua disponibilidade para com o filho:

Eu chego do serviço, ou quando eu ligo pra casa de manhã, pra ver se tá tudo bem, né. O nené tá dormindo... Aí eu falo: não deixa dormir muito, senão depois de tarde tem que tirar o soninho dele. Mas são coisas que se eu não falar ela fala, é eu falando, ela faz o mesmo procedimento, então não (...) Ah, todo dia, quando chego do serviço, ela, tipo assim... toma [o bebê] um pouquinho. (...) Geralmente fim de semana (...) eu fico aí brincando com ele.

4.2 Engajamento

Sobre seu o vínculo com o bebê, durante a gravidez, Wilson conta:

...no começo até é uma coisa, uma, como é que eu vou dizer, é um sentimento engraçado, porque a gente não vê, não enxerga, não tem barriga,

mas a gente sabe que tá ali, aí sim, quando eu escutei a primeira vez o coraçãozinho dele na ecografia, aí sim.

Wilson fala do seu comportamento durante a gestação:

...algumas partes, assim, da gravidez até eu sempre procurei entender, né pra não, por que é uma situação, muitas coisas que se fosse antes, se ela não tivesse grávida, eu ia reclamar eu ia falar, eu me contive, pensei assim: “Não, ela tá assim, eu não posso tá causando problema”... (...) ...porque, sabe, todo homem tem uma partesinha chata, uma partesinha.(...) Mas em relação a ela eu senti que muitas vezes ela ficou meio retraída comigo, assim, sabe, meio, tipo assim, fica aí no teu canto e me deixa aqui que eu não tô legal.(...) Eu respeitei a situação dela a vontade dela e...

Sobre o apoio que tem oferecido à esposa, refere:

Carinho, esse próprio policiamento eu creio que ajude bastante, né, de repente não ajuda, mas não vai atrapalhar.

Quando questionado se a esposa lhe pede ajuda, responde: "o serviço mais pesado, tipo varrer os carpetes, aí ela: “Tu varre pra mim?”, eu vou lá e faço, porque eu sei que ela não vai poder fazer.

Ao imaginar-se como pai, Wilson fala sobre seu relacionamento atual com outras crianças:

...eu sou amigo, gosto, abraço, brinco, tanto que eles chegam aqui e vem direto em mim, brincam e pedem bala, eu dou bala, nós tamos sempre com o bomboniere cheio de bala, porque o que que a criança mais gosta, de uma bala, eu dou uma e eles: “Ah, quero outra”, “Não”, só uma pra cada um, aí também não dá pra dar demais.

E complementa, contando o que se imagina fazendo com o filho:

Pegando ele no colo, embalando ele, muitas vezes, que nem hoje, eu tava pensando, até parece engraçado, mas eu passo o dia pensando e

procurando uma maneira de eu, então eu tava pensando assim, ó, tipo da cólica, né, eu imaginei eu em pé, segurando, embalando ele e ele chorando, chorando, naquele desespero assim, e ela fazendo chá ou alguma coisa na cozinha.

Aos 3 meses do filho, Wilson relata, sobre a experiência de ser pai:

Muito mais fácil do que eu imaginava, até então, né e a educação que agora vai. Muito mais fácil do que eu imaginava e tudo é novidade, né, é uma experiência assim que cada dia, quanto mais a gente tá perto mais a gente quer ficar e se tá longe já fica, Ah, vamos lá.

Sobre a sua participação nos cuidados com o filho, descreve:

Ajudo, só às vezes, se ele começa assim, se ele tá com sono ou coisa assim, que eu sei que ela pega ele no colo e ele dorme, eu: “Ó, vai com a mãe”.

Questionado sobre o que mais gosta de fazer com o filho, o pai responde:

O que eu mais gosto é quando a gente acorda e tá ele acordado e eu fico acordado no fim de semana que a gente fica deitado assim, brincando, conversando.

Também fala sobre o brincar:

... tipo a gente pega ele e senta nas pernas, e balança e ele dá risada. (...) eu pego ele, eu pego os bracinhos dele e aperto, aperto nas pernas e ele gosta.

Já sobre o que menos gosta, Wilson relata:

...que é o que eu nunca fiz, que é trocar fralda. (...) Não, trocar nunca troquei. (...) Troquei roupa, não a fralda, mas assim, macacõesinho, pelar ele pra dar o banho, isso aí eu faço, na pediatra mesmo quando a gente vai na empresa, enquanto a Elisângela tá conversando com a pediatra eu vou tirando a roupa dele.

Ele se descreve como pai, após o terceiro mês do nascimento do filho:

Seguro, bem seguro assim. (...) porque eu tenho na minha cabeça eu sempre procurei formular assim padrão de pai que eu, por mim mesmo eu aderi aquilo e achei, ah, isso aqui vai ser, acho que vai ser o melhor que eu vou poder fazer. (...) O ponto de partida, no caso, é a amizade, quero ser em primeiro lugar, de tudo quero que ele seja meu amigo e eu amigo dele, (...) porque se pessoas que a gente não conhece, numa amizade a gente se torna mais do que irmão, às vezes, mais do que pai e filho.

Passado o primeiro ano de Gabriel, o pai relata sua rotina com o filho:

E chegava a ter que trocar fralda dele, seis, sete, oito vezes por dia. (...) E se a gente chega a dizer: dá um abraço no pai, ou se a Elisângela dizer: dá um abraço na mãe. Ou seja quem for, dá um upa, ele se abraça e fica abraçado.

Wilson complementa sobre a participação na hora do banho e mamadeira com o filho:

Não, (...) só nas eventualidades, ah tem que fazer o mamá (...) Eu vou lá faço o mamá, esquento, boto na mamadeira. Se tiver que esfriar eu esfrio. Aí ela vem com ele, aí sempre que é o horário, que eu tenho chegado do serviço. Aí eu já pego a mamadeira, já pego ele no colo, dou mamadeira, enquanto ela tá lá despejando a água da banheira, sei lá assim."

Sobre o que mais gosta de fazer com o filho, Wilson responde:

"Passear com ele. (...) De tudo que é jeito, (...) principalmente quando sai eu e ele.

4.3 Responsabilidade

No início da gravidez, Wilson sente-se feliz, mas preocupado:

Feliz, também, sempre a felicidade eu consegui manter constante. É, e um pouco de preocupação também, daí conforme a gente vê que ele tá crescendo se desenvolvendo, até em todos os sentidos, preocupação com a situação financeira, poder e querer dar o melhor. (...) sustentar, até, não digo sustentar de alimento, mas em todas as necessidades, né, que ele tiver, poder dar o melhor.

Sobre a sua participação nas consultas médicas, ele relata:

Se foi quatro ou cinco eu não tenho certeza, mas eu tava junto, acompanhei.

Aos 3 meses de vida de Gabriel, Wilson comenta sobre como está sendo a experiência de pai:

Feliz, é um orgulho, né, fico orgulhoso de saber que tem uma pessoinha que é da gente, assim.

5. O ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO A MÃE

5.1 Acessibilidade

A mãe comenta sobre a disponibilidade do pai:

sempre quando ele chega do serviço ele vem: “E aí filho, como é que tu tá”, né e pra variar ele mexe bastante, quando ele toca na barriga, ele não precisa nem tocar, né, na barriga, mas ele fala, assim, com ele pertinho de mim, assim, tudo ele começa a mexer, ele sente.

Sobre a participação do pai nos cuidados do filho, após o primeiro ano, a mãe comenta:

Aí depois chega o Wilson, chega mais tarde, um pouquinho ele fica com ele e daí de repente tem mais alguma coisa prá fazer. (...) Quando ele pode ele tá presente, enquanto ele pode, senão algum compromisso alguma coisa com ele. Mas enquanto ele pode ele tá presente.

5.2 Engajamento

Elisângela confirma a dedicação do marido para com ela durante a gravidez:

... ele sempre dizia: “Ah, eu quero te ver grávida um dia” (...) e tudo ele acompanha, ele beija, ele brinca, ele fala com o nenê, me cuida em tudo que ele vai fazer, sabe. É sensível, é, então ele assim, quando ele me vê que eu tô chateada (...) ele me dá bastante apoio, assim, e tudo, ele tenta ser carinhoso e calminho, assim, comigo.

O relato da mãe sobre como imagina o marido como pai confirma o depoimento dele:

Pai do ano, pai do ano, é assim que ele tá se sentindo, ele tá assim, ele sempre dizia: “Ah, como é que tu vai ficar quando tu tiver grávida, né e tal”, ele sempre foi assim, bem, gosta de criança e tudo, ele tá assim, e eu também, desde o começo eu tentei mostrar pra ele assim, como era, tanto que todas as consultas ele foi junto comigo, hoje ele até não foi, mas ele sempre foi, basicamente quase todas as consultas, ele, assim, ele até podia não saber o que que aquele paninho ia, né, assim, ter de valor praquela criança, mas eu dizia: “Olha, ganhei tal coisinha, que legal”, e tudo ele acompanhou, desde o começo e tá adorando e já pensa no segundo.

A futura mãe descreve como ela espera que vá ser o relacionamento do marido com o bebê:

Vai ser um nojo, vai ser um nojo, vai, ah, eu não quero nem ver, eu não quero nem ver, ele vai, não vai botar baldo, assim, mas vai bajular, sabe, ele vai saber educar, vai saber dizer, vai saber dizer também um não, um sim na hora certa, né, mas eu acho assim, que na hora que ele tiver brincando, né, tiver assim, ele vai se derreter todo pelo nenê, né.

Elisângela também imagina o marido desenvolvendo atividades de cuidado com o filho:

Ah, cuidar dele, sabe, assim, banho ele disse que a princípio ele não vai querer dar, né, trocar fralda ele vai trocar quando realmente precisar e eu não tiver ali, né, coisas assim, eu acho assim, quando eu precisar fazer alguma coisa, ou na casa mesmo ele pode cuidar a criança, né e tudo.

Após o terceiro mês de Gabriel, a mãe descreve Wilson como pai:

Ele tá sendo um ótimo pai, muito bom. (...) Ele tá muito bem, ótimo, as minhas expectativas foram muito, sabe, não trocou fralda ainda, isso aí ele disse que só em último caso, né, mas dá mamá, ele me ajuda no banho, enquanto eu to preparando ele tá cuidando dele, ou quando eu to fazendo alguma coisa assim, que ele vê que eu to meio atarefada, ele pega ele, né, tá fazendo assim.

Elisângela tem apenas uma crítica quanto à tolerância do marido:

Ele, ele é calmo, mas às vezes eu acho que ele se irrita, porque ele, ele quer acalmar e acaba ele ficando nervoso e passa pra criança, aí eu vou lá e pego, né, mas ele é bem, bem passivo com ele.

Passado o primeiro ano de Gabriel, Elisângela conta, referindo-se à interação do pai com o filho de um ano:

Ele é muito carinhoso com o Rafael, ele gosta de fazer folia também como ele. Ele gosta de descobrir as coisas, ele tá dormindo e pede: me acorda ele lá pra ver. E eu disse não, não vou acordar, vai tu e acorda lá ele e diz que tu chegou. Ele quer tá sempre, sempre o quanto ele pode tá grudadinho né.

Quando questionada sobre as tarefas de cuidados desempenhadas pelo pai, a mãe responde:

Ele é mais assim de cuidar dele pra mim fazer as coisa, do que ele fazer alguma coisa [referindo-se aos cuidados da casa]. Mas tipo assim, fez cocô, amor vem cá, né, tem presente pra ti e coisa assim. (...) Ele me diz, ele

diz pra mim. Mas ele ajuda bastante. Ele não deu banho, de repente quando o Rafael for maior, né. Porque ele prefere mais eu que faça, porque eu já tenho já o meu jeito, né. Já tem os horários tudo que a gente colocou.

5.3 Responsabilidade

Durante a gestação, Elisângela comentou:

...ele mudou, assim, em termos: “Ah, cuida isso, espera aí que eu faço isso pra ti, não sobe aí”, sabe, ficou assim, mais, ele já era uma pessoa assim responsável, uma coisa assim, sabe, era uma coisa que a gente já planejou, casar, planejou noivar, planejou ter um filho, tudo planejado.

E complementou:

Ele tem preocupações financeiras, ele tem preocupações com o futuro do nenê, também, ele tem preocupações na hora do parto, assim, né, ele quer, uma que ele vai tá junto, que ele disse que vai assistir e tudo e ele se preocupa, como qualquer pessoa, assim, né, com uma criança novinha, assim, a gente fica meio de receio, assim e tudo.

6. ENTENDIMENTO DINÂMICO DO CASO 4

Configurações e relacionamentos nas famílias de origem

Wilson e Elisângela vêm de famílias nucleares e são os mais velhos de três e dois irmãos, respectivamente. Parece haver uma disputa entre as duas famílias pela presença do casal, o que é expresso no local de construção da casa definitiva da família. Por enquanto, moram na casa que foi de Elisângela, sendo que os pais dela passaram a morar nos fundos do terreno, para manter a filha por perto. É um terreno pequeno e Wilson não sente-se dono da própria casa, alegando dificuldades no relacionamento com o sogro, que é o proprietário do imóvel.

Já o avô paterno ofereceu uma grande área de terra para que construam sua casa, na zona rural da cidade. Elisângela acha que o local é muito longe da sua casa e

do local de trabalho dos dois, além de reclamar que na mesma terra já existem várias casas de familiares o que, a seu ver, geraria atritos e confusão, após o nascimento do filho. Ela refere bom relacionamento com os sogros, mas não com a família extensa, com quem teria que compartilhar o pátio.

Modelos de paternidade

Questionado sobre a existência de um modelo de paternidade, a princípio Wilson responde que não. Em seguida, refere-se ao seu pai como um bom modelo, embora com algumas restrições. Pretende ser um pai mais presente, amigo e participativo do que o seu; reclama que o seu pai nunca jogou bola com os filhos e nunca acompanhou nem valorizou seu desempenho escolar. Wilson mostrou-se ressentido com o fato de o pai não ter conseguido felicitá-lo quando ele deu a notícia da gravidez. Diz que a sua opção em ter filho cedo, aos 24 anos, está relacionada ao seu desejo de poder interagir ativamente com o menino; parece não considerar que o seu pai tinha 26 anos quando ele próprio nasceu.

Já Elisângela referiu-se ao seu pai com orgulho, revelando ter tido um modelo de pai mais afetuoso e presente do que o marido. O pai foi definido como o “*alicerce*” da sua formação, um pai companheiro da mãe na educação e “*bobo*” com a filha.

Expectativa dos pais em relação à matriz de apoio

Neste caso, parece que as expectativas de apoio trazidas durante a gestação se confirmaram durante os primeiros meses do bebê; somente ao final do primeiro ano, com a ocorrência de diversos eventos estressores imprevisíveis, a rede de apoio precisou ser reorganizada.

Durante a gestação, Wilson parecia não entender por que necessitariam de ajuda. Já Elisângela referiu que sua mãe estava ajudando bastante, preparando o enxoval e auxiliando-a no serviço mais pesado da casa. Para quando o bebê nascesse, a expectativa do casal era que as duas avós ajudassem. O pai esperava tirar apenas os 8 dias da licença paternidade e a creche era pensada somente para quando o filho

fizesse um ano; até lá, a avó materna, que mora no mesmo terreno, deveria cuidar dele, na residência do casal.

Passado o terceiro mês de Gabriel, a expectativa de apoio se confirmou: a mãe estava retornando ao trabalho e a avó materna vinha para a sua casa ficar com o bebê que, na época, passava o dia praticamente dormindo. O avô e o tio de 19 anos, irmão da mãe, também passaram a ajudar nos cuidados do bebê, e a idéia de colocá-lo na creche após um ano se mantinha.

Após o primeiro ano de bebê, vários fatores estressantes determinaram a reorganização da rede de apoio familiar: a morte do avô paterno, após uma prolongada enfermidade que exigiu a presença de Wilson; a perda do emprego da mãe, que obrigou o marido a aumentar sua jornada de trabalho para dar conta das despesas, e o novo emprego da avó, pessoa que passava 10 horas diárias cuidando de Gabriel.

Atualmente Elisângela cuida, sozinha, da casa e do bebê. O casal está procurando creche para que a mãe volte a trabalhar; com o bebê em casa, e sem ninguém para ficar algumas horas com ele, ela sequer consegue procurar emprego. O pai sente-se cansado, ainda abalado com a morte do seu pai, e não consegue ajudar a esposa como gostaria.

O envolvimento paterno segundo o pai

Wilson mostrou-se conectado com a gravidez da esposa, respeitando os momentos em que ela ficava mais retraída, dando-lhe apoio emocional e auxiliando-a nas atividades mais pesadas da casa. Sua expectativa quanto ao próprio desempenho enquanto pai (representação paterna) era bastante positiva e, em muitos momentos, ele relatava imaginar-se em situações de cuidado com o bebê, e tentava antecipar sua reação.

Nos primeiros meses após o nascimento do bebê, embora trabalhasse em horário comercial, o pai mostrou-se presente, telefonando para a mãe, e participando dos cuidados do filho quando chegava em casa e à noite. Nos finais de semana todas as suas atividades incluíam o menino; chegavam a deixar de sair quando não era

possível que Gabriel os acompanhasse. A mesma acessibilidade do pai foi observada após o primeiro ano do bebê.

Sobre seu engajamento nas atividades de cuidado do filho, Wilson descreve que está sendo mais fácil do que ele imaginava. Gosta quando acorda e o filho já está acordado, pois pode brincar com ele na cama; participa das atividades rotineiras, auxilia no banho, troca roupa, só ainda não trocou fraldas. Embala o bebê, mas quando ele está com sono, prefere entregá-lo para a mãe, que prontamente o faz adormecer.

O pai mostrou um nível de engajamento estável ao longo do primeiro ano do filho, compatível com o que seria possível a um pai que trabalha. Após o primeiro ano do Gabriel, Wilson destaca a afetividade do filho como ponto alto da interação entre eles; agora o pai participa de todos os cuidados, dá mamadeira, banho, desde que a mãe não esteja presente.

A preocupação do pai com o aumento de responsabilidade determinada pela paternidade aparece desde a gestação: preocupa-se não apenas com o sustento da família e manutenção da casa, mas também com a educação, e com o provimento de todas as necessidades emocionais do filho e da esposa. À medida que vê o crescimento do filho, refere querer manter “*a felicidade constante*”.

O envolvimento paterno segundo a mãe

Sobre a acessibilidade do marido, Elisângela comentou que sempre que chegava do trabalho ele mostrava-se disponível para ela e o bebê. Desde a gestação, ele interagiu com o bebê na barriga, e após o nascimento, corria direto para pegar o filho sempre que chegava em casa.

Em relação ao engajamento, o relato da mãe confirma a estabilidade de atuação do pai. Ela sentiu o marido muito dedicado a ela durante a gestação, conversando, fazendo carinho na barriga e respeitando seus momentos mais introspectivos. Destacou a sua participação em praticamente todas as consultas de pré-natal, a sua presença durante o parto e a sua presença na preparação do enxoval.

A sua descrição do marido, durante a gravidez foi de “*pai do ano*”, e a sua expectativa de interação com o bebê era muito positiva, em uma analogia ao que foi a

sua própria interação com o seu pai (Elisângela usou as mesmas expressões nos dois relatos: “*botar baldo, se derreter, vai ser um nojo*”). Embora admitisse que o marido não pretendia dar banho nem trocar fraldas, ela esperava que ele pudesse ajudá-la bastante quando o bebê nascesse.

Passado o primeiro trimestre do nascimento do bebê, Elisângela viu suas expectativas satisfeitas: Wilson mostrava-se um ótimo pai, interagindo com o bebê e auxiliando-a sempre que necessário. Ela fez apenas algumas ressalvas, quanto à troca de fraldas, como ela já esperava, e quanto à intolerância dele, em alguns momentos, com o choro do filho.

Após o primeiro ano, Elisângela continua percebendo o marido muito engajado com o filho, sempre querendo estar com ele. Em relação à participação de Wilson nas atividades de cuidado, no entanto, ela reconhece que ele só ajuda se for solicitado ou se estiver sozinho com o filho. O pai nunca deu banho e, sempre que possível evita trocar as fraldas do bebê. A mãe, no entanto, não demonstra incomodar-se com isto, e justifica a atitude do marido, dizendo que ela já tem o seu jeito de cuidar enquanto ele teria que aprender.

Quanto à responsabilidade, o discurso de Elisângela confirma a fala do marido: de comprometimento não apenas com a situação financeira, mas também com o futuro do filho. Desde a gestação, ela retrata que Wilson foi um marido preocupado com o seu estado de saúde, depois com o momento do parto e com os riscos de cuidar de uma criança tão pequena.

CASO 5 - VALDIR

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E HISTÓRIA FAMILIAR

1.1 Identificação do casal

Trata-se de um casal formado por Valdir, 29 anos, advogado, e Karynne, 33 anos, odontóloga, aluna de doutorado em uma universidade particular. Ambos trabalham como profissionais liberais em um município da grande Porto Alegre.

1.2 Análise do genograma familiar

Valdir e Karynne provêm de famílias nucleares. Valdir é o segundo de três filhos homens, cujos nomes terminam com a mesma sílaba, como pode ser observado na Figura 5. Seu pai tem 56 anos e está aposentado do trabalho como mineiro; a mãe tem 49 anos e trabalha em casa. Karynne é a terceira de quatro filhos. Filha de pais aposentados, o pai, 60 anos, trabalhava na polícia civil; a mãe, de 58 anos, era professora.

1.3 História conjugal e notícia da gravidez

O casal se conheceu no trem a caminho da universidade. Valdir trabalhava na base aérea e, na época, cursava Economia na mesma universidade onde Karynne iniciava o curso de Odontologia. Ao vê-lo, de costas no trem, confundiu-o com seu irmão, que também trabalhava na base aérea, no interior do estado.

Percebido o engano, os dois começaram a conversar, reencontrando-se uma semana depois em uma manifestação da universidade. Marcaram, então, um encontro, e continuaram a sair por “*uns dois meses até oficializar o namoro.*”

Ele morava com os pais, e Karynne, cuja família residia no interior do estado, morava na casa dos tios. Após a formatura, ela passou a dividir um apartamento com uma prima onde Valdir podia ficar eventualmente:

É, depois que eu me formei, daí eu saí, eu já tava trabalhando (...) daí o Valdir começou a ficar um tempo mais em casa, lá comigo, né, ah, fica por

aqui, posa aqui, a gente tinha os programas né, a gente saia né, ia ao cinema, chegava tarde.

Após uma experiência inicial de 3 semanas resolveram casar:

...a gente ainda fez uma experienciazinha de três semanas (risos)...

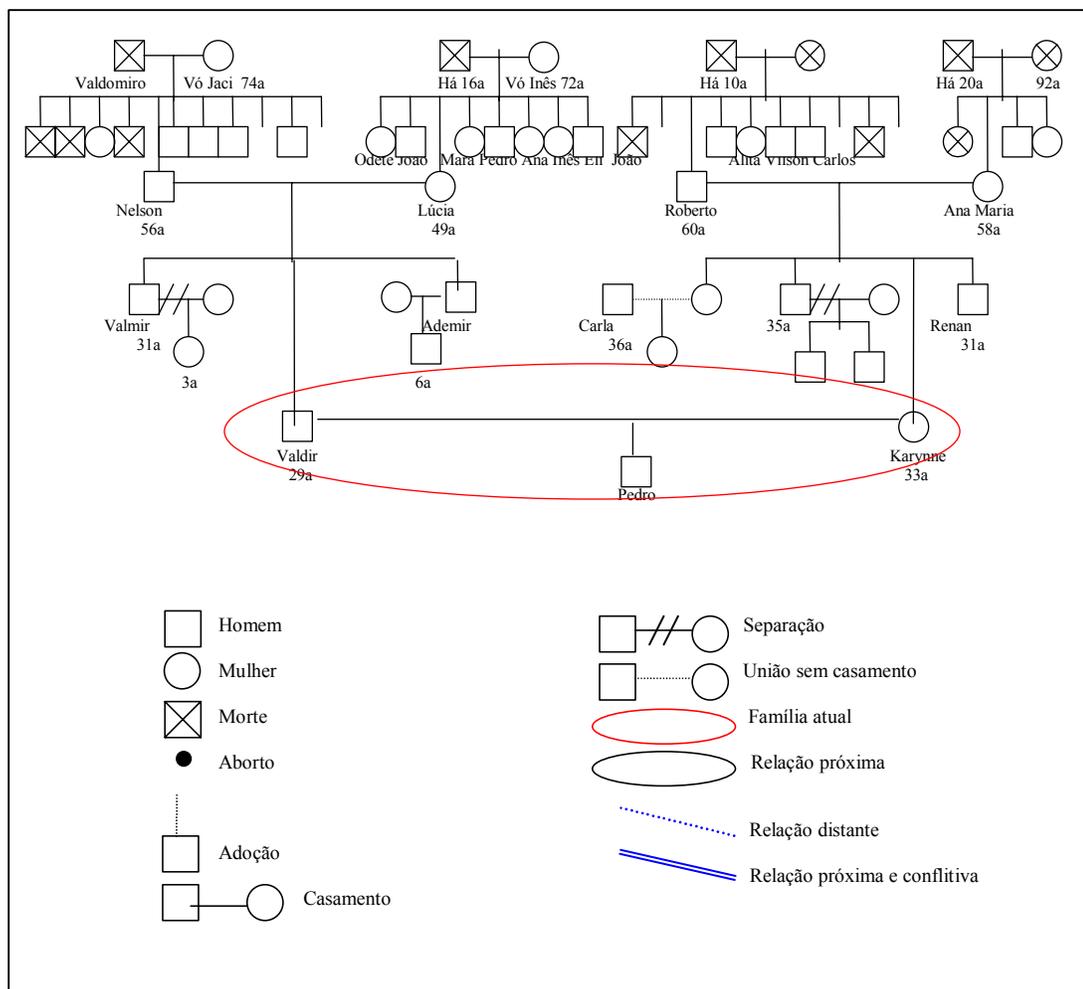


Figura 3.5 - Genograma do caso 5.

Alugaram outro apartamento, e Valdir mudou-se definitivamente. Não referem dificuldade de adaptação. Valdir diz:

É que eu tenho facilidade de moldar...

Depois de três anos de casamento, resolveram engravidar. A idéia do casal é que a mãe permaneça com o bebê durante 2 meses, e depois disso, retome o trabalho no consultório gradualmente, ficando o bebê aos cuidados da avó paterna, ou numa creche próxima do trabalho da mãe.

Sobre a notícia da gravidez, Valdir conta:

Todos ficaram muito contentes, porque a gente já tinha previsão de, de ficar grávida e tal.

Karynne comenta como foi a reação da sua família:

Bem. A minha mãe até... Quando eu falei pra ela: eu tenho uma novidade. Já sei. Tu tá grávida? É, estou. Daí ele ficaram, né. (...) Está todo mundo torcendo muito. A mãe e o pai. E os meus sobrinhos também, a minha outra sobrinha (...) Fizeram uma festa. Ela disse: 'eu quero ir pra lá, pra conhecer o neném'. (...) O pai também ligou, achei uma graça dele ligar (...) 'se tu está de bebezinho', ele disse, 'mas não me avisou', diz ele, 'mas pai, eu falei, 'a não ser que tu não prestou atenção', 'aí está... tu tem razão'. (...) Mas foi recebido super bem, porque o pai e a mãe sempre foram de ter... como nós somos dois casais de filhos, então pra eles também querem bastante netos.

Ao comentar a reação da família do marido, Karynne relata:

... super bem também, meu sogro (...) 'agora quanto tu tiver filhas, meus netos... tomara que sejam... mais... pode vir menino ou menina, mas vamos pôr um pouco de mulheres nessa família'. (...) Daí o Valdir falou, que a gente já estava saindo 'temos uma coisa pra contar! A Karynne está grávida', meu sogro me deu um abraço tão apertado que eu disse 'o senhor está me sufocando!'. Ele ficou tão faceiro. Ele disse: 'o senhor não me deu um abraço.' Mas olha, ele ficou tão contente, tão contente. (...) mas reagiram muito bem. A família toda.

Karynne comenta a preferência do sogro por uma neta:

...meu sogro falou: “tomara que seja mais uma menina! Que a gente já tem muitos homens aqui”.

Sobre a notícia da gravidez, Valdir lembra:

Quando ela me ligou, “desconfio que estou grávida e acho que estou mesmo”. (...) Ah, me senti feliz, até porque a gente tinha programado, fiquei contente com a notícia. (...) saiu o exame, aí me lembro que nos veio como uma confirmação, aí já não tinha mais tanta surpresa, porque a gente já tinha mais ou menos uma certeza até pela alteração física, aí não foi uma surpresa, mas apenas uma confirmação.

O pai fala sobre com se sente perto do momento do parto:

Eu tô super feliz e ansioso pra que nasça, agora é só a expectativa do nascimento. Já temos hospital, já visitamos o hospital, já conhecemos a maternidade.

Ainda sobre a notícia da gravidez, relata a futura mãe:

A gente tava na praia, eu comecei a ficar enjoada, daí ele, 'eu tenho certeza que tu estás grávida'. (...) Ele é muito assim, tem que ir pra fazer. Ele é muito concreto. (...) Eu estava torcendo. Aí ele já ligou. Eu pensei, 'vou esperar chegar em casa pra dar a notícia', mas quem diz quem diz que o outro se agüentou. Ele liga, como é que foi na médica? Foi tudo bem. Tá, mas e daí o que é que ela disse? Que nós estamos grávidos. Que bom. Aí, a partir daí, a gente começou a planejar.

1.4 Visita domiciliar no pós-parto

Devido ao encontros freqüentes entre a mãe acompanhada do bebê e uma das entrevistadoras, não houve necessidade de visita domiciliar. Nestes encontros ficou combinado com a mãe que a visita seria no dia da entrevista, por isso na segunda entrevista familiar, a mãe foi presenteada com uma violeta e o bebê com um sapatinho.

A família mora em um apartamento de dois quartos em um condomínio de classe média. Para chegar ao prédio é preciso passar pela guarita da segurança onde fica o portão de entrada do prédio onde é necessário se identificar, o carro da entrevistadora teve que ficar em frente ao condomínio pois não é permitida a entrada de automóveis de visitantes.

Trata-se de um condomínio grande, com oito prédios de quatro andares, pintados de bege e marrom, somando 448 residências. Entre os prédios da frente e os de trás, há um salão de festas, uma praça cercada para crianças pequenas, um cancha de duas quadras de esporte também cercada, um espaço com bancos, uma churrasqueira coletiva e duas caixas d'água. O estacionamento do condomínio é na parte lateral e nos fundos do condomínio. Ao redor de cada prédio há espaços com árvores e/ou plantas e/ou flores. Devido ao grande número de moradores o condomínio é bastante movimentado.

O apartamento não é muito grande, decorado com móveis estilo colonial e bem organizado. Tem um quarto para o bebê e o quarto do casal. Na cozinha, destaca-se uma geladeira com uma coleção incontável de botões, sinal de que o bebê ainda não anda por ali. Conversamos na sala, local que o casal costuma brincar com o Pedro.

Karynne conta que o parto foi tranquilo, com um "*alarme falso*" no dia anterior. Sua mãe já estava em Porto Alegre quando o bebê nasceu, veio para ajudá-la. Elas estavam se revezando no cuidado durante a noite, pois ela não achava justo o marido cuidar do bebê à noite, uma vez que ele estava trabalhando e ela não. A avó materna não poderia ficar muito tempo pois o marido, o avô materno, estava com problemas de saúde.

A mãe comentou, também, que tinha emagrecido pois estava sem tempo para suas coisas, que estava sempre em função do bebê e quando tinha tempo pensava em tomar banho e descansar, deixando às vezes de comer. Pensava em logo voltar a trabalhar.

Entre a primeira entrevista após o parto e a segunda, Karynne lembra que ficou doente e reclamou que pediu para o marido cuidar do filho (que também estava doente) durante uma tarde de sábado para que ela pudesse dormir e que ele não

cuidou. Disse que ele ficava sacudindo o filho ao lado da cama dizendo: "*a mamãe não pode ficar doente, ela tem que cuidar de ti*" e que por isso desistiu de tentar dormir. Refere estar magoada por não ter "*o direito nem de ficar doente*".

1.5 Parto e nascimento do bebê

Valdir conta sobre o parto:

O parto mais essa ansiedade da Karynne (riso), só isso, não tivemos assim nenhuma, nenhum problema, coisa assim de plano, com isso, preocupação exagerada, nada. (...) O parto foi uma coisa bem, bem na expectativa... (...) já sabia, tava tudo mais ou menos certinho. (...) "A gente vai marcar para ela esperar no hospital", e aí dito e feito... (...) aí não aconteceu nada (...) na segunda-feira que era feriado do dia vinte, "a gente faz a cesariana".

Quando questionado sobre sua participação no parto, Valdir respondeu:

A minha participação foi ter levado (riso), né ter, enfim ter estado junto, aí na noite que ela posou lá, de uma segunda para o domingo, aí eu não posei, quem posou foi a minha sogra, dona Eva, posou com ela. (...) Aí na segunda de manhã cedo, antes, bom quando eu cheguei lá, ela já tinha entrado para a sala de parto, mas aí aguardei, ficamos aguardando, e quando ele nasceu, aí a médica veio e mostrou ele para a gente, tá, e aí logo depois que ela saiu...

O pai não assistiu ao parto:

O parto, não. (...) Não assisti. Aí quando ela saiu da sala de cirurgia no fim do parto, ia entrar para a sala de recuperação, aí eles dão uma paradinha para a gente ir lá e conversar, aquela coisa toda. (...) Tinha a opção, daí eu que decidi que não... (...) Foi decisão minha.

E justifica:

Eu achei melhor, eu não tinha, não tinha, com é que eu vou dizer, curiosidade, aquela coisa e tal, realmente não me chamava atenção, aí eu optei por não ver. (...) Aí enfim, aí eu nem vi, só...

2. MODELOS DE PATERNIDADE

Valdir refere seu pai como modelo:

Eu acho, eu tenho, eu não cheguei a pensar assim, né, diretamente, mas assim indiretamente, enfim, eu trago o meu próprio pai como modelo, acho que uma coisa de família mesmo. (...) O meu pai é um pai atencioso, (...), zeloso, eu acho que é por aí, eu acho que é (...) É um bom referencial de pai.

E acrescenta:

Eu tenho, eu tenho essa experiência com o pai, até o meu irmão, nós lá em casa, temos essa experiência, de filho em relação ao pai assim. E eu tenho notado que isso tem se repetido, com o meu irmão, que é uma coisa interessante...

Ao ser questionado sobre como define um bom pai, Valdir responde:

Olha, um bom pai, um bom pai é um pai que se preocupa com o filho, dá atenção ao filho né, um pai que, que tenha consciência de ser pai, a primeira coisa. Ah, que for junto com o filho, procurar estar atento né à sensibilidade de entender o filho, acho que isso é o fundamental. Se ele tiver atento ao filho dele e, pelo menos, por exemplo, a gente não precisa saber dar a resposta que o filho quer, mas precisa entender... Perceber aquilo que ele quer. (...) Acho que é o principal, porque dar a resposta, não, aquilo não é dado né, o saber, é preciso saber fazer isso, mas também tem que saber entender, saber ouvir né, saber estar ali...

Karynne, por sua vez, não parece ter um modelo definido de paternidade:

Não tenho assim um modelo de pai... não, que eu me lembre não, de momento não me surge...

E define como não gostaria que fosse seu marido como pai:

...do que eu não gostaria de ser, um pai muito permissivo. (...) no sentido assim, um pai não muito permissivo mas também não muito rígido, digamos assim... ficar na média. Porque... ou permite demais ou permite de menos. Eu acho que tem que ser muito ponderado e na medida certa. (...) Não gostaria que ele também... criasse... fosse muito permissivo ou também criar sem limites, eu acho que tem que ter um meio termo. Me parece que também nessa parte nós combinamos.

A mãe destaca o desejo de Valdir de que o filho tivesse o mesmo nome que ele, do que Karynne discordou:

...o Valdir queria que fosse o nome dele. Tal qual o nome dele... pra ser Junior... ou Filho. Valdir Filho. Ou Valdir Souza Junior. Eu disse 'tá tudo bem... mas onde é que entra o meu sobrenome' (...) eu disse, 'não, então não vale'. (...) Eu disse: 'então tá, então vamos fazer o seguinte.... nós colocamos o teu nome e só que... o teu primeiro nome e o meu sobrenome'. Aliás... 'vamos colocar o nome dele só... Valdir mas só que com o meu sobrenome ao invés do teu.' 'Ah não! Assim eu não quero!' Eu digo: 'é a mesma coisa, tu não quer por só o teu sobrenome?' Aí o meu sogro disse: 'Meu filho ela está certa. Porque não? Por que só o teu?' 'Ah porque eu queria...', 'não... mas tem que entrar num consenso.' Aí ele disse 'então tá.' Ele ficou meio relutante mas ele deixou... aí então eu peguei e disse pra ele 'então eu vou fazer uma listinha de nome e depois a gente opta pelo que a gente quer mais'.

Passado o terceiro mês de Pedro, os pai relata achar o bebê fisicamente muito parecido com ele. Após o primeiro ano, o pai continua percebendo o filho fisicamente parecido com ele (o pai), mas emocionalmente com o temperamento da mãe:

Mas ele é brabo mesmo, brabo, depois de uns três minutos que ele xingou bastante, realmente interessantíssimo, a quem ele puxou? Não tem ninguém na minha família. (...) Ele tem umas coisas minhas e tem da Karynne e tal, mas eu acho ele com mais traços meus (...) Não de personalidade, de físico aí. De personalidade eu até tenho um pouco de dificuldade de... de avaliar assim. Mas físicos eu acho que ele tem uns traços mais meus assim.

E a mãe concorda:

Ah, ele é parecido com... no temperamento é muito parecido comigo. (...) Eu sempre fui muito, agora eu tô mais tranqüila, mas eu sempre fui muito... inquieta, digamos assim. As coisas pra mim tinham que ser pra ontem, né.

3. MATRIZ DE APOIO

3.1 Durante a gestação

Segundo Valdir, o casal não sente necessidade de ajuda durante a gravidez:

A minha família é daqui de Porto Alegre. (...) Então dão um apoio mais assim de conversando e tal, e mais, nós não precisamos assim de um apoio mais presente, nós não precisamos, até o, até esse momento nós não precisamos.

Quando questionado se tem alguma pessoa ajudando-os durante a gravidez, responde:

Nenhuma... (...) Eu, nós já recusamos já.

O futuro pai admite, apenas, alguma ajuda em termos de orientação, por parte da sogra:

Não, mais é para tirar dúvidas assim, a mãe da Karynne tá tentando ajudar à distância, tá presente no momento, por telefone e tal.

Questionado sobre como irão se organizar depois que o bebê nascer, Valdir faz referência à autonomia da esposa em relação à volta ao trabalho:

Ela tem consultório, (...) só o consultório. (...) Então ela tem liberdade é disso, de horário né, ela se organiza muito mais, ela pode tirar mais outros horários dela. (...) A idéia, esses dias, nós conversamos sobre isso, no início, até se pensou ela ficar duas semanas em casa, duas semana, dois meses por casa (...) hoje, a gente até pensa em um mês se tiver tudo bem organizado, a gente conseguir organizar bem, a Karynne vai retomar o trabalho.

No entanto, a mesma condição profissional de Valdir, ou seja, de profissional liberal, é prevista como empecilho à participação do pai nos cuidados com o filho:

Não, lá onde eu trabalho é uma sociedade nossa, então a gente não tem muito esses espaços livres... (...) Não, eu até posso, mas não é interessante né, para a gente trabalhar, porque depende de uma união entre eu e meus colegas.

A primeira opção de cuidado cogitada pelo pai é uma pessoa que cuide do bebê em casa:

Vamos ver se nós vamos providenciar né, ou talvez a minha mãe, não sei, isso tudo são, a gente não cogitou ainda. (...) As pessoas perguntam como vai fazer pra sair, eu passo ali na minha mãe, não tem problema: 'olha o neto aí' (...) moram perto. Então não vejo dificuldades. (...) Sem problemas. Eu não vejo dificuldades.

A creche é vista, pelo pai, como um recurso alternativo de cuidado:

O ideal seria alguém cuidar, alguém da confiança da gente, mas isso a gente ainda não conseguiu... (...) A creche já seria... (...) Para quando já tivesse mais, mais independente um pouco, assim eu acho (...) Acho que anos, uns três, dois anos.

Já Karynne sente-se apoiada por sua mãe, desde a gestação:

Sim. (...) Eu pedi prá ela. (...) que logo no início como eu não tenho experiência direta nenhuma. (...) Aí, mas a mãe está aí prá me ajudar nessa parte, e eu estou torcendo... que tudo está dando certo nos exames aí eu acho que vai ser parto normal, aí a mãe deve ficar uma semana, uma semana e meia comigo, prá eu pegar o jeitinho de lidar com ele e depois a mãe também não precisa ficar todo o tempo, até porque, porque eu digo: 'não mãe. Não é isso.' E que ela também. Como está... é uma professora aposentada, então ela já tem lá... aí ela faz ginástica, tem todo um... digamos assim... umas atividades, uma rotina dela.

Quando questionada sobre a possibilidade de outras pessoas ajudarem a cuidar do bebê, Karynne coloca algumas restrições:

Não, até porque eu não gostaria. Não é assim que eu não confie nas outras pessoas... mas não sei, acho que a mãe é mais próxima... tu tem a liberdade, se eu não gostar de alguma coisa e eu falar com a minha mãe com jeito ela não vai ficar ofendida. De repente, pode ser a minha sogra... ou uma tia do Valdir... de repente ela poderia... se for um pouquinho mais de idade e tal poderia ficar chateada, de alguma forma: 'a gente está querendo ajudar... e de repente... aí a pessoa acha que eu estou fazendo tudo errado...' aí não... então eu espero que não. (...) Eu aceito sugestões... mas eu não aceito imposição. (...) O bebê é nosso e nós vamos discutir entre nós. Tem que se respeitar. Por isso que eu digo: 'aceito sugestões. Imposições não'.

3.2 Após o terceiro mês do bebê

A rede de apoio durante o primeiro trimestre do bebê foi baseada na ajuda das duas avós. A avó materna auxiliou o casal quando voltaram para casa, segundo o relato do pai:

Veio a vó junto. (...) Em casa foi a Karynne que cuidou mesmo, dar banho e..., a dona Ana só assessorava ela assim (...) A minha sogra né, (...) era a minha sogra que tava ajudando aqui em casa né...

Quando Karynne retornou ao trabalho, a avó paterna assumiu os cuidados do neto:

Fica na casa da minha mãe. (...) É que a mãe dela, a mãe dela também nos últimos, no último mês, ela tava fazendo tratamento, ela resolvia os probleminhas dela, e aí quando a gente saísse, ele ficava, quando a gente tinha que sair, sempre ficava com a mãe ali, que não dava para levar ele e tal, ele ficava com a mãe...

Referindo-se aos cuidados das avós, Valdir faz algumas ressalvas:

É como avó (riso), é coisa de avó né, cheia de cuidados, ela tem bem mais cuidados, então aquelas coisas né, não pode bater, não pode cair... (...) É, aquelas coisas de avó, mas muito atenciosa, ele se dá bem, gosta muito de ficar lá. (...) A outra vó também, ela cuidava bem também e tudo, e como é que eu vou dizer? Ela cuidava bem, cantarolava para ele e tal. (...) Tinha uns esquemas meio lá (riso)...

Em relação à creche, Valdir mantém as mesmas restrições referidas durante a gravidez:

Nós pensamos, mas (...) mas tava pensando em uma pessoa para ficar aqui né e tal, mas aí até o meu pai achou (...) que a minha mãe ia ter que vir aqui toda hora dar aquelas incertas para ver como é que andam as coisas, então que ficaria melhor então deixar lá com a minha mãe. (...) Mas, a princípio, o cuidado é a vó (...) a princípio, por enquanto, ele é muito novinho né, pra ele ficar com o cuidado de uma outra pessoa né.

Karynne sentiu-se apoiada por sua mãe nos primeiros meses após o nascimento de Pedro:

...a minha mãe ficou comigo todo esse tempo né, então agora mesmo que eu tô sentindo o que é ficar com ele, sozinha, ah antes eu ficava assim, alguns dias, porque daí a mãe tava fazendo tratamento médico, então ela saía

pela manhã e à tarde, ela tava em casa, daí a gente revezava né, para almoçar, lavar roupa, essas coisas assim, essas coisas dele, daí a gente revezava, a mãe ajudava, agora eu tô sentindo mais né, o que é ficar com ele, então daí eu aproveito...

Mesmo reconhecendo o apoio, Karynne, tal como o marido, tinha restrições à postura da avó:

A mãe foi muito sempre de orientar né, mas tinham algumas coisas assim que eu gostaria assim, por exemplo, às vezes, o Pedro chorava, aí a mãe pegava ele em seguida, eu dizia “não mãe, deixa ele chorar um pouquinho, se não ele vai acostumar toda hora no colo”, ela dizia “não, mas não pode chorar”, aquela fase ali, é por causa do umbigo (...) aí a mãe pegava ele e acomodava tranqüilo, eu já tava ficando assim, eu tava ficando estressada porque eu ficava, me sentia impotente de não conseguir fazer ele ficar bem...

Quando retornou ao trabalho, o bebê passou a ser cuidado pela sogra na casa dela:

Ah, quando eu tenho que ir para o consultório, daí eu deixo aqui na minha sogra, porque a gente tinha pensado em colocar uma pessoa... tinha pensado em deixar ele com alguma pessoa aqui em casa né, mas a gente não tinha nenhuma pessoa de confiança, aí a minha sogra disse “não, ele é muito pequenininho”, até eu tava na mãe lá em novembro...

Em relação aos cuidados da sogra, Karynne também tem restrições:

...mas eu ficava bem mais com a mãe (riso). (...)A minha sogra é muito, ah rígida assim com as coisas, tem quer ser assim, tem que ser, e eu acho que isso estressa muito né, então ela é extremamente cuidadosa, eu acho que até ela é demais, eu acho que isso acaba estressando ela né, mas ela é bem tranqüila, ela já tá acostumando a ficar lá, então não tem problema nenhum.

Atualmente, mesmo com a ajuda da sogra, Karynne sente-se pouco assistida:

...porque eu tô meio sozinha agora, né.

Mesmo assim, a opção é manter Pedro aos cuidados da avó, até o momento de ir para a creche:

...por enquanto, eu vou deixar [com a sogra] né, por enquanto, nós vamos deixar até porque é uma pessoa que a gente confia mais né. Agora, depois, quando ficar maiorzinho, daí a gente vai ver como é que vai ficar né, aí ficar, de repente, tem que colocar na creche, alguma coisa assim, mas a princípio... Quando for muito pequeno, vai ficando ali né. Ela se ele dá trabalho, ela diz “não, não me dá trabalho” (...) então, assim, ela não tem trabalho nenhum né.

3.3 Após o primeiro ano do bebê

Passado o primeiro ano de Pedro, o casal encontrou uma pessoa para cuidar do bebê. Segundo o pai:

Tem essa senhora lá que a gente deixa que é muito bom, deixa o Pedro lá, bom pros dois, porque o Pedro tá tendo contato com outras crianças e pra Karynne porque dá uma folga, dá uma... uma folga pra ela descansar (...) Aí na segunda feira quando ele vai ficar lá, aí ele dá uma choradinha pra ficar, mas aí depois já vê as outras crianças e aí já...

A possibilidade de colocar o filho na creche é adiada. Segundo Valdir:

Creche não, não pensamos ainda, né. A gente pensa talvez, quando ele tiver maior, colocar ele numa escolinha, coisa assim (...) eu penso que seja depois dos dois anos, imagino.

Para a mãe, a alternativa de cuidado no primeiro ano do filho é baseada em uma pessoa que mantém uma ‘creche familiar’. Trata-se de uma senhora, moradora

do mesmo condomínio, que há muitos anos cuida de crianças no seu apartamento, mediante pagamento:

...achamos melhor colocar o Pedro, deixar ele lá que ele já tinha se acertado com essa senhora. E daí eu disse pro Valdir, eu prefiro eu fazer as coisas da forma como eu posso e daí vai ficar como eu quero e eu vou me organizando. (...) É uma pessoa assim que eu muito já, a maioria das crianças que eu conheço lá, que agora não são mais crianças, são adolescentes do condomínio, foram tudo, passaram pela tia Dani. Então, é uma pessoa muito cuidadosa, muito atenciosa, e o Pedro se apegou muito a ela.

4. ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO O PAI

4.1 Acessibilidade

Ao contar sobre o relacionamento futuro com o bebê, o pai imagina:

Uma relação de pai, vou poder dar minha contribuição, tem que cuidar, trocar fraldinha. (...) nos meus horários em casa. (...) São a noite, depois das 8 e meia, saio 7 e meia, 15 para as 8. (...) E no sábado após as 15 horas. (...) A gente tem o hábito de fazer reunião no sábado.

Quando questionado se imagina que vai ver o bebê somente nesse horário, à noite e aos fins de semana, o pai responde:

Exatamente.

No terceiro mês de vida do bebê, quando questionado se segue trabalhando no mesmo ritmo, todo o dia, o pai responde:

Sim, normal, no mesmo ritmo. (...) Passo o dia fora, nos sábados que, às vezes, é mais leve, até porque a gente tá em época de férias e tal.

Ao ser questionado se sai de manhã e volta de noite, Valdir responde:

Saio, tô saindo agora sete e meia e volto esse horário, oito horas, eu tô chegando em casa, mesmo pique normal, e a Karynne é que fica mais tempo

com ele, eu quando chego é isso aí, fico, a gente fica por aqui, fico com ele no colo, a gente desce ou vai a algum lugar que tem que ir e tal. Isso é durante o maior tempo...

Ao descrever-se como pai, nesta época, Valdir responde:

Eu como pai? Tô... é dentro da minha, dentro da, durante o dia da semana né, dentro assim do meu tempo né, eu procuro estar presente, brincando, enfim, participando né e tal. E nos finais de semana aí sim, é mais intenso.

Após o primeiro ano do filho, Valdir mantém a mesma jornada de trabalho. A disponibilidade do pai para interagir com o filho aparece no relato que segue:

...nos dias de semana a gente tem pouco, até pouco contato, seria um pouco, até porque eu saio de manhã trabalho, não saio tarde, saio oito, oito e alguma coisa. E o Pedro já tá acordado desde as sete. Então a gente já tá convivendo, ele já acordou, e a gente já tá naquela função lá. Enquanto eu me arrumo, ele tá lá fazendo anarquia e tal. E perto de mim, sempre próximo a mim.(...) Então de manhã como eu te dizia, na parte da manhã a gente passa junto das sete até as oito, oito e alguma coisa. Que é o horário que ele acorda, às vezes até um pouco. (...) Então a gente tem um bom contato de manhã.

O relato que segue ilustra o quanto o pai valoriza os momentos que pode passar com o filho:

...se possível a gente toma café junto, eu acho legal essas coisas de a gente... de a gente vê que.. de valorizar esses pequenos momentos assim de.. refeição e tal e tal, que a gente pode. Eu acho legal valorizar, sentar à mesa, eu acho que reforça os laços de família, os laços familiares. (...) Aí depois que eu saio, eu não volto mais porque eu saio do meu trabalho e não consigo ter tempo pra voltar pra almoçar em casa. Aí eu almoço fora e só retorno em torno de oito horas, não tenho conseguido chegar antes das oito. Aí das oito

até nove e meia, agora o Pedro não tem dormido... Até as nove horas, nove e meia ele quer passar um pouquinho, aí nesse horário a gente fica de novo, né. Eu vou pra cozinha ele vai atrás, e daí a gente fica, aí nove e meia ele dorme, e aí a gente fica só eu e a Karynne. Aí só no outro dia de manhã de novo, corrido.

Valdir segue descrevendo sua interação com o filho:

Esse pouco tempo aí que a gente tem né. Todos dias de manhã, ele já acorda e já sabe, procura. E eu que pego ele no bercinho, no quarto dele e a Karynne pega ele lá e ele já quer ir pro chão e ele já vem me procurar. Vai direto pra cozinha me procurar, na casa, no apartamento, aí ele dá um giro lá e se a porta tá fechada ele empurra já vem... Todos os dias, de manhã e de noite que a gente tá sempre fazendo folia.

4.2 Engajamento

Durante a gestação, o pai acompanhou o crescimento da barriga da esposa:

Crescendo, de noite mexia, desde o início lá. Quando não tinha barriga, tava ansioso pra ter a barriga, aí foi indo, indo até tá no ponto que tá hoje. Gostei disso.

E comentou sobre como sentia o bebê na barriga da esposa:

A gente brinca muito em relação a isso, então às vezes eu digo: 'oh, o papai chegou', boto a mão, ele mexe mesmo.

Valdir também participou da compra do enxoval do filho:

Tem coisas que a gente escolheu junto, fomos no sábado à tarde escolher.

Em relação a sua participação no serviço doméstico refere:

A gente sempre dividiu. Passar aspirador deixa comigo porque exige mais movimento, como ela tem problema cardíaco. Às vezes, quando a gente almoça em casa, eu lavo a louça, eu seco.

Quando questionado se a esposa pedia ajuda, Valdir respondeu:

Pede, pede mais quando tem que se abaixar, mas a gente vem meio trocando igual.

Sobre o que imagina fazendo com o filho, o pai comenta:

Depois jogando bola. Pequeninho seria isso, cuidando dele, pegando no colo.

Passado o primeiro trimestre do bebê, o pai fala de sua experiência de paternidade:

Tá sendo positivo, eu acho assim que não, como é que eu vou te dizer? Eu encaro isso com uma certa normalidade né, é normal, é uma, é uma seqüência, é um outro passo e bem normal, eu tenho uma coisa comum né, não tô tendo sobressalto nenhum, tá tudo normal, tudo indo... (...) desde a gravidez, do início até, até agora, a coisa foi andando, foi evoluindo na normalidade.

Ele admite não ter uma participação muito ativa nas tarefas de cuidado do filho:

Não, eu mais é assessoro (riso), assim os cuidados mais são com a Karynne assim, de trocar, de dar banho, enfim, eu, as minhas, os meus, a minha ajuda é mais acessória, entendeu? Eu pego ele, chego em casa, aí ele chora, é eu que pego, enfim, fica aqui. (...) Dou colo, isso, isso.

Questionado sobre o que mais gosta de fazer com o bebê, responde:

De pegar no colo eu acho (riso), isso é que eu faço (...) quando, às vezes, eu não havia saído com ele ainda, até porque ele era novinho, a gente

acaba ficando com receio, mas agora já tenho saído com ele, já saí uma vez com ele. (...) Agora, ele já tá mais, maiorzinho e aí... (...) Já dá para passear um pouquinho.

Também gosta de brincar com o filho:

Sim, brincar sim. (...) Ele gosta de cosquinha (...) Ele gosta de... de ficar deitadinho assim, a gente brinca com ele né, ah tá, eu faço, o papai é louco, deixa eu atirar, eu brinco com ele, eu... (...) Atirar, eu não atirei ainda (riso). (...) É assim, faço aviãozinho, dão um giro contra o meu corpo né, aí ele dá risada. (...) Se diverte.

Sobre o que o pai menos gosta de fazer com o bebê, Valdir comenta:

O que eu menos gosto de fazer? Olha,..., não, não apareceu assim nada assim para eu te dizer...

Acrescenta, apenas, não gostar dar o banho:

É, porque banho eu nunca dei né, porque é difícil de dar. (...)É, é sempre a Karynne que dá, enfim, eu sempre fui ali e tal.

Sobre a troca de fraldas, também tem restrições:

Não, o máximo que eu fiz foi tirar, enfim dele eu tirei a fraldinha, mas aí a Karynne veio e tomou conta.

Após o primeiro ano do filho, Valdir descreve como está sendo a experiência de ser pai:

Tá sendo legal, é legal voltar pra casa e ter filho e tal né. É uma coisa tem no escritório, coloca o filho no computador, essas coisas eu acho legal. E eu acho legal isso, o próprio... a própria convivência né com filho né, ensinar algumas coisas e aprender outras e tal. E eu acho legal, eu tô achando legal, até o momento tá sendo super bom. (...) Me sinto bem, me sinto, digamos assim que eu não estranhei muito né. Não, enfim... dentro daquilo que eu

imaginei que ele seria, me parece que tá sendo, não teve assim grande... grande, não tenho tido dificuldades, em viver isso. Pra mim é uma coisa quase que normal, não sei se eu é que me adaptei bem, ou tá dentro do cotidiano, tá dentro daquilo que eu esperava.

Questionado se sente alguma dificuldade no momento, o pai responde:

Não, não. Tá tudo tranqüilo.(...) Aliás, tudo foi bem desde a gravidez, até os dias de hoje, eu não tive nenhuma dificuldade assim de me deparar com as, que deu como resolver. Não teve nada de anormal, tudo dentro da, do esperado.

Percebe a paternidade em conformidade ao que imaginava durante a gravidez:

...eu não tenho essa coisa de fantasiar tudo, de pensar o que vai acontecer, eu procuro tomar atitudes no presente que possam garantir que as coisas sairão, pelo menos dar alguma, não garantia, que isso não é possível mas, pelo menos que possam conduzir pra aquilo que vai acontecer no futuro saia dentro do mínimo razoável. (...) Tá normal, a minha vida de pai e filho, cuidar, brincar, aquelas coisas todas, normal.

Em relação aos cuidados com o Pedro, Valdir relata:

...dar banho, eu me arrependo eu gosto de banho sempre, trocar fralda eu não troquei, e isso é preguiça minha do que outra coisa... mas a Karynne sempre que troca a fraldinha dele, e a minha... em relação ao Pedro eu mais ajudo do que fazer alguma coisa específica. A gente se... brinco com ele na hora que a Karynne não pode. Dou alimento pra ele, dou, essas coisas eu faço. Dar comida eu já dei, esse tipo de coisa, agora um cuidado assim de fazer dormir. Antigamente eu fazia mais, quando ele era menor, agora ele tá mais apegado com a Karynne, ele dorme com a Karynne. (...) dar banho que eu curti bastante, acabei não dando, a Karynne me ajudou a cuidar. Também os horários que ele toma banho também eu nunca tô, e final de semana eu

acabei não me interessando em dar. Eu acho que é uma coisa meio que automática, eu deixei passar.

Conta sobre o que mais gosta de fazer com o filho:

O que eu mais gosto de fazer com o Pedro. Bom, o que eu mais gosto de fazer com ele é brincar. Ir lá jogar bola, brincar assim com a bola mais, que na verdade foi depois dos oito meses é que ele ficou mais ativo né. E aí a gente consegue brincar mais e tal.

Quanto ao que menos gosta de fazer com Pedro, complementa:

Não tem algo assim que eu posso dizer assim que eu não gosto de fazer, detesto, não tenho. (...) eu não tenho como me recordar de alguma coisa que eu não gosto de fazer, eu realmente não... realmente não tem, que eu lembre assim não tem nada, que eu detesto não dá.

Valdir reconhece não atender completamente às expectativas da esposa, quanto à paternidade, mas mostra-se satisfeito com seu desempenho:

A Karynne reclama por duas coisa, que eu não troco fralda e eu nunca troquei fralda e dá banho, fora isso ela mesmo diz: Não, tu... às vezes ela diz, ah tu não participa. E eu como não participo, tá certo que eu não troco fralda e o resto? Não o resto tu faz. Então tá jóia (risos).

4.3 Responsabilidade

Valdir não participou das consultas do pré-natal, assistindo, apenas, à ecografia:

Na médica dela eu não fui nenhuma vez (ri). Eu fui com ela ver a famosa eco, e depois tava planejado pra eu ir numa das últimas consultas, mas no fim eu não consegui porque as duas vezes eu tava viajando.

Em relação à ecografia comenta:

Senti muito feliz até porque deu pra ver direitinho. (...) Achei super legal, faz parte de uma situação nova, diferente tanto pra ela como pra mim, achei super interessante.

No terceiro mês, o pai atribui à esposa a responsabilidade pelos cuidados do filho:

...a maior responsabilidade assim do dia a dia tá com a Karynne, até porque ela tem ficado mais tempo com ele.

Passado o primeiro ano de vida do bebê, o pai avalia a experiência de paternidade:

Eu acho que eu tô conseguindo. Não 100% evidentemente, mas tô conseguindo ser um cara legal, um pai casado, e que enfim consegue atender as expectativas do filho da minha esposa e das minhas pessoais né. Não tem graça nenhuma você ir pra casa né, se não tiver filho pra mim né? Então eu consigo, tem assim o que eu consigo fazer, eu tô conseguindo me comportar como pai, de forma satisfatória pra eles como tá sendo pra mim mesmo. Acho que por isso tá sendo melhor.

Reconhece que a esposa assume as maiores responsabilidades sobre o cuidado do filho, mas mostra-se bem intencionado em ajudá-la:

A Karynne tá bem, à vezes se estressa um pouco, porque realmente é cansativo. A maior parte do... a maior responsabilidade em relação aos cuidados do Pedro. (...) Sempre que eu chego em casa eu procuro ajudar em tudo, eu vejo que ela tá lá muito cheia de coisas, aí se tem que fazer alguma coisa daí eu faço, eu me organizo e tal. Sempre, sempre, e quando ela vai fazer alguém tem que ficar com o Pedro, eu tenho que pegar ele, segurar. (...) Mas não a gente sempre se ajuda, em termos de se organizar é assim, se ajudando.

5. O ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO A MÃE

5.1 Acessibilidade

A mãe parece discutir a disponibilidade do pai, com o bebê na barriga:

...o Valdir, mas quando ele está em casa, porque ele sai de manhã e volta geralmente 8, 10, dependendo do horário das audiências que ele tem. E eu quando estou em casa eu fico, 'meu filho, vamos tomar banho?' (...) as vezes o Valdir está demorando, 'será que o pai está bem? Vamos ligar!'. Então quando a gente está deitado também, daí ele conversa. Então quando vem... 'que tu está fazendo aí? Tá abraçado na tua mãe, mas tu é só um sujeitinho'!

Embora sabendo que o marido passará muitas horas fora de casa, a expectativa da mãe é a de que o pai, quando estiver presente, divida com ela as tarefas da casa e os cuidados com o bebê:

Tudo indica que quando a gente tiver que revezar... eu digo, eu mexo com ele: 'Ah! Não! Mas daí no fim de semana quando precisar...' digamos que eu esteja fazendo almoço, geralmente, às vezes ele assa carne alguma coisa assim. 'Mas se precisar e se eu estiver fazendo o almoço daí tu pega o pequeno, leva pra pracinha pra tomar um sol pra sair um pouquinho com ele.' 'Ah, não! Mas eu vou fazer isso.' (...) então a gente é muito assim de um ajudar o outro. Se um estiver mais cansado aí a gente reveza. Essa noite é tua, é toda tua, então tu te vira, 'a única coisa que eu não vou fazer é dar mamá', eu digo, 'não tem problema', mas eu acho que vai dar...

Karynne descreve a disponibilidade do marido, após o primeiro trimestre do bebê:

...ele é um bom pai né, é extremamente dedicado, adora o Pedro né (riso), é impressionante né, tinha que achar, adorava quando ele chegava porque o Valdir vê ele mais à noite né, pela manhã e à noite, e fim de semana que ele tá em casa, senão ele passa o tempo todo fora de casa... E daí ele vê

ele mais é à noite, então ele brinca mais com ele de noite, aí ele procura pegar ele no colo, ficar pertinho dele né, porque eu passo mais, maior parte do tempo com ele. Mas assim, fora como eu te falei assim do Valdir, eu queria que ele fosse mais participativo nessa parte né, de dar banho no Pedro...

5.2 Engajamento

Em relação ao apoio que o marido oferece a ela, Karynne parece estar surpresa com a disponibilidade dele para ajudá-la:

Olha! Eu sinceramente me surpreendi com ele, porque ele tem um jeito meio desligado, às vezes a gente atribui muito à profissão, fica muito concreto. Pro advogado é faça, é faça. Mas ele se saiu melhor, eu digo pra ele, 'puxa vida! Eu não esperava que você fosse assim!' Até esperava que ele desse todo apoio e tudo, mas não assim... do jeito que ele é, muito atencioso. (...) 'tu me cansa. É muito chatinho...', porque: 'cuidado com isso! Cuidado com aquilo!' Ele estava preocupado.

Karynne também descreve o relacionamento do marido com o bebê na barriga:

Mas ele é muito atencioso, ele fica acariciando a barriga, ele fala com o nenê, e dá beijo, quando ele sai de manhã me dá beijo, dá beijo no nenê, 'tchau!' Aí liga no meio da tarde quando ele está no trabalho, e tem um tempo, ele liga pra saber se está tudo bem. Se eu não estou precisando de nada. Aí já diz: 'deixa o telefone desse, e daquele ali'. (...) Então aquele cuidado todo. É muito bom, 'tá tudo bem? Tá tudo bem.', De noite, que eu me levanto muito pra ir ao banheiro... 'tá tudo bem?' 'Tá tudo bem, se eu precisar de alguma coisa eu te acordo. Pode deixar...', mas é muito assim... realmente bem carinhoso. Eu fiquei surpresa. Eu achei que ele ia dar apoio, mas achei que ele ia ficar mais ligadinho mas... é bom.

A mãe fala sobre o seu relacionamento com o marido durante a gravidez:

...depois da gestação me parece que a gente conseguiu (...) aproximou mais a gente ainda (...) Porque aí... muitas vezes o Valdir, às vezes, já como eu te falei, eu achava ele um pouquinho muito desligado. O que eu vi foi que ele mostrou um lado muito mais dedicado... um lado mais compreensivo... mais tolerante. Isso acho que fez com ele... essa parte acho que mudou... e foi bom. Acho que até pra ele. Porque ele notou assim... às vezes ele chegava muito estressado, e ele tinha que ter calma, eu dizia, 'não fala assim comigo que nós estamos em estado interessante! Não podemos nos aborrecer!' E eu acho que isso aí foi dando pra ele aquela parte... mais tolerância, mais paciência, aí ajudou isso eu achei que foi positivo.

A expectativa materna sobre a relação do pai com o bebê, aparece no relato a seguir:

... o Valdir também gosta muito de criança, e tem muita paciência, eu vejo pelos sobrinhos dele. É claro que não é parte da rotina... da criança estar em casa... ter que levantar de noite, trocar fralda. Mas eu acho que... que ele vai dar um apoio muito grande nessa parte. (...) 'Não, a gente se ajuda' [diz o marido], aí tá, porque eu vou ficar bem um período em casa, mas acho até que ele quer participar bastante dessa parte assim, do nenê, pra depois não dizer: 'não, o teu pai não fez nada'.

Quando questionada sobre como imagina que vá ser a participação do pai nos cuidados com o bebê, Karynne responde:

... eu tenho certeza que ele vai fazer mesmo. No início ele vai ficar meio receoso. Vou ter que ajudar, mas não vai ter problema, ele vai querer ajudar a dar o banho, trocar, tudo... ele tem muito jeito de querer fazer as coisas e de aprender... ficar muito próximo. Eu acho que ele vai ajudar bastante... pode ficar no início com um pouquinho de receio... por ser pequeno, até perguntei pra ele: 'será que tu não vai ficar com receio de pegar o Pedro por ser pequenininho?' E ele disse: 'não, não consigo imaginar assim'.

Também conta sobre como imagina que o marido será como pai:

Eu acho que o Valdir vai ser um bom pai. Ele indica, por ser já... dedicado... me parece que ele vai procurar ficar o máximo de tempo que ele pode com o nenê, quando ele estiver em casa. Espero que... ele não seja daqueles pais que chega tarde, vê o bebê no berço e querem acordar pra brincar. Tenho impressão que ele vai ser daquele jeito, 'Ah! Mas eu não vi ele o dia todo.' Espero então que quando ele chegue tarde ele não acorde; mas ele tem jeito.

Passado o primeiro trimestre do nascimento do bebê, o depoimento da mãe confirma a pouca participação do marido nos cuidados diários com o filho. Karynne faz um relato extenso e detalhado da rotina das atividades de cuidado do bebê, queixando-se do desempenho do marido. Ela parece surpresa quando questionada sobre a participação do pai nessas atividades:

Do Pedro? Hum, o que ele faz? Ele pega, quando eu preciso assim, quando eu tô fazendo alguma coisa, ele segura, pega o Pedro, mas se é preciso trocar, eu queria até dizer: “olha, Val, queria que tu aprendesse a trocar fralda né, quando precisasse, quando eu tivesse fazendo alguma outra coisa e tu pode trocar”, acha que ele quis ver? Hum, “ah não, eu cuido dele também”, eu disse “eu sei que tu cuida dele”, mas ele fica muito envolvido com as tarefas dele do escritório, “ai, eu saí para o sindicato, para trabalhar e tal, então eu ajudo” (...) se vocês perguntar, ele não tem nada, isso aí ele não faz, hum, trocar fralda, essas coisas, ele não faz. Ah, dá mamadeira, algum suco, alguma coisa assim né, mas, segura ele, dá uma voltinha, mas assim especificamente de lidar com ele, hum.

Nos finais de semana o pai parece estar mais disponível, segundo ilustra o relato da mãe:

Fim de semana, daí a gente fica, daí a gente sai, muitas vezes, a gente sai, vai passear, aí para fazer o almoço, no caso, daí o Valdir segura ele, às vezes, ele fica no carrinho né, fica muito tempo brincando, aí o Valdir pega

ele, mas se não, não tem dificuldade também. Mas a maior parte, quem lida com ele, sou eu, ele tá assim às vezes, chorãozinho, pode notar, aí tá, o Valdir viu, ele acha que era mama, não era mama, eu achava que não era né, porque logo que ele acorda, ele não é de mamar muito né, porque (...) e o Valdir não vê, daí ah, aí acorda, “ai, se precisar de alguma coisa, me fala”, “tá, tá certo”, mas não adianta, tem que ser tudo com a mãe mesmo.

Sobre ela pedir ajuda ao marido:

Huhm. É bem prestativo, só não troca fralda porque realmente ele não pegou, quero ver até, eu quero ver até se ele agora acaba aprendendo né, eu quero mostrar como é que se faz. (...) O Valdir não deu nenhum banho nele. (...) Ele tá com quatro meses e é tudo eu. (...) isso ele faz, se for preciso né, aí eu digo para ele ‘óh, tira a roupinha do Pedro, deixa ele peladinho já para eu dar banho’, aí ele tira, tira tudo né, aí quando, muitas vezes, eu trago o Pedro para cá para trocar, aí ele já tira a banheira, troca, torce o paninho dele de banho e já estende né, coloca as roupinhas dele suja na, no lugar lá, da área de serviço, no baldezinho dele, essas coisas ele faz, sempre me auxilia. Mas banho, especificamente, ele nunca deu, até gostaria de ver ele dá banho (riso). (...) ‘ai, o pai é um desajeitado para isso’, eu digo ‘não, mas tu, aos pouquinhos tu vai aprendendo’. (...) É, eu gostaria que ele tivesse mais participação nesta parte, eu gostaria.

Embora insatisfeita com a participação do marido nos cuidados, Karynne reconhece que o pai tem condições e habilidades no trato com o bebê:

Nos cuidados né, de ficar mais, mais perto, eu acho que isso aproxima mais né, do Pedro, senão ele vai ser extremamente mais, vai ser apegado a mim né, porque eu lido com ele, mexo com ele sempre de manhã à noite, é eu né, aí de noite que o Val pega ele um pouco mais, fim de semana também né, e o Valdir tem, se vai no mercadinho, alguma coisa, se dá para levar, ele leva ele, então tá sempre com ele para lá e para cá. (...) ...o Val também quando tá

com ele, daí põe para embalar ele também, canta e faz umas palhaçadas para ele e eu também (riso), faço umas palhaçadas e ele acha graça.

Após o primeiro ano do filho, Karynne descreve o marido como pai:

...o Valdir como pai, é um bom pai, no sentido de que ele é muito carinho, muito atencioso. Só que assim, eu acho que ele poderia ser mais participativo, assim no sentido assim, em cuidados com o Pedro, trocar fraldas dá banho né. (...) O pai, é tirando essa parte que eu reclamo muito né, no mais é. Só que as vezes ele não sabe, dependendo da situação ele não sabe lidar muito, aí a mamãe, aí a mamãe tem que socorrer.

Quando questionada sobre que tipo de apoio ele tem oferecido, a mãe responde:

Ah, em que sentido? (...) É geralmente é mais quando a gente tá em casa, né, que eu preciso fazer alguma coisa, um almoço, ou no computador, aí ele me dá um auxílio. Fica com o Pedro, leva ele pra passear, mas aí tem as vezes que eu tô envolvida, tem que trocar a fralda. Aí tem que parar tudo pra trocar.

Conclui a entrevista relatando, em tom de queixa, um episódio em que necessitou a participação mais ativa do marido e não foi atendida:

Teve uma vez eu acho que eu fiquei muito estressada, bah. Me senti assim, totalmente indisposta, aí eu até pedi pro Valdir, dá uma reparada mais nele (...) Ele ajudou né, mas à princípio ele queria ter deixado lá com a mãe dele, com a minha sogra. Daí eu disse pra ele que não, daí ele achou que eu tivesse fingindo a indisposição, eu vou levar o Pedro lá pra mãe. Eu disse não, dá uma olhada nele, eu só quero dar uma descansada. Ah, não mas tu tem que ficar boa, o que tu tem ? Eu: Eu não sei o que eu tenho, eu tô um pouco indisposta, eu tô com dor de cabeça e tal, uma situação estranha pra mim, sintomas que eu não tinha sentido. Aí eu disse pra ele, dá uma olhada no Pedro. Ele não sabia quando o Pedro tava com sede ou sentimento, ele não

sabia como lidar com aquela situação, ou me ver assim também... é... indisposta e não saber como lidar com aquilo. Ai ele simplesmente disse pra mim, “então tu trata de ficar boa, senão eu vou levar o Pedro lá pra mãe”. Enfim, vamos fazer o seguinte, eu levanto e fico com o guri.

5.3 Responsabilidade:

Karynne confirma o depoimento do marido sobre a sua participação nas consultas:

...não... o Valdir... a primeira e a quarta vez eu fui sozinha. (...) Porque muitas vezes o horário que eu consigo de consulta... ou é bem o horário... complicado pro Valdir (...) por causa da profissão dele. Às vezes ele tem audiência em outros lugares, agora mesmo, ontem eu tinha uma consulta e ele não conseguiu porque ele estava em Taquara e a consulta era às 19 horas. Então não dava tempo dele chegar. (...) Essa ecografia que a gente acabou sabendo o sexo do nenê, também. Foi a única.

Sobre a preocupação do pai com o parto, a mãe comenta:

...da anestesia. Se a gente vai precisar incluir ou não, no plano e tal, mas nada assim...

Ela também fala da sua expectativa em relação ao comprometimento do marido com o filho:

Mas eu acho que ele vai ser um pai bem dedicado. De poder ficar com o nenê, poder dar banho, e tudo e sempre... eu acho que se ele puder e precisar ir numa pediatra alguma coisa ele também... vai participar muito disso.

No terceiro mês, a mãe sente o marido comprometido com ela e o bebê:

...é um pai dedicado, é uma pessoa até extremamente cuidadoso né, liga para saber quando eu vou, até agora também, uma coisa que o Valdir... é um pai dedicado, é uma pessoa até extremamente cuidadoso né, liga para

saber quando eu vou, até agora também, uma coisa que o Valdir não fez, ter ido ao pediatra comigo, gostaria que ele fosse também, quando eu digo participativo, nos cuidados nesse sentido também né, e então aí ele liga para saber se o Pedro está bem né, se nós, no caso, estamos bem né, se não estamos precisando de alguma coisa (...) ...daí o Valdir levantava, levanta qualquer hora, não reclama, pega o que tem que pegar, aí pergunta se precisa de mais alguma coisa (riso), interessante é que ele pega no sono em seguida...

Já no primeiro ano do filho, Karynne mostra-se insatisfeita com o comprometimento do marido:

Banho, alimentação, levar ele no pediatra, na pediatra, que geralmente é eu que marco, eu que vou e geralmente eu vou sozinha. O Valdir nunca foi, foi uma vez, foi uma vez só, mas geralmente ele diz: “Vai na pediatra com o Pedro? Ah, eu tenho uma reunião”. Eu digo: “Ah, mas desmarca, chega mais tarde lá”. E ele: “Ah, não posso”. Então, geralmente, eu... o que eu não gosto muito assim, não de assumir, mas eu gostaria que ele tivesse mais presente.

6. ENTENDIMENTO DINÂMICO DO CASO 5

Configurações e relacionamentos nas famílias de origem

Valdir e Karynne vêm de famílias nucleares, ocupando lugar intermediário entre 3 e 4 filhos, respectivamente. Os pais de Valdir são bastante jovens, tendo sua mãe engravidado dele, que é o segundo filho, aos 19 anos. Até conhecer Karynne, aos 25 anos, Valdir morava com os pais. Refere bom relacionamento com todos em casa e espera contar com sua ajuda para cuidar do filho, visto serem os únicos avós que residem perto do casal.

Karynne deixou a casa paterna na adolescência, para fazer a faculdade. Morou com tios até se formar e, depois disso, com uma prima. Aparentava bom

relacionamento com a família de origem, apesar do pouco contato e apoio esperado, o que é justificado pela distância física.

Modelos de paternidade

Ao ser questionado sobre possíveis modelos de paternidade, Valdir prontamente referiu o seu pai, destacando que ele [seu pai] já era modelo para seu irmão mais velho. Descreveu o pai como sendo atencioso e zeloso, características que ele julga serem fundamentais para um bom pai.

Karynne, por sua vez, teve dificuldades em referir um modelo de pai e, em nenhum momento, citou o seu próprio pai como um modelo. Esperava, entretanto, que o marido fosse um pai "*ponderado*": nem muito rígido, nem muito permissivo.

Expectativa dos pais em relação à matriz de apoio

Valdir não sentia necessidade de apoio, durante a gravidez da esposa. Achava, apenas, que a sogra a ajudava, por telefone, dando alguns conselhos à esposa. Também não demonstrou estar preocupado com os cuidados do bebê, quando este nascesse, pois entendia que o trabalho da mãe, como profissional liberal, permitia que ela se organizasse em função da criança. Esperava, ainda, contar com a disponibilidade da sua mãe, que morava perto. Em relação ao seu trabalho, também como autônomo, ele não previa qualquer possibilidade de liberação em termos de horário. A creche não foi cogitada para o primeiro ano de vida do filho; se necessário, Valdir preferia contratar alguém de confiança para cuidar do bebê em casa. Mas esta pessoa ainda não tinha sido escolhida.

Karynne concorda que durante a gestação não precisa de ajuda, mas já combinou que sua mãe vem ficar uma semana com ela, após o parto. Tal como o marido, espera não precisar de outras pessoas para cuidar do bebê, pois teme entrar em atrito, principalmente com a sogra ou outros parente: "*aceito sugestão; imposição não*".

Após o primeiro trimestre do bebê, a rede de apoio foi, de fato, baseada na ajuda das duas avós. A avó materna ficou nos primeiros dias; depois, sempre que a mãe precisava sair, Pedro ficava na casa da avó paterna. O casal pensou em contratar

alguém, mas não encontraram ninguém de confiança, e acharam que seria complicado para a avó paterna ter que "*fiscalizar*" uma babá. A creche continuava sendo uma alternativa pensada, em concordância pelo casal, somente para depois do primeiro ano do bebê.

Com o retorno de Karynne ao trabalho, a avó paterna se dispôs a ficar cuidando diariamente do menino. Embora tivessem algumas restrições à forma como a avó cuidava do filho, o casal concordou que, por um tempo, esta era a melhor opção.

Passado o primeiro ano, Pedro passou a ser cuidado em uma creche familiar, na residência de uma vizinha do condomínio. O menino chorou nos primeiros dias, mas logo foi se acostumando. Segundo os pais, esta opção era mais tranquila, pois evitava o deslocamento para a casa da avó, era viável financeiramente, e dava ao filho a possibilidade de interagir com outras crianças. A creche formal continuou sendo adiada, nos planos dos pais, para o segundo ano do filho.

O envolvimento paterno segundo o pai

O pai mostrou pouca disponibilidade para estar com o filho, após o seu nascimento, pois saía de casa às 7:30 para trabalhar, e só retornava às 20:00 horas; nos sábados trabalhava até as 15:00 horas. Conta que quando estava em casa procurava ficar com o filho, pegá-lo no colo, brincar ou levá-lo para passear. Após o primeiro ano, a acessibilidade do pai, em termos de tempo era a mesma, mas como o bebê agora acordava mais cedo e adormecia mais tarde, pai e filho conseguiam interagir por mais tempo.

Quanto ao engajamento, pode-se dizer que Valdir esteve mais dedicado durante a gestação, preocupado com a esposa, auxiliando nas atividades mais pesadas dentro de casa, tais como passar o aspirador, e participando da compra do enxoval. Mesmo assim, nunca acompanhou a esposa nas consultas de pré-natal, apenas em uma das ecografias, quando já foi possível ver o sexo do bebê.

Após o nascimento do bebê, admitiu que sua participação foi mais em termos de assessoria, que quem assumiu os cuidados foi a esposa. Ele nunca trocou fraldas ou deu banho sozinho; conta que a única vez que foi tirar uma fralda, "*Karynne veio*

e tomou conta”, dando a sensação de que a mãe também não dava muita abertura para que ele assumisse os cuidados do filho. Até o terceiro mês do bebê, Valdir tinha saído apenas uma vez de casa com o filho, sem a companhia da esposa.

Passado o primeiro ano do Pedro, Valdir mostrou-se mais satisfeito em interagir com o bebê, pois agora sabia brincar com ele. Destaca que depois dos 8 meses, quando o filho começou a brincar com a bola, ficou mais divertido ficar com ele. Em termos de cuidados, continuava pouco participativo; admitiu nunca ter trocado uma fralda nem ter dado banho, e conta isso com um sorriso de quem já havia avisado que isso não iria acontecer. Reconheceu estar a esposa insatisfeita com sua participação, mas achava que em outras coisas ele é um pai presente; passeava mais com o menino e até lhe dava comida, eventualmente. Valdir refere não ter encontrado dificuldade nenhuma após o nascimento do filho; diz que sua vida seguia normal e que estava tudo dentro do esperado. Também parecia estar satisfeito com o seu desempenho enquanto pai.

Quanto à responsabilidade, pode-se dizer que Valdir assumia os compromissos de ordem financeira, trabalhando o dia todo e provendo o sustento da casa e da família. Em termos de cuidados, saúde e educação, reconhecia que a responsabilidade toda era atribuída a Karynne, *“que está mais tempo em casa”*. De qualquer forma, mostrou-se satisfeito com seu desempenho e disse estar conseguindo ser um *“pai casado”*.

O envolvimento paterno segundo a mãe

Embora surpresa com a atenção e o carinho que o marido lhe dedicou durante a gestação, a mãe reclamou da pouca disponibilidade do pai para estar com o filho, após o seu nascimento. Mesmo sabendo que o horário de trabalho de Valdir ficaria inalterado, Karynne esperava que, quando estivesse em casa, ele participasse mais ativamente dos cuidados do bebê. Sua expectativa era de que ele fosse um pai que revezasse com ela os cuidados da noite, que ajudasse a trocar e dar banho e que quisesse ficar o máximo de tempo possível com o filho. Também esperava que ele não fosse *“daqueles pais que chegam tarde, vêem o bebê no berço e querem acordar para brincar”*.

Karynne revelou uma expectativa exagerada em relação ao engajamento do marido, embora ele a tivesse alertado de que não pretendia envolver-se com os cuidados do bebê. Após o terceiro mês do bebê, Karynne mostrava-se queixosa, reclamando da pouca participação do marido nos cuidados do filho. O máximo que ele conseguia, segundo a mãe, era segurar o bebê no colo, quando ela tinha alguma coisa para fazer. Nos finais de semana ele mostrava-se mais disponível para passeios e para assessorá-la no banho ou na alimentação de Pedro, mas não tomava iniciativa para realizar, sozinho, qualquer atividade de cuidado.

Passado o primeiro ano, o relato da mãe sobre o marido enquanto pai seguiu em tom de queixa; ela continuava reclamando da pouca participação de Valdir, referindo que sua participação se dá mais em termos de passeios na rua. Embora reconheça que ele é um pai afetuoso, Karynne sente que ele não se dispõe a auxiliá-la. Relata um único episódio em que sentiu-se indisposta e solicitou a ajuda do marido e ele foi incapaz de ficar com o bebê; sugerindo levá-lo para a avó cuidar, caso a mãe não melhorasse logo.

Quanto à responsabilidade, Karynne, tal como o marido, reconhece que Valdir assume todos os encargos de ordem financeira ou prática, de manutenção da casa. Mostra-se um pai preocupado com ela e o filho, telefonando-lhe seguidamente e oferecendo seu apoio. Na prática, no entanto, ele não consegue comprometer-se com cuidados médicos (nunca conseguiu acompanhar as consultas do pediatra) ou compartilhar com ela os cuidados diários do filho, nem mesmo nos finais de semana.

CASO 6 – JOÃO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E HISTÓRIA FAMILIAR

1.1 Identificação do casal

Trata-se de um casal formado por João, 30 anos, marceneiro e técnico em eletricidade, que possui segundo grau completo e, atualmente, trabalha com o sogro que tem uma fábrica de móveis e Mariza, 33 anos, auxiliar administrativo, com curso superior, funcionária de um conselho de profissionais liberais.

1.2 Análise do genograma familiar

O casal apresenta a mesma configuração na família de origem, conforme pode ser observado na Figura 6. Ambos provêm de famílias nucleares; João é o segundo de três filhos homens e Mariza a segunda de três filhas mulheres. A mãe de João tem 65 anos e ocupa-se do trabalho doméstico, o pai, aos 67 anos, está aposentado. A mãe de Mariza, de 56 anos, também trabalha em casa, e seu pai, aos 63, administra uma fábrica de móveis onde trabalha João.

1.3 História conjugal e notícia da gravidez

O casal se conheceu quando Mariza namorava um colega de serviço de João, que na época trabalhava na brigada, dando cobertura a parques. Quando terminou o namoro, Mariza, que costumava freqüentar o mesmo parque, manteve a amizade com João.

Passaram um ano com um namoro descomprometido; após o período de férias, em que viajaram juntos, foi oficializado o namoro. Nesta época Mariza morava no apartamento da família, com uma irmã, já que os pais haviam mudado para um sítio no interior. João, que morava com os pais, passava muitas noites na casa de Mariza. Após alguns meses, resolveram noivar.

No final do mesmo ano, o casal tirou férias juntos e passou, então, a organizar-se para o casamento. De acordo com João, nesta época, ele já estava

afastado da primeira esposa e morava com seus pais, embora não tivesse oficializado a separação.

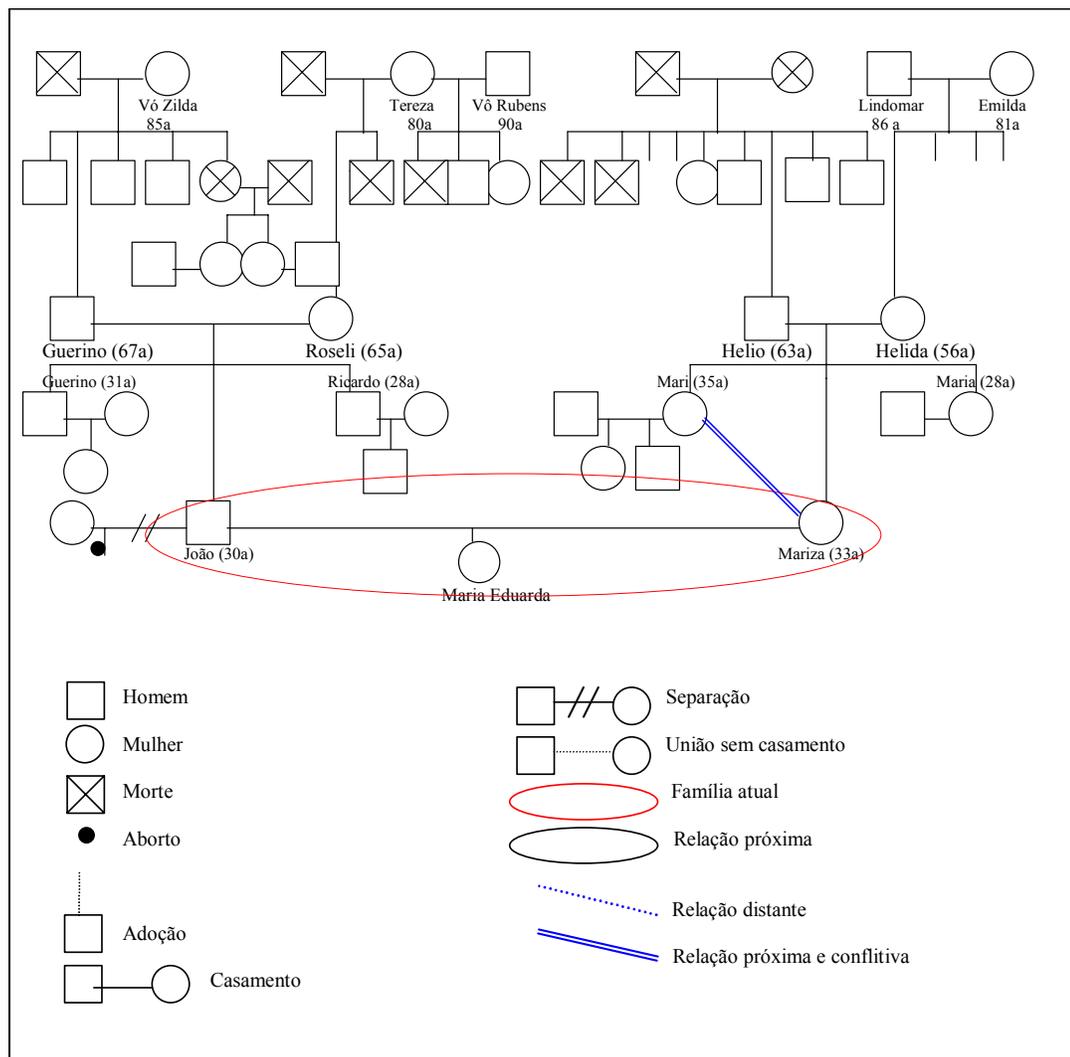


Figura 3.6 – Genograma do caso 6.

Foi Mariza quem falou sobre o período de adaptação do casal às rotinas da vida a dois. Seu relato sobre cuidados com a casa deixaram subentendido que sempre houve alguém, possivelmente sua mãe, para assumir as tarefas domésticas.

Sobre a notícia da gravidez o pai relatou que não esperava que a esposa fizesse os exames sozinha, não falasse nada. O futuro pai relatou, pela primeira vez, a ocorrência de um aborto, ocorrido aos dois meses em uma gestação anterior.

Mariza deu seu depoimento sobre como ela deu a notícia da gravidez para o marido e falou sobre a falta de reação do mesmo:

Ai eu vim para casa, eu queria contar para ele, mas ele estava tão angustiado contando coisas do carro que agente tinha comprado: E que eu vou fazer isso, vou fazer aquilo. E ele falando, e eu não queria ouvir aquilo, mas não sabia como é que eu ia falar. (...) No momento assim que ele continuava com aquele assunto, eu peguei o exame e entreguei para ele, não preparei muito a situação. Aí entreguei para ele e ele ficou o que é isso. E eu assim: Tô grávida! Daí ele ficou assim assustado né. (...) E ele sempre tem reações bem tardias para as coisas que acontecem, né normal isso. Aí ele ficou assim: Mas como assim que eu não sabia. (...) E ele seguiu contando sobre o carro (...)... ele não tinha aquela reação que eu esperava que tivesse. (...) E como eu te disse, ele demora assim para ter uma reação, eu pensei que ele não quisesse, daí lá pelas tantas ele disse que estava gostando... (...) A minha médica me disse: "Tu nunca espera que ele tenha a mesma reação que uma mulher vai ter. Porque ele não é. Homem não é assim". (...) Mas ele particularmente, tudo que ele... é bem posterior, ele fica meio anestesiado quando acontecem as coisas.

Comentou, ainda, sobre a falta de reação dele ao saber o sexo do bebê:

...mais ou menos a mesma reação que ele teve quando eu disse que estava grávida, ele teve quando a gente descobriu o sexo dela. (...) Aí não é menino! Aí nossa guriazinha. Eu disse, e ele ficou estático olhando, até a médica comentou: Aí, mas que silêncio, vocês não queriam uma menina? (...) E ele disse: Não, eu já sabia que seria uma menina. Ele falou; eu sempre soube que meu primeiro filho seria uma menina, ele disse. Mas eu fiquei querendo que ele ficasse enlouquecido da vida, me abraçasse, me beijasse e aquela coisa toda e não veio nada disso. Não, aí eu até disse para ele: eu acho que tu nem gostou dela e então eu acho que tu nem gosta mais de mim também. Não gosta de nós. E ele fica assim, completamente parado, quando acontece isso.

Na época da gestação, o casal mantinha na casa uma grande criação de peixes e passarinhos, que ocupava espaço e exigia cuidados diários. Pareciam preocupados em estruturar uma família nos moldes tradicionais:

É uma família bem ainda mais que vai vir a Eduarda, uma família bem tradicional, a gente sai de manhã vai trabalhar, eu fico em casa, porque eu só trabalho à tarde, limpo a casa.

O casal planejava ter três filhos: *A Eduarda e mais dois irmãos.*

Sobre a reação da família dele a respeito da notícia da gravidez, João comentou que foi boa, que a mãe dele sempre quis que ele desse um neto para ela. Disse que ele era o único que não tinha filho. Falou, ainda, sobre a reação da família dela sobre a notícia da gravidez, disse que foi muito boa, porque a esposa tem um casal de sobrinhos.

A mãe falou sobre a reação da família dela quando souberam da gravidez, mencionando primeiro as irmãs que adoraram a notícia. Em seguida, falou dos pais, em especial do pai, queixando-se de que gostaria de ser mais paparicada por ele.

Quanto à reação da família de João frente à notícia, Mariza comentou que a sogra ficou bem contente e que o sogro também, *“mas meio que chamando a atenção para a responsabilidade do momento que a gente ia ter”*.

1.4 Visita domiciliar no pós-parto

A visita foi agendada com a mãe, que marcou cuidadosamente o horário, de acordo com a rotina do bebê, insistindo para que não nos atrasássemos. Chegamos alguns minutos mais cedo, em um conjunto residencial, de um bairro de classe média. O portão da rua estava aberto, algumas vizinhas conversavam, no pátio, cuidando dos filhos. A portaria do edifício também estava aberta. Subimos direto ao apartamento; era um prédio antigo, sem elevador.

Fomos recebidas pela mãe, com a filha no colo, acordada. Ficamos na sala, a mãe nos ofereceu suco e contou sobre o desenvolvimento de Maria Eduarda. Parecia encantada com a filha e, ao mesmo tempo, preocupada: *“será que vou dar conta*

dela?" Enquanto conversamos, ouvimos muitos passarinhos cantando. Mariza nos mostrou a casa.

Tratava-se de um apartamento pequeno, mas bem organizado. Na estante da sala ficavam alguns objetos de decoração estilo oriental, ao lado de um grande aquário com peixes vermelhos. A mãe estava ouvindo um CD com música de relaxamento, um incenso estava queimando em um canto, no chão da sala.

Imediatamente ao lado, ficava a cozinha, mais comprida do que larga, pequena, mas muito clara, onde ficam muitas (no mínimo 12) gaiolas de passarinho, numa algazarra divertida, que contrastava com o ambiente da sala. Era um apartamento de dois dormitórios, sala e cozinha, no qual cada ambiente parecia ter um estilo próprio e independente dos demais.

Mariza mostrou-nos, com orgulho, o quarto da filha, todo construído pelo marido, na fábrica de móveis do seu pai. Era um quarto lindo, todo de madeira natural, adequadamente decorado com modelos infantis. A mãe conta que foi João quem fez o projeto e escolheu a decoração, inclusive a cortina.

Mariza aproveitou e trocou a bebê. Sobre o trocador ficava um móbile, que a mãe ligou, enquanto mudava a filha. A menina procurava a música e olhava os bichinhos que se movimentavam sobre a sua cabeça. A mãe conversava, carinhosamente, com Maria Eduarda. Parecia bem organizada nos cuidados da menina.

Voltamos à sala, onde a mãe nos mostrou alguns livros que estava lendo, sobre maternidade, e as fitas que costumava ouvir para relaxar. Encerramos a visita, assim que a menina adormeceu.

1.5 Parto e nascimento do bebê

O pai contou sobre o nascimento do bebê, que assistiu o parto cesáreo, ficando ao lado da esposa. Disse que a filha, ao nascer, estava roxa, porque tinha água no pulmão, a doutora levou o bebê para aspirar o líquido, procedimento que ele acompanhou, assustado.

Já Mariza descreveu o parto como tendo sido tranquilo porque foi uma cesareana programada e porque o marido participou. Em relação aos primeiros dias

com a filha, ela lembra que passou a primeira noite sozinha no hospital, porque a filha foi para a UTI; de acordo com seu plano de saúde, já sabia que o marido não poderia ficar com ela no quarto. A pediatra achou prudente monitorar o bebê devido à ingestão de líquido no pulmão. Na manhã seguinte o bebê voltou para o quarto, em boas condições de saúde e, em dois dias, mãe e filha tiveram alta.

2 MODELO DE PATERNIDADE

Quando questionado sobre seu modelo de paternidade, João referiu o pai, mas destacou os cuidados de sua mãe:

Eu acho que meu pai, minha mãe me criou, eu acho que é ideal, né.(...) É que meu pai não falava muito comigo, né. E a minha mãe, sim, minha mãe falava bastante. Pra mim eu acho que a minha educação foi sempre excelente. (...) Me lembro algumas coisinhas do meu pai que não fala muito. Hoje meu pai fala bastante que é avô, né, eu acho que muda, tu não ... Depois que tu passa de uma etapa pra outra tu muda um pouco.

Cabe destacar que João incluiu a mãe como modelo a ser seguido por ele e criticou o modelo oferecido pelo pai:

É que eu sempre tive uma educação muito rígida por parte do meu pai, né. Meu pai veio de fora e é meio grosso, assim, né. Mas agora ele é bem diferente do que ele era. (...) É, eu não me queixo do meu pai, eu acho que na época que ele me ensinou, tava adequado.

A respeito do que considerava um bom pai, João respondeu:

Um bom pai? Eu acho que um bom pai é... um pai amigo, sincero né, e eu acho que tem que ser, que ter um pouco de rigidez também na educação, eu acho que é... eu fui criado com rigidez e pra mim não fez mal, né. E eu vejo hoje muita liberdade e aí as coisas se tornam muito fáceis de fugir do controle né. Acho que pra mim é fundamental ...

Ao ser questionada sobre se tem modelo de pai, Mariza respondeu:

Não, assim, não tem modelo. Que ele fosse tão compreensivo assim, mas daí seria mais de atitude mesmo não sendo, mesmo não sendo pai, que ele fosse assim mais tranqüilo pras coisas.(...) Por que ele é muito nervoso, e eu sou nervosa, mas com o casamento eu aprendi que eu teria que controlar, por que daí dois nervosos dentro de casa ia dar pau, né.

E acrescentou:

Só não quero assim que, que ele faça essa rigidez, eu sei que o pai dele não deu muita atenção quando eles eram pequenos. Porque ele chegava em casa e os filhos estavam todos de banho tomado prontos, ou jantados, não sei ... de pijama, prontos pra ir pra cama. E quando o pai dele dizia uma coisa, assunto encerrado. E eu, eu não acho que deve ser por aí né, eu acho que mesmo a gente sendo os pais, e a gente tendo uma autoridade sobre os filhos a gente tem que dá liberdade prá que eles expressem pensamentos, e discordem do que a gente ...

Ainda sobre modelo de pai para o marido, Mariza acrescentou:

...meio assim, do tipo do pai dele, de muito respeito (...) eu acho que ele vai ser muito assim, severo, do tipo que vai falar uma vez, como o pai dele fazia, e vai acabar com a história.

Em relação aos seus próprios pais como modelo, Mariza trouxe algumas restrições:

Uma coisa que eu acho que meus pais falharam foi assim, que eu compreendo mais, na verdade, eu gostaria que eles estivessem presentes, porque quando os dois trabalhavam, eles não estavam presentes no dia que eu ia desfilar na escola, bom no dia das mães, eu não me lembro muito da minha mãe e do meu pai lá, no dia dos pais, não lembro dessa situação.

Sobre o seu pai, ela acrescentou:

Meu pai é bem tranqüilo pras coisas, de conversar, meu pai é de conversar. Ele não é, o meu marido não é de conversar. Ele, se uma coisa foi dita, foi dita e deu, não adianta pedir desculpas ele pensa assim, então nem fala na coisa e aí acabou, né. E eu não sou assim, minha mãe não é assim, meu pai não é assim, minha família toda não é assim.

Depois do primeiro aniversário da filha, Mariza salientou a importância dos pais:

...não tinha compreensão do que era ser mãe. Hoje eu compreendo bem mais a minha mãe e o meu pai (...) a gente não tem noção do que os pais fazem pela gente (...) acho que compreendo mais o meu pai e a minha mãe, bem mais hoje...

3 MATRIZ DE APOIO

3.1 Durante a gestação

O pai menciona, ao ser questionado a respeito de alguma pessoa ajudando o casal durante a gestação, um colega de trabalho, uma pessoa com quem pode contar bastante, os pais e a família. Para quando o bebê nascer, espera contar com a ajuda da cunhada e da sua mãe. A creche é pensada para quando a esposa voltar ao trabalho.

Mariza tem a mesma expectativa de apoio em relação à mãe e à irmã, para quando o bebê nascer, além da sogra. Sobre a creche, também confirma a fala do marido de que a filha irá para a creche após o quarto mês, quando ela voltar a trabalhar.

3.2 Após o terceiro mês do bebê

Após o nascimento de Maria Eduarda, o casal foi diretamente para o sítio, onde moram os pais de Mariza. Como a avó estava disponível para ajudar, o marido, que havia tirado férias, foi viajar por dez dias.

Com o retorno à casa, a única pessoa que ajudaria o casal seria uma faxineira. A possibilidade de creche foi substituída, por questões financeiras e motivos práticos, por uma senhora do edifício que trabalha cuidando de crianças em sua casa.

A primeira matriz de apoio referida pela mãe, foi a mãe e as irmãs, no interior, e aqui, a irmã e uma vizinha. A mãe repete os argumentos do marido para justificar o cuidado do bebê por uma vizinha quando ela começar a trabalhar. Em relação a quando ela pretende colocar a filha na creche, Mariza comenta que será mais tarde, não antes do primeiro aniversário da filha.

3.3 Após o primeiro ano do bebê

Passado o primeiro ano da filha, a família mudou de residência. Isto determinou a substituição da pessoa que cuidava de Maria Eduarda.

Apesar de ter sido uma pessoa bem recomendada, o pai não se sente muito confiante. João retoma a questão da creche, dizendo que tiveram que deixar a filha com "aquela mulher" devido ao horário, porque as creches fecham às 7 horas, não excedem o horário, e eles ficaram sem outra opção.

Em relação ao apoio de familiares, João diz que durante a mudança de casa, os pais, os cunhados, e irmãos, todo vieram para ajudar. E complementa:

...sempre temos, ou da minha família ou dela sempre tem alguém pra ajudar ou se é pra ficar com a Eduarda, se é pra vir pra cá pra Mariza poder sair, sempre a gente tem alguém que se propõe a ficar.

A mãe confirma o relato do marido quanto à opção de cuidado da filha por uma pessoa da vizinhança:

...dá quase oito horas. (...) tinha que deixar com alguém é que quando eu morava no apartamento isso já ocorria né, porque se eu tenho que trabalhar eu tenho que deixar ela com alguém, então ela ficava com a senhora lá no apartamento, lá no prédio, mas não na minha casa, aí quando nós nos mudamos, nós vimos que, eu vi que seria inviável levar a Maria Eduarda de ônibus que nós vendemos o carro, todos os dias pra Porto Alegre, então eu convidei a senhora pra vir cuidá-la aqui em casa, mas ela

não aceitou e aí eu procurei duas escolas, bem pertinho (...) essa senhora aceitou e eu resolvi fazer uma experiência e também foi porque eu não tinha outra opção né, não tenho outra opção, mas eu achei que poderia ser uma boa, eu ainda pretendo colocá-la numa escolinha...

Tal como o marido, Mariza mostra-se insegura com esta opção de cuidado, escolhida pelo casal.

4. ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO O PAI

4.1 Acessibilidade

Sobre a participação nas consultas médicas de pré-natal, o pai relatou:

Nas consultas não, porque ela marca de manhã, e eu trabalho de manhã e de tarde. (...) Só nas ecografias que eu tenho ido. (...) Umas quatro ou cinco.

Após os primeiros dias do nascimento da filha, João tirou férias, e foi viajar enquanto a esposa e a filha ficaram aos cuidados da avó materna, no sítio:

Não, aí eu já tirei férias, né, fiquei dois meses de férias. (...) Fiquei dois meses. (...) Foi..., eu tirei férias praticamente uma semana antes (...) Porque nesse período aí, como eu tava de férias, eu aproveitei pra ir lá na, na terra do meu pai, né. (...) Não, foi até ela que..., é porque se eu, eu não tirasse esses 10 dias de férias, né, pra sair um pouco, depois que eu voltasse aí não ia ter, porque tu (...) tu já sabe que nenê...

Após o terceiro mês da filha, João descreveu o pouco tempo disponível para a filha:

Eu fico pouco tempo com ela também, não tenho, assim, uma, uma descrição... Eu quero ser o melhor pai possível, no momento que eu tô perto. Que é poucos momentos ou fim de semana, né. (...) Quando a gente vai pro sítio ou muitas vezes eu fico com ela no colo. Mas tem horas que ela não fica,

né, não, não, não tem conversa. (...) É, é por..., não sei se é por causa do dia-a-dia também, que tu vai se adaptando, né. E eu não tenho esse dia-a-dia pra conhecer mais ela ainda, né.

Passado o primeiro ano de Maria Eduarda, o pai seguiu descrevendo o pouco tempo disponível para a filha:

Ah eu sou, eu tento ser o melhor pai possível né, mas tem horas que eu não consigo, não tenho calma, não consigo ter calma com ela, ela consegue me tira do sério bah, aí eu não tem como, tento ser o melhor assim, mais carinhoso, dentro do espaço de tempo que eu tenho né, de manhã principalmente, de noite eu chego, geralmente ela tá dormindo, hoje de manhã eu fiquei com ela, dormi ali com ela, então quando dá assim, eu tento ser bem amigo assim, tento conversar algumas coisas.

4.2 Engajamento

Durante a gestação, João descreveu o que imaginava fazer com a filha:

...eu pretendo dar bastante carinho e aí conversar um pouco com ela. No início assim, eu não tenho assim aquela, aquela, coisa assim, de como é que eu vou fazer, como é que não, né. Eu pretendo levar passear, conversar isso aí.

E falou sobre como se imaginava como pai:

...eu sempre fui bem caseiro, bem (...) Mas eu sempre gostei de criança, né. Mas quando eu era menor eu cuidei do meu primo. Não sei se eu vou conseguir. (...) Não sei o que eu vou fazer. É uma coisa que até eu não vou fazer. É eu pretendo ser o mais companheiro possível.

Três meses após o nascimento da filha, João falou sobre o que mais gostava de fazer com ela:

...ir no supermercado com ela. [De passear] Aí tem..., é um momento que ela fica mais alegre, porque ela ri mais, e naquele momento ela (...) Ela

vai no carrinho, né, a gente tem a cadeirinha, né. E a Mariza vai pegando as coisas, eu fica...; bah, aí é o momento que eu fico mais tempo com ela. (...) A gente fica uma hora mais ou menos. (...) E ela brinca, e ela passa essa hora, brinca, a gente brinca bastante. (...) Ah, eu atiro beijo pra ela, é a coisa que ela mais gosta.

Sobre o que o incomodava em ser pai, aos três meses de Maria Eduarda, João comentou:

O choro, quando ela tá, bá, não consegue ficar calma, aí... (...) Me deixa nervoso porque eu não sei o que que ela tem, também, né. É um pouco de preocupação e um pouco que eu não, não, não consigo (...) Eu já não consigo, de vez em quando perco a paciência.(...) É bem, só que é difícil, né. É difícil de..., pelo dia-a-dia que a gente leva, né. Até pra ter um pouco mais de calma e não sendo já nervoso, muito mais nervoso, né, eu até muitas vezes eu tento me controlar, mas é difícil, né... Mais é bom, eu tô gostando. A gente se priva de muitas coisas, mas... é uma consequência que a gente já sabia né.

Ao descrever sua participação na rotina de cuidados da filha, o pai relatou:

Alguma coisa eu já até eu mesmo já, já faço, que é pra evitar, né, que ela fica indo pra lá e pra cá. Então eu já vou tirando a bacia, botar água. Ou quando eu não posso e ela bota a nenê ali..., mas é que é aquele negócio, né, tu deixou ela sozinha...,ela chora. (...) Aí ou eu seguro, ou eu seco a água, que daí é mais fácil, né. (...) Aí na hora de trocar, de vez em quando eu vou lá, ajudo, fico brincando com ela.

Após o primeiro ano, João descreveu como estava sendo a experiência da paternidade:

Tá sendo bom, tá sendo bom e difícil né. Primeiro filho né, nunca tive experiência de cuidar de criança assim né e é cansativo também. (...) É, bem cansativo (...) eu acho que o mais difícil é que ela, eu não sei, ela entende, e não quer fazer, é difícil dela assimilar as coisas assim de não, ela sabe, se tu

chegar e dizer assim, pega o pé, pega a sandália, dá a mão, ela faz, agora se tu disser não faz, aí mesmo que ela faz, isso aí que eu acho que tá sendo mais difícil que ela entenda o que ela não pode fazer né, quando tu diz não, alguma coisa assim.

Sobre as tarefas que assumia nos cuidados com o bebê, o pai relatou:

Ah as coisas quando eu fico com ela, é, pra mim não é muito difícil né. (...) Até não é muito difícil né, de dar banho, trocar fralda, isso aí eu não sinto dificuldade de, a única dificuldade que eu sinto é que ela é muito teimosa e isso aí, essa dificuldade é de fazer que ela entenda as coisas, o resto, de cuidar, dar mamadeira, trocar, ontem eu dei banho nela, arrumei, penteei, botei as coisinhas no cabelinho, ela dormiu até. (...) Não é tão difícil, o mais difícil é fazer que ela compreenda as coisas que ela pode ou não fazer, isso aí que é o mais difícil pra gente.

Questionado sobre o que mais gostava de fazer com a filha, João respondeu:

Eu gosto é de dançar com ela é bom, ela gosta muito de dançar né (...) eu fazia ela dormir dançando né e deitar com ela, ficar abraçado com ela ali.

Também gostava de brincar com a Maria Eduarda:

...tento sempre brincar com ela, dar mamar pra ela e trago ela aqui pra rua, fico com ela um pouco.

Sobre o que menos gostava de fazer com a filha, referiu:

...nunca fiz comida pra ela, acho que isso seria uma coisa bem difícil pra mim.

4.3 Responsabilidade

Durante a gestação, o pai mostrou-se preocupado com a esposa, com possíveis problemas na gravidez. Quando questionado sobre as preocupações que tinha em relação ao parto, João falou do quarto que estava por terminar. O depoimento que

segue ilustra que o pai sentia-se responsável por preparar o ambiente da casa para a chegada do bebê:

Que agora a gente se preocupa mais em ter lugar e em conservar o ambiente, eu tenho que me desfazer de algumas coisas que eu não queria, mas... (...) Tem esse bicho aí né, esse gato eu vou ter que dar, ela não quer, mas eu vou ter que dar. (...) eu dei pra ela mas, não dá, não dá, com criança não dá né. Eu tinha meu quartinho que era das minhas coisas de trabalho e eu já tirei, já esvaziei, já arrumei, já fiz bastante coisa. (...) eu sou uma pessoa que tento ser o máximo organizado possível. (...) É, vai perdendo o espaço pra dar espaço pra ela.

O pai também mostrou-se preocupado com o futuro da filha:

...eu acho que todo pai não quer que a filha sofra, né, eu acho que o pior é a doença, que o resto a gente se sacrifica e ... tem como dar, né.

5. O ENVOLVIMENTO PATERNO SEGUNDO A MÃE

5.1 Acessibilidade

Mariza reclamou da ausência do marido no pré-natal, nas consultas médicas e no grupo de gestantes. Ao mesmo tempo, referiu sentir-se apoiada por ele, e ressaltou a sua participação no ultra-som:

...em alguns momentos eu me senti bem mais sensível, claro (...) esperava que ele compreendesse isso, esse tipo de reação, que ele não falasse determinadas coisas mais para me proteger por estar assim, na emoção. E apoio dele, acho que ele me dá apoio suficiente, acho que ele tá bem junto assim (...) ele me ouve, né, me ouve compreende, procura compreender, né. Ele, uma coisa que eu gosto muito é que ele participa quando eu vou fazer ultra-som, acho bem legal que ele participe, ele só não vai no grupo, não vai na minha médica junto porque não dá, ele trabalha e eu não fico nem brigando por causa dessas coisas, por que não tem como, né. (...) Mas eu acho que ele tá sempre bem presente assim, pelo fato também, de ele, é bom

sentir que ele gosta de ficar tocando na barriga, isso dá uma sensação de cumplicidade com a relação.

Após o terceiro mês, Mariza descreveu a disponibilidade do marido, mostrando-se, também, ambivalente em relação a sua participação:

Eu não ficava sonhando... assim, que ele ficasse..., que ele de noite acordasse para cuidar dela. Não, porque eu até acho injusto... Acho, assim, que seria certo em função de que nós fizemos juntos o bebê, então dividi e tal. Mas eu não acho justo porque ele acorda muito cedo e eu tenho a manhã livre, mesmo quando eu tiver trabalhando eu vou ter a manhã inteira livre pra poder recuperar o meu sono, eu fico dormindo se for o caso e consigo (...) a única coisa que eu gostaria que ele... que ele trocasse mais fralda... não pelo fato de que ele tem que dividir certas coisas comigo, mas pelo fato dele tá mais presente na vida dela, na rotina da vida dela, e também que ele desse mais banho nela.”

5.2 Engajamento

Mariza descreveu a interação do pai com o bebê ainda na barriga:

...E aí esses dias eu fiz uma brincadeira com ele: Repete tudo que eu vou dizer, daí ele colocou a mão, e eu fiquei falando e ele repetindo. E ele achando muito engraçado, mas ele não consegue, ele eu acho, que menos ainda consegue se ver pai, assim, no concreto, ele com ela no colo.

Sobre como a mãe imaginava que seria o relacionamento do marido com a filha:

Não, eu acho que ele vai ser um pai bem legal, bem presente, mas bem rígido. (...) No aspecto de pegar de trocar fralda, que ele tem mais segurança pra tudo ele tem, bem mais seguro pras coisas que ele vai fazer. Se eu vou alcançar uma coisa pra ele, eu talvez por ser mulher, eu vou alcançar, eu alcanço assim bem leve, ele pega muito determinado, ele é pras coisas. Tu pergunta alguma coisa, ele já sabe... ele é mais racional, ele já não demora

tanto pra tomar uma atitude, eu já penso, penso, penso. Eu acho que ele vai ser, assim, mais... bem firme. (...) Eu penso assim que nós vamos estar em casa, eu já pensei nisso, e eu vou fazer a janta e ele vai ter que tomar conta dela. E aí, ela vai ter um chorinho, e ele vai ter que tomar conta. Eu penso assim, que ele perceber o momento que agora eu tô sendo, que eu vou tá com alguma outra coisa que não é só dar atenção a ela, e eu acho que ele vai ter que se determinar né. Eu acho que ele vai fazer isso.

Passado o terceiro mês de Maria Eduarda, a mãe descreveu João como pai:

Ah, eu acho que ele é bem carinhoso com ela. Eu gosto muito de ver quando ele tá conversando com ela, gosto quando eles estão na cama, assim, que ele fica brincando pra lá e pra cá, gosto de fotografar bastante ele dois... Só acho que ele tem muito, ele é muito impaciente. (...) Eu consigo conviver com o choro (...) E ele não, ela..., ela começa a chorar e ele vai ficando, vai ficando, vai ficando; chega um momento, assim, que ele não agüenta daí... (...) Mas acho que ele é bem carinhoso, ele é bem...

Também retomou suas expectativas com relação à participação do marido com a filha:

Eu esperava que ele fosse mais paciente... mas eu sabia que ele era impaciente. Eu só esperava que isso ele desse..., que ele desse mais banho, que ele trocasse mais a fralda por ele próprio tomasse a iniciativa, que ele sabe fazer mas ele não toma essa iniciativa; e eu, então..., porque eu acho que é um momento tão, tão legal pra, pra fazer uma interação tão grande. Claro já tem o fato da mamada... que é a maior interação, né; é, isso ele não tem como fazer. Mas pra mim isso aí é... isso é muito bacana, ela gosta, tem um contato de pele, de carinho, de atenção; então eu preferia... isso eu esperava que ele fizesse mais.

Quando questionada se pedia ajuda do marido, a mãe respondeu:

Até peço: "olha, pega ela. Fica com ela agora que eu vou fazer não sei o que." E ele cuida dela pra mim. Mais ou menos, não cuida, quando eu peço. Só quando ela fica muito impaciente como ela tá começando a ficar, ele não agüenta.

Mariza relata como está vendo o marido como pai, após o primeiro ano da filha:

Ah eu acho que ele tá indo bem, eu acho que ele, às vezes eu digo a ele assim, sai do teu mundo e entra no mundo dela e ele não entende muito, do tipo assim, que a gente sabe que ela não vai se formar adulta agora, mas a gente pode se tornar criança pra brincar com ela, pra compreender mais o mundo dela, então, isso que eu falo às vezes pra ele. Acho que ele tá indo bem, ele toma conta, claro, quando necessário ele chega, ela dá atenção, conversa, brinca, ele dá mama, dá comidinha.

Nesta época, a mãe retoma as suas expectativas em relação ao marido como pai:

...nem é bem como eu esperava (...) não porque talvez eu esperasse, sabe quando uma mulher espera um príncipe encantado? (...) eu esperava um pai encantado e talvez não exista assim um pai que, eu acho que ele é bom, mas gostaria que ele tomasse conta total assim, ele toma se eu não estiver junto ele faz tudo pra ela. (...) Não sei, coisa de mulher eu acho, mulher é mulher.

No que se refere à participação do pai na rotina de cuidados da filha, Mariza reconhece:

Ele cuida dela quando eu não, quando eu to fazendo qualquer coisa assim, que eu tenho que fazer alguma coisa, ele cuida dela. Às vezes não precisa nem falar, ele vai e toma conta. (...) ele dá banho, ele dá comida. (...) tem a ajuda voluntária né, sem eu precisar assim dizer toma conta, quando eu to muito atarefada ele já vem, ele percebe e pega ela e cuida dela...

5.3 Responsabilidade

Mariza, durante a gestação, sentia que o marido estava assumindo novas responsabilidades:

Eu acho assim que ele encarou com muita responsabilidade, e ele é uma pessoa muito empreendedora, como eu disse. Ele vive por projetos também, assim, então ele... eu tinha um ou dois meses, e ele já tava procurando as coisas para arrumar o quarto dela, antes mesmo de ... de eu ter enxoval, coisa assim, ele já tava a mil, pensando como é que ele ia pintar, como é que ele ia fazer isso. Ele tem essa coisa, ele não consegue viver sem projetos, como aquele quarto dela, depois eu te mostro, ele já fez mil e uma coisa, e ele diz: “Agora é a última vez, não altero mais nada”. (...) Então ele sente assim, eu acho assim, fora isso de ele fazer as coisas tudo, com uma carga muito grande de responsabilidade e de preocupação, de se ele vai conseguir manter financeiramente.

Ao ser questionada se achava que alguma coisa mudou no marido após a gravidez, a mãe respondeu:

...não mudou, que é a carga que ele sempre teve de responsabilidade. E com relação a mim, fora essas coisas que já são da personalidade dele de ter a reação mais tardia, eu acho que ele ficou, a gente ficou bastante integrado.

Também comentou sobre as preocupações do marido com a filha:

Além da financeira, da criação para ela, do que quê dar para ela, de mundo, eu acho que ele tem um pensamento meio assim, do tipo do pai dele, de muito respeito, eu imagino que ele já tenha uma educação muito mais rígida do que eu penso. (...) Ele disse que vai ser comigo, né, porque ele acha que eu sou bem mais inteligente que ele, não sei por que, e acha que “não a educação vai ser contigo”. (...) Mas eu acho que ele vai ser muito assim

severo, do tipo que vai falar uma vez como o pai dele fazia, e vai acabar com a história...

6. DISCUSSÃO DO CASO 6

Configurações e relacionamentos nas famílias de origem

João e Mariza apresentam a mesma configuração familiar em suas famílias de origem: ambos provêm de famílias nucleares e são o segundo de três filhos. Mariza revela um relacionamento mais próximo com a irmã que morou com ela até o casamento; os pais moram num sítio, no interior, e não parecem interferir muito nas suas decisões.

João ainda estava casado quando conheceu Mariza. Após a separação, ele passou a morar, provisoriamente, na casa dos seus pais. Assim que o namoro firmou, ele passou a ficar na casa de Mariza, que dividia o apartamento com a irmã.

As relações entre o casal são marcadas por seu caráter não oficial: segundo relato da mãe, o namoro "*não era bem um namoro*", o noivado não foi levado muito à sério pelos amigos ("*noivado, assim, simbólico, aliança de prata*"), e, em relação ao casamento, o casal mostrou divergências quanto à data da troca de alianças.

Chamou a atenção, neste caso, o despreparo de ambos para assumir as tarefas inerentes à vida de casados. Embora João já tivesse um casamento anterior e Mariza morasse longe da casa dos pais, os dois surpreenderam-se com a necessidade de limpar e organizar a casa, bem como de providenciar sua própria alimentação, dando a impressão de que sempre foram cuidados por alguém, possivelmente, por suas mães.

Modelos de paternidade

João, ao citar o pai e a mãe como modelos de paternidade, pareceu indicar que tentará formar um meio termo entre os dois: do pai, embora ele questionasse a rigidez, parecia concordar com a necessidade de disciplina para uma boa educação; o modelo da mãe já aparecia na sua conduta, durante a gestação, quando era ele quem

preparava o quarto para a chegada da filha, escolhendo, inclusive as cortinas e a decoração do quarto da menina.

Mariza também esperava que o marido não repetisse o modelo de paternidade oferecido pelo sogro, que ela definiu como pouco afetivo, intolerante e pouco disponível na vida dos filhos. Em relação aos seus pais, Mariza descreveu-os como sendo mais afetuosos, de conversar, mas mesmo assim ela criticava a ausência deles em momentos importantes da sua vida, aos quais eles não compareciam por estarem trabalhando. Embora preferisse o modelo dos seus pais ao modelo oferecido pelo pai de João, no fundo ela acreditava que o marido acabaria repetindo o pai: *"eu acho que ele vai ser muito assim, severo, do tipo que vai falar uma vez, como o pai dele fazia, e vai acabar com a história"*.

Expectativa dos pais em relação à matriz de apoio

O casal alegava não necessitar de ajuda durante a gravidez; para quando o bebê nascesse, a expectativa era que ambas as avós e as cunhadas auxiliassem nos cuidados do recém-nascido. Também esperavam encontrar uma boa creche (ainda não haviam procurado) para deixar a filha, aos 4 meses, quando a mãe deveria retornar ao trabalho. A única providência efetiva tomada pelo casal durante a gestação, foi contratar uma faxineira para auxiliar na limpeza da casa, uma vez por semana.

No primeiro mês após o nascimento de Maria Eduarda, o casal mudou-se para a casa dos avós maternos, acionando, portanto, esta rede de apoio. A ajuda da avó materna e das tias deixou o casal tão confiante que o pai permitiu-se aproveitar suas férias, e viajar por 10 dias. Com o retorno à casa, a mãe passou a ocupar-se do bebê, auxiliada, eventualmente, por sua irmã e pela sogra e, semanalmente, pela faxineira.

A opção pela creche tornou-se inviável financeiramente, e foi substituída por uma vizinha do condomínio, que cuidava de várias crianças no seu apartamento, mediante um pagamento mais acessível (creche caseira). Assim, aos três meses da Maria Eduarda, a mãe começou a acostamá-la com esta senhora, pessoa da confiança dos pais, para retornar ao trabalho no mês seguinte.

Passado o primeiro ano, a família mudou de endereço, e a rede de apoio teve que ser modificada. As avós e tias não estavam mais disponíveis para auxiliar nos

cuidados da menina e a creche continuava uma opção inviável financeiramente. A casa da pessoa que cuidava de Maria Eduarda ficou muito distante do novo endereço. A alternativa encontrada pelo casal foi novamente contratar uma senhora para cuidar da filha em casa. A substituição, no entanto, não agradou aos pais, que se mostram receosos quanto aos cuidados dedicados à menina, desconfiando, inclusive, da alimentação que a filha recebia. Apesar de preocupados e intranquilos, os pais demonstraram não saber como resolver esta situação.

O envolvimento paterno segundo o pai

João mostrou-se pouco disponível, durante a gestação, em acompanhar a esposa nas consultas de pré-natal; assistiu, apenas, às ecografias. Em casa, revelou estar mais comprometido com a preparação do ambiente para a chegada da filha. Não demonstrou satisfação com a notícia da gravidez, nem quando soube o sexo do bebê. Embora tenha assistido ao parto cesáreo, permanecendo ao lado da esposa, já na primeira noite dormiu em casa e, no dia seguinte à alta hospitalar viajou, sozinho, em férias por 10 dias.

Após o terceiro mês da filha, João tentou aproximar-se mais, mas sentia que o pouco tempo disponível não ajudava: basicamente estava com a filha pela manhã e nos finais de semana; quando chegava em casa, à noite, o bebê já dormira. Esta situação permaneceu inalterada até o primeiro ano de Maria Eduarda.

Apesar da pouca acessibilidade, pode-se dizer que o engajamento do pai com a filha foi aumentando com o passar de tempo. No início, João não sabia muito o que fazer com o bebê, irritava-se com seu choro e entregava-a para a mãe acalmar. Aos poucos, foi assumindo, sozinho, tarefas de cuidados, tais como trocar, dar a mamadeira, dar o banho e enfeitar a filha. O pai alegava não ter dificuldade em realizar tais tarefas; o que era mais difícil, segundo ele, era lidar com a teimosia de Maria Eduarda. Pode-se supor que nas questões que dizem respeito à educação e à colocação de limites, a falta de experiência, associada a um modelo autoritário de paternidade, o qual João não gostaria de repetir, o deixavam bastante confuso, sem saber como lidar com uma filha menina.

Quanto à responsabilidade, pode-se dizer que João assumiu as funções tradicionais de provedor da família: trabalhava o dia todo para manter as despesas da casa e mostrava-se preocupado com questões de saúde, tanto da esposa quanto da filha. Destacava-se do modelo tradicional de pai, no entanto, por participar das ecografias durante a gestação, e por providenciar espaço e construir com tanto bom gosto, o quarto da filha, como se compensasse, com suas habilidades de marceneiro as dificuldades que tinha de interação e comunicação com a esposa e a filha. Ele fazia o que podia.

O envolvimento paterno segundo a mãe

Mariza mostrou-se ambivalente em relação à acessibilidade do marido, ora reclamando sua ausência (nas consultas pré-natal, no grupo de gestantes), ora elogiando sua presença (nas ecografias). Este discurso seguiu até o primeiro ano da filha, com a mãe reclamando a pouca participação do marido nos cuidados e na interação com a filha, e, ao mesmo tempo, justificando sua ausência devido ao trabalho. Em nenhum momento foi questionado o fato de João trabalhar com o sogro, avô de Maria Eduarda, nem a possibilidade de negociação em relação ao seu horário de trabalho.

Quanto ao engajamento, Mariza não surpreendeu-se com a pouca participação do marido, pois já sabia que iria ser assim. Ela reconheceu que sua expectativa era de um “*pai encantado*”, que percebesse as suas necessidades e as do bebê e tomasse a iniciativa de satisfazê-las, sem solicitação prévia. Embora João estivesse longe deste ideal, Mariza reconheceu que ele era capaz de assumir praticamente todas as atividades de cuidado em relação à filha: ele dá banho, troca roupas e fraldas, dá comida, brinca com ela. A queixa da mãe era que estas ações não eram espontâneas nem muito frequentes, só acontecendo quando não tinha mais ninguém para fazê-las.

Mariza demonstrou ser uma mãe que facilita e estimula a entrada do pai na relação com a filha (“*sai do teu mundo e entra no mundo dela*”), embora nem sempre João compreenda o que ela quer dizer. Passado o primeiro ano, ao reavaliar suas expectativas em relação à interação do pai com a filha, Mariza admitiu que o

desempenho do pai não estava muito diferente do que ela previa: *”Eu esperava que ele fosse mais paciente... mas eu sabia que ele era impaciente”*.

Quanto ao comprometimento de João com a paternidade, Mariza não aparentou ter dúvidas: achava o marido extremamente responsável, não apenas em questões financeiras e de saúde, mas também com a educação e disciplina da filha. Desde a gestação ela o via empenhado em oferecer o melhor para ela e a filha.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

O presente estudo teve por objetivo analisar o processo de construção da paternidade, desde a gestação até o primeiro ano de vida do bebê. Esta discussão terá como foco o **envolvimento paterno**, baseado nas categorias propostas por Lamb (1996), quais sejam: acessibilidade, responsabilidade e engajamento. A partir da revisão da literatura, levantamos cinco aspectos que poderiam estar relacionados ao envolvimento paterno: (1) as representações do pai acerca do envolvimento, (2) as representações da mãe acerca do envolvimento, (3) os aspectos intergeracionais e os modelos de paternidade oferecidos nas famílias de origem do futuro pai e da futura mãe, (4) a matriz de apoio disponível e (5) o desenvolvimento do bebê, os quais serão, neste capítulo, analisados em cada caso, longitudinalmente, e nos seis casos em conjunto.

Analisando as representações do pai e da mãe sobre o envolvimento paterno, verificamos que, em termos de **acessibilidade**, os pais mostraram um desempenho equivalente ao tradicional: todos eles mantinham extensas jornadas de trabalho, ficando disponíveis para os filhos somente à noite e nos finais de semana. Com exceção do pai do caso 1, cuja carga horária era menor que a da esposa, todos os demais reclamavam do pouco tempo passado com os filhos. Mesmo assim, nenhum deles fez qualquer movimentação no sentido de reduzir sua jornada de trabalho, ao longo do primeiro ano do filho. Todas as mães, embora soubessem da pouca acessibilidade dos maridos, desde a gestação, mostraram-se surpresas com o pouco tempo que os maridos passavam em casa.

Em relação à **responsabilidade**, em todos os casos constatamos que existe uma divisão bem tradicional dos papéis do casal, competindo à mãe as responsabilidades com os cuidados diários, com a saúde e com a educação do bebê, bem como com a organização da casa e orientação de cuidadores substitutos, quando era o caso. Ao pai, em todos os casos, foi destacada a responsabilidade pela manutenção da casa e da família. Percebemos que o pai continua desempenhando um

papel de provedor financeiro, sendo este sentimento verbalizado inclusive nos casos em que a mãe era responsável pela renda maior da família.

Estes dados corroboram as idéias de Shapiro (1987), Brazelton (1988) e White (1994) quanto às preocupações do pai em relação ao aumento das responsabilidades. White (1994), ao investigar as responsabilidades assumidas como pai, obteve as respostas convencionais: prover o sustento econômico da família, educar/disciplinar os filhos, orientando-os no sentido de tornarem-se membros produtivos e contribuintes da sociedade.

Segundo Parke (1986), pais e mães diferem no grau de responsabilidade na administração das questões familiares, sendo que as mães costumam assumir mais esse papel na infância, estimulando atitudes relacionadas à intimidade e ao encorajamento da criança para interagir com o grupo de pares. Na mesma direção apontam os estudos de Berthoud (1997), cujos resultados indicam que as mulheres continuam tendo as funções tradicionais de direção do lar, enquanto os homens ainda são vistos como tendo prioritariamente as funções de sustento da casa (60% dos casos) e de compartilhar com a esposa a direção da casa (51% dos casos). As mudanças mais significativas em relação aos homens, conforme a autora, são vistas na divisão das tarefas de direção da casa e no seu maior envolvimento com os filhos.

Já em relação ao **engajamento**, observamos movimentos bastante diversos de um caso para o outro, e dentro do mesmo caso, ao longo do tempo. Uma leitura longitudinal dos casos acompanhados nos permitiu identificar diferentes movimentos quanto ao nível de engajamento dos pais, além de revelar que nem sempre existe coesão entre as representações dos pais e das mães acerca do engajamento do marido com o bebê.

Nos caso que segue, veremos um processo de engajamento que chamaremos *decrecente*, pelo fato de o pai ter-se tornado, progressivamente, menos presente e atuante na interação com a filha. Criamos uma metáfora para denominar cada caso, baseada nas características mais marcantes de cada pai.

Valter, caso 1, recebeu a denominação de “*Papai motorista*”, fazendo referência ao fato de ele levar e buscar a esposa nos cinco locais de trabalho e à filha na creche. Neste caso, o único em que pai e mãe provinham de famílias

reconstituídas, trazendo modelos referidos como inadequados de paternidade de ambos os lados e sem grandes expectativas quanto à matriz de apoio, observamos que o pai conseguiu mostrar-se acessível e engajado, desde a gravidez da esposa até o terceiro mês do bebê. Com a avó materna revelando-se competente para auxiliar o casal, parece que o pai foi se “liberando” das atividades de cuidado, só dedicando-se a elas quando não tivesse ninguém mais para fazê-las. O relato da mãe confere com a realidade (um engajamento progressivamente menor do pai com a filha), exceto pela sua expectativa exageradamente elevada durante a gravidez.

Nos dois casos que seguem, observamos um movimento contrário: o pai foi-se tornando, progressivamente mais engajado, e por isso diremos que houve um *engajamento crescente*. Para o caso 3 criamos a metáfora “*Treinando o papai*”, apropriando-nos da expressão utilizada pela mãe ao referir-se à maneira como ela ajudou o marido (que ela qualificava como “*rotineiro*”) a assumir os cuidados da filha, para que ela, a mãe, pudesse retornar ao trabalho. Este casal, proveniente de famílias nucleares, mas carente de modelos afetivos de paternidade, faz um movimento queixoso em relação à matriz de apoio: ora reclamando a ausência de familiares, ora reclamando a presença deles por tirarem sua privacidade. Mesmo assim, o casal mostrou-se coeso em seus relatos quanto ao engajamento do pai com a filha, descrito como *rotineiro* ao terceiro mês, mas perfeitamente engajado no cuidados da menina, ao primeiro ano.

O segundo caso que apresentou um processo de *engajamento crescente* foi o caso 6. Para João, escolhemos a metáfora “*Papai vai viajar*”, referindo-nos à atitude nada convencional do pai que, nos primeiros dias após o nascimento da filha, tirou férias e viajou sozinho. Neste casal, também proveniente de famílias nucleares, com modelo de paternidade referido como positivo na família da mãe, chamou-nos a atenção a adequação da expectativa materna. Por mais que Mariza esperasse um marido muito engajado, baseado no modelo do seu pai, sabia que isto não ocorreria, pois ele já mostrava seguir o modelo do seu próprio pai, nas pobres demonstrações afetivas manifestadas durante a gestação. O *engajamento crescente* apareceu no discurso dos dois, partindo dos relatos de um pai que não acompanhou o pré-natal, que cuidava pouco da filha no terceiro mês, mas que já oferecia ajuda espontânea nos

cuidados da menina, com um ano de idade, assumindo alimentação, trocas de fraldas e banho, principalmente quando a mãe não estava em casa.

Nos três casos que seguem, observamos um *engajamento estável*, embora esta estabilidade tivesse, por vezes, uma conotação positiva (como ocorreu no caso 2 e no caso 4), e em outras uma conotação negativa (caso 5, segundo relato da mãe). Neste último caso, vemos que a representação da mãe e do pai quanto ao engajamento paterno não coincidem.

Um engajamento estável foi observado no caso 2, ao qual atribuímos a metáfora “*Cadê papai?*” em uma alusão à pouca acessibilidade de Rodrigo, traduzida na fala: “... *a minha filha eu vejo, ela é que não me vê*”. Neste caso, porém, a impressão que tivemos é que a pouca acessibilidade e engajamento do pai foram constantes, o que aumentou, progressivamente, foi o cansaço da mãe. Verificamos que neste casal ambos os pais traziam modelos adequados de paternidade, vinham de famílias nucleares com mães donas-de-casa e pais provedores financeiros, e a expectativa natural era que a mãe cuidasse, sozinha, do seu bebê. A mãe, embora cansada, não pareceu totalmente desgostosa com o desempenho do marido como pai, pois até o primeiro ano o qualificou como um “*bom pai*”.

O segundo caso no qual constatamos um engajamento estável, foi o caso 5. A metáfora que atribuímos a Valdir foi “*Papai no stress*”, em uma alusão ao fato que nada parecia incomodá-lo. Tratava-se do casal de nível educacional mais elevado, os dois profissionais liberais de nível superior, ambos provenientes de famílias nucleares, o pai referindo o seu pai como modelo positivo, mas trazendo divergências importantes quanto ao engajamento paterno. Valdir mostrou-se o tempo todo satisfeito com seu desempenho: não participava dos cuidados do filho, mas interagiu afetivamente com ele e sentia-se orgulhoso da sua família. Nunca teve a pretensão de trocar fraldas ou dar banho no bebê, e esta postura estava coerente com seu engajamento durante a gestação: preocupava-se com a saúde da esposa, mas nunca acompanhou-a no pré-natal, nem teve a pretensão de assistir ao parto, como de fato não o fez. A mãe, que trazia uma expectativa bastante idealizada em relação ao envolvimento do marido com o bebê, mostrou-se desgostosa com o desempenho de

Valter como pai. Percebemos que, desde a gravidez até o primeiro ano do bebê, a mãe mostrou-se completamente estressada e o pai absolutamente tranqüilo.

O caso 4 foi o que nos pareceu apresentar um nível de satisfação mais estável em relação ao engajamento pai-bebê, tanto na representação do pai quanto da mãe. A metáfora que atribuímos ao Wilson incluiu, por esta sintonia do casal, a esposa. “*Voando juntos*” é uma imagem de referência ao casal, ambos funcionários de companhia de transportes, que demonstrou uma parceria satisfatória na construção da família. Neste caso, a mãe “*emprestou*” o seu pai como modelo para o marido e ficou tão satisfeita ao vê-lo vinculado afetivamente ao bebê, que isto pareceu mais importante que sua participação nas atividades de cuidado do filho. A matriz de apoio prevista durante a gravidez permaneceu estável até perto de um ano, e o pai, que já dividia igualmente as tarefas da casa com a esposa grávida, começa a assumir os cuidados do filho, até onde a esposa permite. É um casal que passou por situações estressantes, como a morte do avô paterno e a perda do emprego da mãe, mas que, mesmo assim, conseguiu superar, apoiando-se mutuamente. A fala do pai em querer “*manter a felicidade constante*” traduz a sua preocupação com a vida afetiva da família.

Quanto à participação do pai durante **o parto e a gestação**, por mais que a literatura aponte para um movimento de inserção (Brazelton, 1988; Shapiro, 1987; White, 1994), constatamos que apenas metade dos pais acompanhou a esposa nas consultas de pré-natal e assistiu ao parto. Apenas Valter, caso 1, Adair, caso 3 e Wilson, caso 4 acompanharam a esposa nas consultas de pré-natal e assistiram ao parto. Os demais, Rodrigo (caso 2), João (caso 6) e Valdir (caso 5), não participaram do pré-natal mas assistiram à ecografia que mostrou o sexo do bebê. Mesmo assim, cabe destacar que dos seis pais entrevistados, cinco gostariam de ter assistido o parto; apenas Valdir optou por não estar presente. Rodrigo (caso 2) sabia desde o pré-natal que não poderia acompanhar o parto, por determinação do hospital; e Valter (caso 1), que gostaria de ter acompanhado o nascimento da filha, saiu da sala de parto a pedido da esposa, para forçar uma maior atenção por parte da equipe médica.

Montgomery (1998) refere-se à proibição ainda existente em muitos centros obstétricos de participar do parto (Rodrigo, do caso 2), como uma das desvantagens a

que o pai continua sendo submetido, assim como a reduzida licença paternidade, muitas vezes tempo suficiente apenas para registrar a criança ou resolver as burocracias da maternidade, mas de maneira alguma suficiente para uma participação mais efetiva junto ao bebê. De qualquer forma, em nosso estudo percebemos que este período tão curto de licença paternidade incomodou mais às mães do que aos pais, como se fosse mais confortável, para eles, retomar as atividades profissionais do que engajar-se nos cuidados de um recém-nascido.

Já Shapiro (1987), refere que a mudança nas expectativas culturais quanto à participação do pai trouxe novos problemas para o homem que se sente “empurrado” para um mundo que lhe é estranho, o que poderia justificar a recusa de alguns pais em assistir ao parto, quando isto lhes seria permitido.

Embora apenas metade do grupo de pais tenha assistido o parto, chamou-nos a atenção que todos eles assistiram à **ecografia**, mesmo aqueles que não acompanharam as esposas nas consultas de pré-natal. Bornholdt, em seu estudo sobre o pai durante a gestação, constatou que a ecografia fez com que os homens percebessem que seus filhos são reais, gerando alegria mas, também, sentimentos de exclusão da relação mãe-filho.

Segundo Stern, este sentimento de exclusão não tem razão de existir, pois o “novo pai” também pode participar ativamente de todas as tarefas de cuidado do filho. Ramires (1997) utilizou o termo “maternar” para qualificar comportamentos como cuidar, alimentar, atender às necessidades básicas, e para referir-se ao envolvimento do pai durante a gravidez e nascimento da criança.

Analisando a interação dos pais com os bebês, percebemos que a forma preferida de engajamento foi a brincadeira, ao invés dos cuidados. Quando questionados sobre o que mais gostavam de fazer com os filhos, todos os pais manifestaram sua preferência por brincar e passear com os bebês. Alguns pais tinham um repertório limitado de brincadeiras, ao terceiro mês, mas todas elas eram de caráter essencialmente motor (por exemplo, no caso 1, o pai, Valter, gostava de brincar de “*aviãozinho*” com Dara, de 3 meses, que se divertia muito.

De acordo com Lamb (1996), para cada hora de envolvimento ativo do pai com seu bebê correspondem três a cinco horas a cargo da mãe. Quanto à qualidade da

relação, o autor destaca que, enquanto as mães desgastam-se em atividades de alimentação, cuidados corporais e vestimentas, os homens aparecem na hora da diversão, com atividades mais ligadas ao brincar e ao lazer.

Jablonski (1999) concorda que o pai interage de uma forma física e menos íntima, relacionada aos jogos e à diversão, enquanto à mãe cabem os assuntos mais sérios, numa relação bastante centrada na proteção e na afetividade.

Em relação aos cuidados dos bebês, verificamos que alguns pais participavam ativamente de todas as atividades (Wilson, caso 4 e Adair, caso 3), enquanto outros apenas "seguravam" o bebê quando solicitado (Valdir, caso 5 e Rodrigo, caso 2). Parke (1986) é um dos autores que diferencia o nível de envolvimento paterno através da análise da qualidade e quantidade dos cuidados que o pai dedica ao filho. De acordo com o mesmo autor, é importante que se diferencie o grau de envolvimento paterno em atividades de cuidado com a criança e em brincadeiras ou atividades educativas.

Brazelton (1988) percebe que a maioria dos homens sente-se incompetente para cuidar do bebê e, uma vez que se estimule uma participação mais ativa do marido, desde a gestação até os cuidados iniciais do filho, é necessário que se ofereça aos pais alguma possibilidade de experiência com crianças, o que reforçaria seu senso de competência. Esta idéia é compartilhada por Carter e McGoldrick (1995), quando sugerem aos pais que fiquem sozinhos com seus filhos para criar intimidade. Isto aconteceu com dois pais (Wilson, caso 4 e Valter, caso 1), que aprenderam a cuidar de seus bebês ficando sozinhos com eles, quando as mães retornaram ao trabalho.

Segundo White (1994), o homem perde na paternagem por sua pouca participação na vida doméstica, necessitando da ajuda da esposa/companheira para obter informações sobre a rotina familiar. Não tendo o conhecimento detalhado do que se passa em casa, os pais perdem em intimidade com seus filhos e em conhecimento sobre os mesmos. Por sua vez, os filhos também revelam dificuldades em vincularem-se com pais que eles pouco vêem. Rodrigo (caso 2) percebe esta dificuldade quando não consegue acalmar a filha.

Já as mães possuem o que Winnicott (1956/1978) denominou "preocupação materna primária", que seria uma condição emocional especial da mãe que aumenta

sua sensibilidade para compreender o que o bebê sente e que é muito importante para o desenvolvimento de um “self” verdadeiro. Trata-se de uma capacidade mais apurada que a mãe revela em colocar-se no lugar do bebê. No caso 6, quando estimulava o marido para brincar com a filha, Mariza dizia: *"tu tem que sair do teu mundo e entrar no mundo dela"*, o que João não parecia compreender muito bem.

Poderíamos, então, pensar que faltam a estes pais **modelos de paternagem**? Assim, também constataríamos que quanto à responsabilidade e à acessibilidade os pais estão repetindo os modelos de seus próprios pais, essencialmente de provedores das famílias. Afinal, dos seis casos analisados, cinco provinham de famílias nucleares, com mães donas-de-casa e com pais como únicos provedores financeiros do lar. Analisando as representações dos pais sobre a existência de modelos de paternidade em suas famílias de origem, no entanto, veremos que quatro pais não referiram o próprio pai como modelo.

Chamou-nos a atenção que, quando questionados se o seu pai seria um bom modelo a ser seguido, apenas dois pais (caso 2 e 5) responderam que sim. De fato, nos dois casos as esposas dedicavam-se, basicamente, às atividades da casa. Mesmo Karynne (caso 5), que é profissional liberal, tinha poucos horários de trabalho e, de acordo com o marido, devia abrir mão deles para cuidar do bebê.

Poderíamos supor que apenas os pais mais tradicionais encontraram modelos de referência em suas famílias de origem, enquanto os quatro pais que criticaram os modelos familiares, respondendo que gostariam de ser pais melhores, mais afetivos ou mais presentes do que os seus próprios, superando o modelo oferecido, pareceram carecer de modelos para esta nova forma de paternagem, que implicaria em um maior engajamento com os filhos.

Autores da teoria sistêmica (Williamson & Bray, 1991) estimam que são necessárias, no mínimo, três gerações para se compreender um sistema familiar: sejam os adultos, seus pais e seus filhos ou a geração adulta com seus pais e seus avós. Werlang (2000) acredita que também na abordagem intergeracional os problemas familiares parecem ter sua origem em fatos passados, que são repetidos de uma geração a outra, através de condutas repetitivas.

Adair (caso 3) e Wilson (caso 4), embora refiram o pai como um modelo, pretendem ser melhores do que os pais; ambos querem ser pais mais afetuosos e presentes. Valter (caso 1), filho de pai alcoolista espera não reproduzir este modelo com seus filhos, e João (caso 6), cujo modelo foi de um pai autoritário, citou a mãe como modelo de paternidade. De acordo com Fraiberg, Adelson e Shapiro (1975/1994), a história nem sempre se reproduz com fidelidade, pois a espécie humana se aprimora e os pais sempre desejam aos filhos que estes tenham uma vida melhor do que as suas.

Uma hipótese para que a repetição de eventos traumáticos seja evitada, segundo Fraiberg e colegas, é quando a dor e o sofrimento destes pais não foram totalmente reprimidos e eles identificam o mesmo sofrimento nos filhos. Nestes casos, a revivência das ansiedades e sofrimentos infantis por parte dos pais se transforma em capacidade de proteção dos filhos contra a repetição da sua própria história conflitiva. De qualquer forma, acrescentam as autoras, o que determina que o passado conflituado de um genitor se repita com a criança ainda é uma pergunta sem resposta.

No caso 6, o fato de o pai citar também a mãe como um modelo de paternidade (um meio termo entre o pai e a mãe), pode ser entendido como uma forma de construir um modelo diferenciado daquele oferecido pelo pai. Na pesquisa de Berthoudt (1997), alguns participantes que tinham na figura paterna um ser distante física e emocionalmente, apresentaram uma ligação muito forte com a mãe. Essa relação, segundo a autora, parece ter contribuído para a construção de uma paternidade atual diferenciada do antigo modelo, pois os pais queriam ser participantes ativos na vida das crianças.

A falta de um modelo adequado para o tipo de pai que a sociedade espera hoje foi tema de estudo de diversos autores (Daly, 1993; Shapiro, 1987; Silveira, 1988). Silveira questiona quais os modelos que devem ser seguidos e sugere que a sociedade precisa se reorganizar de forma a permitir que os homens sejam estimulados a desenvolver habilidades necessárias ao trato da criança, se se pretende um exercício efetivo de paternidade.

Em relação aos **modelos de paternidade trazidos pelas mães**, observamos que três delas (Paula, caso 2; Elisângela, caso 4 e Mariza, caso 6) referiram seus pais como modelos adequados; Paula acha que tanto o seu pai quanto o sogro são modelos adequados; Elisângela chega a destacar o pai como sendo o alicerce da sua família e deixa claro que gostaria que o marido seguisse o modelo do seu pai; Mariza acha o modelo do seu pai mais afetuoso do que o sogro, mas não acredita que o marido consiga reproduzi-lo. Já nos demais casos, os pais não foram considerados como modelos confiáveis pelas futuras mães. Karynne (caso 5) não conseguiu definir nenhum modelo de paternidade; Maria Lúcia (caso 1) relatou certa inadequação do pai, tratando-a mais como uma namorada do que como uma filha, sem se preocupar com suas necessidades básicas ou de sua mãe. Mariléia (caso 3) tem no pai a imagem do abandono, do pai que a entregou para outra família aos 6 anos de idade, e espera que o marido construa um modelo novo de paternidade.

Em alguns casos observamos que o fato de a esposa possuir um modelo adequado de paternidade poderia ajudar o marido a construir um modelo diferente. No caso 4, por exemplo, a mãe pareceu “emprestar” o seu pai como modelo para o marido, que referiu ter um pai desligado e ausente. Chamou-nos a atenção que em um único caso (caso 2), ambos, pai e mãe, referiram os seus próprios pais como modelos adequados a serem seguidos; em dois casos (caso 1 e 3) ambos os pais referiram trazer modelos inadequados dos seus pais e nos demais casos percebeu-se uma oscilação: quando o pai era referido como modelo, o sogro não era. De qualquer forma, observamos que o fato de a mãe trazer um modelo positivo de paternidade de sua família de origem, não determinou o engajamento do pai com o bebê.

E quanto à **matriz de apoio**? Poderíamos pensar que a ausência de uma rede de apoio satisfatória induziria os pais a se tornarem mais engajados?

Segundo Bowlby (1989), cuidar de um bebê recém-nascido não é tarefa para uma pessoa só; além da mãe e, preferencialmente do pai, é necessário toda uma "aldeia" para se cuidar de uma única criança. O autor destaca que para os pais retomarem, progressivamente, suas atividades pessoais e profissionais é necessário encontrar pessoas de confiança que funcionem como cuidadores substitutos (avós, babás ou creches), ou que pai e mãe consigam revezar-se nos cuidados do bebê.

Independente do vínculo mantido com a família de origem ou do nível sócio-econômico, um aspecto que nos chamou a atenção foi a pouca preocupação dos casais gestantes com a **matriz de apoio** necessária para cuidar do bebê. Nem mesmo os casais de dupla carreira, em que os pais dispunham de apenas uma semana de licença paternidade, conseguiam projetar possibilidades concretas de cuidados para além da licença maternidade, de 4 meses.

Durante a gestação, observamos um distanciamento em relação às famílias de origem. De fato, apenas nos dois casos de menor nível sócio-econômico (caso 2 e 4), em que os casais residiam próximos aos pais, existia mais colaboração entre as famílias. Rodrigo e Paula (caso 2), moradores de uma das vilas da capital, vizinhos dos 4 avós, e acostumados a grandes famílias, com 4 e 5 filhos, estranharam o silêncio e a casa vazia, após o casamento. Wilson e Elisângela (caso 4), que moraram com os pais até se casarem, e em frente à casa dos avós maternos, após o casamento, não pareceram preocupados com a necessidade de ajuda para cuidar do bebê.

Também percebemos, por parte de alguns maridos, uma despreocupação com cuidados especiais ou com necessidade de apoio durante a gravidez. Em diversos casos (caso 2, caso 4, caso 5 e caso 6), eles mostraram-se surpresos quando questionados sobre alguma forma de apoio que estivessem recebendo durante a gravidez e alegaram não necessitar de qualquer forma de apoio. Davam a impressão de estarem se referindo a questões puramente materiais ou financeiras. Segundo Parke (1986), é comum os homens mostrarem-se mais compreensivos e conciliadores com as esposas grávidas do que anteriormente, buscarem apoio de amigos que já são pais, aumentarem o contato com seu próprio pai e, sobretudo, com sua própria mãe.

A aparente negação de cuidados por parte da família extensa pode estar relacionada à busca de autonomia, de individualidade e de independência dos casais, o que lhes outorgaria o status de filhos adultos. Carter e McGoldrick (1995) destacam, entre as características do adulto jovem, a independência econômica e afetiva dos pais e o domicílio separado destes.

As mães relatavam estar sendo apoiadas por seus maridos (em todos os casos), pelas amigas ou por colegas de trabalho (caso 3) ou por suas mães (casos 4 e 5). Mesmo conversas por telefone, quando recebiam qualquer tipo de informação ou

eram tranqüilizadas por suas mães, eram referidas como apoio durante a gestação. De acordo com Bowlby (1989), é natural que a gestante e a mãe de filhos pequenos sintam fortes desejos de serem elas mesmas cuidadas, principalmente por suas mães e maridos.

Apenas em metade dos casos (2, 4 e 5) as mães esperavam ser auxiliadas por suas mães e/ou irmãs. Mariza (caso 6) só esperava contar com o auxílio da sua mãe durante o primeiro mês após o nascimento do bebê, devido à distância entre as duas casas. Neste caso, aliás, o casal parece ter ficado tão confiante no apoio dos avós e tias maternos que João, o pai do bebê, permitiu-se viajar por 10 dias após o nascimento da filha, *"para aproveitar as férias"*.

Quando nenhum membro da família ampliada está disponível, sugerem Carter & McGoldrick (1995), uma alternativa do casal é empregar alguém que cuide do bebê. Segundo as autoras, este é um recurso caro e normalmente é bastante difícil encontrar um profissional de confiança e que seja competente no trato com a criança. Tanto Valdir e Karynne (caso 5) quanto João e Mariza (caso 6) gostariam de poder contar com uma pessoa da sua confiança, que cuidasse do bebê na casa da família, mas nenhum dos dois casais possuía esta pessoa.

Já a opção de Adair e Mariléia (caso 3), até poderem contar com uma vaga na creche do serviço, foi por turnos alternados de trabalho. Segundo Bradt (1995), esta é uma alternativa que pode ser benéfica para a criança mas que, na maioria dos casos, traz prejuízos para o relacionamento do casal.

Valter e Maria Lúcia (caso 1) também esperavam contar apenas com a creche do serviço, mas surpreenderam-se com a disponibilidade e competência da avó materna, tida por eles como incapaz devido a sua doença psiquiátrica. Neste caso, ficou evidente que as dificuldades de relacionamento entre o pai e a sogra superavam o diagnóstico psiquiátrico positivo desta. Bradt (1995) destaca que a função principal da família ampliada é a de constituir recursos ativos de apoio para a nova família, e acrescenta que é comum que as relações se alterem com o nascimento do bebê, geralmente visando uma aproximação. Mesmo em famílias distantes e conflituadas, a chegada do bebê pode funcionar como um facilitador das relações. O relato de Maria

Lúcia (caso 1), ao dizer que a filha fez o "*milagre*" de trazer sua mãe de volta e aproximá-la do marido, é uma confirmação das idéias do autor.

Outras vezes, segue Bradt (1995), podem ocorrer conflitos entre os dois grupos de avós, revelando certa competitividade pelos cuidados e afetos do neto. Foi o que observamos no caso 2, no qual os avós disputavam o endereço onde os filhos deveriam construir a casa definitiva da nova família.

Pareceu-nos que todas as famílias conseguiram se organizar após o parto, providenciando uma matriz de apoio adequada nos primeiros meses após o nascimento, embora esta realidade tenha se modificado, em alguns casos, após o primeiro ano. Em três casos (casos 2, 3 e 4) as avós e tias haviam retomado suas atividades e as mães, já cansadas, precisavam recorrer à matriz de apoio paga (creches ou babás). Uma alternativa viável financeiramente, encontrada no caso 6 por João e Mariza e no caso 5 por Valdir e Karynne, foi a creche domiciliar, ou seja, uma vizinha que cuidava de várias crianças em sua residência, mediante um pagamento acessível.

Ao analisarmos longitudinalmente a matriz de apoio dos seis casais observamos uma movimentação interessante: durante o último trimestre da gestação os casais não tinham, ainda, tomado decisões concretas em relação aos cuidados dos bebês; era como se, apenas o casal pudesse dar conta das demandas do bebê. Passado o primeiro trimestre, no entanto, as mães mostraram-se surpresas com a pouca disponibilidade de tempo dos maridos para ajudá-las e, em todos os casos, as avós maternas foram mobilizadas. Mesmo as avós tidas como incapazes (caso 1, pela doença psiquiátrica) ou distantes fisicamente (caso 6, a avó morava em um sítio, no interior e até a avó do caso 3, que morava em outro estado e estava com câncer), todas mostraram-se competentes em ajudar as filhas a cuidar de seus bebês. Outra movimentação ocorreu perto do primeiro ano dos bebês, com o afastamento progressivo das avós, que passaram a ser substituídas, em todos os casos nos quais as mães trabalhavam fora, por creches. A rede de apoio familiar gratuita e basicamente feminina, passou a ser substituída pelo recurso pago (creches formais ou familiares).

Respondendo, então, à questão do envolvimento paterno estar relacionado à matriz de apoio existente em cada família, pudemos observar diferentes movimentos:

em alguns casos, à medida que a rede de apoio foi-se tornando mais escassa, os pais foram mostrando-se mais engajados (casos 3 e 6); nestes casos, algumas vezes as mães reclamavam que os maridos cuidavam bem dos bebês desde que não tivesse outra pessoa para cuidar; não parecia, portanto, ser um movimento voluntário. Já em outros casos, mesmo com a escassa rede de apoio, os pais permaneciam alheios, sem modificar seu engajamento (casos 5 e 2). Isto nos leva a pensar que a ausência de uma rede de apoio eficiente, por si só, não determina um maior envolvimento do pai.

Outro aspecto que tentamos relacionar ao envolvimento paterno foi a **representação da mãe** sobre o desempenho do marido enquanto pai. Observamos que algumas mães traziam expectativas extremamente idealizadas em relação aos maridos, durante a gestação, como foi o caso de Maria Lúcia (caso 1) e de Karynne (caso 5) e, quando confrontadas com o pai real de seus filhos, revelaram dificuldades de identificar qualquer manifestação de engajamento como positivas; acabavam se tornando mães queixosas e angustiadas. Outras mães, cujas expectativas eram menos idealizadas, conseguiam surpreender-se com o desempenho dos maridos (Mariza, caso 6 e Mariléia, caso 3), e os valorizavam enquanto pais. Ao analisarmos o processo de engajamento dos pais ao longo do primeiro ano, observamos que as expectativas maternas não determinavam o maior ou menor engajamento dos pais, mas repercutiam, diretamente, no nível de estresse ou de satisfação da vida familiar.

Em nosso estudo também percebemos, em alguns casos, as mães funcionando como facilitadoras da relação pai-bebê. Paula (caso 2) esperava poder ajudar Rodrigo a cuidar do bebê e Mariléia (caso 3) chegou a referir-se a um "*treinamento*" para preparar o marido (Adair) para assumir, sozinho, os cuidados da filha, quando ela voltasse do trabalho, pois o julgava muito "*rotineiro*".

Embora tenhamos escutado relatos de mães com expectativas bastante idealizadas quanto ao engajamento dos maridos com os bebês (Maria Lúcia, caso 1 e Karynne, caso 5), também verificamos casos nos quais os pais, de fato, tornavam-se progressivamente mais engajados. Foi o que verificamos no depoimento de Mariléia (caso 3), quando afirmou que no terceiro mês tinha que pedir a ajuda do marido e que, agora, depois do primeiro ano, a ajuda já era espontânea. Mariza (caso 6), cujo marido viajou após o nascimento do bebê, também relata, após o primeiro ano, que o

pai faz tudo, troca e dá o banho na filha sem dificuldades, queixando-se, apenas, do cansaço em executar tais atividades.

Em outros casos, no entanto, percebemos que as atitudes da mãe não mudaram. Elisângela (caso 4) preferia cuidar sozinha do bebê, pois ela já *"pegou o seu jeito"* e o pai teria que aprender a cuidar. Karynne (caso 5), embora reclamasse constantemente da falta de apoio do marido, não permitia que ele cuidasse do bebê do seu modo. Algumas mães (Maria Lúcia, caso 1; Elisângela, caso 4 e Mariza, caso 6) queixaram-se que os maridos sabem cuidar adequadamente dos bebês mas que só o fazem quando elas não estão em casa ou se não tiver outra pessoa, preferencialmente uma mulher, para fazê-lo. Os relatos mais comuns eram do tipo: *"ele se esconde, ele não tem paciência, ele reclama muito"* ou *"ele não agüenta choro"*. De qualquer forma, constatamos que todas as queixas estavam relacionadas à pouca participação dos pais nos cuidados rotineiros dos bebês; todas as mães descreviam os maridos como sendo pais afetivamente adequados e participantes.

Lamb (1996) também mostrou, através dos seus estudos, que em famílias nas quais as mães trabalhavam, o nível de engajamento e acessibilidade dos pais era mais alto do que em famílias cujas mães não trabalhavam. Em nosso estudo este dado não se confirmou: percebemos que o fato de as mães trabalharem fora não aumentou a acessibilidade e o engajamento dos pais. Dos casos acompanhados, observamos que apenas Paula (caso 2) não trabalhava fora de casa. As demais famílias caracterizaram o que hoje denomina-se famílias de dupla-carreira, com o pai e a mãe trabalhando fora. Nos casos 1 (Maria Lúcia) e 3 (Mariléia), inclusive, eram as mães quem garantiam a maior parte do sustento da casa.

Não podemos deixar de registrar, contudo, que a sobrecarga de algumas mulheres ainda é evidente, quando acumulam os cuidados do recém-nascido com as atividades profissionais. Apenas uma mãe (Karynne, caso 5) reduziu sua jornada de trabalho após o nascimento do bebê. Maria Lúcia (caso 1) retornou aos cinco empregos que acumulava, apenas um mês depois do nascimento da filha e Mariléia, Elisângela e Mariza (casos 3, 4 e 6, respectivamente), passada a licença gestante de 4 meses, também retornaram ao trabalho. O peso da dupla-jornada pôde ser registrado, em vários momentos, nos discursos poliqueixosos (Karynne, caso 5), nos sentimentos

de abandono, desemparo e solidão e nas crises depressivas (principalmente Mariléia, caso 3).

E, finalmente, ao considerarmos o **desenvolvimento do bebê**, pudemos observar que o engajamento paterno variou, em alguns casos, de acordo com a idade do bebê, mas não variou de acordo com o sexo. No grupo analisado, não foi possível determinar qualquer padrão de engajamento específico em relação ao sexo do bebê: dos dois pais de meninos, observamos um pai muito engajado (Wilson, pai de Gabriel, caso 4) e outro nem tanto (Valdir, pai do Pedro, caso 5); dos quatro pais de meninas, encontramos, igualmente, pais muito engajados ao final do primeiro ano da filha (como João, pai de Maria Eduarda, caso 6) e outros nem tanto (como Rodrigo, pai de Diane, caso 2). Desta forma, concordamos com Pleck (1996) ao afirmar que diferentes características da criança, bem como características dos pais, podem contribuir para um melhor ou pior envolvimento paterno, mas discordamos da idéia de que o grau de envolvimento dos pais é maior com filhos do que com filhas, independentemente da idade deles, devido a uma identificação dos pais com os meninos, o que não se confirmou em nosso estudo.

Já em relação à idade, percebemos diferença quanto ao engajamento: os pais manifestavam maior contentamento em interagir e brincar com os bebês após o primeiro ano; o repertório de brincadeiras e atividades citados pelos pais, em todos os casos, era mais variado no primeiro ano do que no terceiro mês.

À medida que os bebês foram crescendo e adquirindo habilidades motoras, pudemos observar um crescente prazer no engajamento de alguns pais. Valdir (caso 5), por exemplo, relata que após o oitavo mês ficou “*mais divertido*” cuidar do filho, pois agora já podia jogar bola com ele. Segundo Spitz (1965/1979), ao redor dos oito meses, a característica básica do bebê é o brincar junto com os pais e um objeto inanimado. A aquisição da coordenação entre as mãos e entre estas e os olhos, somada à curiosidade pelos objetos que o cercam, tornam o brincar com objetos uma atividade muito intensa, que favorece a interação dos pais com o bebê. A ação maior desta fase é imitar gestos e procurar verbalizar, de alguma forma, tentando expressar desejos e indicar objetos.

Um estudo desenvolvido por Lamb (1996), com bebês de oito meses, mostra como os pais se relacionam de forma diferente que as mães com seus bebês, desde os primeiros meses de vida. Lamb observou que os pais pegavam mais os bebês para brincar com eles, e estas brincadeiras eram mais físicas e agitadas, enquanto as mães pegavam mais os bebês com a finalidade de alimentá-lo, vesti-lo ou acalmá-lo. O autor também notou que as brincadeiras dos pais eram mais improvisadas e criativas e que os bebês preferiam brincar com o pai mesmo quando em presença da mãe.

Concordamos com Parke (1986), quando ele afirma que nada justifica o fato de o pai assumir forçosamente um papel secundário na construção da família, e que a questão do envolvimento paterno não consiste no número de horas diárias que um pai passa com seu filho, mas em sua atitude quando estão juntos.

Também entendemos que os pais carecem de modelos para consolidar um novo modelo de paternagem. Retomamos as idéias de Silveira (1998), de que se a sociedade pretende que o pai mostre um maior engajamento nas atividades de cuidados dos filhos, algumas modificações culturais devem ocorrer desde a infância, quando devem ser permitidas a meninos e meninas brincadeiras diversas, ligadas ao cotidiano adulto, tais como cuidar da casinha, brincar de bonecas, lavar, passar, usar ferramentas diversas, como martelo e serrote.

Outras mudanças sociais se fazem necessárias, insiste o autor, se se pretende que o pai se envolva mais com a criança, referindo-se a direitos sociais, tais como a licença paternidade, o direito à creche ou a manutenção do emprego. O mais importante, no entanto, é que o pai consiga vincular-se, desde cedo, ao filho. Neste processo, a mãe é figura fundamental, promovendo ou dificultando o vínculo entre o pai e o bebê.

Retomando, enfim, as questões de pesquisa deste estudo, que teve como foco a análise do envolvimento paterno, baseado nas proposições de Lamb (1996), concluímos que as categorias acessibilidade e responsabilidade mostraram-se invariáveis longitudinalmente, ao contrário do engajamento, que mostrou movimentos em várias direções. Em termos de **acessibilidade**, os pais mostraram um desempenho equivalente ao tradicional, mantendo extensas jornadas de trabalho (todos os pais cumpriam uma jornada de, no mínimo, oito horas de trabalho fora

de casa), e ficando disponíveis para os filhos somente à noite e nos finais de semana, e, embora reclamassem do pouco tempo passado com os filhos, nenhum deles fez qualquer movimentação no sentido de reduzir a carga horária diária de trabalho.

Quanto à **responsabilidade**, percebemos que a maior parte dela ainda era delegada às mães. Ao pai competia a função tradicional de provedor: em todos os depoimentos, os pais relataram preocupações de ordem financeira, com o sustento da casa e a manutenção da família, bem como com a educação e disciplina dos filhos.

Já a categoria **engajamento** modificou-se em diversas direções ao longo do estudo, tendo sido subdividida, para fins de análise, em *engajamento crescente*, *decrecente* e *estável*. Denominamos um processo de *engajamento decrecente*, quando o pai foi-se tornando, progressivamente, menos presente na interação com o bebê. Quando apareceu o movimento contrário, ou seja, o pai foi-se tornando, progressivamente mais engajado, denominamos um *engajamento crescente*. Verificamos, ainda, um *engajamento estável* (que poderíamos subdividir em positivo ou negativo, dependendo da qualidade da interação pai-bebê que estabilizou), tanto na representação do pai quanto da mãe.

Verificamos, ainda, algumas variações dentro da categoria *engajamento*, a qual refere-se a toda forma de interação do pai com o bebê: observamos que todos os pais engajavam-se nas atividades lúdicas, que incluíam passeios e brincadeiras, mas que nem todos mostravam-se engajados quanto às atividades de cuidados rotineiros, que incluíam trocas, alimentação e banho. Interessante destacar que todos os pais colaboravam com o serviço da casa quando as esposas estavam grávidas, o que poderia justificar a expectativa por vezes idealizada de algumas mães de que os maridos ajudariam, igualmente, nos cuidados com o bebê.

Ao analisarmos os cinco fatores que poderiam estar relacionados com o envolvimento paterno, constatamos que as representações do pai e da mãe nem sempre coincidiram. Isto ficou evidente na análise das **representações do pai** sobre o seu próprio envolvimento com o bebê: todos os pais referiram estar satisfeitos, alguns até surpresos, com o seu desempenho, e com a sua capacidade em conciliar trabalho, casamento e cuidados com o filho. Independente da representação das esposas sobre o seu desempenho, todos os pais sentiam estar superando os modelos trazidos em suas

famílias de origem, principalmente em termos afetivos e no engajamento com os bebês.

Já ao analisarmos a **representação da mãe** sobre o desempenho do marido enquanto pai, verificamos movimentos diferenciados: observamos mães que traziam expectativas extremamente idealizadas em relação aos maridos, durante a gestação, e, quando confrontadas com o pai real de seus filhos, não conseguiam identificar qualquer manifestação de engajamento como positivas e acabavam se tornando mães queixosas e angustiadas. Outras mães, cujas expectativas eram mais adequadas, conseguiam surpreender-se com o desempenho dos maridos, valorizando-os enquanto pais e funcionando como facilitadoras da relação pai-bebê. Algumas mães mostravam-se extremamente queixosas e, por mais que reclamassem constantemente da falta de apoio do marido, não permitiam que ele cuidasse do bebê do seu modo. Constatamos, porém, que todas as queixas estavam relacionadas à pouca participação dos pais nos cuidados rotineiros dos bebês; todas as mães descreviam os maridos como sendo pais afetivamente adequados e participantes.

Em nosso estudo, ao analisarmos o processo de engajamento dos pais ao longo do primeiro ano, entendemos que as representações maternas não determinavam o maior ou menor engajamento dos pais, mas repercutiam, diretamente, no nível de estresse ou de satisfação da vida familiar.

Em relação aos **modelos de paternidade**, verificamos que apenas os pais mais tradicionais referiram o seu pai como um bom modelo a ser seguido. Isto levou-nos a pensar se apenas os pais mais tradicionais encontraram modelos de referência em suas famílias de origem. Assim, poderíamos supor que os pais que criticaram os modelos familiares, respondendo que gostariam de ser pais melhores, mais afetivos ou mais presentes do que os seus próprios, superando o modelo oferecido, careceriam de modelos para esta nova forma de paternagem, que, a nosso ver, implicaria em um maior engajamento com os filhos.

Em relação aos **modelos de paternidade trazidos pelas mães**, tal como no grupo de pais, percebemos que poucas vezes o avô foi citado como um modelo adequado, sendo que algumas mães esperavam que o fato de seu pai ser um bom modelo poderia ajudar o marido a construir um modelo diferente. De qualquer forma,

independente dos modelos que as esposas possam estar projetando neles, ser um pai mais presente e afetivamente próximo dos filhos foi a expectativa trazida por todos os pais e mães, na entrevista ocorrida durante a gestação.

Percebemos que muitos pais pareciam bem intencionados, mas careciam de um modelo para o tipo de paternagem que desejavam desenvolver com seus filhos, e tentavam encontrar referências com as esposas ou com amigos; muitos deles tinham críticas aos modelos que não queriam seguir e havia sempre uma intenção de ser melhor que os seus pais.

Em termos de **matriz de apoio** é que embora os casais parecessem não estar muito preocupados durante a gravidez, quase que negando a necessidade de auxílio para dar conta do bebê, todas as famílias conseguiram se organizar após o parto. Pareceu-nos que as famílias ampliadas funcionaram adequadamente, apoiando os casais nos primeiros meses após o nascimento. Passado o primeiro ano, no entanto, a realidade se modificou, em algumas famílias, com as avós dedicadas a outras atividades, e as famílias passaram a contar com a matriz de apoio paga – creche familiar ou tradicional.

À medida que a rede de apoio foi-se tornando mais escassa, percebemos movimentos diversos dos pais: mostrando-se mais engajados apenas quando não tinha outra pessoa para cuidar, não parecendo, portanto, um movimento voluntário. Outros pais, mesmo com a escassa rede de apoio, permaneciam alheios, sem modificar seu engajamento, o que nos levou a concluir que a ausência de uma rede de apoio eficiente, por si só, não determina um maior envolvimento do pai.

E, finalmente, ao considerarmos o **desenvolvimento do bebê**, pudemos observar que o engajamento paterno variou de acordo com a idade do bebê, mas não de acordo com o sexo. Já em relação à idade, percebemos diferença quanto ao engajamento: os pais manifestavam maior contentamento em interagir e brincar com os bebês após o primeiro ano; o repertório de brincadeiras e atividades citados pelos pais, em todos os casos, era mais variado no primeiro ano do que no terceiro mês.

4.1 Considerações finais

Ao analisarmos a paternidade tendo como foco o envolvimento paterno, concluímos que os pais continuam seguindo modelos tradicionais quanto à acessibilidade e a responsabilidade. Quanto ao engajamento, embora exista uma expectativa em ser diferente dos modelos familiares, percebemos que os pais apresentam um maior engajamento em atividades lúdicas – brincadeiras e passeios, do que em atividades de cuidado. Podemos pensar que o que estaria determinando a dificuldade em assumir os cuidados do bebê seja a ausência de um modelo mais efetivo. Mesmo assim, devemos destacar o nível de satisfação dos pais em relação ao seu próprio engajamento, embora exista uma discrepância entre as representações da mãe e do pai quanto ao engajamento paterno.

Podemos finalizar retomando a tese de LaRossa (1988), que a “cultura” da paternidade tem se modificado mais rapidamente que a “conduta” da paternidade e que a crença de Rotundo (1985) da Paternidade Andrógena, segundo a qual pai e mãe partilham igualmente dos cuidados dos filhos, aplica-se mais às expectativas das mulheres do que à atuação prática dos homens. Em vários depoimentos escutamos mães queixosas e pais absolutamente tranquilos, convencidos de que estavam fazendo o melhor que podiam.

Acredita-se que as questões propostas inicialmente puderam ser aprofundadas no presente estudo. À medida que o estudo evoluiu, entretanto, outras questões foram se apresentando, tais como a necessidade de um aprofundamento sobre questões de gênero, dadas as diferenças entre as representações do pai e da mãe quanto ao engajamento paterno, tema que não nos pareceu viável aprofundar neste estudo. Também seria interessante continuar seguindo longitudinalmente estes casos, uma vez que muitos deles continuam vinculados ao GIDEP, nosso grupo de pesquisa. Como em alguns casos se sabe do nascimento de irmãos, seria interessante poder analisar a paternidade destes casais com o segundo filho.

Alguns temas que se acredita serem complementares a este estudo, estão sendo desenvolvidos por outros membros da Equipe. Um exemplo é o estudo sobre o relacionamento conjugal e o impacto sofrido pelo casal com o nascimento do

primeiro filho (Menezes, 2001). Outro estudo em andamento está centrado no desenvolvimento do bebê, nas práticas disciplinares adotadas pelos pais e/ou cuidadores substitutos, e na adaptação à creche. Seria interessante integrar à nossa investigação a dissertação de mestrado de Levandowsky (2001a), sobre a construção da paternidade na adolescência. Todos estes estudos estão sendo desenvolvidos pelo GIDEP/UFRGS, e poderão, oportunamente, compor um estudo maior sobre o início da vida familiar.

Finalmente, destaca-se, como mérito desta tese, a possibilidade de desenvolver um estudo longitudinal, com todas as implicações que esta opção metodológica pressupõe: não apenas recrutar as famílias (o que já é por si só um processo dispendioso), mas mantê-las vinculadas ao Grupo de Pesquisa por mais de um ano; trabalhar em equipe; providenciar recursos (materiais, humanos, financeiros) que viabilizassem todas as coletas; realizar as visitas domiciliares, entre tantos outros aspectos que poderiam ser citados.

Mas, se por um lado, o trabalho em equipe enriquece, por outro, traz limitações: os instrumentos de coleta de dados, por exemplo, deveriam ser padronizados, o que nem sempre permitia que as questões de cada pesquisador fossem contempladas em profundidade. Tivemos que trabalhar com limites de tempo e espaço. Muitos dados coletados não puderam ser analisados, tais como a coleta do oitavo mês do bebê, e os vídeos, que registraram a interação do bebê com os pais, no terceiro, oitavo e décimo-segundo mês do bebê. Foi necessário definir um foco de análise viável dentro do tempo que dispúnhamos.

A proposta inicial, para esta tese, era analisar o processo de construção da paternidade confrontando os dados de representação (obtidos através das entrevistas) com os dados de interação (obtidos através da filmagem de momentos de interação familiar). A análise dos dados observacionais, no entanto, fugiu ao escopo deste estudo. Ficará, certamente, como sugestão para estudos posteriores, uma vez que os dados estão coletados.

Novos estudos podem, sempre, ser a garantia de que não é necessário esgotar o tema em questão. Assim, estudos “*prontos*” seriam apenas pequenos passos rumo à

construção de um conhecimento maior, que, tomara, nunca esteja plenamente concluído.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Salas, E.J. (1984). *A paternidade - um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ainsworth, M.D., Blehar, M.C., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: Assessed in the strange situation and at home*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Allen, W.D. & Doherty, W.J. (1996). The responsibilities of fatherhood - As perceived by african american teenage fathers. *Families in society: The Journal of Contemporary Human Services*. pp. 142-155.
- Anderson, A.M. (1996). Factors influencing the father-infant relationship. *Journal of Family Nursing*. 2 (3), 306-324.
- Andolfi, M. & Angelo, C. (1988). *Tempo e mito em terapia familiar*. (R.S. DiLeone, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC editora.
- Bailey, W.T. (1994). A longitudinal study of father's involvement with young children: Infancy to age 5 years. *The Journal of Genetic Psychology*. 155 (3), 331-339.
- Banster, P.; Burman, Z.; Parker, I.; Taylor, R.; Tindall, C. (1996). *Qualitative methods in Psychology*. Philadelphia: Open University Press.
- Barnett, R.C. & Baruch, G.K. (1988). Correlates of fathers' participation in family work. Em P. Bronstein & C.P. Cowan, (Orgs.) *Fatherhood today: Men's changing role in the family*. New York: Wiley.
- Benetti, S. (2001). O papel paterno na família japonesa – uma questão de presença física ou psicológica? *Revista Psico*, 32 (1), 97-113.
- Berthoud, C.M. (1997). Um olhar da família paulista. Em C.M.O. Cervenly, C.M.E. Berthoud & Col.,(Orgs.) *Família e ciclo vital* (pp. 151-184). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bornholdt, E. A. (2002). *Gravidez e paternidade: A vivência do pai grávido*. Dissertação de mestrado não publicada, Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Bowen, M. (1979/1991). *De la família al individuo*. Buenos Aires: Paidós.
- Bowlby, J. (1989). *Uma Base Segura – Aplicações clínicas da Teoria do Apego*. (S. N. Barros, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes. (original publicado em 1976).
- Boszormenyi-Nagy, I. & Ulrich, D. (1981). Contextual family therapy. Em A. Gurman & D. Kniskern (Orgs.). *Handbook of Family Therapy* (pp. 159-186). New York: Brunner/Mazel.
- Bradt, J.O. (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. B. Carter & M. McGoldrick, *As mudanças no ciclo vital familiar*.(pp. 206-222). (M.A.V.Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas
- Brazelton, T.B. (1988). *O desenvolvimento do apego - uma família em formação*. (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T.B. & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. (M. B. Cipolla, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brown, M.A. (1986). Social support, stress, and health: A comparison of expectant mothers and fathers. *Nursing Research*. 35 , (2), 72-76.
- Bruschini, M. C. A. (1986). *Estrutura familiar e vida cotidiana na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado não publicada, Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Burdon, B. (1998). Envolvendo os homens na vida familiar: Se eles podem fazê-lo, por que não o fazem? Em P. Silveira (Org). *O exercício da paternidade* (pp. 81-90). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Byng-Hall, J. (1986). Family scripts: A concept which can bridge child psychoterapy and family therapy thinking. *Journal of Child Psychotherapy*, 12 (2), 3-13.

- Cabrera, N.J., LeMonda, C.S.T., Bradley, R.H., Hofferth, & Lamb, M.E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71 (1), 127-136.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. (M.A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cervený, C.M.O.; Berthoud, C.M.E. & Cols.(1997). *Família e ciclo vital – Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C.M.O. (1994). *A família como modelo – Desconstruindo a patologia*. São Paulo: Editorial Psy II.
- Código Civil Brasileiro(2002).[www2.uol.com.br/tobaby/estaticos/servicos/direitos/], em 02/06/2002.
- Corrêa, C. N. (2001). *A transição do casal para a parentalidade*. Dissertação de Mestrado não publicada, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Cox, M.J.; Henderson, M.T.O.V.K. & Margand, N. A . (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology*, 28 (3), 474-483.
- Daly, K. (1993). Reshaping fatherhood: finding the models. *Journal of Family Issues*, 14 (4), 510-530.
- Deslandes, S. F.; Neto, O. C.; Gomes, R. (2002). Pesquisa Qualitativa. Em Minayo, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 20 ed. Petrópolis: Vozes.
- Dib, M. A. K. (1997). *Decisão e vivência da maternidade e da paternidade em casais adultos médios das camadas médias urbanas*. Dissertação de mestrado não publicada, Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Dolto, F. (1971). *Psychanalyse et Pédiatrie*. Paris: Editions du Seuil.
- Ferreira, A.B.H. (1986). *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Fraiberg, S., Adelson, E. & Shapiro,V.(1994). Fantasmas no quarto do bebê – Uma abordagem psicanalítica dos problemas que entravam a relação mãe-bebê. *Publicação CEAPIA*. Ano VII (7), 12-34.

- Framo, J. (1981). The integration of marital therapy with sessions with family of origin. Em A. Gurman & D. Kniskern, *Handbook of family therapy* (pp. 133-158). New York: Brunner/Mazel.
- Freud, S. (1981). *Recuerdo, repetición y elaboración*. 4ª ed. Madri: Biblioteca Nueva. Título original: Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (2000). *A dissolução do Complexo de Édipo*. Versão eletrônica da Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Imago. (Original publicado em 1924)
- Garbarino, J. (1993). Reinventing Fatherhood. *Families in Society*, 74 (1), 51-54.
- Grych, J.H. & Clark, R. (1999). Maternal employment and development of the father-infant relationship in the first year. *Developmental Psychology*, 35 (4), 893-903.
- Guedeney, A. & Lebovici, S. (1999). *Intervenções psicoterápicas pais/bebê*. (P.C. Ramos, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Hall, W.A. (1994). New fatherhood: Myths and realities. *Public Health Nursing*, 11 (4), 219-228.
- Holland, A. (1993). *Fathers and children: Dismantling the barriers to men's participation in child rearing*. Trabalho apresentado na Issues in Australian Childhood Conference: Brisbane.
- Hyssälä, L.; Hyttinen, M.; Rautava, P. & Sillanpää, M. (1993). The finnish family competence study: The transition to fatherhood. *The Journal of Genetic Psychology*, 152 (2), 199-208.
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. Em T. F. Carneiro (Org.). *Casal e família – Entre a tradição e a transformação* (pp. 155-169). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Kraemer, S. (1991). The origins of fatherhood: An ancient family process. *Family Process*, 30, 377-392.
- Krob, A.D. (1999). *A transição para a paternidade e a interação pai-bebê*. Dissertação de mestrado não publicada, Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS).

- Lamb, M.E. (1996). The development of father-infant relationships. Em M.E. Lamb (Org.), *The role of father in child development* (pp. 104-120). New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M.E., Pleck, J.H., Charnov, E. & Levine, J.A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Psychologist*, 25, 883-894.
- LaRossa, R. (1988). Fatherhood and social change. *Family Relations*, 37, 451-457.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (L. M. Siman, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Levandowski, D.C. (2001a). *Paternidade na adolescência: Expectativas, sentimentos e a interação com o bebê*. Dissertação de mestrado não publicada, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Levandowski, D. C. (2001b). Paternidade na adolescência: Uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia*, 6 (2).
- Lewis, C. & Dessen, M.A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15 (1), 9-16.
- Lopes, R.C.S. & Castoldi, L. (1998). *Narrativa conjunta do casal*. Instrumento não publicado.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. (H. M. Souza, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1963)
- Manhães, M.P. (1981). Paternidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15, 285-296.
- Marks, M. & Simon, L. (1995). The role of the father in parental postnatal mental health. *British Journal of Medical Psychology*, 68, 157-168.
- Martini, T. A. (1999). *A transição para a paternidade: Expectativas, sentimentos e síndrome de couvade nos futuros pais ao longo da gestação*. Dissertação de Mestrado não publicada, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- McGoldrick, M. & Gerson, R. (1985). *Genograms in family assessment*. New York: Norton.
- Menezes, C. C. (2001). *A relação conjugal na transição para a parentalidade: Da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. Dissertação de Mestrado não publicada,

- Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Miermont, J. (1987/1994). *Dicionário de Terapias Familiares, Teoria e Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2 ed.
- Minuchim, P. (1985). Families and individual development: provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.
- Minuchim, S. & Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. (C. Kinsch & M. E. F. R. Maia, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Montgomery, M. (1998). Breves comentários. Em P. Silveira (Org.). *Exercício da Paternidade*. (pp. 113-120). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nunes, C.E.G. (1998). Adolescência e paternidade: Um duelo de papéis sociais. *Psico*, 29, (1), 125-138.
- Organização Mundial da Saúde. (1990). *Educação em saúde com o adolescente*. Washington: Pro Saluti.
- Palacios, J. (1986). Prologo. Em R. D. Parke (Org.), *El papel del padre*. Madrid: Ediciones Morata.
- Papp, P. (1992). *O processo de mudança: Uma abordagem prática à terapia sistêmica de família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Parke, R.D. (1986). *El papel del padre*. Madrid: Ediciones Morata, S.A.
- Parke, R.D. (1996). *Fatherhood*. London: Harvard University Press.
- Parseval, G.D. (1986). *A parte do pai*. Porto Alegre: L&PM.
- Piccinini, C. A ., Lopes, R.C.S., Castoldi, L., Averbuch, A ., Gianlupi, A . & Ribeiro, L., (1998a). *Ficha de contato inicial*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A ., Lopes, R.C.S., Castoldi, L., Averbuch, A ., Gianlupi, A . & Ribeiro, L., (1998b). *Consentimento informado*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A ., Lopes, R.C.S., Castoldi, L., Averbuch, A ., Gianlupi, A . & Ribeiro, L., (1998c). *Entrevista de dados demográficos do casal*. Instrumento não publicado.

- Piccinini, C. A ., Lopes, R.C.S., Castoldi, L., Averbuch, A ., Gianlupi, A . & Ribeiro, L., (1998d). *Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A ., Lopes, R.C.S., Castoldi, L., Averbuch, A ., Gianlupi, A . & Ribeiro, L., (1998e). *Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A ., Lopes, R.C.S., Castoldi, L., Averbuch, A ., Gianlupi, A ., Ribeiro, L., Levandowski, D.C. & Corrêa, C.N. (1999a). *Entrevista sobre a experiência de maternidade*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A ., Lopes, R.C.S., Castoldi, L., Averbuch, A ., Gianlupi, A ., Ribeiro, L., Levandowski, D.C. & Corrêa, C.N. (1999b). *Entrevista sobre a experiência de paternidade*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A ., Lopes, R.C.S., Castoldi, L., Averbuch, A ., Gianlupi, A ., Ribeiro, L., Levandowski, D.C. & Corrêa, C.N. (1999c). *Entrevista com o casal sobre a experiência de parentalidade*. Instrumento não publicado.
- Pleck, J.H.(1996). Paternal Involvement: Levels, Sources and Consequences. Em M.E. Lamb (Org.). *The role of father in child development* (pp. 66-103). New York: John Wiley & Sons.
- Ramires, V. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.
- Robson, B. & Mendel, D. (1985). Marital Adjustment and fatherhood. *Canadian Journal of Psychiatry*. 30 (3), 169-172.
- Romanelli, G. (1995). Autoridade e poder na família. Em M. C. B. Carvalho, (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo, EDUC.
- Rotundo, E.A. (1985). American Fatherhood - A historical perspective. *American Behavioral Scientist*. 29, (1), 7-25.
- Russel, G. (1992). *The roles of fathers*. Trabalho apresentado no National Family Summit, Canberra, ACT.
- Rustia, J.G. & Abbott, D. (1993). Father involvement in infant care: Two longitudinal studies. *International Journal Nursery Study*. 30 (6), 467-476.

- Sarti, C. (1995). Família e individualidade: Um problema moderno. Em M. C. B. Carvalho, (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo, EDUC.
- Shapiro, J.L. (1987). The expectant father. *Psychology Today*, 21(1), 36-42.
- Sherwen, L.N. (1986). Third trimester fantasies of first-time expectant fathers. *Maternal Child Nursing Journal*.15 (3), 153-170.
- Silveira, P. (1998). *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Spitz, R.A. (1965/1979). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- Stake, R.E. (1994). *Handbook on qualitative research*. N. Denzin & Y. Lincoln, (Orgs.). Sage: Londres.
- Stern, D.N. (1997). *A constelação da maternidade: O panorama da psicoterapia pais/bebê*. (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Strauss, R. & Goldberg, W. (1999). Self and possible selves during the transition to fatherhood. *Journal of Family Psychology*. 13 (2), 244-259.
- Sudbrack, M.F.O. (1996). *Construindo redes sociais: Metodologia de prevenção à drogadição e à marginalização de adolescentes de famílias de baixa renda*. Projeto apresentado no VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPPEP.
- Sun, L. & Roopnarine, J.L.(1996). Mother-infant, father-infant interaction and involvement in childcare and household labor among taiwanese families. *Infant Behavior and Development*, 19, 121-129.
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher – Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. (M.N.B. Benetti, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Szymanski, H. (1995). Teorias e teorias de famílias. Em M. C. B. Carvalho, (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez Editora
- Teichman, Y. & Lahav, Y. (1987). Expectant fathers: Emotional reactions, physical symptoms and coping styles. *British Journal of Medical Psychology*. 60 (3), 225-232.
- Veroff, J., Sutherland, L., Chadiha, L. & Ortega, R.M. (1993). Newlyweds tell their stories: A narrative method for assessing marital experiences. *Journal os Social and Personal Relationships*, 10, 437-457.

- Werlang, B.G.(2000). Avaliação inter e transgeracional da família. Em Cunha, J.A. & Col. *Psicodiagnóstico-V*. (pp. 141-150). Porto Alegre: Artmed.
- White, N.R. (1994). About fathers: Masculinity and the social construction of fatherhood. *Australian and New-Zealand Journal of Sociology*. 30 (2), 119-130.
- Williamson, D.S. & Bray, J.H. (1991). El desarrollo y cambio familiares através de las generaciones: Uma perspectiva intergeneracional. Em C. J. Falicov, (Org.). *Transiciones de la familia*. (pp. 491-528). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Winnicott, D. W. (1978). Preocupação materna primária. (J. Russo, Trad.). Em D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1956)
- Winnicott, D. W. (1993). Teoria do relacionamento paterno-infantil (I. C. S. Ortiz, Trad.). Em D. W. Winnicott, (org.). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 3 ed. (Original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1993). No processo rumo à independência da criança (I. C. S. Ortiz, Trad.). Em D. W. Winnicott, (Org.). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 3 ed. (Original publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (1993). O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional (Trad.). Em D. W. Winnicott, (Org.). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1958)
- Yin, R.K. (1989). *Case study research: Design and methods*. (2^a ed.). Newbury Park: Sage.
- Zayas, L.H. (1987). Psychodynamic and developmental aspects of expectant and new fatherhood: clinical derivatives from the literature. *Clinical Social Work Journal*, 15 (1), 8-21.

Anexo A

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE
GRUPO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMISSÃO CIENTÍFICA E COMISSÃO DE PESQUISA E ÉTICA EM SAÚDE

RESOLUÇÃO

A Comissão Científica e a Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde, que é reconhecida pela CONEP como Comitê de Ética em Pesquisa do HCPA, em reunião conjunta analisaram o projeto:

Número: 98293

Título: "ASPECTOS SUBJETIVOS E COMPORTAMENTAIS DA INTERAÇÃO PAIS-BEBÊ-CRIANÇA".

Autores: César Augusto Piccinini, Ana Cristina G. Dias, Andréia Gabriela F. Gianlupi, Luciana Castoldi, Luciane de Souza Ribeiro e Fernanda Nascimento.

- Este projeto foi aprovado, estando adequado ética e metodologicamente de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde) e às Resoluções Normativas do GPPG/HCPA. Deverão ser encaminhados relatórios semestrais sobre o andamento do Projeto.

Porto Alegre, 30 de outubro de 1998.

Prof. Themis Reverbel da Silveira
Coordenadora do GPPG e CEP/HCPA

Anexo B**Contato Inicial**
(GIDEP - UFRGS - v6/98)

Nome da mãe:

Escolaridade:

Trabalha? ()sim ()não O que faz?

Horas/semana

Esta é a tua primeira gravidez?

Com quantos meses tu estás?

Como está tua saúde?

Quantos anos tu tens?

O pai do bebê vive contigo? Há quanto tempo?

Como é o nome dele?

Qual é a idade dele?

O que ele faz? Qual é a escolaridade dele?

Ele tem outros filhos?

Qual o bairro que tu moras?

Endereço:

Telefone:

Data da entrevista:

Data prevista para o nascimento do bebê:

Anexo C

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Mestrado e Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento
(GIDEP - UFRGS - v6/98)

Consentimento Informado

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar a interação pais-bebês.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das imagens realizadas com meu bebê.

O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é o Dr. Cesar Augusto Piccinini, que poderá ser contatado pelo Tel: 3330 95 07.

Data: / /

Nome e assinatura da participante: _____

Anexo D

Entrevista de dados demográficos do casal

(GIDEP - UFRGS - v6/98)

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você e o seu marido:

Esposa:

- Nome:
- Data de Nascimento: - Idade:
- Escolaridade (ano concluído):
- Religião: Praticante: () sim () às vezes () não
- Estado civil: () casada () separada () solteira () viúva () com companheiro
- Moras com o pai do bebê? () sim () não. Desde quando:
- Quem mais mora na casa?
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada. Desde quando?
- O que tu fazes(ias)? Horas/semana:
- Grupo étnico:
- É a tua primeira gravidez? (Se não for) Tens outro filhos?
- Com quantos meses tu estás?
- Como está a tua saúde durante a gravidez?

Marido

- Nome:
- Data de Nascimento: - Idade:
- Escolaridade (ano concluído):
- Religião: Praticante: () sim () às vezes () não
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregado. Desde quando?
- O que tu fazes(ias)? Horas/semana:
- Grupo étnico:
- Tens outros filhos?

Endereço para contato:

.....
 Cidade: CEP Telefone:

Telefone do emprego/contato: Esposa: Marido:

Telefone de parente/amigo para contato:

Anexo E

Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante (GIDEP - UFRGS - v6/98)

Nome:..... Idade:.....
 Escolaridade:.....
 Trabalha? () sim () não O que faz?.....
 Horas/semana.....

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre a tua gravidez, desde o momento em que tu ficaste sabendo, até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Esta é a tua primeira gravidez?
- Como te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?
- Como te sentiste no início e agora no final da gravidez? Em termos físicos e emocionais.
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?
- Como te sentes em relação ao parto?
- Como está a tua saúde, desde o início da gravidez até agora?
- Tu tens ido ao médico para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foi?
- Já fizeste alguma ecografia? Como te sentiste ao ver o bebê?
- Como estás te sentindo em relação às mudanças do teu corpo?

2. Tu poderias me contar como tem sido para o teu marido, desde que soube da gravidez até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ele reagiu à notícia da gravidez?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa nele?
- E no relacionamento de vocês?
- Quais as preocupações dele em relação à gravidez e ao bebê?
- Que tipo de apoio você tem esperado dele durante este período?
- Que tipo de apoio ele tem te oferecido?

3. Tu poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e a família do teu marido em relação à gravidez.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como a tua família reagiu em relação à tua gravidez? (ex.: tua mãe e teu pai)
- Como reagiu a família do teu marido? (ex.: tua sogra e teu sogro)
- E os teu amigos? Como eles reagiram à tua gravidez?
- Algum familiar (ou amigo ou profissional) tem te ajudado durante a gravidez?
- Quem tu esperas que vá te ajudar?
- Tu estás pensando em colocar o bebê na creche ou deixar com alguém para cuidar? Por que esta escolha? Quanto tu pensas fazer isto?

4. Agora eu gostaria que tu me falasse sobre o teu bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu já sabes sobre o bebê?
- Tu já sabes o sexo do bebê?
- Como te sentiste quando soubeste que era menina/menino? E como o teu marido se sentiu?
- Se não sabes o sexo, o que tu gostarias que fosse, menina ou menino? Por quê? E o teu marido?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo para a escolha do nome?
- Tu sentes o bebê se mexer? Desde quando? Como é que foi?
- Vocês costumam tocar a barriga ou falar com o bebê?

5. Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que características físicas imaginas que o bebê vai ter?
- Como tu imaginas que vai ser o temperamento, o jeito dele? Por quê?
- Com quem tu achas que o bebê vai ser parecido? Por quê?

6. Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te imaginas como mãe?
- Quando tu te imaginas como mãe, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ela é/era como mãe?
- E tem alguém que tu não gostaria de ter como modelo de mãe?
- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo?
- Como tu descreverias uma boa mãe?
- Como tu te imaginas atendendo o teu bebê? (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir)
- O que mais tu te imaginas fazendo com o bebê?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele chorar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser comer/mamar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser dormir?

7. Como tu imaginas o relacionamento do teu marido com o bebê?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu achas que ele vai ser como pai?
- Como tu achas que vai ser o jeito de ele lidar com o bebê?
- Tu achas que tu vais pedir ajuda ao teu marido nos cuidados com o bebê?
- Em que tu achas que ele vai te ajudar?
- Quando tu imaginas o teu marido como pai, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ele é/era como pai?
- E tem alguém que tu não gostaria que ele tivesse como modelo de pai?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo?
- Como tu descreverias um bom pai?

8. O quanto tu achas que o bebê irá mudar a tua vida e a do teu marido?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Em que aspectos pensas que ocorrerão mudanças?
- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?
- E quanto ao relacionamento de vocês dois? O quanto será afetado pelo nascimento do bebê? Em que aspectos?
- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?

9. Como tu achas que teu filho/a vai ser quando crescer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu imaginas que vais criar o teu filho(a)?
- O que tu esperas para teu/tua filho(a) quando ele(a) crescer?
- O que mais tu esperas para ele(a)?
- O que tu não gostarias para ele(a)?

10. Tu gostarias de fazer mais algum comentário sobre estes pontos que a gente conversou?

Anexo F

Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai

(GIDEP - UFRGS - v6/98)

Nome:..... Idade:.....

Escolaridade:.....

Trabalha? () sim () não O que faz?.....

Horas/semana.....

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre a gravidez da tua mulher, desde que tu ficaste sabendo, até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- É o teu primeiro filho?
- Como te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?
- Como te sentiste no início e agora, no final da gravidez?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?
- Como te sentes em relação ao nascimento do bebê?
- Como está a saúde da tua mulher?
- Tu tens ido ao médico junto com a tua mulher para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foi?
- Ela já fez alguma ecografia? Tu estavas junto? Como te sentiste ao ver o bebê?
- Como estás te sentindo em relação às mudanças do corpo da tua mulher?

2. Tu poderias me contar como tem sido para a tua mulher, desde que ela soube da gravidez até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ela reagiu à notícia da gravidez?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa nela?
- E no relacionamento de vocês?
- Quais as preocupações dela em relação à gravidez e ao bebê?
- Que tipo de apoio tu tens oferecido a ela durante a gravidez?
- Que tipo de apoio ela tem te solicitado?

3. Tu poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e a família da tua mulher em relação à notícia da gravidez?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como a tua família? (ex.: tua mãe e teu pai)
- Como reagiu a família da tua mulher? (ex.: tua sogra e teu sogro)
- Como reagiram os teus amigos à notícia da gravidez?
- Tem alguma pessoa ajudando vocês durante a gravidez?
-
- Quem tu esperas que vá ajudar vocês quando o bebê nascer?
- Tu estás pensando em colocar o bebê na creche ou deixar com alguém para cuidar? Por que esta escolha? Quanto tu pensas fazer isto?

4. Agora eu gostaria que tu me falasse sobre o teu bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu já sabes sobre o bebê?
- Tu já sabes o sexo do bebê? Como te sentiu quando soube?
- (Se não sabe o sexo) Gostaria que fosse menina ou menino? Por quê? E a tua esposa?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo para a escolha do nome?
- Tu já sentiste o bebê se mexendo ou reagindo à tua voz? Como é que foi?
- Vocês costumam tocar a barriga ou falar com o bebê?

5. Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que características físicas tu imaginas que o bebê vai ter?
- Como tu imaginas que vai ser o temperamento, o jeito dele? Por quê?
- Com quem tu achas que o bebê vai ser parecido? Por quê?

6. Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te imaginas como pai?
- Quando tu te imaginas como pai, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ele é/era como pai?
- E tem alguém que tu não gostaria de ter como modelo de pai?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo?
- Como tu descreverias um bom pai?
- O que mais tu te imaginas fazendo com o bebê?
- Como tu te imaginas atendendo o bebê? (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir)
- E quando ele não quiser dormir ou comer ou quando chorar?

7. Como tu imaginas o relacionamento da tua mulher com o bebê?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu imaginas que ela vai ser como mãe?
- Quando tu imaginas ela como mãe, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ela é/era como mãe?
- E tem alguém que tu não gostaria que ela tivesse como modelo de mãe?
- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo?
- Como tu descreverias uma boa mãe?
- Como tu imaginas que ela vai atender o bebê?
- Tu achas que ela vai pedir a tua ajuda nos cuidados com o bebê?
- Em que tu achas que vais poder ajudá-la?

8. O quanto tu achas que o bebê irá mudar a tua vida e a da tua esposa?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Em que aspectos pensas que ocorrerão mudanças?
- E o relacionamento de vocês? Tu achas que vai ser afetado pelo nascimento do bebê?
- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?

9. Como tu achas que teu filho/a vai ser quando crescer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu imaginas que vais criar o teu filho(a)?
- O que tu esperas para teu/tua filho(a) quando ele(a) crescer?
- O que tu não gostarias para ele(a)?

10. Tu gostarias de fazer mais algum comentário sobre estes pontos que a gente conversou?

Anexo G

Genograma familiar do casal

(Adaptado de Carter & McGoldrick, por Castoldi & Sobreira Lopes, 1998)
(GIDEP - UFRGS - v6/98)

Nome da gestante:.....

Nome do marido:.....

Data da entrevista:.....

"Eu gostaria que vocês me ajudassem a fazer o desenho das famílias de origem de vocês: dos seus pais, irmãos, tios e avós... Gostaria que me contassem quem são as pessoas que fazem parte da sua família, quais as idades e suas ocupações... Eu gostaria de assinalar as pessoas que já morreram, que estão doentes ou que apresentam alguma situações especial... Podem começar por onde quiserem... Cada um fala da sua própria família... Quem quer começar?..."

(Caso não fique explícito, retomar os seguintes tópicos):

Vocês poderiam me falar um pouco sobre...

1. Como é o relacionamento entre as pessoas da família de vocês?
2. Existe alguma ligação especial entre os familiares?
3. Existe alguma briga especial entre alguns familiares?
4. Eu agora vou listar para vocês uma série de dificuldades (eventos estressores) e gostaria que vocês me falassem quando algum deles aconteceu com vocês:
 - hospitalização
 - doença grave na família
 - doença mental
 - uso constante de medicação
 - uso constante de álcool ou outras drogas
 - acidente
 - nascimento de filho doente
 - adoção
 - aborto
 - afastamento temporário de filho
 - entrada ou saída de pessoas na família
 - mudança de cidade
 - mudança de endereço
 - aposentadoria
 - encarceramento
 - separação do casal
 - conflitos graves na família
 - perda ou mudança de emprego
 - perda de pessoas da família
 - perda de amigos
5. Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

Anexo H

Narrativa conjunta do casal

(Adaptada de Veroff, Sutherland, Chadiha & Ortega, 1993, por Lopes, R. C. S. & Castoldi, L., 1998).

Nome da gestante:...

Nome do marido:...

Data da entrevista:...Entrevistador:...

“Eu gostaria que vocês me contassem a história do seu relacionamento, desde que vocês se conheceram até como pensam a vida no futuro. Eu não tenho perguntas para fazer. Apenas gostaria que me falassem da sua vida juntos, como se fosse uma história, com um início, um meio e um fim. Vocês não precisam concordar sobre a história, eu vou escutar o que os dois falam. Falem da forma que for mais fácil para vocês...”.

(Caso não fique explícito, retomar os seguintes tópicos):

Vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como vocês se conheceram;
- O que levou vocês a se interessarem um pelo outro;
- Até quando vocês viveram com os pais de vocês;
- Como foi a saída da casa dos pais;
- Como foi a decisão de morarem juntos;
- Como foi o início da vida a dois, logo a pós a união;
- Como está sendo a vida a dois agora;
- O que vocês esperam para o relacionamento do casal no futuro.

Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

Anexo I

Entrevista sobre a experiência da maternidade (GIDEP - UFRGS - 2000)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê nestes primeiros três meses.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do bebê?
- O que ele já é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreveria o jeito do teu bebê?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas? Como tu te sentes com isto?
- O bebê teve cólica neste período? Como foi? O que tu fazias para acalmá-lo?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como foi o parto? E os primeiros dias depois? Foi como tu imaginavas?
- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe?

3. Eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
- Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

4. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o teu marido/companheiro como pai.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?
- Como tu achas que ele está sendo como pai?
- Era como tu imaginavas?
- Que tipo de apoio ele tem te dado neste período? Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados com o bebê? Como ele reage

5. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

-Quantas horas esta pessoa fica?

-Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?

-O que te agrada? O que te incomoda?

-Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage? Como esta pessoa é com ele?

(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa) Por que vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

6. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado)

(Se o bebê foi para a creche)

-Com que idade?

-Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?

-Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?

-Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?

-Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

-Por que escolheram a creche que ele está?

(Se não foi para a creche)

-Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Por que escolheram colocar na creche?

-Como tu achas que ele vai reagir?

-Como tu achas que tu vai te sentir?

Anexo J

Entrevista sobre a experiência da paternidade

(GIDEP - UFRGS - 2000)

7. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê nestes primeiros três meses.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do bebê?
- O que ele já é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreveria o jeito do teu bebê?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas? Como tu te sentes com isto?
- O bebê teve cólica neste período? Como foi? O que vocês faziam para acalmá-lo?

8. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como foi o nascimento do bebê? Qual foi a tua participação? Como tu te sentiste?
- Como tu estás te sentindo como pai?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como pai?

9. Eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
- Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

10. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o tua esposa/companheira como mãe.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dela lidar com o bebê?
- Como tu achas que ela está sendo como mãe?
- Era como tu imaginavas?
- Que tipo de apoio tu ofereces para ela? Ela solicita a tua ajuda? Como tu te sentes?

11. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage? Como esta pessoa é com ele?

(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa)

- Por que vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

12. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado)

(Se o bebê foi para a creche)

- Com que idade?
- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?
- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)
- Por que escolheram a creche que ele está?

(Se não foi para a creche)

- Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Por que escolheram colocar na creche?
- Como tu achas que ele vai reagir?
- Como tu achas que tu vai te sentir?

Anexo K**Entrevista com o casal sobre a experiência da parentalidade**

(GIDEP - UFRGS - v4/99)

13. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a alimentação do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

-Ele tem horários regulares para comer?

-Como é o comportamento dele durante a alimentação?

14. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o sono do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

-Ele tem horários regulares para dormir? Onde ele dorme?

-Como é o comportamento dele durante o sono?

15. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o choro do bebê?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

-Ele chora com muita frequência? Em que momentos ele chora? Quem o acalma? Como ele/ela o acalma?

-Quando ele chora qual é a intensidade do choro dele (forte, fraco)?

-Vocês percebem diferentes tipos de choro do bebê? Vocês poderiam me dar alguns exemplos?

16. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a troca de fraldas e de roupa do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

-Com que frequência ele é trocado de fraldas? O que ele costuma fazer durante a troca de fraldas?

-Com que frequência ele é trocado de roupa? O que ele costuma fazer durante a troca de roupa?

17. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o banho do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

-Quem dá o banho?

O que ele costuma fazer durante o banho?

18. E quando ele está acordado, no berço, como é que ele fica?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

-O que ele costuma fazer quando está acordado no berço?

19. Como é a reação inicial do seu filho(a) diante de:

- Novos alimentos (e depois?)
- Pessoas estranhas (e depois?)
- Lugares estranhos (e depois?)
- Festas (e depois?)
- Mudanças na rotina de vida dele (e depois?)

20. Como vocês descreveriam o humor do seu filho(a) ao longo do dia?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como ele fica quando alguma coisa o agrada?
- E como ele fica quando alguma coisa o desagrada?